

Gaston Luce



# LÉON DENIS

O APÓSTOLO DO ESPIRITISMO,  
SUA VIDA, SUA OBRA



*Antônio*

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org).



[www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org)

**Gaston Luce**

**Léon Denis,  
o Apóstolo do Espiritismo  
sua Vida, sua Obra**



**Leon Denis**

## Conteúdo resumido

Esta é uma extensa e minuciosa biografia de Léon Denis, o grande continuador da obra de Allan Kardec, escrita por Gaston Luce, seu amigo pessoal e companheiro de difusão doutrinária.

No desenrolar da biografia, o autor demonstra que a vida de Denis, essa personalidade íntegra e resoluta, foi totalmente dedicada à divulgação e defesa da Doutrina Espírita.

A obra é ainda acrescida de vocabulário onomástico, relação dos lugares por onde Léon Denis passou, seu último artigo escrito na *Revista Espírita* e uma comunicação mediúnicamente recebida três meses após sua desencarnação.

## Prefácio da primeira edição

O CELD tem a satisfação de trazer a público o livro *Léon Denis, o Apóstolo do Espiritismo – sua Vida, sua Obra*, de Gaston Luce, o companheiro de difusão doutrinária e amigo pessoal de Léon Denis.

Com seus exemplos de comportamento ante a vida e principalmente diante do movimento espírita vigente na ocasião, Léon Denis não pode ficar longe do conhecimento dos seus atuais leitores, daqueles que amam suas preciosas quão positivas obras doutrinárias.

Léon Denis, trabalhador com várias facetas, foi, principalmente, um grande divulgador, que utilizava a oratória e também o livro na sua tarefa de divulgação. Convocou inúmeras pessoas para o estudo e práticas doutrinárias; consolidou o conhecimento de muitos que iam ouvir, por simples prazer, uma voz consagrada ao bem, conforme os ditames da Doutrina Espírita. Ensinou a muitos, mesmo a homens rudes, como os mineiros valões,



Léon Denis aos 50 anos de idade

que desejavam crer, mas não o conseguiam, justamente porque lhes faltava alguém que lhes dissesse com clareza e segurança, e ao mesmo tempo com simplicidade, as verdades espíritas que, se por um lado consolam, por outro nos dão a certeza de uma outra vida, no mais além, vida que nos espera a todos. Não fora ele considerado um “Professor de Confiança”?

Seu trabalho junto aos que, como ele, se consagraram ao Espiritismo foi de uma beleza sem par. Léon Denis lutou, fez despertar zelos e confiança. Deu tudo de si pela causa espírita.

O livro, em sua edição original, tem um apêndice. Nesta edição, fizemos inserir um outro apêndice com um índice onomástico; um índice dos lugares por onde Denis passou; seu último

artigo escrito na *Revue Spirite* e uma comunicação mediúnica recebida em Tours, em julho de 1927, três meses depois de sua desencarnação.

A todos os que, com alegria, contribuíram para a edificação deste livro, nossos agradecimentos.

*Altivo Carissimi Pamphiro*

# I

## Prólogo

A morte de Léon Denis, ainda tão recente, deixou um grande vazio nas fileiras espíritas do Ocidente e por todas as partes do mundo onde sua obra penetrou.

Esse vazio não será preenchido tão cedo, não que o talento seja raro em nosso meio, mas porque o prestígio literário se reveste aqui de méritos verdadeiramente excepcionais.

Embora o eco da potente voz do apóstolo, prosseguindo em sua missão na “outra vida”, ainda não nos tenha chegado, temos, desde agora, o dever de nos dedicarmos à sua obra, na qual sua doutrinação aparece em toda a sua plenitude e seu poder, dela retirando os mais substanciosos ensinamentos.<sup>1</sup>

Tarefa mais urgente não existe e nada há de mais reconfortante.

Enquanto numerosos ensaios filosóficos se esforçam, numa preocupação louvável, em nos arrancar de um niilismo<sup>2</sup> absurdo e degradante, sem que consigam alcançá-lo, os livros de Léon Denis são os libertadores. A fé que extraímos deles é contagiante, geradora de esperança e de coragem varonil.

Eis por que tantos leitores de todas as classes sociais e de todas as regiões encontraram nelas virtudes particularmente eficazes.

Sem dúvida alguma, devemos dar crédito à Ciência, desejar o maior êxito nas atuais pesquisas da Metapsíquica, evitando, porém, repisar os mesmos temas.

Entretanto, é preciso considerar, com o autor de *O Grande Enigma*, que tudo quanto constitui tema de nossas investigações já foi registrado, apresentado de maneira perfeita pelos instrutores da mais remota Antiguidade, e que nós perdemos, em definitivo, um precioso tempo, recomeçando sempre a mesma tarefa, enquanto que a humanidade vai à deriva e mergulha mais profundamente no erro.

É suficiente reler os livros do mestre Denis para compreendermos o sentido de suas repetidas advertências, entendermos a razão de suas apreensões pelas catástrofes motivadas pelos nossos erros e a nossa insensata cegueira.

Homens de pouca fé, repete ele, juntamente com o Justo, quando, então, ireis abrir os olhos para a luz, quando, então, reconheceréis a palavra da verdade?

A nova revelação que o Espiritismo nos apresenta, alicerçada em bases experimentais, é, acima de tudo, de ordem moral: eis o que não se pode esquecer.

*O Espiritismo será científico ou não subsistirá.*

Certamente, esta afirmativa é excelente, com a condição de que não o subordinem a uma ciência vacilante e tímida, com a condição de que ele não se afaste do verdadeiro caminho da alma.

Léon Denis está entre aqueles que se recusam a subordinar a filosofia, a velha sabedoria humana, somente às regras da experimentação, porque em semelhante domínio não se trata mais de matéria tangível. A concepção exclusivamente mecânica do mundo é insuficiente e apenas o testemunho dos sentidos torna-se de flagrante indignação.

Assim, não se querendo limitar unicamente aos fatos, volta-se para a mais evidente realidade, a do espírito (razão, consciência, sentimento), a única que pode conduzir à Causa Primária e liga verdadeiramente o homem ao Universo.

Concepção religiosa? Se assim o quisermos. Porém, a característica do homem não é a de ser um animal religioso?

Consciente de sua pequenez, no seio da criação, Léon Denis mantém uma invencível fé na imanente justiça, na perfeição das leis eternas, na bondade de Deus. Daí sua permanente serenidade.

O que caracteriza sua filosofia são os altos voos, é o amor ao aperfeiçoamento. Sua última palavra de ordem é: Santifica-te! Eleva-te! – a vida é uma ascensão – sempre para mais alto!



Uma tal existência, consagrada exclusivamente à busca da verdade, ao estudo e à meditação, não deixaria transparecer os aborrecimentos e as inquietações tão comuns.

Aparentemente tranquila, apenas deixando entrever o drama interior, tal vida lembra mais um rio que flui do que um lago tumultuoso.

É que a fase das tempestades e dos erros está dominada e amplamente superada pelo “apóstolo”. Ele já se adiantou e marcha resolutamente, adiante de nós, para nos mostrar o caminho.

Ao descrever sua vida consagrada ao serviço de um ideal, de uma causa nobre, voluntariamente negligenciamos tudo quanto não era documento oficial ou testemunho insuspeito.

O método pode parecer insuficiente, porém, com toda certeza, é o menos suscetível de sofrer deformações.

Ao demais, este trabalho deseja apenas fornecer elementos básicos, ele não pretende esgotar o assunto de uma só vez.

Conduzindo nossa pesquisa às próprias fontes, entre os papéis que o mestre nos deixou, em suas anotações de viagem e também em suas obras, onde ele depositou – muito raramente – por aqui, por ali, valiosos fragmentos autobiográficos, conseguimos encontrar o encadeamento dos mais marcantes fatos dessa longa e bela existência de beneditino leigo.

Limitamo-nos, voluntariamente, aos fatos importantes, aos acontecimentos essenciais de sua mocidade, de suas estreias, de seu proveitoso apostolado, de sua laboriosa velhice.

Reproduzimos, todas as vezes que foi necessário, as opiniões dos seus contemporâneos; extraímos de sua correspondência as passagens interessantes, respeitando a maior discrição. Enfim, deixamos a palavra ao orador e ao escritor, em todas as circunstâncias em que ele desempenhou um papel capital, a fim de que nossa narrativa fosse suficientemente segura e bem viva. Também ali acrescentamos o nosso testemunho pessoal.

Que possamos, em nosso desejo de reverenciar tão querida memória, ter posto convenientemente em destaque a figura do bom mestre de Tours, o apóstolo do Espiritismo, como era denominado o destemido mensageiro da Boa Nova, cujo nome

desperta por toda parte no mundo, entre todos aqueles que leram seus livros, um sentimento profundo de reconhecimento e de piedosa veneração, servindo, ao mesmo tempo, a uma causa – bela entre todas.

## II

# Infância e juventude

### Atribuições

Léon Denis nasceu em 1º de janeiro de 1846, em Foug, pequena localidade de Toul, atravessada pela grande ferrovia Paris–Strasbourg.

Observa-se que seu nome está incluído no do grande iniciador Allan Kardec, que se chamava, na realidade, Hippolyte-Léon-Denizard Rivail. Simples coincidência, dirão uns; analogia pelo menos singular, pensarão outros.

Seu pai, Joseph Denis, era oficial de pedreiro, como seu irmão Louis, seis anos mais velho; e, como o avô François, este nascido em 1776.

Artesão pelo lado paterno, a família de Léon Denis, pelo lado materno, era de origem camponesa.

Seu avô, François Liouville, nasceu em Ménil-la-Horgne, região de Gondreville, onde o avô tinha uma propriedade.

Azares da sorte obrigaram a família Liouville a estabelecer-se em Foug, onde François passou a exercer a profissão de carpinteiro, fazendo tetos. Suas duas filhas, educadas na cidade, haviam recebido uma educação prendada.

Joseph Denis, de bela aparência, era ambicioso e seguro de si, apaixonou-se pela filha mais nova de François, Anne-Lucie, e pediu-a em casamento. Foi aceito e o enlace se realizou em Foug, a 3 de abril de 1845.

No ano seguinte, uma criança veio ao mundo. A bem da verdade, o jovem oficial de pedreiro começava a família num período bem difícil.

A construção não andava bem; não se construía mais e a crise deveria prolongar-se por vários anos.

Todavia, Joseph Denis não era homem de desanimar por tão pouco: fez-se empreiteiro, procurou estender sua clientela além de Foug.

Bastante instável no trabalho e não tendo, suficientemente, espírito de perseverança, ele sabia mostrar-se resoluto nas ocasiões excepcionais nas quais não lhe faltavam nem a decisão nem a coragem.

Suboficial da Companhia de Bombeiros da comunidade, por várias vezes mostrara provas de coragem, em situações perigosas.

Foi com esse homem, não destituído de qualidades, mas um pouco rude nos hábitos, que se unira a meiga Anne-Lucie, de natureza delicada e caráter sensato e discreto.

Para o filho, que lhe viera tão cedo, ela se tornou a mais terna e mais vigilante das mães.

Havia, diante da humilde casa paterna, um regato, onde um açude lançava suas águas.

O pequeno Léon olhava, invejoso, os patos que ali nadavam em fila. Por mais de uma vez, burlando a vigilância materna, foi vê-los nas águas do riacho.

Quando suas pernas conseguiram suportar caminhadas mais longas, com 7 ou 8 anos, seu avô François, antigo soldado de Napoleão, o levava algumas vezes aos bosques vizinhos, no inverno, para caçar com armadilhas. Os dois caçadores podiam ser vistos conversando debaixo das árvores...

O garoto tinha seus 9 anos quando Joseph Denis foi obrigado a deixar suas empreitadas para buscar seu ganha-pão noutras plagas.

A Igreja de Bayonville foi a última obra onde ele trabalhou. Fixou-se com sua família em Strasbourg e foi lá que abandonou sua profissão, definitivamente, para entrar como empregado na Casa da Moeda.

A vida da família se tornou bem difícil, porém era uma situação provisória. Uma pessoa influente fê-lo ver que poderia eventualmente conseguir um emprego na Estrada de Ferro, pois

faltava pessoal no Sul. Era só tentar e aguardar a ocasião propícia.

Foi então, em Strasbourg, na escola particular do Sr. Haas, que o pequeno Léon iniciou seus primeiros estudos. Sua mãe já lhe havia ensinado os rudimentos do alfabeto e também a contar.

Os alunos do velho professor eram bastante turbulentos e havia mesmo, na escola, uma animosidade surda entre dois grupos rivais.

A agressividade secular que não para de opor em um duelo implacável os alemães aos gauleses começava a se fazer presente entre os moleques confiados ao professor Haas.

Logo que as aulas terminavam, e estando longe da temível palmatória, os grupos adversários se formavam.

“Welches, welches sujos!”, gritavam de um lado com a expressão do mais completo desprezo, no que eram respondidos pela outra horda: “Swaabs, swaabs!”. E as pedradas choviam...<sup>3</sup>

O pequeno lorenense poucas lições aproveitou com o bravo professor.

Abrindo-se uma vaga na Casa da Moeda de Bordeaux, seu pai conseguiu transferência para essa cidade.

Nova mudança e novas despesas.

O salário do chefe de família era insuficiente para manter a casa. Léon teve que interromper seus estudos para acompanhar seu pai e ajudá-lo em seu trabalho de polimento das moedas.

O pobrezinho esforçava-se ao máximo nesse ingrato trabalho: seus delicados dedos se tingiam de sangue para descolar as lâminas de cobre. Entretanto, as poucas moedas que conseguia ajudavam a melhorar o magro ordenado paterno.

Em março de 1857, a Casa da Moeda terminou a refundição das moedas de cobre e Joseph Denis empregou-se na Companhia das Estradas de Ferro do Sul. Após curto estágio como carteiro da estação de Bordeaux, conseguiu o emprego desejado: estava nomeado chefe da estação de Morcenx, em Landes.

A família ia achar um abrigo menos precário. Não era uma ótima situação, certamente, porém bastava para assegurar as

necessidades da casa. Além disso, abrir a perspectiva de uma vida mais estável, o que era do agrado da Sra. Denis. Finalmente, seu pequeno Léon poderia recomeçar seus estudos interrompidos. Essa era a sua grande preocupação.

O movimento da estrada de Bayonne se restringia apenas a alguns trens por dia.

Locomotivas barulhentas e resfolegantes puxavam vagões, lançando uma negra fumaça cheia de faíscas que, muitas vezes, incendiavam o pinheiral.

Nessa bucólica solidão, onde apenas a passagem dos trens fazia alguma animação, o menino se entregou corajosamente ao estudo, recebendo as lições do professor da localidade.

Suas repetidas mudanças atrasaram seus estudos, porém rapidamente se recuperava.

Sua inteligência brotava precocemente, revelando uma extraordinária vivacidade.

Os conhecimentos que seu novo professor lhe transmitia lhe abriam inesperados horizontes.

A floresta de Landes, impressionando sua nascente sensibilidade, complementava os ensinamentos dos livros.

O professor de Morcenx, discípulo de Jean-Jacques Rousseau, inaugurando um excelente método, levava frequentemente os alunos a passeios.

Denis deveria guardar por toda a sua vida uma lembrança emocionante dessas lições, em plena natureza, desse contato com as coisas, desse proveitoso trabalho ao lado de professor dedicado e conhecedor seguro de sua tarefa.

Infelizmente, a fase das peregrinações ainda não terminara para a família Denis.

O chefe da estação de Morcenx trocou cedo seu posto pelo da estação de Moux, na estrada do Sul.

Era uma promoção. Como recusá-la?

Moux é a estação antes de Lézignan, na direção de Narbonne.

Nova adaptação ao meio e nova parada nos estudos.

Depois da solidão de Landes, no meio dos pinheirais aromáticos, agora o corredor poeirento do Languedoc, a animação barulhenta da grande estrada de ferro do sul, onde os trens se sucediam em curtos intervalos. A vigilância do chefe da estação não devia facilitar um só instante.

Apesar de ser, no fundo, uma boa pessoa, o chefe da estação de Moux não correspondia às exigências de sua função, à regularidade de um trabalho para o qual não estava preparado, não tinha a pontualidade ou a vigilância necessária.

Sua esposa mal dissimulava sua preocupação. Felizmente, o pequeno Léon supria as falhas do pai. Deixando mais uma vez seus queridos livros, iniciou-se logo no manejo do “bréguet”<sup>4</sup> e era ele quem tomava conta dos telegramas e da contabilidade.

Apesar de toda a sua dedicação, a estação de Moux foi teatro de alertas perigosos.

Certa passagem de um trem expresso, ocorrida acidentalmente com um atraso que não era comum, lhe dava calafrios na velhice, ao se lembrar do fato.

Contou-nos, entre muitos outros, um caso engraçado de sua vida de ferroviário infantil, quando sua presença de espírito evitou para seu pai uma punição que lhe teria produzido graves consequências.

Certo dia, o expresso da manhã, que normalmente não parava na estação de Moux, parou para desembarcar um inspetor da estrada. Este perguntou logo pelo chefe. Nada do chefe.

Por felicidade, Léon estava presente, mas não sabia onde se encontrava o pai. Que fazer? Seria uma punição em perspectiva e talvez a demissão.

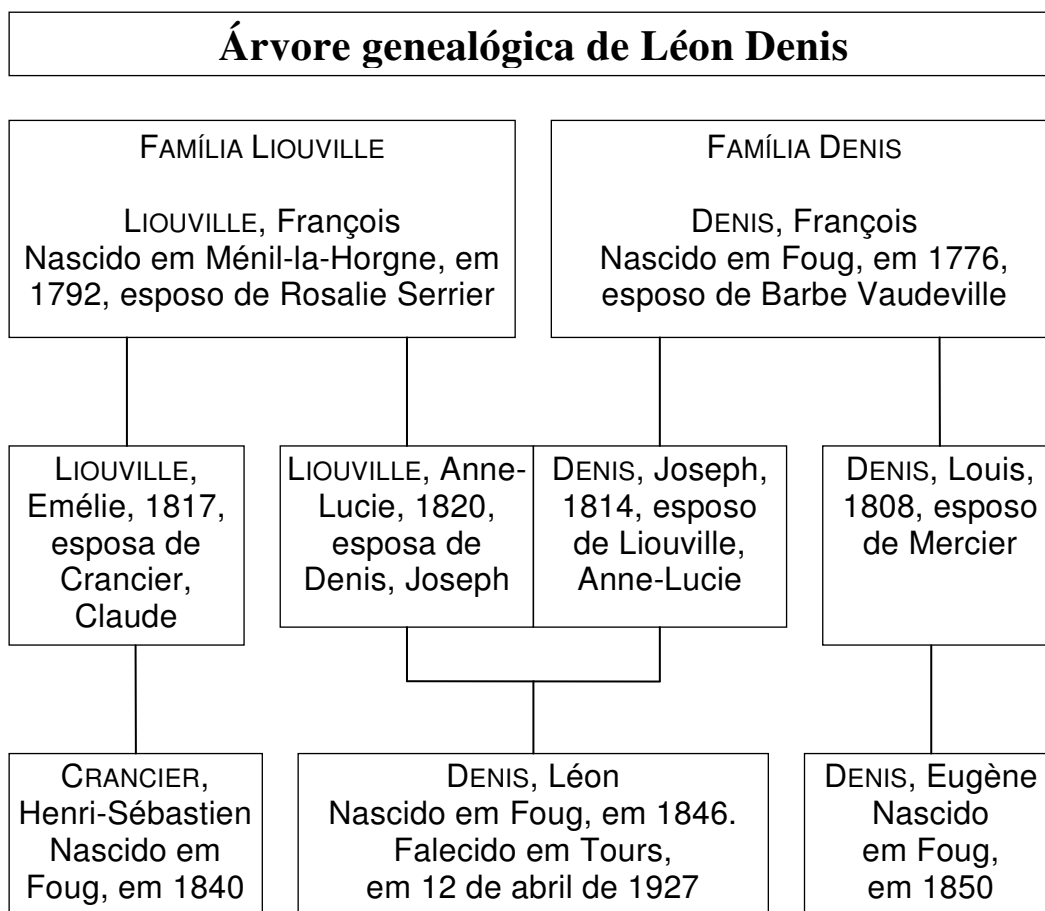
Avistando então um carregador no meio de um grupo de trabalhadores descarregando mercadorias, o rapaz disse:

– Meu pai? – e estendendo a mão na direção do grupo – ele dirige o carregamento daquele vagão.

O inspetor, achando em ordem os papéis, voltou para o seu trem, que partiu. Ainda uma vez, na estação de Moux, passou-se por um susto.

Definitivamente, Joseph Denis não tinha vocação para o posto e em 14 de outubro de 1862 se demitiu.

Na época, se construía a linha férrea de Montluçon a Limoges. Ele pediu e obteve um lugar de chefe de obras, tendo depois obtido a supervisão de outros trabalhos ferroviários, além de mais alguns menores, na linha de Tours a Vierzon.



## Em Tours

Dessa vez, a família Denis veio se fixar em Tours, definitivamente. Transferida, empurrada para cá e para lá, desde a saída de Foug, ela iria encontrar, finalmente, nessa cidade uma estabilidade ardentemente desejada pela mãe e pelo filho. No entanto, os meios de subsistência continuavam precários.

O adolescente que, na estação de Moux, mantinha os registros com sua bela letra e manejava o telégrafo, teve, como em Borde-



aux, de se dedicar a trabalhos braçais, para os quais não tinha condições físicas.

“Aos 16 anos – escreveu ele –, numa “faïencerie”<sup>5</sup> de Tours, eu carregava às costas os cestos com os produtos quando eram retirados do forno.”

Como isso satisfaria seus projetos, ele que, ardendo de vontade de se instruir, apaixonado pela leitura, pelo estudo, já havia demonstrado disposições excepcionais em cada domínio do saber que pudera abordar? Na impossibilidade de fazer melhor, frequentava as aulas noturnas de uma escola da vila.

Um desenho da época, achado entre seus papéis – feito com uma rara perfeição – traz sua assinatura, com uma referência; aluno do curso de adultos do Sr. Grujon.

Exercitava-se, ao mesmo tempo, em trabalhos de cartografia, que fazem supor que ele desejava fazer algum concurso para entrar na administração da estrada de ferro.

Esses trabalhos, excelentes sob todos os pontos, atestam uma segurança de traço, fino e leve, e um acabamento difícil de ser superado.

Vemos aí, parece, o indício incontestável de disposições inatas e de secretas preferências. Tudo o atraía para os estudos geográficos. Sem dúvida, já sonhava com viagens e longas excursões.

Não deveria manter essa preferência por toda a vida e procurar nos mapas do estado-maior os segredos que não estavam nos livros?

Foi nessa época que nosso estudante solitário alimentou um desejo que há muito tempo estava em seu coração: adquirir, com seus próprios recursos, a Geografia Universal de Malte-Brun, que era publicada em fascículos, ilustrados por Gustave Doré.

Para tanto, sem revelar a ninguém – porque poderia ser censurado por sonhar em fazer uma tal despesa com um livro – passou a economizar as gratificações que recebia a mais, de seu pequeno salário, a fim de obter a importância necessária para a compra.

Suas economias cresciam lentamente, lentamente, até que, um dia, sua mãe descobriu o esconderijo e, sempre em dificuldades, lhes deu um destino mais imediato.

A boa mulher jamais percebeu o real desgosto e a desilusão que aquele sumário confisco havia causado a seu filho.

Entretanto, nenhuma decepção, nem mesmo a tarefa diária e os trabalhos cansativos, que sobrecarregam os músculos e esva- ziam o cérebro, chegavam a desanimar o jovem em sua vontade de se instruir.

Sem dúvida, seus pais o encorajavam, porém a ânsia do saber estava nele, bem como essa força soberana que dirige os ímpetos da personalidade – o mesmo impulso que do grão faz surgir o broto, depois a árvore poderosa que se cobre de verdor e de flores.

Assim, desde que o jovem operário tinha um momento livre, dedicava-se a seus caros estudos, apaixonada e alegremente, completando por seus próprios esforços uma instrução fragmen- tária, cujas lacunas bem conhecia.

Da “faiencerie” de Saint-Pierre-des-Corps, passou a trabalhar numa outra casa comercial, mais perto de sua residência e onde o trabalho era mais bem remunerado. Trabalhava no escritório, o que não o poupava dos rudes misteres manuais.

“Carregava as peles, nas horas de aperto – confiou-nos ele –, ou manejava a “marguerite”, grossa peça de madeira para amaciar o couro.”<sup>6</sup>

Seu pai acabara de obter da Administração das estradas de ferro uma aposentadoria mínima e só se ocupava com suas fiscalizações de trabalho muito irregularmente.

Nessa época, recaiu, em parte, sobre seus ombros a obrigação de atender às necessidades de seus pais, que já estavam velhos, e para isso se entregava a trabalhos constantes, com uma energia sem esmorecimento.

“Obrigado a ganhar, durante o dia, meu pão e o de meus velhos pais – disse ele –, consagrei muitas noites ao estudo,

a fim de completar meus conhecimentos e daí data o enfraquecimento prematuro de minha vista.”<sup>7</sup>

Na Casa Pillet – uma das empresas de couro mais importantes da região central – logo observaram a viva inteligência e os excepcionais méritos do jovem empregado. Agora ele se ocupava com a correspondência e a contabilidade. Fazia os registros nos livros com sua impecável caligrafia. Iniciava-se nas questões do comércio de couros.

Desempenhando suas tarefas de dia, além de seus estudos, o adolescente abordava a Geografia, a História e as Ciências Naturais, negligenciando o campo das Matemáticas onde poderia brilhar.

Ocupava-se também com outras áreas do pensamento, interrogando os filósofos e a si mesmo, com uma certa inquietude. Desde então, o enigma da vida se apresentava ao seu espírito com uma força imperiosa e ele não era homem de se curvar diante do dogma do que “não pode ser conhecido”.

Não temos necessidade de qualquer esforço para compreender a razão dessas preocupações, tão excepcionais num jovem daquela idade. Léon Denis, por natureza e por necessidade, preocupava-se com problemas que, normalmente, o homem só aborda muito mais tarde. Porém, em comparação com os hábitos correntes, ele já não estava à margem de seus concidadãos?

Nos anos mais ingênuos, em que os jovens, comumente, ficam perto da mulher amada, do puro amor, ou buscam os prazeres fáceis, nosso estudante só possuía tempo para a mais austera das amantes, a que se consegue sob a luz da lâmpada, através das páginas dos livros: a sabedoria.

Só ele sabia à custa de quantos esforços, de quantas dificuldades, de quantas vacilações inevitáveis e, também, de quantas duras contrariedades, conseguia construir, pedra por pedra, o edifício de seu vasto a profundo saber.

No entanto, é fácil imaginar a perseverança de seu labor durante essa rude etapa da sua vida.

Uma tal aquisição, contida por um esforço exclusivamente pessoal, ganha, felizmente, em força e em profundidade o que possa perder em brilho e em burilamento.

Não teve outros mestres, além dos conselheiros invisíveis que, sem dúvida, tinham seus olhos sobre ele.

Se, como o quer Platão, aprender é recordar, Léon Denis recordava com um encantamento constantemente renovado.

Contemplativo e amante da Astronomia, desenhava mapas do céu. Nesse campo virgem de uma inteligência excepcionalmente receptiva, a semente frutifica com uma facilidade surpreendente; nessa memória fresca, mas já experiente, as menores noções se imprimem com admirável destaque.

Entretanto, notamos que existe nele uma inquietude que o estudo não consegue acalmar.

O problema que, geralmente, o homem só enfrenta nas horas de agonia ou de doença grave, e que logo se esforça para esquecer, assim que o destino lhe sorri de novo ou que a saúde lhe volta, Léon, de imediato, alcança a sua importância capital.

O homem se lança ao prazer, embriaga-se de sensualidade, para fugir à ideia da morte, sem jamais conseguir esquivar-se dessa lembrança, pois, no fundo, ele se dá conta de que essa é uma questão essencial.

Que é a sabedoria? É aprender a morrer, diz Platão. Que é a vida? É uma meditação da morte, afirma Sêneca. Assim, o jovem estudante ataca de frente o enigma sobre o qual tantas e tão altas especulações se chocam, sem lograr decifrá-lo.

“Eu já havia passado pelas alternativas da crença católica e do cepticismo materialista, mas não encontrara em nenhuma parte a solução do mistério da vida.”<sup>8</sup>

Uma de suas grandes alegrias infantis, quando ainda aluno, era contemplar nas vitrines das livrarias as belas encadernações dos livros premiados e as imagens de Épinal cujas legendas percorria da primeira à última linha.<sup>9</sup>

Conservara esse hábito e parava de bom grado mais frequentemente diante de vitrines cheias de livros do que diante das confeitarias.

Certo dia – tinha então 18 anos – o acaso, que por vezes trabalha bem, chamou sua atenção para um livro de título inusitado e perturbador. Era *O livro dos Espíritos* de Allan Kardec. Providencial encontro.

“Adquiri logo o livro – disse ele – e lhe assimilei o conteúdo. Encontrei nele uma solução clara, completa, lógica do problema universal. Minha convicção se firmou. A teoria espírita dissipou minha indiferença e minhas dúvidas.”<sup>10</sup>

O instrutor acabava de encontrar seu discípulo. Cabe aqui um episódio engraçado que vale relatar, porque é revelador da perfeita sintonia de pensamentos que havia entre a Sra. Denis e seu filho. Damos a ele a palavra:

“Li o livro com avidez, escondido de minha mãe, que controlava, desconfiada, minhas leituras. Ela havia descoberto meu esconderijo e, por sua vez, lia essa obra na minha ausência.”

E acrescenta:

“Ela se convenceu, como eu, da beleza e da grandeza dessa revelação.”<sup>11</sup>

A moda, então, eram as mesas falantes.

“(…) o entusiasmo era geral e, nenhuma festa, nenhuma reunião íntima terminava sem algumas experiências desse gênero.”<sup>12</sup>

Emile de Girardin iniciava, em Guernesey, a família de Victor Hugo; Vacquerie recolhia as observações que devia publicar, em *Les Miettes de l’Histoire*; Eugène Nus, em sua casa, na Rua de Beaune, recebia, na companhia de homens de letras e de artistas célebres, através de sua famosa mesinha (*guéridon*), comunicações de um significado filosófico profundo, a maior parte publicada em *Grandes Mistérios* e em *Coisas do Outro*

*Mundo*; Victorien Sardou e Théophile Gautier escreviam peças e novelas espíritas.

Médiuns célebres eram convidados para dar sessões nas Tuilherias. Em Tours, como em Paris, e em numerosas outras cidades, círculos de estudo eram constituídos, abordando sem uma preparação adequada os fenômenos perturbadores do psiquismo.

A cidade de Tours foi uma das primeiras, na França, a conhecer o Espiritismo. Desde 1862, ela possuía um grupo presidido pelo Dr. Chauvet, autor de um livro intitulado *Esprit, Force, Matière*, refutação cerrada contra Büchner. Desse grupo faziam parte, entre outros, o advogado Normand e o procurador Noirmant.

O jovem empregado, por causa de sua pouca idade e falta de tempo, não podia frequentá-lo. Isso não o impedia de seguir, como os outros, essa corrente com apaixonante curiosidade. Ele mesmo fez experiências, juntamente com alguns amigos interessados nessas questões.

“Como tantos outros – disse-nos ele –, eu procurei provas, fatos precisos que confirmassem minha fé, porém esses fatos demoraram em vir.

De início, insignificantes, contraditórios, misturados com embustes e mistificações, estiveram longe de me satisfazer e eu teria renunciado, de uma vez por todas, a qualquer investigação, se não estivesse sustentado por uma teoria sólida e princípios elevados.”

E acrescenta estas palavras, que os verdadeiros espíritas apreciarão:

“Parece, com efeito, que o Invisível quer nos provar, medir nosso grau de perseverança, exigir uma certa maturidade de espírito, antes de nos revelar seus segredos.”<sup>13</sup>

Léon Denis se encontrava nessa fase de seus trabalhos e pesquisas, quando um acontecimento importante se produziu em sua vida. Allan Kardec tinha vindo passar alguns dias em casa de amigos e todos os espíritas de Touraine tinham sido convidados para cumprimentá-lo.

“Tínhamos alugado – disse ele – para recebê-lo e ouvi-lo, uma sala, na Rua Paul Louis Courier e havíamos solicitado à Prefeitura a autorização para a reunião, pois, no Império, uma lei severa proibia qualquer concentração com mais de 20 pessoas.

Entretanto, no momento aprazado pela assembleia, uma recusa formal nos foi comunicada.

Fui encarregado de ficar à porta do local, para prevenir os convidados, a fim de se dirigirem para a Spirito-Villa, na casa do Sr. Rebondin, na Rua du Sentier, onde a reunião se faria no jardim.

Éramos bem uns 300 ouvintes, em pé e apertados uns aos outros, apinhados sob as árvores, pisando nos canteiros de nosso hospedeiro.

Sob a claridade das estrelas, a voz suave e grave de Allan Kardec se elevava, e sua fisionomia meditativa, iluminada por uma pequena lâmpada colocada sobre uma mesa, no centro do jardim, produzia um aspecto fantástico.

Ele nos falava sobre a obsessão, que era um assunto em voga. Foram-lhe feitas perguntas às quais respondia com fisionomia sorridente.

Os canteiros do Sr. Rebondin ficaram bem pisoteados, mas cada um levou dessa noite uma inesquecível lembrança.

No dia seguinte, retornei à Spirito-Villa para fazer uma visita ao mestre; encontrei-o sobre um pequeno banco, junto a uma grande cerejeira, colhendo frutos que atirava para a Sra. Allan Kardec – cena bucólica que contrastava alegremente com esses graves acontecimentos.”<sup>14</sup>

Decorria o ano de 1867. Ele devia rever Kardec mais duas vezes, em sua casa, na Rua Sainte-Anne, em Paris, depois em Bonneval, onde o grande instrutor tinha usado a palavra para os espíritas de Eure-et-Loir e de Loir-et-Cher.

Foi após a passagem do mestre que se fundou, em Tours, o grupo da Rua du Cygne, do qual Denis se tornou secretário. O

Dr. Aguzoly, os senhores Rebondin e Page, e os irmãos Huault eram seus principais membros.

Lá, os fenômenos ainda foram bastante medíocres.

As mensagens obtidas pela escrita, as manifestações de ordem física pareciam mais animismo do que intervenção dos espíritos. Pessoas, pertencentes a outros grupos, sofriam obsessões bastante graves.

“Compreendi aí – acrescenta ele – como é perigoso entregar-se à experimentação espírita sem preparação, sem proteção eficaz, e esses exemplos me tornaram reservado em tais matérias.”

## **A guerra**

Foi então que a guerra de 1870 veio pôr um fim a essas preocupações. Léon Denis já estava com 24 anos.

Apesar de dispensado do serviço militar, por causa de sua vista já abalada, mas estando a pátria em perigo, prontificou-se a atender ao apelo das armas.

Logo após as desastrosas batalhas do começo da guerra, o governo recorreu ao recrutamento de soldados nos departamentos que ainda não estavam ameaçados pela invasão alemã.

Léon Denis juntou-se, em La Rochelle, aos jovens solteiros do 26º Corpo do Exército em formação.

Foi logo promovido a sargento, no 1º Batalhão da 1ª Legião da Guarda, mobilizada em Indre-et-Loire, depois subiu rapidamente de posto, como se tivesse já exercido essa profissão.

“Em 15 dias, aprendi o manejo das armas e as instruções do pelotão, de modo a servir de instrutor para os quadros de meu batalhão. Dentro de 6 meses passei a sargento, tornei-me, sucessivamente, suboficial, subtenente e continuaria sendo promovido, se a paz não tivesse sobrevindo.”

Em último lugar, desempenhava com autoridade a função absorvente de major-ajudante, como recordam seus velhos camara-



das de armas. Com sua jaqueta azul-marinho, rosto quase imberbe, o tenente Denis nos aparece, numa foto da época, tal como gostamos de o lembrar: queixo altivo, ar grave e resoluto, homem responsável, antes de tudo. Porém, nada de dureza debaixo dessa austeridade.

Sabemos, pelo testemunho dos antigos, que sua pontualidade no serviço e o escrupuloso cuidado em executar as ordens não alteravam de forma alguma a simplicidade de suas maneiras, sua urbanidade sorridente, seu humor inalterável, apimentado com uma ponta de malícia gaulesa de cunho muito pessoal.

Acrescentemos que, além de suas funções ativas, era responsável pelo registro das despesas da cantina dos oficiais de seu batalhão. Como furriel,<sup>15</sup> eles não podiam ter feito uma escolha melhor. Não faltava trabalho para o tenente Denis, no campo de Dompierre.

Alojado em Chagnolet, após o término do serviço, poderia procurar distrações em La Rochelle, onde numerosos camaradas levavam vida muito alegre. Entretanto, tais divertimentos não eram capazes de satisfazê-lo; para ele o trabalho, para os outros o prazer. De resto, já não tinha o secreto pressentimento da tarefa que o aguardava?

O acaso quis que, mesmo em Chagnolet, a questão espírita fosse novamente objeto de suas preocupações imediatas. Durante alguns dias, esteve alojado em uma enorme e antiga casa, situada nas proximidades do campo militar. Ora, essa casa era mal-assombrada, sendo impossível dormir nela.

“Um sargento da minha companhia era médium – escreve ele –; conduzi-o para essa casa, numa noite de inverno, e nos colocamos ambos em torno de uma mesa, buscando descobrir o segredo dessas manifestações. A mesa foi logo agitada, depois foi virada por uma força irresistível.

Quebraram-se os lápis e rasgou-se o papel. Pancadas repercutiam nas paredes; ruídos surdos se faziam ouvir. De repente, a luz se apagou. Um balanço mais forte que os precedentes fez tremer a casa, depois se perdeu ao longe, no silêncio da noite. Antes de deixarmos essa casa mal-

assombrada, soubemos que ela havia sido palco de sangrentos acontecimentos.”<sup>16</sup>

Denis procurou um local mais sossegado. Tendo-o encontrado, convidou o sargento-médium e alguns colegas e começaram a fazer experiências. Era fevereiro de 1871. Perguntava-se, com ansiedade, o que iria acontecer, no findar da guerra, com o país dominado, à mercê dos alemães.

Após os combates de Monnaie, o inimigo estava às portas de Tours e os convocados de Indre-et-Loire tinham pedido, em vão, ao general comandante do campo de Compierre para colaborar na defesa de sua cidade. A partida, porém, estava perdida. A queda do império era iminente.

Em Chagnolet, no quarto do tenente Denis, torcia-se com entusiasmo por uma República liberal, que se pressentia estar próxima.

A liberdade, a fraternidade, a volta às tradições dos grandes princípios revolucionários iam, sem dúvida, fazer retornar a concórdia nacional e abrir para a Europa inteira uma fecunda era de paz.

No dia 24 o grupo recebeu a seguinte comunicação:

“A Alemanha e a França aguardam com ansiedade o resultado das negociações; esperam a hora da tão desejada paz, quando todas as famílias irão saber quais os que faltam ao chamado do coração de uma mãe ou de um irmão, os quais amaldiçoarão, em ambas as nações, os tiranos que lhes roubaram seus arrimos e suas únicas esperanças.

Então precisareis aproveitar a ocasião para esclarecer vossos irmãos. Fazei-os ver a grandeza de Deus. Orai, consolai o sofrimento. Numa palavra, fazei o bem.”

No dia 28 houve uma mensagem sobre os mundos celestes, terminando com a frase profética, que levou meio século para se concretizar:

“Meus amigos, um acontecimento solene se realiza agora, segundo o desejo dos homens. É a paz, que acaba de ser assinada, e dentro de poucos dias vossas famílias vos abra-

ção. Dentro de poucos anos a Prússia, por seu turno, será derrotada e humilhada. Orai, orai.”

Estava assinada: *Lamennais*.

## O Grupo da Rua du Cygne

As reparações de guerra impostas pela Alemanha não haviam abalado a vida do país. Apesar da derrota, os negócios reconquistaram, pouco a pouco, seu curso normal.

Léon Denis retornou à Casa Pillet para retomar suas funções interrompidas pela guerra. Seu pai havia deixado por completo de trabalhar. Era o filho quem devia agora assumir a responsabilidade de sustentar seus velhos pais.

Entretanto, a França humilhada, diminuída aos olhos do mundo, embora com a honra salva, atravessava uma crise interna dolorosa.

A tormenta assolou o império, mas o país, desamparado, preocupado com seu destino, estribava-se na ordem moral. As ideias republicanas esforçavam-se para abrir um caminho. Filho do povo, generoso por natureza e apaixonado pela justiça, o ex-tenente resolveu contribuir com todos os seus recursos.

Servido por um dom natural de comunicação, ele se dedica à oratória. Orador aplaudido na Loja Maçônica dos Demófilos, assume papel importante.

Muito responsável em seus trabalhos materiais, tendo a confiança de seu patrão, que aprecia seus méritos e o tem em grande estima, ele se dedica ao estudo com uma energia redobrada.

O grupo da Rua du Cygne estava reforçado com um novo recruta notável: o capitão Harmant – antigo comandante do setor da Porta de Saverne, em Strasbourg, agora arquivista do 9º Corpo – e as sessões recomeçam com uma nova animação, na casa do Dr. Aguzoly, que tinha uma curiosa faculdade de vidência.

Sabe-se que todo médium possui dons especiais que não se assemelham exatamente aos de nenhum outro. No estado de transe, o Dr. Aguzoly revivia, com notável clareza, cenas do passado e descrevia suas visões com traços característicos, que lhes davam um extraordinário relevo.

Sob sua influência, Léon Denis, que já era médium escrevente, torna-se também médium vidente. Reconstitui, no estado de vigília, cenas impressionantes da História medieval e da História antiga.

Um certo número desses quadros são, segundo indicações de seu guia, relativos a vidas anteriores.

Então, chefe guerreiro de uma tribo franca, exorta seus guerreiros para uma matança de gauleses; depois, revive episódios de sangrentos combates, como filho de um célebre “viking”.

Fato extremamente curioso, ele descreve, com o Dr. Aguzoly, os mesmos quadros, as mesmas cenas, e essas cenas e quadros se sucedem no decorrer de uma só reunião, como um filme cinematográfico.

E essas narrativas de selvagem crueldade se alternam com comunicações de espíritos familiares, com mensagens de serena filosofia, com exortações afetuosas de Sorella, a Egéria, isto é, a conselheira do grupo.

Ela tranquiliza, reconforta seus amigos inquietos, ansiosos pelo rumo que tomam os acontecimentos do após-guerra e da revolta.

Após dar a seus amigos judiciosos conselhos a propósito da conduta a manter durante as revoluções sociais que se anunciavam, Sorella os anima ao labor:

“Após a noite virá o amanhecer. Então soará para vós a hora solene quando deveis elevar vossa voz inspirada e espalhar em vosso derredor as preciosas doutrinas que vos foram confiadas como um sagrado depósito.

Sabei conservar esse valioso depósito, fazei-o frutificar em vós, porque prestareis dele conta rigorosa. Mas vós não perdereis o fruto de vossos estudos e de vossos trabalhos e

sabereis devolver aos outros o que vos tiver sido emprestado.

Agora preparai-vos para as tempestades; enfrentai-as serenamente; elas passarão, porque nada farão contra vós.

Cabe a vós vencer a tempestade; somente a força de vossa alma vos protegerá. Se souberdes vos conduzir nas trevas, não vos faltará o apoio dos espíritos para vencê-las completamente. Esperança e coragem.”<sup>17</sup>

Sorella é o gênio bom, sempre disposto a assisti-los em seus estudos e suas pesquisas. É uma irmã e uma diretora de consciência. Suas instruções e revelações, porém, devem ter um fim útil.

“Eu vos fiz conhecer estas coisas a fim de que compreendais quanto vos deveis sentir fortes em face das provas terrenas; prevenidos, devidamente, para o combate, podereis lutar contra os maiores perigos; sendo mais favorecidos, mais se vos exigirá. Trabalhai, pois, por vós e vossos irmãos; sede bons, benevolentes para com todos.

Consolai os que sofrem; socorrei os que têm fome. Nessas condições, podereis entrar no Reino de Deus.”<sup>18</sup>

Certo dia, uma notícia lhes foi dada pelos amigos invisíveis. Durand, o espírito guia, avisou-os de que uma surpresa lhes estava reservada e que não deviam se assustar, mas aguardar em silêncio e ficar atentos.

O doutor adormeceu e a campainha soou violentamente; pancadas bateram na parede.

Léon Denis e o capitão notam, distintamente, uma forma humana cujos contornos podiam observar, quando passava diante da janela iluminada; a sombra se dirige lentamente para a porta do salão, onde estaciona um pouco, depois desaparece pela parede.

Relatando o fato, Léon Denis acrescenta:

“Coisa singular. Não havia nenhuma mediunidade em jogo; se houve influência fluídica, não sentimos. Os espíritos guias nos disseram a seguir que se serviram de um espí-

rito bem inferior, que eles haviam ajudado com todo o seu poder, extraindo os elementos de materialização dos fluidos ambientais, a fim de fortalecer nossa convicção na realidade do Espiritismo.”<sup>19</sup>

As proveitosas sessões da Rua du Cygne deviam realizar-se semanalmente até 1877.

Na noite de 31 de dezembro de 1872 para 1º de janeiro de 1873 houve um outro importante acontecimento. Uma numerosa assembleia de espíritos encheu, de repente, a sala cujas paredes e o teto se cobriram de centelhas fluídicas.

O Dr. Aguzoly os reconhece e os designa por seus nomes e características, depois o fiel Durand (o espírito guia) fica só, para revelar ao médium a história de Philippine, seu anjo guardião, que lhe aparece pela primeira vez. Sorella o acompanha, Sorella, a conselheira e amiga ainda misteriosa de Léon Denis.

Depois retornam os quadros históricos, alternando-se com as instruções e diretrizes. Apenas como exemplo, eis uma das cenas descritas, que escolhemos por ser curta:

“Cena de guerra, no Cáucaso. Encontramo-nos suspensos, o doutor e eu, num caminho talhado na rocha, depois a vereda termina, de repente. Só podemos escalar a montanha com grande dificuldade, pisando com muito cuidado nas saliências das pedras. Chegamos; uma pedra que nossa força fez balançar e que rolou sobre si mesma nos mostra a entrada de uma escada talhada na rocha; nós a subimos e penetramos numa gruta imensa, cheia de estalactites.

No meio, em cima de uma pequena mesa, estava um grosso livro. Um espírito, sob a aparência de um velho, nela se apoiava; calvo, grande barba branca, olhos profundos.

– Aproximai-vos, meus filhos – disse-nos ele –, eu vos esperava.

Fala-nos de uma revista, que logo deixará de circular; e de uma publicação mais forte e mais séria que a substituirá.

– Aqui – disse ele – chegam, por um sistema elétrico que ainda não conheceis, notícias de todas as publicações espiritualistas da Terra; sou como que seu relator.

Ele nos anima a trabalhar, anuncia que mais tarde uma nova ciência será revelada aos homens e que poderemos ajudar na sua divulgação.

Recusa-se a dizer quem é; um dia nós o saberemos.”

É curioso achar aqui, como em outras páginas do caderno de anotações íntimas, uma ilustração da tese teosófica, afirmando a existência dos grandes instrutores espirituais do Budismo.

Em outros quadros de um relevo extraordinariamente preciso se reconstituem, diante dele, aos pedaços, os episódios mais marcantes de existências anteriores. Assim se esboça, toma forma e se anima, em breves aparições, um quadro muito sugestivo, bem palpitante de movimento e de vida.

Por vezes, na companhia do doutor, visitam o Vesúvio, voam sobre a planície romana, assistem a uma exibição no Scala, de Milão, participam de uma festa veneziana, sobre as águas, na época dos Doges.

Reunidos em determinado momento, em companhia de seus guias, em certas encruzilhadas do tempo, por um destino comum, eles se separam, sem jamais se abandonarem, para mais tarde se reencontrarem numa outra fase de uma nova existência.

Porém, que tristeza! Do sonho à realidade, que contraste doloroso! Do cenáculo dos grandes espíritos, dos passeios deslumbrantes aos mundos maravilhosos, é preciso voltar à rotina da vida quotidiana, às exigências imperiosas de um labor cansativo e sem repouso.

Em torno de Denis, por toda parte, mesmo em sua família,<sup>20</sup> o ambiente é de incompreensão, hostilidade e sarcasmo, relativamente às ideias que lhe são caras. Ele já padece de deficiência visual, e uma oclusão intestinal mal curada, ao voltar de La Rochelle, deixou-lhe perturbações digestivas.

O trabalho que deveria enfrentar não teve interrupção. Felizmente, o anjo consolador vela por ele, atento e fiel, dando-lhe o bálsamo de que tanto necessita, reconfortando-o e animando-o.

“Venho ao teu chamado. Por que duvidas de mim? Bem sabes que estou sempre pronto a te dar assistência e a te sustentar com meus modestos conselhos.

Caro amigo, imerso na tristeza, quantas vezes afliges meu coração! Queria ver-te mais confiante e mais resignado. Para atravessar os sombrios dias da vida é preciso coragem e perseverança; é preciso segurar sua alma com ambas as mãos, se assim me posso expressar, e marchar resolutamente pelo caminho traçado.

Nada temas, porém. Os motivos que te fazem duvidar do futuro são quiméricos; deixa de lado essas apreensões; a vida te será suportável, do ponto de vista material. A luta será de ordem moral.

Coragem, pois, e prepara-te, porque o momento virá, talvez bem cedo. Tem confiança em mim. Sabes que és sustentado, que guias e numerosos amigos te assistirão e te aconselharão nas horas de luta.”

Ele indaga se os sonhos incríveis que tem tido são mais do que imaginação.

“Sim, amigo, é uma lembrança dos tempos passados, dos tempos em que vivíamos juntos e quando começamos a entrever a serena verdade. Esses tempos já estão longe de nós.

Não é o passado que é preciso contemplar; é o futuro, o futuro que desdobrará seus íntimos recônditos plenos de provas, de desfalecimentos e de combates, mas cheios também de progressos, vitórias e deslumbramentos.

Coragem, pois, amigo! Estou perto de ti, derramando em tua frente todas as afeições de meu coração e procurando te tornar mais suave a etapa que te falta transpor.”

Alguns dias depois o fiel guia lhe traz, por sua vez, seu socorro moral.



“Durand – escreve ele – veio me dar alguns valiosos conselhos de que minha contristada alma tinha grande necessidade.”

A dúvida, da qual todo pesquisador consciencioso conhece os inesperados retornos, a interrogação muda e insistente, o assalta por um momento.

“É necessário distinguir o joio do trigo. – dizem-lhe. – Em todas as manifestações, que se produzem entre espíritos e encarnados, há sempre coisas vagas e confusas devidas à influência material do meio. Sabei, porém, distinguir, nessa obscuridade, as verdades que vos servem para domar as paixões e a dúvida.”

Só se chega a uma fé plena e completa, dirá ele, mais tarde, por meio de uma lenta e dolorosa iniciação. Ele sabia disso por experiência.

Em 31 de julho de 1873 uma nova revelação lhe foi feita. Ele revê um dos episódios mais importantes de suas vidas anteriores. Descobre o segredo que devia iluminar todo o seu destino.

Encontra em Sorella, Joana, a companheira, a inspiradora, a amiga de sempre, a alta e virginal figura do amor e do sacrifício, a que jamais o esqueceu e jamais o abandonará.

Em 20 de agosto do mesmo ano, Léon Denis, seus amigos Aguzoly e o capitão Harmant conhecem as circunstâncias em que se fez o primeiro encontro entre eles, numa vida anterior, ao fim de uma batalha naval, no reinado de Louis XIV. E eis que estão novamente reunidos, numa nova etapa de suas existências, segundo a lei que quer que os seres ligados por uma verdadeira amizade se reencontrem em situações imprevistas de seus destinos, segundo o eterno plano, impenetrável ao nosso pobre entendimento humano.

No ano seguinte recebia da própria Joana esta tocante exortação:

“Coragem amigo! Agora que o destino se apresenta mais claro, agora que as horas da luta se aproximam, que provas

mais fortes vão te assaltar, estarei ainda mais perto de ti, sustentando cada um de teus passos.

Não esqueças, amigo, que o alvo já está aí, o alvo que é preciso atingir, alvo que te abrirá as portas de um mundo melhor.”

A rota estava traçada.

“Foste escolhido – disseram-lhe anteriormente – para cumprir uma missão útil aos homens. As vicissitudes te assaltarão, porém segue sem temor. Vai sempre para diante. Nós te ajudaremos.”

E o jovem missionário enveredou corajosamente pelo áspero caminho.

### III

## Os inícios

### Treinamento oratório

Desde o ano de 1869, Léon Denis havia recebido a iniciação maçônica na Loja dos Demófilos, de Tours (rito do Grande Oriente).

Rapidamente, após a guerra, tornou-se o orador mais aplaudido. Dotado do verdadeiro dom da palavra, entregava-se à arte oratória, sob a inspiração de seus guias, seus únicos mestres da eloquência.

“Trabalho, coragem, esperança! – repetia-lhe Sorella –; eis qual deve ser tua divisa.

Amigo, é preciso consagrar todos os teus lazeres ao trabalho espírita, ao estudo; é preciso, principalmente, te habituares a defender e esclarecer nossa doutrina, não que devas, a partir de hoje, falar dessas coisas a todo instante; não. É preciso, porém, que sejas corajoso, que te prepares, em silêncio, para a hora solene que não te deve surpreender, mas te encontrar pronto.”

Além de Sorella, Durand também o assiste, sempre pontual, sempre fiel.

“É preciso trabalhar – disse-lhe ele – para se tornar um orador e um escritor. Com esse objetivo, preparar os textos e corrigi-los; depois submetê-los à apreciação de seus amigos; se lhe fizerem observações, quer sejam justas ou infundadas, aceitá-las sempre de bom grado, depois julgar intimamente o que fazer, a propósito.

Será necessário estudar previamente o estilo, o encadeamento das frases nos autores que lhe serão indicados, ulteriormente.

Evitar sobretudo a facilidade, a abundância romântica. Um estilo suave e severo ao mesmo tempo, simples na expressão, despojado de ornamentos inúteis, sempre polido.”

Em 19 de fevereiro de 1873 fez seus primeiros exames oratórios perante cinco mestres espirituais, trazidos por Durand. Sorella o assiste, mas ele ficou emocionado como um candidato diante de uma comissão examinadora. Leu seu segundo discurso.

“Está tudo bem – disseram-lhe –, exceto alguns detalhes fáceis de retocar. Os progressos conseguidos são sensíveis e justificam as esperanças que pusemos em ti.”

A 17 de março, ele falava sobre materialismo, em sessão privada, na Loja dos Demófilos. O discurso precedente, que havia marcado sua estreia na arte oratória, tratava de Patriotismo. O terceiro era uma apologia ao Espiritualismo.

Temas vários, propícios a discussões de ideias gerais, suscetíveis de abordar as questões que ele reservava para mais tarde aprofundar.

Esse tema do Materialismo perante a Ciência e a Razão devia requerer todos os esforços do jovem divulgador e levá-lo a abordar, inicialmente, o maior acontecimento da História contemporânea.

“Quase todas as questões que agitam nossa época têm seu ponto de partida na Revolução de 1789. Ela levantou – afirmava ele – o problema político e o problema religioso: governo dos povos pela Democracia, religião das almas pela Ciência.

Infelizmente, as ideias espiritualistas dos grandes convencionais não foram partilhadas por seus sucessores; a ciência materialista diminuiu o domínio da verdadeira ciência, minou o alicerce da religião, abalou a fé nas almas e conduziu os homens para as doutrinas niilistas, donde surgiram as inquietações da atual sociedade.

Vemos anunciar-se o tema que ele desenvolverá, mais tarde, com mais profundidade e vigor em suas obras.

Ainda são apenas exercícios de eloquência. Ele aborda outros assuntos, porém todos convergem para a ideia principal: a predominância necessária do Novo Espiritualismo. Trata, sucessivamente, do Evolucionismo, da Religião natural, da família, do Centenário da Independência Americana, de Deus, a alma e a vida. São palestras particulares, discursos de recepção ou de festas da Ordem, valendo como treinos, nos quais se exercitava para o papel que se esperava dele.

Sua tarefa já aparecia singularmente complicada, se considerarmos que ele teve que se consagrar a uma tríplice atividade: o trabalho profissional, o estudo e o manejo da palavra.

Todavia, suas atividades comerciais se tornaram menos desagradáveis, menos monótonas, mais de acordo com seus gostos; viajava por conta da casa comercial.

Seu raio de ação é, de início, regional, mas ele deseja ampliá-lo. Inicialmente, visita o centro, depois as províncias mais distantes: Lorraine, Normandie, Bretagne, Périgord, Auvergne e países vizinhos.

Em 1872 faz uma rápida passagem por Londres. Nos anos seguintes percorre a França, em todos os sentidos; os negócios estão em franco progresso.

Inaugurou, por seu espírito de iniciativa, um novo método de trabalho, na época em que os viajantes comerciais se contentavam em fazer pequenas viagens, numa área restrita, que atendia às suas limitadas ambições.

Léon Denis, obediente a seu senso comercial, soube convencer seu patrão da necessidade de ampliar seu campo de trabalho. E assim, realizou roteiros cada vez mais longos e, sem dúvida, cada vez mais proveitosos.

Nota-se seu secreto contentamento, sua alegria sem igual, quando lhe foi traçado seu primeiro itinerário. Devia, dessa vez, visitar a região de Vaud, na Suíça, a Córsega, a Lombardia, depois a Argélia, Tunísia, com um regresso pela Itália.

Admiremos aqui como o destino se compraz em atender aos nossos mais ousados desejos e de colocar ao nosso alcance os mais ambicionados sonhos.

Assim, do modo mais fácil, seus mais caros desejos estão em vias de realização.

Denis vai partir para uma bela viagem. Além da expectativa, sente-se contente, porque Joana d'Arc, antes de sua partida, quis lhe entregar um testemunho tão inesperado quanto precioso de sua ternura e de sua fé.<sup>21</sup>

## **A bela viagem**

A 27 de setembro de 1876 Léon Denis deixava Tours.

Seguindo o caminho mais longo, percorria a Auvergne: Clermont-Ferrand, Thiers; depois, atravessando o Velay, foi para Lyon. Tendo visitado Fourvière e assistido, em casa de amigos, a uma interessante reunião espírita, seguiu, a 3 de outubro, para Genebra. Esta cidade o havia encantado. Lausanne e a ribeira do Vaud acabavam de conquistá-lo.

O incomparável quadro dos grandes Alpes, o enorme espelho líquido do Léman, a amplidão do horizonte o comovem até suas mais íntimas fibras.

Ele aprecia, ao demais, a seriedade, a amabilidade das populações ribeirinhas, tão perto de nós pela identidade de origem, da língua e pela urbanidade dos costumes.

Alguns dias mais tarde ele está em pleno Valais.

Detém-se em Sion, uma localidade bem pitoresca, porém suja. Chove. Os carros, puxados por bois ruivos, vão aos solavancos pelas péssimas estradas da montanha; os habitantes da região recolhem os cestos das vindimas, em suas aldeias escondidas.

Felizmente, no dia seguinte, à sua partida, um Sol radioso dissipa a bruma que envolvia as encostas. Os cimos aparecem, cobertos por suas neves resplandecentes.

Em Brieg, o cenário é maravilhoso. É preciso parar. Foi forçoso atravessar Simplon de carro. Um engenheiro valdense é companheiro de viagem de Denis.

Ambos almoçam num restaurante improvisado para uso dos turistas. A viagem é encantadora!

Para trás, os montes deslumbrantes de Tourtemagne e o vale de Zermatt. Os campanários das aldeias, de teto metálico, a torrente do Viège reluzem com um fulgor especial, produzindo um curiosíssimo efeito.

Em Bérisal um jovem inglês substitui o engenheiro. Uma imensa perspectiva acaba de se abrir sobre o Valais. O rio corre, ao longe, entre os montes, como uma fita de prata. A estrada faz inúmeras curvas; os viajantes, a pé, sobem através das pastagens e dos altos pinheirais.

Em Cavalrienberg descobrem o Finsterahorn e o alto Oberland. A noite sobrevém; é preciso parar e pernoitar na montanha, na pousada prevista.

No dia seguinte, às 7 horas, prosseguem o caminho. A vista é soberba. Brieg aparece lá embaixo a uma profundidade espantosa. Neve e geleiras cintilantes por toda parte. Não há nenhuma vegetação. Os altos cumes revestem-se de um aspecto grandioso, porém desolado, de uma austera solidão; o vento áspero açoita o rosto dos viajantes. Por todos os lados, rochedos abruptos, precipícios, onde desabam avalanches por abismos tremendos.

O desfiladeiro, porém, foi transposto e começa a descida para a vertente italiana. O carro, que fora deixado na aldeia de Simplon, leva agora nosso excursionista para os vales do Ticino.

Para nada perder do admirável panorama do desfiladeiro de Gondo, onde rugem as águas do Doveria, nosso viajante sobe no teto do veículo e se instala entre as bagagens.

O vento é frio e açoitante, mas a vista é tão bela!

Em Iselle foi preciso parar na alfândega e já se avistam os mendigos, crianças maltrapilhas, o sol e as canções: é a Itália.

O vale se alarga, as aldeias, escondidas nas colinas ou espalhadas nas encostas, mostram, de longe, suas fachadas pintadas, seus campanários ocultos pelas folhagens.

Por todos os cantos, amoreiras, parreiras pelas muralhas e castanheiros que nos dão seus frutos espinhosos.

Domodossola, bem limpa, bem delicada, lhe dá, na chegada, uma excelente impressão; depois aparece Mergozzo e seu pequeno e lindo lago; enfim, Pallanza, à beira do “Verbano” encantado.

No dia seguinte, com seus companheiros de viagem, Denis fez a tradicional peregrinação às ilhas Borromeias, (no Lago Maggiore), e sente a magia dessas margens encantadas, mas não podia demorar-se mais.

Em 12 de outubro, chega a Milão, a bela capital lombarda, toda ruidosa e animada por uma vida intensa.

Veneza, porém, o chama! Ele já não havia percorrido, em sonhos, a cidade dos doges? Não a havia visto, num quadro estranhamente sugestivo e para sempre fixado em sua memória, seus deslumbrantes espetáculos no tempo de seu esplendor?

Numa jornada de calor e poeira, ei-lo rodando para o Adriático. Bérgamo e seu velho castelo; Brescia, Lonato, de onde se vê, numa escapadela prestigiosa, o lago de Garda; ao longe, Verona e depois Vicenze desfilam diante de seus olhos maravilhados.

Sobrevém a noite, mas o viajante logo vê brilharem os fogos de Veneza. A ponte é atravessada; eis a estação; eis as gôndolas que estão à espera. De repente, é a estranha impressão de um sonho acordado, o deslizar da embarcação entre as trevas das muralhas, onde os raios da Lua vêm brincar.

Tendo passado o resto da noite em sua hospedaria, Denis levanta-se bem cedo para admirar a curiosa cidade em sua graça matinal.

Foi à Praça São Marcos e depois à Basílica. Subiu ao famoso campanário, de onde se descortina a cidade toda cercada pelo mar luminoso.

A seguir, está no palácio Ducal, e observa as obras de Ticiano, Tintoreto e de Paolo Veronese. Deseja ver tudo: os museus, as escadarias e as estátuas, as praças e as igrejas, até o gueto sórdido e leproso.

À noite, após um último passeio na praça, ainda se demora um pouco, envolvido pelos esplendores da cidade sem igual e



embriagado pelo seu perfume violento, no terraço do Café Floriani, para admirar a feérica visão noturna do grande canal.

Antes de deixar essas maravilhas, e para que seus pais sejam informados de sua alegria, ele lhes escreve, envolvido pelo entusiasmo de suas primeiras impressões:

“Veneza, Hotel della Luna.

Queridos Pais,

“Ver Veneza e depois morrer”, dizem os italianos. Então, eu posso morrer, já vi Veneza.

Passei aqui todo o domingo. Enquanto, na França, envolvidos pela política, todos os meus compatriotas correm para a votação, eu sonho de dia, contemplo Veneza resplandecente de graça e de beleza, sob um céu azul e sem nuvens.

Desço do campanário de São Marcos, torre cujo terraço domina a praça, a 100 metros de altura. Fiquei ali mais de uma hora, não me podendo desprender desse maravilhoso espetáculo de Veneza, espalhando-se, imensa, em meu redor, no meio de um mar banhado de luz.

Os três sinos do campanário soavam a meu lado, lançando em meus ouvidos um som ensurdecido. Ao seu sinal, todas as igrejas de Veneza – existem mais de cem – começam a tocar seus sinos. O som se elevava de todas as partes e formava um estranho concerto.

Sim, Veneza é bela. É a mais bizarra e a mais cativante cidade que já conheci. Como é bom viver aqui!

A natureza é tão suave, o sol tão acariciante e o mar tão azul! Todavia, por que a população é tão má, tão vingativa e tão sórdida? Meu Deus! Em toda parte, infelizmente, ao lado das maravilhas criadas pelo gênio humano, aparecem chagas revoltantes: preguiça, mendicância, paixões furiosas!...

Como descrever uma tal cidade! Impossível encontrar termos que lhe façam uma fiel imagem. Maravilha das maravilhas!

Tenho ouvido missa na Basílica de São Marcos, essa esplêndida igreja onde estão acumuladas todas as obras-primas da arte veneziana e oriental (mármore, mosaicos, joias preciosas e relíquias).

Os olhos ficam deslumbrados com todas essas preciosidades. E o Palácio Ducal e o dos Procuradores! Um mundo de admiráveis monumentos que se elevam em torno dessa Praça São Marcos, célebre no mundo inteiro.

Convém ver, do Cais dos Escravões, estender-se o mar sobre o qual o sol lança seus raios dourados; e as gôndolas deslizam, rápidas, silenciosas, sobre a água calma e transparente.

Ao longe, as ilhas, o Lido, San-Pietro di Castello, La Giudecca, San-Giorgio Maggiore, etc. – Veneza inteirinha, suas inumeráveis abóbadas, suas ruas estreitas, suas pontes, suas praças animadas e ruidosas. Em torno dela, como um xale azul, lagunas e o mar, por toda parte...

Fugi de Milão para ver tudo isso e a ela retorno; mas retorno com uma poderosa imagem gravada em minha memória. Jamais esquecerei Veneza! Sou como um estudante fazendo gazeta e ninguém deve saber que vim aqui. Mas, tão perto de Veneza, podia eu resistir ao desejo de vê-la?"

No outro dia retornou a Milão, depois esteve em Turim. Em seguida, seus negócios o chamam a Menton, de onde seguiu para Gênova pela Riviera italiana e de lá para Livorno, a fim de embarcar para Córsega.

Estamos no fim de outubro. Léon Denis peregrina pelas magníficas florestas de Cervione. Que importa que as hospedarias sejam mal cheirosas e a comida deixe a desejar!

Ilha de beleza, a magia a envolveu inteiramente. Partindo de Cervione com um certo Pestalozzi, dirige-se à Corte, inicialmente, montado numa mula, depois de carruagem. O encantamento prossegue. À medida que sobem, admiráveis vales vão surgindo, silenciosos, lembrando as idades primitivas, entre as altas encostas recobertas de castanheiros seculares.

O outono lança suas tonalidades ardentes sobre as frondosas copas e, através das aberturas das folhagens, brilham as cascatas, as torrentes que descem das neves dos montes.

Em Piedirocco foi preciso parar. Os animais estão muito cansados e o dia seguinte é dia de Todos os Santos.

Denis consagra, portanto, esse dia para um passeio solitário, na montanha, pelos caminhos pedregosos, sob os grandes castanheiros. No profundo silêncio, só se ouvem o jorrar das torrentes no fundo dos vales e o grito estridente dos falcões no céu azul.

Às vezes os sinos ressoam e a meditação termina com louvor a Deus.

No dia seguinte, ao meio-dia, numa velha carroça puxada por um burro, Denis chega à cidade de Corte.

O céu é de um azul profundo e o sol deslumbrante. Os cumes das montanhas estão envoltos numa atmosfera de admirável transparência.

Diante do panorama sublime do Monte d'Oro, lhe servem um succulento almoço, numa hospedaria perdida.

Ele se sente literalmente embriagado pela luz e pelo ar salubre. Infelizmente, chegando a Sartène e a Ajácio, encontra-se em plena febre eleitoral, no meio de uma população vociferante, que esquecia, por um momento, seu bom senso e sua originalidade costumeira.

Retorna a Marseille; depois de curto descanso, embarca para a Argélia, onde chega a 20 de dezembro, com um céu encoberto. No dia seguinte, porém, o céu está sem nuvens.

Admira esse espetáculo novo para ele, o ruído inusitado, as cenas indescritíveis da vida árabe.

Tendo visitado Argel e Casbah, foi a Blidah, a rainha do Sa-hel, que o deixa totalmente deslumbrado. Mas ali, nosso viajante é visivelmente tentado pelo desejo de penetrar mais fundo na vida indígena, de deixar as rotas comerciais movimentadas para adentrar-se na montanha, no coração do país cabila.<sup>22</sup>

Tendo ido pela diligência para Tizi-Ouzou, eis que toma outra direção e, sempre de carro, viaja para Forte Nacional. Em seu

derredor, a terra é um vergel: jardins nas encostas, pastagens nas alturas. Ao longo da estrada bem conservada circulam os naturais da região: pastores e camponeses, crianças e mulheres, algumas bonitas e sem véu, caminhando em todos os sentidos, numa grande algazarra.

O Sol invade com seus raios as cristas denteadas do Djurdjura,<sup>23</sup> e é nesse cenário banhado de cores e transbordante de vida que Denis almoça em Forte Nacional, entre os cabilas acocorados e gesticulantes. Mas é preciso encontrar guias para a projetada excursão à montanha e ele não tarda a encontrar um.

Um certo Mustapha Belkassen, rapaz esperto, educado, limpo como uma moeda nova, que lhe havia sido recomendado, logo se oferece para acompanhá-lo em sua excursão. Mustapha se utiliza dos serviços de um arrieiro, Ibrahim, que conhece muito bem a região. Léon Denis deseja ir a Abkou, em pleno território cabila. Quanto a isso não havia impedimento.

Munido de um salvo-conduto, que lhe foi dado, muito amavelmente, pelo capitão do posto árabe, ei-lo a caminho, desde cedo – montado em sua mula e ladeado por Mustapha e Ibrahim, que vão a pé – rumo ao campo dos Aïn-Chellata.

A estrada é ruim, maltratada pelas recentes chuvas, porém a paisagem é maravilhosa. De todas as partes há lavouras e grande quantidade de vegetação.

O campo, que cerca as formidáveis muralhas do Djurdjura, parece um grande jardim. Os cabilas estão no trabalho. Cantos e gritos por toda parte.

As fumaças das aldeias sobem ao ar de um azul admirável.

Mustapha, que fala corretamente o francês, lembra cenas da insurreição de 1871 que o arruinou e também aos de sua tribo, cujos bens foram confiscados.

Conversando sempre, o pequeno grupo sobe para Alta Cabília. Foi abandonada a estrada para seguir por veredas terrivelmente escarpadas e pedregosas.

O burro em que estava nosso viajante sobe penosamente por entre enormes quarteirões de rochas.

Afinal, após uma hora de perigosa escalada, chega-se a Thifilkouth, miserável aldeia de casas sórdidas, de uma sujeira repugnante.

Todos os três estão esgotados e a montaria não está nada bem. Vão à casa do *amin* pedir algumas provisões: leite e frutas. Cães ferozes latem em seus calcanhares; as mulheres fogem ao avistar um *roumi*,<sup>24</sup> as crianças se escondem. Tendo Mustapha obtido as provisões solicitadas, nossos excursionistas se instalam para almoçar sobre as lajes da *djemaa*.

Logo, um círculo de curiosos os cerca. As mulheres, já refeitas do susto, mostram o *roumi* a seus garotos.

Léon Denis, porém, tem muita pressa em seguir viagem, porque Abkou ainda está longe, mas a má sorte os visita. O burro, assustando-se com as roupas escuras de seu cavaleiro, foge, desaparece, o que provoca um riso incontrolável dos presentes.

Com grande sacrifício, Mustapha consegue recuperá-la, mas torceu o pé.

Seguem por um caminho errado, descendo pelas encostas, atravessando leitos secos e tornando a subir pelas ladeiras íngremes.

Anoitece. É preciso chegar rapidamente ao acampamento dos Aïn-Chellata para ali passar a noite.

Felizmente lá se encontrava o *amin*, que ordena lhe traduzam o salvo-conduto e depois leva o *roumi* até sua casa.

Foram obrigados a segui-lo, através de um labirinto de muros, escorregando num lamaçal cujo mau cheiro invade as narinas.

Os cães rosnam e mostram suas presas aguçadas. Após pularem uma cerca, chegam a uma grande cabana, cuja porta está desconjuntada. É ali o pouco singular reservado ao turista, mas não havia escolha.

Por causa do forte frio, acende-se uma grande fogueira de galhos secos, no próprio chão. A fumaça invade todos os cantos. Noutra extremidade da choça, mulheres moem os grãos no pilão, mas desaparecem, com a presença do francês.

O mobiliário se compõe unicamente desses grandes vasos de pedra, da altura de um homem, onde os cabilas guardam seus cereais. O *amin* e seu jovem filho, acompanhados de parentes, entraram com os viajantes. Ficam acorados em torno da fogueira e se aquecem ao calor. Trazem uma lâmpada indígena de cobre, sustentada numa alta haste de ferro.

O *muezzin* fez ouvir um canto triste e suave e as orações são proferidas. Os cabilas, envoltos em seus albornozes, já estão adormecidos.

Às nove horas, trazem o cuscuz, num prato de madeira com pé, em forma de compoteira.

Numa outra vasilha, de cerâmica azul, estão a fumer as aves cozidas. O molho vem separado, num pote.

O *amin* pega uma comprida colher de ferro, cospe para limpá-la, depois a enxuga, gravemente, numa ponta de seu imundo albornoz.

Léon Denis vacila um momento... Entretanto, Mustapha dá o exemplo: ele faz um buraco no cuscuz e se serve à vontade. O francês ainda demonstra alguma repugnância, mas é conveniente agradar o hospedeiro.

Pegando um pedaço de frango com a mão, o infeliz francês se dá por satisfeito; o cuscuz está terrivelmente apimentado.

Felizmente, a moringa que contém uma água, deliciosamente fresca, vem amenizar, em parte, a irritação causada pela infernal iguaria. Entretanto, os outros convivas estão em festa: forram completamente o estômago e em seguida enrolam-se em seus tapetes, para descansarem no chão. Todos dormem, logo, num sono profundo.

Só o chefe da expedição, ainda acordado, pensa na sua aventura, avaliando a surpresa da mãe e dos amigos, se o vissem naquela situação.

O ar frio da montanha entra pela porta mal fechada. A todo momento, cabras e carneiros penetram no reduto, vão farejar os dorminhocos e se deitam entre eles. legiões de pulgas começam

a devorar o infeliz turista e lhe causam coceiras intermináveis.

As horas passam lentas, ao ritmo dos roncos humanos e dos suspiros dos animais.

A manhã, afinal, vem terminar seu suplício. Ele desperta Mustapha, agradece ao hospedeiro ainda adormecido, que lhe responde com resmungos entrecortados. Denis afasta-se depressa desse refúgio, na verdade bem primitivo.

São 5 horas. A Lua brilha e os cães ladram furiosamente. Pelos caminhos pedregosos, Léon Denis se apressa, montado em seu animal, que é conduzido pelo imperturbável Ibrahim e que Mustapha Belkassen acompanha, manquejando, rumo a Abkou, que é o destino dessa memorável viagem à Cabília.

\* \* \*

Dessas excursões em terra africana, o representante da Casa Pillet, de Tours, devia guardar muitas lembranças de contratempos e de decepções, mas que suportou com bom humor.

Viajando de Abkou para Philippeville, daí a Guelma, depois a Bône, sacudido nos trens, nas diligências ou no lombo dos burros, ativo, curioso e encantado por tudo, realizou uma travessia bem difícil para chegar a Túnis. Seus aborrecimentos haviam começado desde o embarque. Chegando ao cais no último momento, quando já suspendiam a escada, foi obrigado a se agarrar e a subir a bordo com a força de suas mãos.

Até La Calle a travessia foi encantadora, o mar estava calmo. De repente, o vento se tornou muito frio e a pequena embarcação balançava cada vez mais.

A noite havia sido terrível. As ondas se lançavam sobre o convés. Tonéis, tambores, correntes e cordas rolavam pelo convés com um barulho infernal. Pancadas surdas, preocupantes, ressoavam no porão, pela má arrumação da carga.

Nos camarotes, a louça se quebrava. Os passageiros precisavam se agarrar firmemente nas barras da embarcação, enquanto as mulheres e as crianças gritavam de pavor.

O controle do navio se fez cada vez mais trabalhoso no meio da tempestade, mas depois tudo se acalmou, assim que atravessaram o Cabo Farina.

Léon Denis queria ver Túnis, antes de retornar pela Itália; desejava visitar as ruínas da antiga Cartago e se sentir levado pelo fabuloso mar que embalou nossa civilização.

Ei-lo na grande capital do Protetorado: suja, cheia de vida, barulhenta e colorida. Abandonando os bairros novos da Porta da Marinha, penetra nos *souks*.<sup>25</sup> É aí que passa suas horas de lazer.

“Gosto – disse ele – de me entranhar, ao acaso, pelos quarteirões árabes de Túnis, buscando os recantos mais solitários e mais silenciosos.”

É no coração da cidade indígena que ele procura descobrir os aspectos mais originais da vida muçulmana.

O campo também o atrai, o verde vale do Medjerda, repleto de brancas vilas europeias.

Antes de embarcar para Malta, que ele deseja visitar, não deixará Túnis sem primeiro ver a vila dos Mirtos, encantadora construção do estilo mourisco, pertencente a um banqueiro francês.

Desses floridos terraços, quer contemplar mais uma vez o espetáculo do sol poente em terras africanas. Aqui está o quadro que ele nos traça com sua pena admirável:

“A noite se aproxima. O sol, já abaixo do horizonte, lança seus derradeiros raios sobre Túnis, dourando as muralhas e os edifícios.

Ao longe, as montanhas se tingem de cores variadas, passando, sucessivamente, do azul ao rosa suave e ao violeta. À medida que o disco solar se abaixa, as cores se suavizam e mergulham no crepúsculo. Logo os mais distantes cumes se iluminam e se deixam dourar pelas luzes do sol poente.”

E eis que o espetáculo purificante acontece:



“A noite chegou e, num céu sem nuvens, a Lua se ergueu e derrama sua pálida luz sobre Túnis adormecida.

Faz brilhar as águas borbulhantes das fontes e as cúpulas, com suas meias-luas de cobre. Invade as arcadas dos pórticos e se reflete nas colunas de mármore, estendendo sobre os campos as grandes sombras dos minaretes e das palmeiras.

Seus raios prateados penetram como flechas através das abóbadas de verdura e se jogam sobre a areia. Nenhum ruído, nenhum sopro perturba a paz da noite.”<sup>26</sup>

Deixemos nosso viajante se inebriar, um instante, com esses encantos, novos para ele, deixemos que passeie, dois dias depois, em Malta, entre os pitorescos *highlanders*,<sup>27</sup> os carregadores maltrapilhos e as mulheres da ilha, em seus mantos negros.

Agora o encontramos na Sicília, visitando Catânia, populosa e miserável; Taormina, que fica num rochedo calcinado; Messina, com suas veneráveis igrejas, sempre curioso por tudo, percorrendo o cais dessas cidades, no meio de primitivos carros de bois, conduzidos por carreiros de semblantes selvagens.

Contudo, é preciso andar depressa, porque o tempo passa rapidamente.

A 15 de dezembro, Léon Denis embarca no “Marco Polo”, com destino a Nápoles.

Observa, na popa do pequeno barco, os animados grupos de passageiros do Estreito de Messina.

A proa vence os redemoinhos espumosos de Charybde. À direita, sobranceiro, ergue-se o Scylla<sup>28</sup> e os montes da Calábria, cobertos de bruma.

Após uma péssima noite, o “Marco Polo” entra na baía de Nápoles.

O coração do viajante bate de emoção diante do inesquecível espetáculo. Após desembarcar e se alimentar devidamente, toma um ônibus para Capo-di-Monte, de onde retorna decepcionado por não ter podido visitar o Palácio Real; dirige-se então a Chiagga, onde desfilam as suntuosas carruagens da aristocracia

napolitana. Para em Margellina, apesar do vento frio, para contemplar o maravilhoso pôr-do-sol sobre o mar.

Voltou para o hotel pela Strada di Porto, onde fumegam as barracas ao ar livre e aí janta mal. A cozinha é terrivelmente italiana e lembra o cuscuz da cidade em Cabília.

Consola-se, porém, em San Carlo, onde assiste ao “Trovador” e, para que a festa seja completa, vai ao cais ver a Lua nascer sobre a baía adormecida.

Dois dias depois, tendo feito a obrigatória visita às ruínas de Pompeia, parte para Roma.

Da janela do trem em que viaja, ele vê desenrolar-se o comovente panorama dos lugares consagrados pela História. Após os Abruzos estéreis, surgem logo cobertas de neve, as montanhas do Lácio, a Serra dos Volscos e, pelo mar, o promontório de Circe. Depois, a região dos Sabinos, Albano, Frascati e, a seguir, os campos de Roma. Ao longe aparece a cidade Eterna, com suas cúpulas, seus campanários brilhantes sob o céu azul, tudo se destacando em tons cinza sobre o fundo resplandecente dos Apeninos.

À esquerda, é a Via Ápia e seus túmulos e por toda parte aquedutos, arcos semidesmoronados, inúmeras ruínas, todos os vestígios que falam bem alto à alma de um filho da latinidade.

Assim que ficou instalado, razoavelmente, após os pequenos aborrecimentos próprios da viagem, sua primeira visita foi à Basílica de São Pedro.

De início, a impressão não foi nitidamente favorável.

“Entretanto – diz ele –, à medida que eu entrava, a maravilhosa série de colunas, em parte escondida pelas casas do fundo da praça, desdobrava-se de ambos os lados. Da maravilhosa cúpula e das naves, a impressão de grandeza se destaca, pouco a pouco; ela ganha em poder, à medida que percorro o interior desse templo sem igual.

Os raios do poente, penetrando nas vidraças, lançam reflexos chamejantes sobre as colunas de mármore precioso, sobre os túmulos dos papas, sobre o ouro e as cores.

O gênio do Catolicismo ali está manifesto, ou melhor, o sentimento religioso, sem nada mais, dos homens da Renascença.”

À noite, no corso, a animação é grande.

Roma se agita por causa de uma crise ministerial. A formação do novo Gabinete Depretis-Crispi excita a paixão política dessa população ardorosa.

Denis consagra o dia seguinte à Roma dos Césares. Sobe o Capitólio, visita o Coliseu, as Termas de Caracala. Diante das formas puras dos pórticos, evoca os grandes dias da Antiguidade.

Após jantar, sai para ir gozar do espetáculo das ruínas, iluminadas pela Lua. Em companhia de um jovem holandês, vai ao Coliseu. O edifício, de noite, apresenta um aspecto estranho. De repente, ele lhe parece como o túmulo de todo um povo.

Os visitantes são numerosos; suas tochas errantes produzem reflexos fantásticos nas galerias profundas. O Fórum, aos clarões da Lua, reveste-se de um aspecto mágico. Sobre Roma adormecida se estende o céu pleno de estrelas. O silêncio noturno, no meio desses emocionantes fragmentos da história, enche o visitante de uma impressão inesquecível. Ele a completará, no dia seguinte, com a visita ao Museu do Vaticano, no pátio do Belvedere e à Capela Sistina, diante de autênticas obras-primas da arte antiga e da renascentista.

É preciso, porém, abandonar as meditações sublimes. As exigências da atividade comercial não se acomodam muito tempo com belos sonhos.

Adeus, Rainha da Tríplice Coroa! Quem já te viu uma vez, jamais poderá te esquecer. Aquele que agora está voltando, através da Toscana, para seu jardim da França enregelado sob um céu de inverno, leva para sempre, gravada em sua lembrança, entre tantas visões várias, tua face venerável, onde se imprimiu, para os séculos, um momento da beleza do mundo.

## Outra viagem

Léon Denis deveria rever a Itália, visitar, com calma, suas cidades e seus museus; retornaria muitas vezes à Argélia, onde o chamavam as obrigações da casa em que trabalhava e, mais tarde, sua tarefa de divulgador espírita. Sob essa rede tão variada de impressões superpostas devia permanecer, em seu frescor primitivo, a profunda variedade de lembranças acumuladas durante as maravilhosas viagens.

Quando criança, debruçado sobre seu Atlas, durante os anos de estudo, o filho do oficial de pedreiro de Foug sonhava com aventuras futuras, com longas excursões pelo mundo. E eis que essas quimeras estavam em parte realizadas.

Numa época em que os franceses pouco viajavam, ele percorria o país em todas as direções e se estendia além das fronteiras, de Barcelona até Haia, de Nantes a Milão. Mas ele tinha um sistema próprio de viajar.

É verdade que não perdia tempo sentado à mesa farta dos restaurantes ou em mesas de bilhares. Ele deixava bruscamente o “Gaudissart”<sup>29</sup> em segunda mão.

Calçando seus borzeguins de viagem, pondo às costas sua mochila, como em 1870, partia em excursão, com uma boa bengala.

Excursionar, para ele, era percorrer todo o país com seus próprios recursos, com a única ajuda de um mapa militar.

Em 1871, em La Rochelle, exercitara-se em topografia. Com o fim da guerra, ficou disponível o estoque de mapas que se encontravam nos escritórios da 26ª Divisão. Encheu com eles suas malas. Jamais deixava de levar os que poderia utilizar em suas excursões, experimentando, por vezes, graças a esse procedimento, um malicioso prazer em esclarecer os habitantes do lugar sobre a sua própria região.

Por esse meio, as ruínas históricas, nenhum velho calvário, megalito ou o menor detalhe, nada escapava às suas investigações e, assim, ele demonstrava perfeito conhecimento da região visitada. Sua curiosidade nada deixava passar. Além disso, ele

era excelente andarilho. Para um turista dessa espécie é fácil adivinhar-se que pouco lhe preocupava uma boa hospedagem e alimentação abundante.

O que chamamos de conforto – hábito a que já nos acostumamos – não entrava em suas preocupações.

Geralmente comia debaixo de uma árvore, à beira de uma fonte ou de um rio. Tirando de sua mochila alguns mantimentos, almoçava como um simples nômade. Às vezes ia a uma aldeia próxima fazer sua refeição num albergue, com uma simples omelete ou um pedaço de toucinho. Dessa forma percorreu a Auvergne, a Savoie, o Dauphiné<sup>30</sup> e cada uma das demais províncias francesas.

No lugar de uma boa cama de hotel, na cidade, ele prefere dormir na simplicidade de uma casa na montanha. Os cumes o atraem; ele gosta dos lugares altos. Ali a comida muitas vezes é escassa, mas como é saudável para o espírito!

Além de sua Lorraine natal, da Auvergne austera, a região que mais admirou foi a Armorique. Suas recortadas costas e suas ilhas selvagens; suas enseadas cheias de secreta magia; os pântanos e seus bosques cortados por invisíveis regatos; as verdes pastagens e suas culturas, tudo ele visitou.

De Trégon, na região de Léon, até Vannes, na Cornualha, ele passeou examinando os monumentos e se inteirando das velhas lendas.

Certa vez, na floresta de Paimpont, derradeiro vestígio da antiga Brocéliande, avista uma pastorazinha maltrapilha cujos olhos se esbugalham de espanto e de medo, ao vê-lo se aproximar.

A menina selvagem teve vontade de fugir, mas o viajante a interpela, em seu dialeto. Ela se encoraja.

– Poderia me dizer onde fica a Fonte de Baranton?

A pequena responde balançando afirmativamente a cabeça.

– Quer me levar até lá?

Mesma resposta, e ei-lo avançando, no meio das moitas, até à beira de um pântano, cujas águas apodrecem entre as ervas.

– É aí – disse ela – a Fonte de Baranton.

Amarga decepção! Eis o que resta do Espelho de Viviane e da escadaria mágica onde Merlin se sentava.

Mas não são apenas as belas lendas que interessam a esse grande amigo da natureza: ele observa a vida secreta tão profundamente variada da floresta. A árvore é sua confidente e sua amiga; o animal perseguido pelo impiedoso caçador lhe inspira um sentimento de fervorosa piedade.

Certo dia, na floresta de Chinon, que conhecia muito bem, ele vê precipitar-se em direção à encruzilhada, onde está fazendo sua refeição, um veado desesperado que foge de uma matilha. O belo animal, coberto de suor, os flancos arquejantes, estaca a poucos passos do andarilho imóvel. Escuta o barulho dos cães e dos caçadores que se aproximam e, mudando rapidamente de direção, dá um salto prodigioso e se interna no interior da floresta. Os cães farejam em vão; o rastro está perdido. Os caçadores interrogam Léon Denis, que lhes disse ter visto, há poucos instantes, o animal perto dele.

– E por que não o espantou para que voltasse? – exclamou um deles.

– Evitei de fazê-lo – respondeu ele, imperturbável, rindo-se por dentro pela decepção e o ar zangado dos caçadores.

De todos os espetáculos da natureza, nada o encantava tanto como a montanha. Seu lema “Sempre para mais alto!” se aplicava tanto para o mundo físico como para o espiritual.

Cada uma das numerosas cartas ilustradas que ele enviava para sua mãe, quando em viagem, levava uma cruz que marcava o pico que ele escalou.

Passeio, excursão, subidas, tudo lhe agradava, desde que fosse a pé. Alegrava-se ele em repetir:

“Não me falem de outra forma de passear que não seja a pé, principalmente nas montanhas.

Sim, Jean-Jacques ainda teria mil vezes razão contra vós, homens do século XX, apesar de vossos funiculares<sup>31</sup> e dos automóveis barulhentos.

É a pé que, verdadeiramente, se dilatam os pulmões e, ao mesmo tempo, a alma.

Não se despreze o esforço despendido, o prazer de vencer o obstáculo, de escalar os picos, a fim de contemplar panoramas que vos escaparão aos olhos, sempre que utilizais a máquina.

É assim que, de minha parte, muitas vezes escalei os Pirineus, na Gavarnie, e o Pico de Gers, e atravessei os Alpes em Saint-Bernard e em Simplon, garanto que isso vale mais que todos os vossos túneis eletrificados onde se fica asfixiado – isto na montanha não existe! – e mais do que todos os vossos carros que se despencam muitas vezes nos precipícios.

Concordo em que nem sempre isso acontece, mas prefiro desfrutar o prazer que a montanha oferece aos seus verdadeiros amigos que, simplesmente, a escalam a pé.”

O menor passeio era para ele motivo para observações, meditação e elevação. Nada se perdia nas anotações que ele registrava. Tudo era cuidadosamente anotado e catalogado. Dessa forma, suas anotações pessoais ajudavam a esclarecer os textos por vezes obscuros.

A natureza revelava, um a um, a seu grande amigo os segredos que, normalmente, não se encontravam nos livros.

Nesse sentido, pode-se adiantar que suas numerosas viagens contribuíram grandemente para o desenvolvimento integral de sua personalidade.

## **O conferencista da Liga do Ensino**

No ano de 1872, seguindo o impulso dado no país pela Liga do Ensino, um Círculo regional foi organizado em Touraine.

Sabe-se qual a louvável finalidade de que estava imbuída essa Liga: estimular a instrução do povo nos locais desprovidos de escolas; concorrer, através da doação de livros, por meio de subvenções especiais, para a criação de cursos de adultos e de

bibliotecas populares. Era, em resumo, uma grande federação intelectual, sem qualquer entrave burocrático, cujo objetivo era que a França adotasse o ensino obrigatório, gratuito e leigo, e consagrar a independência da escola perante as Igrejas.

Simplesmente tolerada, essa obra começou, em Indre-et-Loire, bem modestamente, com a fundação de uma biblioteca com cerca de 600 volumes.

Em 16 de maio a Liga começou a ser combatida. Em Tours, o Círculo teve proibida a distribuição de certas obras de seu catálogo e, por isso, diminuiu sua atividade. Mas a obra subsistiu, graças ao zelo de seus fundadores.

O Dr. Belle, deputado por Indre-et-Loire, que estava sinceramente imbuído de ideias republicanas, tomou a si a direção do Círculo e lhe imprimiu um vigoroso impulso. Ele apreciava o jovem viajante da Casa Pillet por sua inteligência e sua atividade e colocou-o como secretário-geral do Círculo. Não podia ter feito escolha mais feliz. Filho do povo, tendo comprovado por si mesmo o quanto as classes pobres estão, por falta de instrução, postas em estado de inferioridade, em face das classes abastadas, Léon Denis se entregou inteiramente à tarefa que lhe acabavam de confiar.

Em 15 de setembro de 1878 o Círculo de Touraine foi inaugurado, oficialmente, com uma grande conferência, sob a presidência do Dr. Belle.

Léon Denis, ali, desenvolveu magistralmente o tema da instrução popular. Era a primeira vez que ele se apresentava publicamente e logo se destacou como conferencista de grande capacidade.

Encontramos essa afirmação num artigo aparecido, no dia seguinte, no *L'Union Libérale*, jornal de Tours e do departamento de Indre-et-Loire.

“O Dr. Belle – ali está dito – deu a palavra ao Sr. Denis, secretário da Liga, que proferiu um notável discurso, no qual mostrou qualidades oratórias de primeira ordem, obtendo calorosos aplausos e um sucesso total.



É com o maior prazer que juntamos nossas felicitações às que o jovem orador recebeu, no final de seu discurso, de todos os membros da mesa e do auditório inteiro.”

Nos anos que se seguiram, o ardoroso propagandista leigo acompanhou Jean Macé nos Círculos regionais, onde houvesse uma biblioteca em formação.

Habilidoso em transmitir sua energia aos homens devotados, que se encontravam agrupados ao seu redor, o promotor desse grande movimento de emancipação intelectual não se demorou muito em valorizar a colaboração do secretário de Tours.

Juntos, visitaram Château-Renault, Langeais, Bourgueil, Richelieu, Loches, no Departamento de Indre-et-Loire, depois outras cidades dos Departamentos vizinhos: Jaulnay-Clan, no Departamento de Vienne, Orléans, Angers, Le Mans, Nantes, etc.

O jovem colega de Jean Macé desenvolve uma atividade, um ardor tão cativante que o mais completo sucesso o acolhe, onde ele se apresenta.

“Conferencista de primeira ordem – escreve-se –, palavra fácil, expressões escolhidas, períodos brilhantes e claros, além disso demonstra uma ciência profunda e um conhecimento incontestável das coisas e dos lugares, graças às numerosas viagens que são a sua paixão.

Conferencista de grande mérito, ele sabe cativar seu auditório e, com sua palavra ardente e colorida, as mais árduas questões adquirem um encanto inesperado.

Ele sabe como despertar um grande interesse no auditório, porque os temas que escolhe são tratados com uma encantadora elevação de pensamento, numa linguagem muito honesta e muito pura, à qual certos conferencistas ainda creem que não devem se submeter, esquecendo que só é possível instruir eficazmente com expressões e frases apresentadas de forma simples.”<sup>32</sup>

Como já se viu, simplicidade e clareza são as suas qualidades dominantes e ficariam como uma constante de seu talento.

As declarações seguintes acabam por caracterizar a arte já bastante segura do jovem propagandista:

“O Sr. Denis possui as qualidades que o tornam um orador: erudição profunda, memória prodigiosa, elegância de forma, harmonia de períodos, sobriedade de gestos e, acima de tudo, a presença, que torna sua eloquência particularmente comunicativa e conquista logo a simpatia do auditório.”<sup>33</sup>

Não estranharemos mais a admiração muito especial conquistada por nosso conferencista em certos auditórios, geralmente refratários, renitentes, malévolos e que se tornavam pouco a pouco atraídos por sua palavra honesta e tão humanamente convincente.

Como secretário-geral do Círculo da Liga do Ensino, em Tours, vemo-lo realizar uma série de grandes conferências nas cidades do Oeste: Tours, Le Mans, Angers, Nantes, Poitiers, etc.

Os assuntos que Denis escolhia lhe permitiam abordar a questão que ele desejava, mas que não podia ainda tratar livremente, mas é preciso, entretanto, levar em conta as dificuldades que um tal empreendimento apresenta. Sob o patrocínio da Liga nem seria possível pensar nisso.

Limita-se, então, a desenvolver temas gerais de História: A República Americana, Astronomia Popular, As Terras do Espaço, os Universos Distantes, etc.

Em sessões privativas, ele trata de assuntos mais específicos, tais como: O Mundo e a Vida, Os Problemas Morais e Religiosos, etc.

Em 1880, proferia uma de suas primeiras grandes conferências: “O Progresso”.<sup>34</sup> Fala sucessivamente em quatro cidades diferentes: Tours, Bourgueil, Château-Renault e Orléans. Essa brilhante palestra, de um alto teor literário, bem composta, foi publicada num opúsculo, no mesmo ano, a pedido de seus numerosos ouvintes.

Alguns meses depois, aparecia *Túnis e a Ilha da Sardenha*, assunto que ele houvera igualmente tratado verbalmente, servindo-se de suas anotações e recordações de viagem.

O renome do jovem orador da Liga já estava garantido. Jean Macé lhe dedicava real estima e o presidente do Círculo de Tours tinha por ele grande consideração.

Num boletim da Liga, onde o Dr. Belle apresentava os conferencistas em viagem, ele assim se expressava, após ter destacado os méritos do jovem propagandista, sempre envolvido em dificuldades sem conta:

“O que há de notável em Léon Denis é que ele é o *vir probus*<sup>35</sup> por excelência. Jamais se apresenta por exibicionismo. Sua palavra é sempre honesta e criteriosa; os assuntos de que trata são sempre elevados. O coração está pleno de vida e a alma forte. (...)

Só temos uma restrição a fazer a Léon Denis: ele é muito modesto.”

Dessa modéstia e dessa proibidade o célebre presidente do Círculo de Tours da Liga do Indre-et-Loire acabara de comprovar o excepcional valor.

Aspirando ao Senado, pôs na cabeça a ideia de fazer de seu secretário-geral um deputado – escolha das mais felizes, se esse desejo fosse correspondido pelo seu jovem colaborador –, mas este opôs logo uma resistência, que surpreendeu e decepcionou a Jean Macé.

Com sua franqueza costumeira, ele se dirige a Léon Denis:

“Refleti bastante sobre a conversa que tivemos em meu escritório da Rua Saint-Eloy e minhas reflexões me fizeram lamentar a decisão que tomou. Você poderia exercer uma salutar influência sobre nossos concidadãos. Acrescentarei que tenho a certeza de que a carreira política se lhe abriria com facilidade, se quisesse sair da modéstia em que se compraz.

Desejo ardentemente descansar e eu não seria temerário se afirmasse que você poderia substituir-me na Primeira

Circunscrição de Tours. Não recuse por sua modesta situação econômica. Graças aos céus, estamos numa época em que essas considerações pouco preocupam as massas, sobretudo no setor que eu represento.

Garanto-lhe que não sou o primeiro a pensar em sua candidatura.

Ficaria feliz em poder ceder meu lugar a meu amigo Denis, que, a uma honestidade absoluta se junta uma energia suficiente para não se deixar levar por atitudes danosas à pátria.

Se lhe digo que pode desempenhar um papel importante, feliz para a cidade, por que não me acredita?

Você há de concordar em que já adquiri alguma experiência no trato com os homens. Calado, muitas vezes, porém, sempre observador, posso, como qualquer um, eu quase diria – melhor que muitos outros – fazer sobre os homens e as coisas um julgamento de uma certa segurança. Acrescentando-se que podendo, na hora atual, ser útil à cidade, poderia mais tarde ser útil ao país, por que você recusaria sair de sua imobilidade?

Embora você diga o contrário, os homens são raros. Seus estudos, seus trabalhos, seu amor ao bem, sua busca ardente pela verdade, todas essas coisas fazem de você um homem. Mostre-se!”

Léon não podia aceitar uma tal oferta, se bem que lhe fosse das mais elogiosas. Certamente, ele possuía as qualidades requeridas para a carreira parlamentar. Sabia manejar a palavra, empolgar um auditório. Possuía a simplicidade e a alegria que agradam às pessoas do interior e não lhe faltavam convicções sólidas e ardor combativo. Todavia, era desprovido de qualquer ambição política.

Além disso, ele atravessava nessa época uma crise dolorosa: sua saúde estava longe de ser satisfatória; numerosas preocupações o retinham numa expectativa cruel, que prejudicava seu entusiasmo.

Certamente, custava-lhe muito desiludir o generoso amigo que o estimava e cuja atitude o sensibilizava, porém era preciso tomar uma resolução; uma tal resposta não podia ser protelada.

Em 8 de maio escreveu-lhe:

“Sua carta tocou-me profundamente, meu caro presidente. É preciso um impedimento muito grande para ousar lhe responder negativamente. Apesar de tudo, me é penoso dar esta resposta.

Quantos homens de meu conhecimento acolheriam com uma justa alegria tais propostas e a oferta de um apoio tão generoso. Mas as exigências da matéria se impõem.

Eu lhe disse, e é cruel constatar em minha idade: caí num estado orgânico que me obriga a renunciar ao trabalho e às ocupações absorventes.

Estou na condição do navio que faz água e lança ao mar tudo o que possa aliviar a sua marcha. Precisarei renunciar cedo, sem dúvida alguma, à Liga e, até mesmo um pouco mais tarde, às funções que exerço na Casa J. Pillet.

Apenas a necessidade de assegurar meu futuro material e o dos dois velhos pais que Deus colocou a meu encargo é que me faz ainda lutar.

Minha vista, gravemente atingida, o estado de anemia e prostração a que me levou uma violenta doença de estômago são advertências imperiosas às quais não posso deixar de dar atenção.

Não há dúvida de que eu tinha alimentado a esperança de consagrar minhas forças e meios de ação a serviço de uma grande causa, talvez não precisamente a do progresso político, embora me seja cara; pelo menos, devo me consagrar a esta causa, ainda mais alta, da evolução científica, filosófica e moral, que interessa à humanidade inteira e oferece, do ponto de vista moral, a solução do maior problema que se apresentou, em todos os tempos, ao espírito humano: o de seus próprios destinos. É com este objetivo que eu me exercitava, manejando a pena e a palavra.

A constatação de meu estado físico e de minha impossibilidade de fazer o bem que havia sonhado me deixaram triste; não lhe ocultarei, já que foi tão benevolente comigo, que as coisas do mundo me aparecem cada vez mais sombrias.

É principalmente nessa hora que reconheço a necessidade de uma convicção poderosa na justiça eterna, na esperança das vidas renascentes, vidas de trabalho, de progresso para ajudar o homem a suportar suas provações, a fazê-los trabalhar pelo seu aperfeiçoamento, por seu melhoramento moral.

Devo, pois, renunciar, de uma forma definitiva (o senhor o compreenderá) aos projetos que idealizou para mim.

Guardarei deles uma não menos profunda e reconhecida recordação do generoso homem que se interessou por mim, que me estendeu a mão, convidando-me a gozar de uma situação que minhas preferências e meu enfraquecimento físico não me permitem jamais ocupar.”

Vê-se, pelo tom mesmo dessa carta, que Léon Denis saía de uma dolorosa provação, ao mesmo tempo de ordem física e de ordem moral. Seus deslocamentos contínuos, condenando-o à alimentação dos hotéis, haviam comprometido seu estômago. Suas múltiplas ocupações impunham-lhe uma sobrecarga prejudicial à saúde. Ao demais, sua vista lhe dava as mais graves inquietações.

Aos 35 anos, via-se restringido em seus recursos físicos, com a perspectiva de continuar sua vida sozinho, junto de seus pais, velhos e enfermos. Se sucumbisse na tarefa, seria a miséria para eles.

Tal como qualquer um, havia esboçado um projeto de casamento com uma jovem que ele amava sinceramente e por quem era amado, desejando estabelecer um lar, um refúgio contra as tempestades da vida.

Esperança irrealizável! Poderia ele, numa situação das mais modestas, submeter uma esposa a encargos tão pesados? Por outro lado, lhe era penoso, no ponto em que já estava, repartir-se

entre as doçuras, os cuidados da vida familiar e os compromissos cada vez maiores de uma missão, cuja revelação se aclarava cada vez mais.

Tais decepções e tais renúncias não ocorreram sem tristeza, e Léon Denis, mesmo com uma vontade da melhor têmpera, possuía também um coração extraordinariamente sensível e vibrante.

Felizmente, como o Dr. Belle havia notado, a alma era forte. Da provação aceita e suportada, ela devia sair vitoriosa, tendo recebido um novo alento.

## IV

# O apostolado

### Na liça

O ano de 1882 marca, em realidade, o início de seu apostolado. No decorrer desse curso doloroso que o destino lhe impôs, Denis se fecha sobre si mesmo para melhor medir suas forças, em face das duras etapas que deverá percorrer.

Assusta-se por não se sentir em boa forma para travar um tal combate.

Quantos trabalhos a cumprir e quantos obstáculos a vencer!

O Materialismo invade, em fortes ondas de maré deletéria, solapando os altos cumes da inteligência. O Positivismo domina na Universidade.

O idealismo é desprezado, o Espiritismo é objeto de chacotas. Os crentes de todas as confissões estão com os ateus, a ridicularizar e, se possível, aniquilar a nova Doutrina. Todavia, Léon Denis, o bom paladino, enfrenta a borrasca. Os companheiros invisíveis estão a seu lado para encorajá-lo na luta.

“Coragem, amigo – disse-lhe Joana –, estaremos sempre contigo na vida, para te sustentar e inspirar. Nunca estarás sozinho. Os meios te serão dados, a tempo, para cumprires tua obra.”

É a 2 de novembro, Dia dos Mortos, do mesmo ano, quando um outro acontecimento de capital importância se produziu em sua vida.

Aquele que, durante meio século, deveria ser seu guia, seu melhor amigo, mais ainda, seu pai espiritual, “Jerônimo de Praga”, comunica-se, pela primeira vez, em sessão espírita, no meio de um grupo de operários, num subúrbio de Le Mans, onde Léon Denis estava de passagem. Ele próprio nos relata o acontecimento:



“Por certo que nenhum dos assistentes conhecia a história do apóstolo tcheco. Eu sabia que o discípulo de Jan Huss tinha sido queimado vivo, como seu mestre, no século XV, por ordem do Concílio de Constança, mas naquele momento nem pensava nisso. Revejo ainda, pelo pensamento, a humilde casa onde fazíamos reunião, com 12 pessoas, ao redor de uma mesa de 4 pés, mas sem tocá-la. Somente dois operários mecânicos e uma mulher nela apoiavam suas mãos rudes e escuras. Eis o que a mesa ditou, por movimentos solenes e ritmados:<sup>36</sup>

Deus é bom! Que sua bênção se estenda sobre vós como orvalho benfazejo, porque as consolações celestes são prodigalizadas apenas para os que buscam a justiça.

Lutei na arena terrestre, mas a luta era desigual. Sucumbi, porém, de minhas cinzas surgiram defensores corajosos; eles marcharam na rota em que eu caminhei. Todos eles são meus bem-amados filhos.”<sup>37</sup>

No mês de março seguinte o ousado pioneiro espírita recebia de Jerônimo a garantia formal de uma assistência que não deveria faltar um só dia. “Vai, meu filho, no caminho aberto à tua frente; marcharei atrás de ti, para te sustentar.” E, como Léon Denis ainda pergunta se seu estado de saúde lhe permitirá estar à altura da tarefa, recebe a seguinte mensagem: “Coragem, a recompensa será mais bela!”

Desde esse dia, o jovem mestre se decidiu pelo caminho de onde não se pode sair, nem retroceder sem risco de uma queda irreparável.

“Em dez anos, deverás começar a luta”, lhe haviam anunciado seus guias. O tempo havia chegado.

Sua resolução, porém, está tomada; para o futuro escolheu seu lema: “Sempre mais para o alto!”

## Primeiro contato

Em 31 de março de 1881, pediram-lhe para proferir a tradicional homenagem no túmulo de Allan Kardec, no Cemitério Père-Lachaise.

Em dezembro de 1882 tomava parte preponderante nos trabalhos do Congresso de que iria resultar a fundação da Sociedade dos Estudos Espíritas.

O Dr. Josset presidia a reunião, assistido por Chaigneau e Delanne, pai, como secretários. Leymarie era, de alguma forma, o animador dessas primeiras sessões.

A Sra. Allan Kardec, então bem idosa, tinha sido posta ao corrente das disposições que iam ser tomadas e foi em perfeito acordo com ela que o presidente declarou que ela aprovava plenamente a ideia dessa ampla associação moral entre os espíritas franceses e a criação de um periódico – *O Espiritismo* – destinado a divulgar a Doutrina.

O Dr. Josset havia destacado o quanto a presença de Léon Denis era valiosa, num dia em que se deveria firmar a solidariedade entre os espíritas das províncias e os parisienses.

Denis, falando por último, lançou vibrante apelo para a concórdia e recebeu os aplausos da assembleia.

“O que não podemos registrar – disse a ata da reunião – é o calor, a inspiração, a majestade da linguagem do eminente conferencista. A assembleia estava presa à sua voz, sentia-se sua alma vibrar sob as palavras comovidas do orador.”

Na primavera seguinte, época em que retomava suas excursões, ele abordava em conferência uma questão que o cativava particularmente: “O Gênio da Gália”. Servindo-se dos trabalhos dos historiadores e dos filósofos, principalmente os de Henri Martin, E. Quinet e J. Reynaud, esclarecia esse grande tema com ideias pessoais, que deveria desenvolver mais tarde em suas obras.

Em abril, falava de “O Gênio da Gália”, sucessivamente, em Nantes, Le Mans, Vendôme, Tours, Angers e Châtellerault.

Os dirigentes do movimento espírita – é fácil de se adivinhar – desejavam a colaboração de um orador dessa envergadura. Pierre-Gaëtan Leymarie, que nessa época se ocupava do espólio da viúva de Allan Kardec, tinha pressa de encontrar Léon Denis para se entender com ele, desejando uma ação conjunta no interesse da causa.

Ele lhe escrevia, a 31 de maio, assegurando-lhe seu inteiro devotamento à obra kardecista:

“O Sr. Jean Guérin, de Bordeaux, o nosso amigo Lesard, de Le Mans, e este seu servidor pensam justamente que você deve nos ajudar em todas as iniciativas a favor do Espiritismo.

Pessoalmente, creio que você tem uma missão a preencher, que os jovens devem ter a oportunidade de demonstrar sua boa vontade e você, meu amigo, é um homem de boa vontade.”

Léon Denis lhe respondeu da forma mais clara e firme:<sup>38</sup>

“Tours, 13 de junho de 1883.

Caro senhor e irmão em crença,

No retorno de minha viagem, encontrei sua carta de 31 de maio.

Também meu pai me deu conhecimento de sua visita e das amáveis propostas que fez para mim.

Não posso senão aprovar suas intenções e fazer justiça a seus perseverantes esforços. Compromissos para com a firma de comércio, na qual tenho importantes interesses, não me permitem, no momento, aceitar uma obrigação permanente, trazendo certas responsabilidades.

Todavia, como no passado, estou disposto a consagrar minhas folgas à propaganda espírita. Assim que chegar a época das conferências, isto é, de setembro a abril, estarei à disposição das Sociedades e me dirigirei para as localidades onde minha presença possa ser útil, isso de forma sem-

pre gratuita e desinteressada, pois meus recursos pessoais me dispensam de recorrer a qualquer ajuda material.

Nesses limites, ficarei feliz em juntar meus esforços e meus meios de ação aos dos homens sinceros que, pela divulgação da Doutrina Espírita, trabalham na elevação moral e intelectual da humanidade.”

Léon Denis nunca se comprometia, levemente. Com ele, coisa prometida era coisa devida.

No início de novembro, ele estava no Grupo Regional de Le Mans para o dia de Finados, e esta data, já vimos, devia ser um dos acontecimentos mais marcantes de sua vida. Em Rochefort, a 14 do mesmo mês, ele falava das “Existências Progressivas dos Seres”. Em Cognac, a 16, depois em Agen, no dia 19, tratava do mesmo tema.

Sua atividade estava em constante progresso.

No ano seguinte ele repetiu o tema “O Gênio da Gália”, dedicando-se particularmente à “Vida de Joana d’Arc”.

Como esse assunto não haveria de requerer a sua atenção constante, visto que era um pouco por ele que se esclarecia o mistério da sua própria vida?

Sorella, o anjo da sabedoria, não estaria transformado em Joana, o anjo do amor sublime e do sacrifício?

Não estava ela com ele, como ele estava com ela e sua vida vinculada e unida à dela, ao longo dos tempos, indissolivelmente?

Do ponto de vista nacional, o milagre da donzela destaca-se como um dos acontecimentos mais característicos de nossa história em que são postos em evidência, para fins ignorados, os extraordinários recursos do gênio gaulês.

Desde então, Léon Denis mediu o campo de seu trabalho e fincou suas estacas num terreno sólido. Toda a doutrina de Kardec devia se movimentar, no ocidente, ao redor de um ponto central, que é o ideal celta, tocado pela graça cristã, sendo o Espiritismo um dos aspectos da irradiação da eterna verdade.

CERCLE TOURANGEAU

SECRETARIAT

Cher Monsieur P. G. L.

À mon retour de voyage  
j'ai trouvé votre lettre du 14 Mai. Mon père  
m'a fait également connaître votre vi-  
-site et les propositions bienveillantes  
que vous lui avez faites à mon intention.  
Je n'ai pu que l'approuver et me  
- rendre compte avec persévérance de vos efforts.  
Les engagements contractés envers la  
maison de commerce dans laquelle  
j'ai d'importants intérêts, ne me per-  
-mettent pas pour le moment d'accepter  
un mandat pareil au vôtre, et de souscrire  
certaines obligations. Mais comme  
par le passé, j'en ai toujours eu à cœur  
- de consacrer mes loisirs à la propagande

Fac-simile da carta de Léon Denis a P. G. Leymarie

spirité. Dès que la vision des confé-  
-rences sera terminée, c'est à dire de plus  
à l'Esprit, je serai à la disposition des  
sociétés et me rendrai dans les localités  
où mon présence pourrait être utile; cela  
d'une manière toujours gratuite et désin-  
-téressée, mes ressources personnelles me  
dispensent de recourir à un autre aide  
matériel.

Dans ces limites je fais au humanité  
depuis de mes efforts et mes influences à l'égard  
à ceux des hommes les plus qui; par la  
vulgarisation des doctrines spirituelles,  
travaillent à l'élevation intérieure et in-  
-tellectuelle de l'humanité:

My de la lune      Truly &c

Léon Denis

Fac-símile da carta de Léon Denis (continuação)

## Primeiras obras literárias

Em razão da propaganda das ideias que lhe eram caras, Léon Denis se exercitava, há uma dezena de anos, pela escrita e pela oratória. Todos os seus discursos eram escritos, antes de serem proferidos, daí a sua forma sempre impecável.

Suas primeiras publicações datam de 1880. Começou por um opúsculo de umas 50 páginas, com o título *Túnis e a Ilha da Sardenha*. Eram recordações de uma viagem pelo Mediterrâneo e países barbarescos.<sup>39</sup>

Essa pequena obra está escrita num estilo seguro e colorido, enriquecido de belas descrições e anotações muito originais.

Para Léon Denis, toda viagem contém material para uma avaliação aprofundada sobre os países visitados. Não é como diletante que ele os percorre, é mais como repórter. E que repórter esperto, preocupado com a exatidão, atento para tudo ver e compreender!

Uma excursão à Sardenha, naquela época, significava grande margem de imprevistos, para não dizer riscos reais. Portanto, após curta travessia, sai de Porto-Torrès, ponto de embarque para ir a Sassari, distante cerca de 20 quilômetros. O trem não é confortável.

“Foi na Sardenha – escreve ele – que vi, pela primeira vez, viaturas de quarta classe para passageiros. Essas viaturas são semelhantes aos nossos vagões cobertos para mercadorias. Ali fica-se de pé e uma barra de ferro horizontal, que existe no interior do veículo, é o que permite manter o nosso equilíbrio no momento dos choques. Uma população barulhenta e maltrapilha superlota essas viaturas desconfortáveis.”<sup>40</sup>

Em Sassari, num quarto que poderia conter 20 pessoas, e do qual a única janela, que é fechada em forma de muxarabiê,<sup>41</sup> dá para a praça do mercado, pode-se examinar, à vontade, os diferentes tipos de sardos de um forte colorido, pois é dia de feira.

“Os homens estão montados em pequenos cavalos fogosos. Todos usam um gorro de lã escura, longo e dobrado sobre a nuca. A extremidade, cheia de objetos desconhecidos, forma uma grande bola que saltita a cada movimento do cavaleiro. Eles vestem um sobretudo preto, sem mangas, camisa e culote largo em algodão branco, polainas pretas que vão até os joelhos. Outros agasalham-se com uma pele de carneiro, revirada, a lã por dentro, e presa na cintura. Esse costume, muito incômodo pelo calor, lhes dá um ar estranho. Parece que é um preventivo contra a febre que grassa por toda a ilha. Assim são os homens.

As mulheres se vestem com panos de cores brilhantes. Os corpetes são bordados de prata e de sedas com variadas cores, com belos desenhos. Esse corpete é aberto até à cintura e, sob a camiseta, deixa entrever todas as formas. As saias são vermelhas ou verdes, para as jovens, e azuis para as mulheres casadas.

Um toucado preso no alto da cabeça e caindo sobre os ombros, em sua maioria preto ou azul, com linhas amarelas, completa o vestuário que, geralmente, é caro e só é usado nos domingos ou dias de festas.”

O tipo sardo, bem moreno, é de estatura baixa, feio, e lembra os traços dos africanos.

Latinos, celtas, iberos, sarracenos ocuparam a ilha, em diferentes épocas e se instalaram nas melhores regiões. É o que explica por que ela ficou tanto tempo refratária à nossa civilização.

De Sassari a Cagliari, que se encontra no sul da ilha, Léon Denis é obrigado a fazer a viagem em diligência. São necessárias 20 horas, pelo menos, para atravessar a Barbaria desértica e selvagem. Dois carabineiros a cavalo, com o fuzil sobre a coxa, escoltam a carruagem, porque ataques a mão armada são frequentes na região.

Felizmente, a viagem acaba sem surpresas e o viajante chega ao fim do trajeto encantado por ter podido atravessar essa terra quase inculta, na época, porém tão rica em recursos variados,



onde o homem, ainda preso à ignorância e à superstição, ficou com seus costumes grosseiros e seus utensílios rudimentares, tal como podemos nos imaginar nas épocas primitivas.

\* \* \*

Uma estrofe das *Orientais* abre o capítulo sobre Túnis:

*A obscura cúpula das noites, semeada de astros mil,  
Mira-se no mar resplandecente e sombrio.  
A alegre cidade, fronte encoberta de sombra,  
Parede, deitada à beira do golfo que a inunda,  
Entre as luzes do céu e os reflexos das ondas,  
Dormir num globo estrelado.*

Já vimos Léon Denis, na sua viagem aos países barbarescos, circular nas tortuosas ruelas do Bey, após uma travessia das mais movimentadas.

Estas são suas impressões, que registramos aqui, em seu primitivo frescor:

“Gosto de me internar, ao acaso, nos quarteirões árabes de Túnis, buscando os recantos mais solitários, mais silenciosos.

As habitações, massas compactas de alvenaria, se assemelham a sepulcros. A vida ali se dissimula, dela só se ouvem alguns ruídos vagos e fugidios. Todavia, no meio desses blocos de pedra, algumas vezes aparecem pátios e jardins encantadores. no limitado campo que a abertura de uma porta, logo fechada, deixa para o nosso olhar, dá para ver pequenos quintais ornados de fontes, moitas de mimosas acácias, recantos plenos de frescor, animados pelo murmúrio das águas.”

O que ele não se cansa de ver são os mercados e os bazares, onde se concentra a vida exterior, a atividade da população indígena. Dela ele descreve um quadro vivo onde um detalhe agradável, a fina observação são admiravelmente postos em destaque. Todavia, ele tem medo de se deixar levar pelo encanto

langoroso da vida oriental, entre o sortilégio voluptuoso que emana das coisas.

Apressa-se em escapar desse perigoso encantamento, de rever “os ventos uivantes da sua pátria”, seu céu geralmente nevoento, seu clima variável que estimula o homem, levando-o ao cumprimento de suas tarefas pelo trabalho, “lei santa que todos os povos devem seguir”, sob pena de decadência e de morte.

\* \* \*

As mesmas qualidades de estilo, o mesmo frescor de impressões se encontram nas duas novelas que ele escreveu, provavelmente na mesma época: *O Médico de Catânia* e *Giovanna*, tendo esta aparecido inicialmente em folhetim na *La Paix Universelle* e depois na *Revue Spirite*, sob um pseudônimo. *O Médico de Catânia* é o mais antigo desses dois ensaios.”<sup>42</sup>

O manuscrito traz a indicação *Obra da Juventude*. Não é com a caligrafia do mestre; somente as correções estão com sua letra. O estilo ainda é, por vezes, hesitante, porém não destituído de reais qualidades.

“Oh! Os serões de inverno, ao canto da lareira!

Quantos sonhos deliciosos se apoderam da alma, ao ruído da lenha que crepita, dos sarmentos que se retorcem como serpentes de fogo, das brasas que desmoronam, levantando pequenas nuvens de cinzas. Sob a influência dessa vida intensa, misteriosa, que enche a lareira, quanto são agradáveis ao coração essas melancolias da noite, que aumentam à medida que ela se torna mais sombria em nossa volta.”

É assim que começa *O Médico de Catânia*.

Foi conversando familiarmente assim, os pés sobre as grades da lareira, que uma tarde um dos amigos do escritor, Marc T., contou-lhe as aventuras que foram o assunto da narração.

Marc T., contratado como engenheiro por uma companhia de exploração das jazidas de enxofre do Etna, embarcou para Marseille com destino à Sicília. Ele toma contato com essa fabulosa

terra, onde as ruínas dos templos gregos apresentam ainda suas linhas eternamente puras sobre um horizonte azul.

Amigo dos passeios campestres, apaixonado pela Botânica, ele encontra, no decorrer de uma excursão, o Dr. Foscolo, um dos mais célebres médicos de Catânia. Os dois homens se entendem e se tornam amigos.

Foscolo é um sábio e um iniciado. Passou sua juventude a meditar sobre as obras dos filósofos. Este homem latino é um discípulo de Allan Kardec. Os dois muitas vezes conversam sobre a Doutrina Espírita, no consultório do médico, ou se distraem com música, pois Foscolo conhecia todas as velhas canções sicilianas e possuía uma voz admirável. Nas horas vagas, o médico também era um inspirado poeta.

Tantos dons reunidos vão provocar entre seus conterrâneos inveja e ódio. Passaram a considerá-lo como um adepto das artes mágicas.

Durante uma de suas visitas aos pobres, que ele atendia gratuitamente, encontra uma menina abandonada, Rafaella, filha de miseráveis emigrantes do Prata.

Pressentindo nela uma descendente de elite, e movido por um sentimento de caridade cristã, adota a menina e a confia a uma velha camponesa de seu conhecimento. A mulher de Foscolo, porém, levantina<sup>43</sup> sensual, voluntariosa e cheia de instintos, interpõe-se entre o marido e sua protegida, quando ele quis trazê-la para casa.

Foscolo tornou-se o grande amigo da moça. Para o médico, ela era o anjo consolador.

Rafaella é amada por um perigoso contrabandista, cujo coração está envenenado de ódio contra o médico porque, não sem motivos, vê nele um obstáculo a seus perversos desejos. Certa manhã, descobrem, na estrada, Foscolo apunhalado. Esse trágico fim vem resgatar um crime cometido em vida anterior, do qual o doutor já havia tido a revelação.

\* \* \*

Em *Giovanna*<sup>44</sup> Léon Denis traça um esboço muito apurado do que se poderia chamar de romance espírita, gênero que foi abordado, desde então, por excelentes escritores com uma audácia que o sucesso justificou.

A ação se desenrola ainda na Itália.

Notamos, de passagem, a viva influência que exerceu em sua sensibilidade de escritor essa terra clássica das artes, cuja língua ele falava e cujos poetas gostava de citar.

A narrativa começa com uma admirável descrição do Lago de Como:

“Esse pedaço do céu da Itália, caído entre as montanhas, esse maravilhoso paraíso, onde reina a natureza, enfeitada para uma eterna festa.”

É em Gravedona, ao norte do Monte Lario, entre os altos cumes do Alpes, que se desenrola o tocante idílio do romance. O enredo é de extrema simplicidade.

Entre os pobres habitantes de Gravedona, a meiga Giovanna aparece como uma madona fugida de uma tela de Luini.

Giovanna é uma bela moça empenhada em socorrer a miséria em seu derredor; uma dessas naturezas especiais, que aparecem por um instante, entre os homens, para consolá-los por sua feiura física e enfermidade moral e que logo retornam à sua verdadeira pátria: o Céu.

“Giovanna Speranzi nasceu na Vila das Aroeiras, de onde são vistos, do vale, os terraços alvacentos.

Seus 18 anos escoaram nesses lugares bafejados pelo Sol e pelas flores. Dizem que a alma está ligada por secretas influências às regiões que ela habita e que participa da graça ou da rudeza do ambiente.

Sob esse céu límpido, no meio dessa natureza serena, cresceu Giovanna, e todas as harmonias físicas e morais se uniram para fazê-la uma maravilha de beleza e de perfeição.

Giovanna é alta e esbelta; sua tez é clara, seus cabelos louros, espessos e sedosos; sua boca é mimosa, dentes pe-

quenos e brilhantes, seus olhos são de um azul profundo e suave. A fronte tem um ar majestoso e de grande pureza.”

Quem não ficaria atraído por uma beleza tão encantadora?

Desde que aparece à porta do miserável casebre da viúva que ela protege, toda a casa se alegra, as crianças a rodeiam e lhe fazem festa.

Um dia, numa circunstância inesperada, uma violenta tempestade a coloca em presença de um jovem caçador, que veio refugiar-se na casa onde ela estava. É um jovem francês, Maurice Ferrand, filho de um político exilado.

Antigo aluno da Universidade de Pavia e um dos mais renomados advogados de Milão, Maurice Ferrand veio buscar, na casa de seu pai, que mora não longe dali, um repouso de que necessitava.

Poderia ver Giovanna, sem amá-la? Ferrand ficou perdidamente enamorado. Procura, desde esse dia, a companhia da moça e seu desejo se transforma em adoração.

“Quando ela estava diante dele, Maurice esquecia-se de tudo para contemplá-la e ouvi-la. O timbre de sua harmoniosa voz despertava em seu ser ecos de uma doçura infinita.

Nela ele via mais que uma filha da Terra, mais que uma criatura humana, era como uma aparição passageira, um misterioso reflexo de outro mundo, um tesouro de beleza, de pureza, de caridade, ao qual Deus dera forma sensível, para que, vendo-a, os homens pudessem compreender e almejar as perfeições celestes.”

A fé ardente da jovem e seu cândido amor emocionam de um novo ânimo a alma do rapaz, pondo em seu coração um orvalho de inefável frescor.

Seu noivado, no panorama sublime do lago, exalta, até ao delírio, a felicidade que os enlaça.

Entretanto, Giovanna não experimenta uma verdadeira alegria. Sabe que a felicidade neste mundo é um simples instante, um sonho fugaz.

De repente uma violenta epidemia de tifo se abate nessas regiões e, levando seus cuidados às famílias que protegia, Giovanna foi contagiada pelo terrível mal e morre após dolorosa agonia.

O belo sonho desmoronou-se. Maurice está arrasado, prostrado, o coração dilacerado diante da forma tão bela, tão querida e já fria. Em torno dele nada mudou: o lago tremula aos raios da Lua; tudo é luz e canto no seio da natureza suave e perfumosa.

Eis o que a morte fez de sua efêmera felicidade.

A morte? Não, a morte é apenas uma ilusão.

Giovanna lhe revelou sua verdadeira face que estava oculta sob enganosas aparências. A vida prossegue sua evolução eterna. A morte é apenas uma metamorfose.

Numa noite de inverno, quando, sozinho, Maurice medita sobre as páginas de um livro, diante da lareira, o anjo, materializando-se, reaparece, como outrora, a tocar ao piano sua melodia preferida e assim lhe dizer que nada pode separar os que verdadeiramente se amam.

Desde então, o jovem advogado é um outro homem. Nada lhe interessa mais na vida que o dever imperioso revelado por Giovanna. Proclamar a verdade, servi-la com todas as forças e por todos os meios será o objetivo de sua vida.

Tal é, imperfeitamente resumido, o enredo desse idílio tocante que, entre os encantos do belo lago lombardo, terminou brutalmente como, no outono, a magia das flores sob o brusco assalto das tempestades.

Assim, na obra austera do mestre, aparecem um instante essas figuras angelicais de mulher – Rafaella e Giovanna – como duas almas idealmente puras, duas flores de sonho revestidas de beleza ultra-humana, dignas, neste mundo, de ornar os jardins celestiais.

\* \* \*

O opúsculo *O Progresso*, publicado em 1880, sob os auspícios da Liga do Ensino, contém o texto de uma de suas primeiras conferências, texto ao qual acrescentou um complemento filosófico.

Dissemos, antes, que Léon Denis não podia, naquela época, desenvolver todo o seu pensamento em seus discursos. Estava preso a certas precauções, a certos preconceitos diante dos auditórios que não se encontravam preparados para pensar livremente.

A tese de *O Progresso* – lei de solidariedade que une todos os tempos e todas as raças – precisava de tempo para ser esclarecida.

“Quem sabe – dizia o orador, em sua conclusão – se um dia não viremos colher na paz e na alegria o que tivermos semeado na dor? O progresso só pode ser feito na imortalidade.”

Se a humanidade progride lenta e penosamente, é que ela não sabe de onde vem, nem para onde vai. Daí suas crises de desespero, suas revoltas contra o destino, suas blasfêmias contra Deus.

Por que isso acontece? Porque a humanidade ainda não acordou para a razão, porque ainda está acorrentada ao limo original. Se ela puder elevar-se aos cumes do espírito, compreenderá que uma vida não é nada, na série infinda das existências que precisamos percorrer, para adquirir tudo quanto nos falta. O homem é o artífice de seu destino, sua felicidade futura será sua obra.

“Uma a uma, forjaremos nossas próprias correntes.”

Chegamos, a cada uma das nossas existências, com uma nova bagagem, que é a nossa própria herança intelectual e moral.

Progredir é quebrar a escravidão da matéria, é ligar-se exclusivamente aos prazeres da inteligência e às alegrias do coração. É sofrer em silêncio, aceitar as provações com resignação, confiar na justiça eterna.

É com este argumento, desenvolvido com os meios de expressão mais simples e mais sugestivos, ao mesmo tempo, que deveria sair, em 1885, a célebre brochura *O Porquê da Vida*.

Em 70 páginas de texto compacto, Léon Denis expõe, a todo leitor de bom senso, liberto de ideias preconcebidas, o problema da existência.

Seu objetivo não era, especialmente, propor uma tese filosófica aos pensadores inquietos, mas, antes de tudo, levar aos que a vida castigava duramente, e a religião não pudera consolar, uma razão plausível de crença e de esperança.

“É para vós, oh! meus irmãos e irmãs em humanidade, para vós todos que o fardo da vida curvou, a vós que as ásperas lutas, os cuidados e as provações castigaram, que dedico estas páginas.”<sup>45</sup>

Que secreto motivo tinha ele para tentar uma demonstração tão arrojada?

Para tal tarefa os fracassos são incontáveis, não que seja nova a tese. Pitágoras e Platão, na antiguidade, tinham chegado perto desse problema ao qual Allan Kardec devia trazer, em nossos dias, uma confirmação original por meio da revelação dos espíritos.

Léon Denis, por sua vez, dava seu testemunho pessoal, que era o de um homem experiente e que estava preparado para semelhantes pesquisas.

“Refleti por longo tempo; meditei sobre os problemas da vida e da morte. Com perseverança, sondei esses profundos abismos. Dirigi à Eterna Sabedoria um ardente apelo e ela me respondeu, como responde a todo espírito animado pelo amor ao bem. Após ter duvidado, acreditei; após ter negado, eu vi. E a paz, a confiança e a força moral me envolveram. São esses bens que, na sinceridade de meu coração, desejoso de ser útil aos meus semelhantes, venho oferecer àqueles que sofrem e que se desesperam.”<sup>46</sup>

Léon Denis, após o Grande Iniciador, vinha aclarar a questão, confrontá-la com o ensino do Cristianismo, submetê-la aos métodos da ciência experimental.

Essa brochura, de um preço mínimo, de uma leitura agradável, obteve logo uma enorme aceitação na França, na Bélgica e em outros países, sucesso que ainda não terminou, tendo o autor se limitado, no decorrer das edições sucessivas, a rever o capítulo das Provas Experimentais.



## O Congresso Espiritualista Internacional de 1889

Era essa a bagagem, na verdade pequena, de suas obras escritas, quando se instalaram, em setembro de 1889, as primeiras assembleias mundiais do Espiritismo. A fama do orador e do escritor já era grande.

O congresso havia reunido as principais escolas espiritualistas: os kardecistas, os adeptos de Swedenborg, os teosofistas, os cabalistas e os rosa-cruzes.

A sessão inaugural foi presidida por Jules Lermina, assistido pelo filósofo Charles Fauvety, pela Duquesa de Pomar e por Marcus de Veze e Eugène Nus.

Vê-se que era um verdadeiro areópago<sup>47</sup> de celebridades. O relator dos trabalhos era nada menos que o Dr. Encausse (Papus),<sup>48</sup> um ocultista notável que, naquela época, dirigia a revista hermética *A Iniciação*.

A primeira Comissão se ocupava com o Espiritualismo em geral; e a segunda cuidava da Filosofia e questões sociais; a terceira, do Ocultismo; a quarta, da propaganda. Esta última era presidida por Léon Denis, que logo despertou a atenção dos congressistas e seu primeiro discurso foi entrecortado de aplausos.

“Com o olhar fixo em nossos ancestrais – dizia ele –, avançaremos, por nossa vez, e seus exemplos nos ajudarão a suportar as provações.

Não penseis que tenhamos a pretensão de igualá-los, de conseguir suas glórias. Oh! não, tal não é nosso pensamento. Pouco nos importa a apreciação que o futuro fará de nós. Que pereçam nossos nomes, nossas personalidades, nossas memórias, até mesmo nossa honra, se preciso for, contanto que a verdade triunfe, que ela se eleve acima das armadilhas que lhe são endereçadas e que um dia ela ilumine com seus raios e aqueça com o seu calor até mesmo aqueles que a negam e insultam.”

Sem dúvida, havia homens de um grande saber e alto mérito no Congresso, mas nenhum deles falava uma linguagem tão ardorosa, demonstrando tanta convicção. Léon Denis já se revelava o magnífico condutor de almas que iria ser durante toda a vida.

Esse primeiro congresso não ficou isento de desentendimentos muito fortes a respeito de certos pontos da Doutrina Espírita.

Foi no decorrer dessas discussões que o jovem mestre apareceu, pela primeira vez, como o mais seguro defensor da tese kardecista. O ilustre presidente do congresso não aceitou essa tese sem resistência, pois a considerava apenas uma hipótese de transição entre a concepção cristã e a concepção futura do destino.

No final de seu discurso de 11 de setembro, com todas as seções reunidas, o presidente emitiu a ideia de que, se cada alma, em particular, é uma emanção do pensamento eterno, uma alma universal e divina as reúne todas. Era a concepção panteísta, oposta a de um Deus cristão; e ele insistia:

“Vós não quereis acreditar em um Deus que não podeis conhecer.”

Então, uma indisposição súbita impediu o orador de continuar seu discurso. Imediatamente, Léon Denis pediu a palavra para apresentar suas observações. Após um curto preâmbulo, entrou logo no assunto, referindo-se às pequenas escolas dissidentes, que já criticavam a obra de Allan Kardec:

“Têm-se esforçado por divulgar, na França, um Espiritismo chamado positivista, uma doutrina seca e fria que nada tem de comum com o kardecismo.”

Então, tomando a defesa de Kardec, falou com um tato e um vigor admiráveis:

“Dizem que Allan Kardec tem sido muito econômico e deixou muito lugar em sua obra para as ideias místicas e católicas. Isso não é exato.

O mestre poupou o Cristianismo e não o Catolicismo. Allan Kardec manteve a moral evangélica porque ela não é somente a moral de uma religião, de um povo, de uma raça, mas porque é a moral superior, eterna, que reconstruiu e haverá de reconstruir tanto as sociedades terrenas como as sociedades do Espaço.”<sup>49</sup>

Lógico que com uma tal linguagem Denis demonstrava firmeza perante os cabalistas e rosa-crucianos.

Em seu relatório, na revista *L'Étoile*, então dirigida por René Caillé, o secretário-geral dessa publicação, o padre Rocca, sacerdote de alma ardente e coração abrasado por uma fé cristã, opinava sobre o orador, nestes termos:

“Devo destacar as calorosas improvisações do Sr. Denis, de Tours, que usou da palavra por mais de 30 vezes, sempre com o mesmo entusiasmo e o mesmo sucesso. Recordo-me, ao escutá-lo, da promessa de Jesus Cristo: “Quando tiverdes que testemunhar de mim, não vos preocupeis com o que ireis dizer: o Espírito aí estará e vos sugerirá todos os vossos discursos.”

O padre Rocca fizera uma apreciação justa.

### *Depois da Morte*

A primeira grande obra de Léon Denis, aquela que iria ter uma repercussão tão duradoura, apareceu no fim de 1890, com o título *Depois da Morte*, tendo como subtítulo: *Exposição da Filosofia dos Espíritos, suas bases científicas e experimentais, suas consequências morais*.

O Congresso Espiritualista Internacional, reunido no ano anterior, havia aprovado que se publicasse um resumo da filosofia espírita, em edição popular.

O autor havia, justamente, anunciado a seus colegas que estava elaborando uma tal obra:

“Será uma obra com 300 páginas, feita num espírito de ecletismo e de conciliação de todas as escolas, mas conservando como base o ensino do fundador da Doutrina, com seus princípios tão lógicos e tão sábios.”

Apesar de louváveis esforços, não conseguiu condensar o conteúdo em 300 páginas. O livro continha 334, porém jamais alguém se queixou.

Em seu número de 1º de fevereiro de 1891, a *Revue Spirite*, em artigo de Ernest Bosc, fazia uma substancial análise da obra e é desse trabalho que nos socorremos para avaliar a repercussão do livro nos meios espiritualistas da época.

“O autor – escreve Bosc – desincumbiu-se da tarefa que se impôs; satisfez, ao mesmo tempo, o desejo do congresso?”

E o crítico reconhecia que, do ponto de vista da propaganda, a obra está bem compreensiva e o plano excelente.

“É um *Enchéridion*, manual, posto ao alcance das inteligências mais modestas e, entretanto, um resumo completo dos ensinamentos dos espíritos. É a verdadeira Doutrina, no que ela possui de amplo, de permanente e, por assim dizer, de universal.”

A primeira parte do livro, descrevendo as grandes religiões da antiguidade, não agradava completamente ao autor, todavia era materialmente impossível fazer uma exposição mais clara e mais completa da questão em tão poucas páginas.

Num interessante artigo de *L'Initiation*, Papus fazia a mesma observação. Felicitando o autor por seus belos capítulos sobre a Índia, o Egito e a Gália, lamenta por vê-lo passar do Cristianismo ao Materialismo, sem falar do Hermetismo que, por todos os seus ramos, “assegurou a transmissão contínua da doutrina secreta no ocidente”.

A parte filosófica era em geral bem acolhida. Resumo notavelmente claro dessas grandes questões, é o mínimo que todo espiritualista deve conhecer.

“Dessa parte, nada de especial para se dizer, a não ser que ela é constituída por uma série de belos discursos, como Léon Denis os sabe fazer. A filosofia espírita ali está exposta em sua beleza e em suas grandes diretrizes. Vê-se ali a influência das ideias de Orígenes, tão estudadas por Allan Kardec, e a superioridade das concepções mais elevadas fornecidas pelas comunicações dos espíritos.”<sup>50</sup>

As duas partes que se seguem eram consideradas como modelos de clareza na exposição, como uma pequena enciclopédia do mundo invisível. Todavia, alguns o censuraram por não ter tratado a fundo as diversas influências em ação em certos fenômenos.

Quanto, porém, teria o autor que escrever? Era-lhe necessário relegar a um segundo plano as questões secundárias.

A quinta parte da obra conseguiu os elogios unânimes da crítica.

“A parte moral é uma verdadeira obra-prima. – dizia Bosc – Gostaríamos de vê-la numa separata; ela constitui, por si só, um pequeno tratado sobre a virtude que deveria estar nas mãos de todas as pessoas. Não é possível, após ter lido “O Caminho Reto” (parte quinta), não ser melhor que antes da leitura desse belo trecho filosófico.”

A mesma nota elogiosa se encontrava nos órgãos puramente literários, como a *Revue des Temps Nouveaux*, onde Gaston d’Hailly escrevia:

“Não conheço livro mais bem elaborado, escrito num estilo mais correto e mais elevado.”

Afinal, F. Martin, no *Moniteur*, de 15 de fevereiro, resumia o valor da obra em excelentes termos:

“Nesse quadro restrito, toda a Doutrina Espírita está exposta com uma lucidez e um encanto que tornam a leitura agradável e ao alcance de qualquer inteligência.

E agora, qual o objetivo que o Sr. Léon Denis se propõe, escrevendo esse livro? Certamente não o de exhibir ciência,

apresentar-se como pesquisador, fazendo do livro um pedestal, para se impor à admiração dos sábios e dos eruditos.

O Sr. Denis teve em vista um fim mais elevado e mais digno da missão a que se entregou.

Ele quis, diante das discussões sem fim que são levantadas, no mundo científico, sobre Deus, sobre a alma, sobre a realidade das comunicações do mundo terrestre com o mundo espiritual, restabelecer os verdadeiros princípios, tais como resultam das revelações que há mais de 40 anos os espíritos nos legaram.”

E o escritor ajuntava:

“Muito embora se discuta, interminavelmente, sobre a maneira como os espíritos se comunicam com os homens, um fato é verdadeiro: é que eles se comunicam.”

Antes da publicação da obra, em 29 de outubro de 1890, tendo Léon Denis feito, em sessão espírita, no Grupo de Tours, a leitura dos últimos capítulos, seu guia habitual, Edouard Périnne, assim se pronunciou:

“Vosso raciocínio foi muito seguro e nada há que acrescentar, nada a eliminar. Toda a verdade predomina, impõe-se e atinge o alvo; tudo é claro e elegante em vosso estilo.

Para as massas que devem ler e que, espero, lerão estas páginas, soubestes amenizar certos pontos amargurados, despertando-lhes a imaginação. Quero referir-me ao tempo, que geralmente escoia entre as provações impostas e a recompensa.

Devo reafirmar todo o encanto dessas páginas, apesar da gravidade do assunto.”<sup>51</sup>

Nada há que acrescentar a esta apreciação do nobre espírito que, durante tantos anos, serviu de instrutor e de conselheiro ao autor desse admirável livro.

Era o primeiro fruto, perfeito e substancial, de uma colaboração com as entidades tutelares que não deixariam mais de assisti-lo em seus trabalhos. E por isso prestou a seus fiéis ami-

gos invisíveis uma homenagem, na obra escrita sob sua inspiração:

“Aos nobres e grandes espíritos que me revelaram o mistério augusto do destino, a lei do progresso na imortalidade, cujos ensinamentos reafirmaram em mim o sentimento da justiça, o amor pela sabedoria, o culto ao dever, cujas vozes dissiparam minhas dúvidas, suavizaram minhas preocupações; às almas generosas que me sustentaram na luta, me consolaram nas provações, elevaram meu pensamento até às alturas luminosas onde reside a verdade, eu dedico estas páginas.”

O sucesso da obra, desde seu aparecimento, foi rápido e nunca mais diminuiu. Sua repercussão foi imensa no público espiritualista e no público em geral.

Valeu ao seu autor cumprimentos sem reservas; melhor que os cumprimentos, as homenagens de gratidão, impulsos de reconhecimento verdadeiramente tocantes.

Esses sucessos e esses elogios não partiam especialmente das classes populares, pouco aptas a distinguir as qualidades de um livro; vinham, principalmente, de homens de uma cultura superior, como testemunha esta carta do diretor de um grande jornal do sul, que transcrevemos em suas passagens principais. Ela está datada de 1º de outubro de 1891.

“Quanta satisfação não deve o senhor estar sentindo, não somente por ter produzido uma tal obra, porém, melhor ainda, recebendo, desde agora, a recompensa de vossa boa ação, vendo virem até o senhor os numerosos adeptos, tão reconhecidos pelos pensamentos profundos, plenos de beleza e de elevação, colocados com uma rara profusão em sua notável obra.

Entretanto, essa justa e animadora recompensa não se poderia, disso eu estou seguro, igualar à suprema alegria que desfruto, desde que meus olhos se abriram para a luz; que minha inteligência, até aqui obscurecida, se esclareceu, para se afirmar com segurança, diante das incertezas do amanhã; que minha razão, singularmente fortificada, bus-

que em minha consciência, tornada calma e segura, o repouso benfazejo que a dúvida, a dúvida atroz, afastava, sem descanso, a cada etapa dolorosamente vencida...

Permita-me confessá-lo, porque esta confissão não o poderá deixar insensível; meu dever está agora traçado.

Esforço-me por fazer brilhar a luz em meu derredor, sem temer as zombarias que vejo surgir de todos os lados, sustentado pela nítida consciência das obrigações que me incumbem, reconfortado pela nobreza e grandiosidade do combate.

Não falharei em minha tarefa. E se a fadiga nascer pelo esforço, eu buscarei, então, nos nobres ensinamentos que recebi do senhor, a força e a coragem de que terei necessidade para cumprir o que me parece hoje como a mais bela e a mais elevada das missões.”

Quando o autor, alguns anos mais tarde, tirou uma edição de seu livro, revista e consideravelmente aumentada, as apreciações da imprensa se fizeram ainda mais elogiosas. Alexandre Hepp, no *Le Journal*, escrevia:

“Existe um homem que escreveu o mais belo, mais nobre e mais precioso livro que eu jamais li. Seu nome é Léon Denis e seu livro: *Depois da Morte*.

Leiam-no e uma grande piedade, mais libertadora e fecunda, virá subitamente da manifestação de nossas tristezas, de nosso medo da morte e de nossa grande dor por aqueles que acreditamos perdidos.”

*Le Temps*, por sua vez, apresentava a obra nestes termos:

“Este livro é realmente notável. Possui todas as qualidades que lhe podem assegurar sucesso. Embora eminentemente clássico, profundo e sério, suas páginas irradiam uma viva luz e estão impregnadas de uma ardorosa eloquência.

Como seu título indica, ele trata do formidável problema do destino humano e dá uma solução a essa questão tão controvertida em todos os tempos: o porquê da vida. Pro-



blema árduo, em verdade, porém tratado com um tal encanto de estilo e de elocução que, em todo o livro, não se encontra uma única página de leitura fatigante ou desprovida de interesse.”

Em *L'Eclair* há os mesmos louvores que certas reservas valorizam e destacam.

“Este livro é destinado a satisfazer os curiosos do mistério do Além. Nele o autor defende o Espiritismo com uma rara convicção, sustentada por um talento de grande escritor. Seu estilo é claro, rápido, de uma correção irrepreensível, geralmente brilhante e poético, mas sem vãs fraseologias.

Certamente, pode-se não partilhar das ideias do autor, mas é preciso respeitar o sentimento que o inspira, e não se pode negar à sua nobre sinceridade a simpatia de que obra e autor são igualmente dignos.”

Dizia Ducasse-Harispe em *Analyse et Synthèse*:

“O livro todo é bom e incentiva a nos tornarmos melhores.

Lede este livro. É de uma filosofia serena e profunda, numa linguagem florida e brilhante. Certas páginas são de uma eloquência magnífica e todas irrepreensivelmente corretas. É um livro sério como um eucolégio<sup>52</sup> e atraente como um romance. É livro para se guardar e tornar a ler.

No dilúvio das produções inferiores ou grosseiras que invade as livrarias e bibliotecas, a obra do Sr. Denis é uma flor desgarrada, que flutua na maré infecta.

Quando existem homens que escrevem livros dessa natureza e outros homens para apreciá-los, pode-se esperar que surgirão, em nosso país, dias melhores, que nem tudo está perdido e que o saneamento moral de nossa querida França não é sonho vão.”

No meio do elogio unânime, havia uma nota discordante: era a de Gaston Méry, diretor do *L'Echo du Merveilleux*, que apresentava Léon Denis como um “sacerdote da religião espírita”.

Após haver reconhecido a beleza da forma, põe o leitor de sobreaviso contra os perigosos erros que o autor propagava: “Esse livro, em si, é muito bem-feito”.

A crítica vinha em seguida, mas não alcançava o alvo. Segundo ele, o Espiritismo de Léon Denis era uma compilação do Cristianismo, mas sua doutrina conduzia necessariamente à negação das três virtudes essenciais: a fé, a esperança e a caridade, e à substituição, nas almas, da ideia do dever pela do orgulho.

A crítica prosseguia nesse tom, para terminar assim: “Quando o Espiritismo tiver seus mártires, como o Catolicismo, poderemos retornar ao assunto”.

Era, como se vê, uma argumentação das mais simplistas.

À crítica apaixonada de um literato, opoemos esta página entusiástica de um leitor, em quem a obra de Denis produziu uma repentina transformação nos seus sentimentos e suas ideias.

Esse homem acabara de perder sua mulher, ateaia como ele. Dois meses se passaram depois desse acontecimento.

Posto diante do problema que teremos um dia que enfrentar, em toda a sua grandeza angustiante e sublime, caiu em si, meditou, investigou os mistérios, as religiões, leu os filósofos. Eis o que ele, comovido, escreveu a Léon Denis:

“Eu não ignorava, de todo, o que era o Espiritismo, mas quando se está bem de saúde, longe ainda da velhice, esperando ainda muito tempo de vida, para aproveitar bem todos os nossos sentidos, por que se preocupar com essas questões do além?”

Diante da imensidade dos mundos, às vezes se tem a intuição, até mesmo a certeza de uma Inteligência Criadora, mas essa impressão é logo substituída por preocupações menos abstratas.

Deus só nos interessa em fugazes aparições. Pensa-se, antes de tudo, em se viver e em viver bem. De repente, abre-se diante de nós o abismo da morte.

Tenho lido, desde então, os livros de Allan Kardec. Li os vossos e ainda outros, que tratavam das questões espíritas.

Li *Depois da Morte* e chorei as mais abundantes e mais sinceras lágrimas de minha vida.

Escritores, jornalistas e pensadores vos têm dito que escrevestes um belo livro. Não é só isso.

Este livro, eu gostaria de ser rico, muito rico, para editá-lo aos milhões e vê-lo em todas as mãos, por toda a Terra. Nada já foi, nem será jamais escrito em nenhuma língua, que possa ter sido tão grande e tão belo.”

Quando um livro recebe tais homenagens, é porque possui em suas páginas a centelha sagrada.

Eis como o considerava o Dr. Panaït Istrati, inspetor-geral do Ensino Superior, ministro da Instrução Pública da Romênia, quando escrevia ao autor:

“Vosso livro *Depois da Morte* é um dos melhores que conheço. Uma tal obra, para uma sociedade como a de meu país, a qual, embora jovem, já está corroída pelo materialismo rasteiro, seria muito útil para elevar os caracteres, alargar o pensamento puro e nos fortificar na luta pela existência, lembrando ao homem o fim nobre da vida e seus deveres para consigo e seus irmãos. Eis por que vos peço autorização para traduzir em romeno vossa obra.”

Quando um semelhante elogio viria da Universidade de França?

## **As grandes conferências**

Suas grandes excursões de conferências começam a partir do Congresso de 1889. Naquele mesmo ano ele desenvolve, em sessões polêmicas, o tema “O Materialismo e o Espiritualismo Experimental perante a Ciência e a Razão”.

Em 1890 só fala uma vez em público, por estar completamente absorto na elaboração de sua obra, mas no ano seguinte empreende um roteiro de propaganda intensa no sul e depois na Normandie.

Convidado pela Sra. Agullana a ir a Bordeaux, pronuncia, em maio, duas conferências no Ateneu, perante um auditório numeroso, porém bastante refratário.

O Espiritismo, violentamente combatido naquela cidade por escolas rivais, ganha pouco terreno.

Em Toulouse, todavia, Léon Denis desenvolve o mesmo tema, no mês seguinte, diante de um público menos obstinado.

Jean Jaurès, então professor de Filosofia no Liceu e vice-prefeito, cedeu-lhe, facilmente, a sala de conferências da Faculdade de Letras. Os dois tiveram uma entrevista, no decorrer da qual o ecletismo de Jaurès se revelou. Isto, mais tarde, o faria conhecido como um dos mais poderosos tribunos.<sup>53</sup> Entretanto, estava bem claro, naquela época, que os espíritas e os ocultistas não se entendiam.

Controvérsias muito ásperas surgiram por toda parte, como em Bordeaux, entre os elementos pertencentes às duas escolas. Os ocultistas achavam que o Espiritismo, sem as necessárias cautelas, conduz a um terreno ainda desconhecido e generaliza muito apressadamente.

Os espíritas negavam a existência dos “elementais” e, com isso, em pouco tempo criou-se divergência sobre pontos fundamentais. Quando essas discussões não se fazem abertamente, elas tomam, sob o pretexto de conversações particulares, um caráter às vezes bem ofensivo.

Léon Denis sofria com esses mal-entendidos. Procurou, junto a seus guias, aconselhar-se e documentar-se; confiante, seguiu, sem fraquejar, o caminho traçado.

No intervalo das viagens, recebe de seus guias, no Grupo de Tours, os mais irrestritos encorajamentos:

“Queremos vê-lo partir corajosamente – afirmam-lhe.

Os espíritos que o protegem e que, com grande poder, o ajudam não o abandonarão. Consolide sua vontade com esse poderoso apoio e, apesar da fadiga e dos aborrecimentos, com os quais não queremos que se assuste, você ficará calmo, graças a essa boa e segura proteção.”<sup>54</sup>

Convém se diga que, a esses aborrecimentos, juntam-se decepções mais graves. Nem todos os espíritas mostram o desprendimento desejável. Muitos aparentam sentimentos que seus atos desmentem. O amor-próprio exagerado e o orgulho prejudicam em muitos deles as qualidades verdadeiras e os inegáveis dons. Entretanto, não convinha atacar ninguém; ao contrário, devia-se evitar ferir suscetibilidades. A circunspecção se impunha.

É nessas condições desfavoráveis que Denis deveria, um pouco em toda parte, reacender o zelo que diminuía, recolocar no bom caminho a Doutrina que se extraviava – tarefa infinitamente delicada e ingrata.

Podemos adivinhar suas perplexidades, suas preocupações. Ele está quase só, para assumir semelhante tarefa. Então, Denis se pergunta se está realmente preparado para levar uma obra de tal porte ao objetivo proposto.

Fisicamente cansado por um trabalho sem descanso, vendo sua vista diminuir cada vez mais, teve que conciliar suas ocupações diárias, seus trabalhos de escritor, realizar constantes viagens e roteiros de propaganda, que exigem uma séria preparação.

Algumas vezes queixa-se disso a seus amigos invisíveis e solicita, não uma substituição, mas um descanso momentâneo. “Coragem – eles lhe respondem –, cuide da saúde e prossiga; estaremos a seu lado.”

Léon Denis vai, muitas vezes fatigado, deprimido, onde o dever o chama: a sala foi alugada, o público avisado e seus irmãos em crença o aguardam. Como não corresponder a tal confiança? Às vezes ele vai apreensivo por suas forças que fraquejam, mas sem nunca duvidar do apoio misterioso que lhe foi assegurado. Ele fala, e um novo sucesso o acolhe.

Estava nessa etapa de sua vida, quando recebeu, em 1892, da Duquesa de Pomar, um insistente convite para falar de Espiritismo no palacete dela, nas famosas reuniões que congregavam as pessoas mais notáveis e célebres de Paris. Tal convite, muito honroso, representava, entretanto, um esforço especial e a hesitação do mestre era natural.

Até aquele momento, Léon Denis só havia falado para auditórios heterogêneos, onde dominava o elemento popular. Agora tratava-se de uma plateia constituída de senhoras da alta sociedade, de lindas damas movidas pela curiosidade, de homens da alta roda e de sábios acadêmicos, mais ou menos cépticos. Que resposta deveria dar?

“As dificuldades para convencer são maiores – responderam-lhe seus habituais conselheiros –, mas o sucesso, quando se consegue, gratifica mais do que nos ambientes pouco selecionados.”

Léon Denis aceitou o convite. O magnífico sucesso de sua obra tinha atraído para ele a atenção do público culto. O autor de *Depois da Morte* era agora muito mais que um conferencista provinciano, ele acabava de se classificar como um escritor de primeira ordem. Os grandes jornais, as revistas ecléticas lhe haviam feito uma propaganda inesperada; as edições sucessivas de seus livros se esgotavam com rapidez.

Lady Caithness, Duquesa de Pomar, reunia, então, em seu palacete da Rua de Wagram, a elite da sociedade parisiense. Dava não somente esplêndidos bailes, mas convidava para essas festas os músicos mais talentosos. Pedia, igualmente, aos conferencistas de renome para ali virem discorrer, um após o outro, sobre assuntos da atualidade de então.

O Palácio d’Holyrood era uma admirável evocação do século XV. Era constituído de salas que podiam rivalizar com os mais suntuosos salões do Louvre ou de Fontainebleau. Havia nessa extraordinária residência um vestíbulo imenso, que servia de salão de festas, salões revestidos das mais ricas madeiras e tetos com brilhantes arabescos.

Ao demais, a Duquesa, ocultista fervorosa, franqueava aos iniciados o famoso oratório consagrado a Marie Stuart, com a qual dizia comunicar-se por via mediúnica.<sup>55</sup>

Acrescentemos que Lady Caithness, mulher de alta cultura, dirigia, na época, *L’Aurore*, revista mensal de Logosofia (Ciência do Logos ou Cristo). Em suas páginas encontravam-se artigos da Sra. Adam e de Edouard Schuré; outros escritores espiritualis-

tas conhecidos ali figuravam igualmente. Um círculo de estudos psíquicos também fazia parte da revista, cujo secretário-geral era o padre Petit. *L'Aurore* tratava principalmente do Cristianismo esotérico.

Foi no salão de festas desse palacete, ao qual já me referi, que Léon Denis pronunciou, em 7 e 14 de junho de 1893, duas conferências sobre o Espiritismo. O senador Dide, o padre Petit, Joseph Fabre e Flammarion ali haviam falado, anteriormente, sobre ciência, história e Astronomia.

Nos apressamos em dizer que o orador de Tours foi religiosamente ouvido. Entre os assistentes estavam as pessoas mais importantes da capital, ao lado de duquesas, baronesas, marquesas, acadêmicos, escritores e artistas: Appert, Edouard Schuré, Dr. Darier, etc.

Eis os termos em que *Le Journal* narrava uma dessas apresentações:

“Reunião das mais elegantes foi realizada ontem, na residência da Duquesa de Pomar, para ouvir a conferência de Léon Denis sobre a “Doutrina Espírita”. Com uma eloquência muito literária, o orador soube encantar seu numeroso auditório, falando-lhe do destino da alma que pode, disse ele, reencarnar neste mundo até conseguir a perfeição. “Ele tem a alma de um Bossuet!”, exclamou um entusiasta espiritualista.”

Mais tarde, um antigo frequentador de Holyrood, em *L'Événement*, escreveu que as belas ouvintes seguiam, com uma atenção emocionada, os comentários severos do orador, que as conduzia bem além de suas habituais preocupações, para horizontes inesperados. Realmente, que importam a vestimenta e os enfeites? A alma das mulheres não tem as mesmas preocupações, em face dos grandes mistérios?

No ano seguinte Léon Denis devia fazer, em Holyrood, com o mesmo sucesso, uma outra conferência sobre “O Problema da Vida e do Destino”.

Nesse mesmo ano de 1893, em novembro, discorria, em Lyon, sobre uma série de temas, em voga na época: “As crenças

e as negações de nossa época”, “O Espiritismo perante a Ciência” e “O Espiritismo perante a Razão”.

Nessa cidade, como em Bordeaux, a hostilidade era patente. A imprensa local havia se recusado a anunciar as conferências. O presidente da Federação Lionesa, o valente Henri Sausse, fez questão de destacar semelhante indiferença. Léon Denis, que se fizera ouvir e aplaudir na Faculdade de Toulouse e na Universidade de Genebra, via-se – dizia Sausse – impedido de falar na sala do Palácio Saint-Pierre, por uma municipalidade intolerante, que sofria secretas influências.

As conferências se realizaram, então, no salão de festas da cervejaria das estradas de ferro, perante cerca de mil assistentes, no meio dos quais havia muitos magistrados e eclesiásticos.

No decorrer da última conferência, o padre Favie, Doutor em Teologia, pediu ao orador para lhe fazer, de público, uma série de perguntas, não especificadas. Léon Denis não se recusou em atendê-lo. Em consequência, atrasou sua partida por oito dias. O debate anunciado se efetuou diante de um auditório de literatos, curiosos e partidários de ambos os lados.

Denis falou sobre a tese espírita e os dogmas católicos. O debate foi caloroso e os lances emocionantes. Os dois debatedores, fortemente documentados, se apegaram aos textos da *Vulgata*, sobre passagens dos *Evangelhos*, particularmente ambíguas, durante várias horas.

O padre Favie, diz o relatório, provocou, muitas vezes, aplausos calorosos pela independência de suas apreciações e também pela sólida erudição exegética. Quanto a Léon Denis, sempre rápido nas respostas e vigoroso no ataque, foi particularmente brilhante na sua defesa da Doutrina.

Como acontece, geralmente, nesses debates oratórios, os dois debatedores mantiveram suas opiniões, no meio de seus respectivos grupos, após comprovarem igual talento.

Mas o embate estava feito. Desses confrontos devia surgir, mais tarde, uma brochura, em resposta aos ataques do clero romano, ataques que se faziam, cada vez mais ásperos e violentos.<sup>56</sup>



Em Bordeaux, no ano seguinte, as mesmas conferências foram pronunciadas para um auditório culto, na sala do Ateneu, obtendo estrondoso sucesso. O vento havia virado e nada conseguia desanimar Léon Denis, soldado de uma causa que ele considerava sua.

Comparecia a todos os auditórios, porém preferia os homens do povo: camponeses, operários, pequenos artesãos, que não estão envolvidos por ideias preconcebidas e que conservavam uma simplicidade de coração que fazia inveja a muitas pessoas cultas. Ele mesmo, filho do povo, de origem humilde, apreciava-os, por ter vivido muito tempo perto deles e partilhado de suas vidas laboriosas.

Estivera, anteriormente, em Liège, em Seraing e em Verviers, e retornara à Bélgica, na primavera de 1892, para pronunciar uma série de conferências sobre os temas habituais.

No começo de 1895, haviam-lhe pedido para falar sobre Espiritismo em Borinage, diante de auditórios quase exclusivamente compostos de operários em minas de carvão. Foi ali que ele abordou, pela primeira vez, a questão do Espiritismo Social, assunto que deveria desenvolver, mais tarde, com maior amplitude e maturidade.

Dessas viagens de propaganda à região dos valões,<sup>57</sup> trouxera vários casos pitorescos que ele gostava de contar, com seu humor sorridente e inimitável. Àquela data, sua reputação como orador havia transposto as fronteiras da França. Já não podia atender a todos os convites e por toda parte os salões lotavam.

Na época, dois valorosos valões, V. e O. B., decidiram proporcionar uma divulgação mais rápida ao kardecismo, na Bélgica, por meio de numerosas palestras e conferências, mas faltavam oradores de envergadura.

O. B. era fervoroso adepto da Doutrina Espírita, mas não sabia manejar a palavra e, quando abordava uma questão perante seus amigos ou familiares, atrapalhava-se e não sabia responder às perguntas de improviso e era humilhado com zombarias.

“Vocês triunfaram, senhores – dizia ele aos zombadores –, porque não sei falar, mas, paciência! Ainda hei de convertê-los.”

Para tanto, apelou para um seu amigo, bem falante, vagamente espírita, sobretudo um bom beerrão de chopes.

No dia aprazado, para uma assistência numerosa – conseguida à custa de muitos cartazes e anúncios na imprensa local –, o orador inscrito, mais inibido do que era preciso, por causa do excesso de bebidas, não sabia como encontrar as palavras e acabou dormindo diante de seu copo d'água, apesar dos desesperados esforços do azarado propagandista.

Pode-se adivinhar o efeito produzido na região por causa do lamentável fiasco.

Foi então que Léon Denis foi convidado por O. B. para restabelecer uma situação tão gravemente comprometida. Ele aceitou. Os gracejadores, já avisados, compareceram em massa à nova convocação. Mas, dessa vez, a escolha havia sido mais feliz. O bom humor e a simplicidade encantadora do orador, o tom de sinceridade de sua palavra e a força de seus argumentos produziram bons resultados e o auditório foi conquistado.

Léon Denis amava essas populações de mineiros, rudes, porém não destituídos de sólidas qualidades, apesar dos vícios decorrentes de seu gênero de vida, tão penoso e tão precário naquela época. Até o final de sua propaganda oral, não passou um ano sequer sem rever os mineiros valões da bacia de Charleroi, com seu espírito tão franco, tão compreensivo, e, paralelamente, também visitava seus outros amigos belgas.

As conferências que ele fez em Bruxelas, Anvers, Charleroi, Jumet-Gohissart e Verviers foram particularmente animadas, proveitosas, por causa dos debates sempre corteses que provocavam.

Léon se achava então em pleno apogeu de seu apostolado. Consagra o ano de 1895 à exposição de “O Problema da Vida e do Destino” e de “A Ideia de Deus”.

No ano seguinte é “O Milagre de Joana d’Arc” sua missão espiritual, que requer quase exclusivamente seus esforços. Em 1897 marca um recorde: 25 conferências sobre assuntos anteriormente tratados.

Está na liça, por toda parte: Bruxelas, Anvers, Nancy, Blois, Lyon, Grenoble, Montpellier, Toulouse, etc. Em 1898, por ocasião do cinquentenário do Espiritismo, expande ainda mais seu campo de ação; fala em Haia, depois desce para Marseille para os roteiros de costume. Em 1899 ainda faz 14 conferências sobre “O Espiritismo no Mundo e a ideia de Deus”.

Nessa época Léon Denis desenvolve uma atividade enorme. Sem, contudo, deixar a Casa Pillet, vê-se obrigado a reduzir o tempo que ainda consagrava aos compromissos comerciais. Sua tarefa o absorve cada vez mais e a elaboração de outra grande obra já estava no final.

Apesar da extenuante tarefa que deveria cumprir, o valoroso lutador experimenta uma grande alegria interior.

Já se aproxima o dia – hora tão almejada – em que, tendo conquistado sua independência econômica, poderá dedicar-se, sem reservas, a seu caro labor – digamos melhor –, à sua missão.

Já é tempo; seu organismo cansado pede, imperiosamente, prudência, cautela e cuidados vigilantes. Sua fraqueza de peito, uma tosse persistente com inflamação das vias respiratórias, o obrigam a fazer um tratamento termal.

Vai, sucessivamente, por ocasião de suas férias, a Uriage, depois a Mont-Dore, a Cauterets e a Allevard. Desta última estação, escreve à sua mãe que, durante sua ausência, jamais ficava sem notícias:

“Querida mãe, acabo de chegar a Allevard. Fiquei no Hotel do Louvre. Eis aqui a foto da montanha que escalei em 13 de julho e de onde se tem uma vista esplêndida das geleiras da Meige e do Pelvoux. Mando-te um beijo.”

Como de hábito, no cartão postal ilustrado que serve para a correspondência, uma cruz feita à tinta, sobre o pico culminante de Tête-de-Maye, indicava o ponto atingido pelo intrépido alpinista.

No dia seguinte escreve de Grenoble:

“Querida mãe, terminei todas as minhas excursões. Amanhã, de manhã, estarei em Allevard. Não sei se vocês

sentiram calor, em 14 de julho, em Tours, mas, quanto a mim, dormi no chalé, marcado neste cartão, no Lautaret, no meio das geleiras. O cartão postal apresenta um desfiladeiro. Eu estava gelado. Mando-te abraços.”

Com que alegria, nos anos seguintes, ele retorna ao meio vivificante de suas queridas montanhas! Excursiona, em todos os sentidos, mergulha deliciosamente no seio da natureza selvagem, respira o ar puro dos picos, goza inteiramente desse descanso necessário, dessa curta trégua no labor singularmente complicado da vida costumeira. Léon Denis está feliz!

\* \* \*

O Congresso de 1900 abriu a campanha de conferências do ano. Ele deveria usar da palavra sete vezes, no mês de novembro: em Lyon, Grenoble, Pierrelate, Pont-Saint-Esprit, Avignon e Arles.

Em dezembro, atravessou o Mediterrâneo para falar em Argel, no prédio da prefeitura, perante uma seleta plateia, nos dias 16, 25 e 27.

Assim que chegou, escreveu para a mamãe Denis:

“Querida mãe, cheguei ontem à tarde, após uma travessia magnífica. Mal desembarquei, fui cercado de visitas.

O General N. estava no hotel, antes mesmo que eu tivesse recebido minha bagagem. O Sr. e a Sra. A. e outras pessoas me esperavam no cais. Tive que jantar com eles. Estou hospedado no Hotel da Europa, cuja foto está neste cartão. Meu quarto está no lugar onde eu fiz uma cruz. Tenho uma admirável vista para o mar e a cidade. Faz tanto calor, que não se pode suportar um sobretudo. O céu é de um azul profundo.

P.S. – Irei a uma recepção, na casa do General, e domingo, em casa da Sra. C.”

Tendo as duas conferências previstas sido muito aplaudidas, como de costume, foi então realizada uma terceira reunião, privativa, na Prefeitura, a fim de se fundar um Grupo Argelino.

Isto feito, e após festejar o natal entre seus amigos, embarcou em 1º de janeiro.

Ocupado na preparação de seu novo livro, só continuou suas viagens de propaganda no fim do ano, visitando de novo Flandres e a Bélgica, realizando nove conferências sucessivas, de 3 de novembro a 15 de dezembro.

No retorno, reviu sua Lorraine natal e deteve-se em Nancy onde falou para um auditório superlotado.

No dia seguinte escreveu para sua mãe um bilhete:

“Querida mãe. Minha conferência realizou-se ontem à noite e provocou um verdadeiro entusiasmo. Os habitantes de Nancy são tidos como pessoas indiferentes, mas tal não aconteceu comigo. Daqui a pouco teremos reunião na casa do Sr. G., para analisarmos os meios de organizar o Espiritismo em Nancy. Recebi, dessa brilhante e distinta sociedade, uma cativante acolhida.

Amanhã de manhã partirei para Vaucouleurs e Dormremy, que faço questão de visitar; depois irei a Bar, dia 13, para uma conferência. Pediram-me uma conferência para Verdun, onde falarei, provavelmente, no dia 21 ou 22. Serão mais três dias de atraso. Um abraço.”

Em 1902, no mês de março, proferiu uma palestra em Tours, dando suas impressões sobre Lorraine; depois visitava a Bretagne, Nantes e Lorient. Em seguida foi para o sul, conseguindo completo sucesso, diante de auditórios seletos em Agen, Toulouse, Pau e Bordeaux.

No início do ano seguinte retomava seu tema predileto, “Joana d’Arc”, em Tours e, depois, em Paris. Em novembro retornava a Grenoble e Lyon, onde seus amigos queriam cada vez mais sua presença.

Entretanto, ele estava pouco decidido a fazer essa viagem. A Sra. Denis, que estava muito idosa e alquebrada, enfraquecia-se, visivelmente. Seu estado de saúde lhe causava preocupação e inquietude. Vendo-a assim, temia afastar-se. Pediu ao seu amigo, Dr. Encausse, então médico em Tours, que lhe desse sua opinião

sobre o caso. Confiante na resposta confortadora do médico, foi a Lyon, onde era esperado com impaciência.

Logo que chegou, um telegrama o informava da morte de sua mãe. Teve que voltar, apressadamente, para os funerais, que se realizaram em Tours, quinta-feira, 19 de novembro de 1903.

Dessa forma, o acontecimento previsto, mas temido, deixava-o só no mundo. Ele perdia mais que uma mãe plena de solicitude e de amor, perdia a única companheira de sua vida, a mais vigilante, a mais esclarecida das amigas.

Outrora, Denis a vira tremer por ele, no decorrer das rudes provas de sua juventude, quando a família vivia duramente castigada por um destino ingrato. Obrigado a assumir, antes do tempo, as responsabilidades que cabem a um chefe de família, sempre achava, perto dela, o apoio firme e inteligente de que precisava.

Contra as tribulações quotidianas, as invencíveis tristezas, as decepções e os golpes da sorte, encontrava nos braços dessa mãe querida, nas horas difíceis, a paz desejada.

Seu pai, de caráter rude, de tendência materialista, indiferente às especulações intelectuais, nunca o havia compreendido. Sua morte só havia feito fortificar a afeição desses dois seres, que formavam um só coração.<sup>58</sup>

Espírita como o filho, a Sra. Denis acompanhava, com uma real alegria, o progresso rápido da fama de Léon Denis, interessava-se por seus menores trabalhos, acompanhava-o, em pensamento, em suas constantes viagens.

Léon Denis jamais se cansava de lhe escrever, no decorrer de suas viagens, mantendo-a ao corrente de seus sucessos oratórios, de seus êxitos ou insucessos em matéria de propaganda.

Quando retornava a Tours, ao seu apartamento, na Rua de l'Alma, reencontrava, graças à sua mãe, o ambiente tranquilo de que necessitava. Ela lhe preparava, pessoalmente, os pratos de sua preferência, e dos quais precisava, quando regressava cansado, muitas vezes adoentado, das viagens pouco favoráveis ao bom funcionamento de um estômago delicado.

Cuidava para que ele observasse, pontualmente, o tratamento que sua vista cansada necessitava. E eis que tudo isso agora já não mais existia.

Sua velha mãezinha acabava de deixá-lo. Ele estava, de agora em diante, só entre os homens. Todavia, isso não deveria abater sua coragem.<sup>59</sup>

Embora duramente atingido, deveria concentrar-se em sua dor, deixar-se envolver pela tristeza, abandonar a tarefa que livremente se impusera?

Denis sabia muito bem que um repouso merecido aguardava essa mãe, que acabara de deixá-lo neste mundo, na nova morada que lhe estava reservada, após toda uma existência de devotamento. Seus dias haviam terminado, mas os de Denis, para ele, ainda não tinham produzido todos os seus frutos.

Era necessário retomar, sem demora, a tarefa interrompida, continuando a servir, com toda a sua coragem e toda a sua fé. A conferência que ele deveria fazer em Lyon, no dia 19, foi transferida para o dia 22. A palavra entusiástica do grande orador foi recebida com aclamações.

Em Valence, alguns dias depois, Henri Brun e Henri Sausse, os dedicados dirigentes da Federação Lionesa, vieram novamente expressar-lhe a profunda simpatia de seus adeptos e juntar seus aplausos aos dos valencianos. O sucesso obtido em Toulon, a 21 de dezembro, não foi menor. Lá ele pôde avaliar quanto as ideias espíritas interessavam aos marinheiros.

Ele mesmo escrevia, após sua conferência, de Saint-Raphaël, onde viera buscar algum repouso, sob o saudável calor da Côte d'Azur.

“Caros amigos, terminei a metade de meu roteiro. Vou passar as festas aqui e depois recomeçarei, no sentido inverso, por Toulon até Lyon. Eu tenho conferências a fazer, tanto na volta como na ida. Em Marseille, o tempo estava ruim, um dilúvio, o que me prejudicou um pouco, porém, em Valence e Toulon, pediram-me, além de uma segunda conferência pública, outras palestras particulares e perguntas intermináveis.

O Procurador da República e as autoridades de Valence convidaram-me para um chá e a discussão durou até meia-noite.

Em Toulon, foi a Marinha que se preocupou com os temas. Um oficial superior confessou-me que se exercitava no Espiritismo, às escondidas, há dez anos e tinha quatro senhoras médiuns em sua família. O Espírito Bonaparte lhes ditou um livro de estratégia militar, que foi publicado com um pseudônimo, recebendo elogios dos críticos militares, que o atribuem a um general anônimo.

Ele só conhece a tática naval. Nada sobre as questões militares terrestres. Eu lhes contarei muitas coisas interessantes.”

Assim, cada ano, Léon Denis realizava essas constantes e cansativas excursões, falava para auditórios mistos, às vezes refratários, onde devia responder às zombarias, aos sarcasmos de adversários pouco leais.

Perceber, nos outros, a resistência da inteligência que se preserva ou se rebela é um incentivo que obriga a reunir forças, concentrar as ideias e utilizar o argumento certo como se fosse uma arma nobre; porém, falar para uma plateia ignorante, com a cruel incumbência de responder a tolos, encontrando somente o vazio de um pensamento inconstante e frouxo – o que, na verdade, sempre acontecia – é, realmente, uma provação capaz de desanimar os mais corajosos.

Todavia, nada teria detido o apóstolo, se suas forças não o abandonassem no final.

Estava perto de 60 anos, sua voz já não possuía a mesma potência; seus pulmões se fatigavam mais depressa e sua resistência diminuía.

Ora, numa reunião pública, o orador precisa utilizar todos os seus predicados físicos para conservar os ouvintes interessados e enfrentar os debates que possam ocorrer.

Até 1910, no entanto, prosseguiu em seu penoso esforço, falando sobre o Espiritismo através dos tempos, o problema do Além e a missão do século XX.



Cinco conferências em 1905; seis no ano seguinte; oito em 1907, das quais sete em dezembro, comprovam ainda a sua grande atividade.

O ano de 1908 marca o fim dessa longa fase oratória, cujo balanço acusou, durante 35 anos, cerca de 300 conferências.

Cidades até então não visitadas tinham ouvido o ardente propagandista: Huy e Spa, no norte; no sul: Montélimar, Aix, Nice, Cognac, Périgueux, Carcassone, Béziers e Montpellier.

Em dezembro de 1905, em janeiro de 1906 e depois em fevereiro de 1907, ele havia levado a palavra espírita à Montauban, chamado pelo pastor Bénézech, que era um dos mais fervorosos adeptos da Doutrina, um de seus mais ardorosos e eloquentes defensores.

O país inteiro tinha sido preparado, graças a seus incansáveis esforços, para receber a boa semente da Nova Revelação.

## **O Grupo da Rua du Rempart**

Convém agora retroceder um pouco, a fim de avaliar a extensão de semelhante atividade.

Em 1890 as sessões de experimentação, interrompidas desde a morte do Dr. Aguzoly, ocorrida fazia alguns anos, foram recomeçadas sobre novas bases.

Tinham vindo residir em Tours dois homens importantes, que já haviam ocupado altos postos na magistratura e no Exército: os senhores Périnne, presidente da Câmara, Na Corte de Apelação de Argel, e Lejeune, ex-intendente da Guarda Militar de Metz. Os dois eram espíritas e conheciam perfeitamente a Doutrina.

Foi com o concurso desses dois senhores que Léon Denis conseguiu formar o Grupo da Rua du Rempart, que durou 15 anos, com proveitosas reuniões realizadas com intervalos bem curtos. Foi esse grupo que Alexandre Delanne quis visitar para sua própria edificação.

Havia cinco médiuns, sendo três de incorporação; os demais eram também videntes, audientes e psicógrafos. Léon Denis era o diretor do grupo, mas só de vez em quando participava dos trabalhos, sempre que suas constantes viagens lhe davam uma oportunidade.

As primeiras mensagens foram, inicialmente, obtidas pela escrita, numa primeira fase da mediunidade, depois as faculdades dos médiuns se desenvolveram rapidamente. Edouard Périnne, filho, era o principal comunicante de efeitos intelectuais e, desde muito tempo, já se comunicava com seus pais. Edouard, que fora juiz de paz em Charchell, morreu bem jovem e, logo após sua morte, seus pais receberam dele numerosas provas de identidade.

Às perguntas, às vezes delicadas, que o presidente ou Léon Denis lhe faziam, o espírito respondia imediatamente, numa forma bem clara, satisfazendo a todos.

Depois de Edouard Périnne, filho, dois novos guias se apresentaram, desejando ambos permanecer no anonimato: Henry e Espérance. Suas comunicações versavam sempre sobre temas elevados, repletas de conselhos, revelando o tom persuasivo, ao mesmo tempo seguro e delicado, das exortações morais. Havia também os íntimos: parentes e amigos mortos dos componentes do grupo e, ainda, espíritos desconhecidos.

Os primeiros, mais numerosos, manifestavam-se com sinais característicos: hábitos, manias, gostos particulares e preferências intelectuais, que os tornavam facilmente reconhecíveis. Além disso, eles eram vistos pelos outros médiuns ou descritos, com pormenores e particularidades físicas que tornavam o controle fácil por aqueles que os tinham conhecido.

Entretanto, entre os espíritos desconhecidos do grupo havia uma comunicante de um bom humor inigualável: era a jovial Sophie, que naquela época dava comunicações em vários Centros da capital.

“Fora vendedora de frutas e legumes, que transportava em um pequeno carro, durante todo o ano, na cidade de Amiens, onde teria morrido, em 1860, segundo disse o mestre. Inicialmente comunicou-se em um grupo parisiên-

se, onde conheceu um de nossos médiuns, a quem se afeiçãoou, particularmente.

Durante mais de três anos, Sophie foi um espírito familiar, assíduo em todas as nossas reuniões, que ela alegrava com sua vivacidade e respostas sempre repletas de delicadeza e bom senso.

Após ter obtido a narrativa das impressões desse espírito que, para resgatar suas faltas e o mal que fizera por suas indiscrições, teve de permanecer algum tempo no “escuro”, segundo suas palavras, constatamos seu progresso constante, graças ao contato e proteção de espíritos superiores, que se interessaram por ela e têm sustentado sua boa vontade.

Testemunhamos o empenho de Sophie em instruir-se e querer progredir, ainda que mantendo certas prevenções e antipatias. Assistimos, enfim, às hesitações, poderíamos quase dizer às angústias, que precedem uma reencarnação, porque no fim de julho ou em agosto de 1900 Sophie reenarnou, após ter se despedido do grupo, com uma melancólica resignação.”<sup>60</sup>

Entretanto, os dois principais inspiradores do Grupo da Rua du Rempart foram Jerônimo e o Espírito Azul.

Vimos que o primeiro desses guias se revelara, espontaneamente, a Léon Denis, em 1883, em Le Mans, num grupo formado por operários. Ele nunca mais deixou de assistir o mestre, até seus derradeiros momentos de vida.

“Jerônimo de Praga, após ter sido vítima da intolerância religiosa, foi, numa outra vida, um estudioso monge. Não devemos nos espantar com as anomalias e mesmo com as contradições que a série de nossas existências possa apresentar. Se, por um esforço supremo de nossa vontade, pudermos fazer emergir, de nossa memória subconsciente para a nossa memória normal, as lembranças de nossas vidas passadas, ficaremos chocados com a variedade e os contrastes que elas apresentam, devendo reconhecer que essa variedade é indispensável à educação e à evolução das almas.

Jerônimo se comunica pelo mesmo médium utilizado pelo Espírito Azul. Ele não gosta de falar na obscuridade e suas primeiras palavras são sempre para reclamar da luz. Sua palavra é vibrante e sua gesticulação ampla; exprime-se por períodos em estilo oratório. Forneceu ao nosso grupo ensinamentos filosóficos, elucidou pontos obscuros, explicou as aparentes contradições de nossa Doutrina. Formulou leis de relacionamento entre encarnados e desencarnados.

Seu desejo, muitas vezes expresso, era ver a fusão do Espiritismo, não com o Catolicismo atual, mas com o Cristianismo regenerado, livre de seus dogmas estreitos e de suas práticas superadas.”<sup>61</sup>

Quanto ao Espírito Azul, sua irradiação realmente angelical substituiu, no crepúsculo da vida do mestre, a luz que, lenta, irreversivelmente, abandonava seus olhos, por esta outra luz de um inefável encanto interior, que irradia no âmago do coração um alto e puro amor.

O Espírito Azul (assim chamado porque os médiuns – todos os médiuns – o veem sempre envolvido por um véu azul) possui um brilho intenso.

“O Espírito Azul é uma entidade feminina de ordem bem elevada. Quando anima o corpo do médium, que é uma pessoa tímida e de pouca instrução, este muda as feições do rosto, que tomam expressão angelical, a voz se torna meiga, melodiosa; a linguagem se reveste de uma grande pureza.

O espírito dirige, sucessivamente, a cada um dos presentes, conselhos e advertências, relacionados com sua vida particular, que atestam, mesmo à primeira vista, um perfeito conhecimento do caráter e da vida íntima daqueles a quem ele se dirige.

Além dessa proteção que o Espírito Azul reserva a cada um de nós, proteção que poderíamos comprovar com exemplos pessoais, ainda consagra tempo para ensinamentos gerais, relativos sobretudo à família e à educação das cri-

anças. Nosso guia vê, numa reforma inteligente da educação infanto-juvenil, o único remédio para os males atuais, o verdadeiro meio para garantir à humanidade um futuro melhor.”<sup>62</sup>

As principais mensagens desses grandes espíritos eram taquigrafadas e guardadas, em registros muito bem organizados, que se tornaram propriedade do mestre.

Quanto ao valor dessas comunicações, ele dizia:

“O conjunto forma um ensino completo, filosófico e moral, de acordo com os princípios expostos por Allan Kardec, mas apresentado numa forma mais elegante e mais persuasiva.”

Quando Léon Denis tinha necessidade de confirmar um ponto doutrinário, quando desejava um conselho a propósito de uma ação a realizar, confienciava sobre o assunto com seus amigos invisíveis e a resposta sempre vinha nítida e satisfatória.

Assim se manteve uma colaboração do mais cativante interesse entre o escritor espírita e seus guias. Estes lhe davam trechos de discursos, exórdios de conferências, artigos de literatura, controvérsias de ordem filosófica, até mesmo de cartas importantes sobre a Doutrina, tudo por meio de um médium de pouca cultura, com instrução igual à que se dava às mulheres, naquela época.<sup>63</sup>

Léon Denis tinha, assim, mil e uma razões para crer em seus guias e a confiança que depositava neles jamais diminuiu, ao contrário, se fortaleceu com o correr dos anos, até se tornar completa e absoluta.

“Como duvidaria deles, se nunca me enganaram? Não apenas nunca me enganaram, mas tive a prova permanente de que em tudo enxergam melhor e mais longe do que nós. Já que, até aqui, tenho me saído bem com seus conselhos, por que hoje eu os recusaria?”

De fato, Léon Denis nada fazia sem consultar Jerônimo e acabava sempre por se render às ponderações de seu pai espíritu-

al, em um belo exemplo de disciplina e de obediência filial dado por um sábio de cabelos brancos.

### *Cristianismo e Espiritismo*

*Cristianismo e Espiritismo* apareceu em agosto de 1898. As circunstâncias conduziram Léon Denis a tratar desse grande tema. Allan Kardec lhe havia, em parte, aberto o caminho, mas o discípulo entrevia nesse terreno novos aspectos.

Cristianismo e Espiritismo! Se “o Cristo é a própria voz da humanidade em comunicação com o Divino”, como o Espiritismo poderia desinteressar-se desses sublimes ensinamentos? Cristo não é o Médiun por excelência, o Mediador Supremo? Porém, falar do Cristianismo sem abordar os pontos referentes aos dogmas das igrejas era uma coisa impossível.

A obra compreende quatro partes: “As vicissitudes do Evangelho”, “A doutrina secreta do Cristianismo”, “Relações com os espíritos dos mortos” e “A nova Revelação”.

“Sabemos – dizia o autor, no seu primeiro prefácio – tudo quanto a doutrina do Cristo contém de sublime; sabemos que ela é, por excelência, uma doutrina de amor, uma religião de piedade, de misericórdia, de fraternidade entre os homens. Mas é essa mesmo a doutrina que a Igreja Romana ensina?”

A palavra do Nazareno nos foi transmitida pura e sem mistura, e a interpretação que a Igreja nos dá está isenta de qualquer elemento estranho e parasita?”

Esses são os pontos que o autor se propunha esclarecer, com toda a boa-fé.

A atitude que, desde o início, nós o vemos tomar é clara e muito firme. Não esconde nada quanto ao seu desejo de esclarecer o problema obscuro das origens da religião-mater, mas, é necessário dizer, seu livro não é uma obra da Apologética<sup>64</sup> que ele pretende alcançar.

Seu estudo imparcial só pretende lançar um pouco de luz num assunto de tão grande interesse.

Entretanto, os ataques lhe vieram de dois lados, simultaneamente. Os protestantes empunhavam a *Bíblia* e os católicos apontaram seus cânones.

*Le Progrès Religieux*, de Genebra, anunciava, em tom melódico:

“Tememos que o livro do Sr. Denis cause alguma impaciência entre os leitores que receberam do céu as necessidades naturais de raciocínio rigoroso e de precisão no exame dos fatos.

Por pouco que conheçam a *Bíblia*, logo perceberão que o autor possui apenas conhecimentos bem superficiais. Em todo caso, parece-nos evidente que ele nunca teve em mãos o *Antigo Testamento*.

Certos complementos, dados à biografia de Jesus, produzirão um profundo espanto. De outra parte, porém, não é possível negar respeito e simpatia ao pesquisador sincero, ao espírito generoso que escreveu essas páginas.”

Que os protestantes de Genebra tenham pouco se preocupado pela audácia de uma semelhante tese, não há por que se admirar.

O Espiritismo espalha de tal modo as ideias adquiridas, em todos os domínios, que é muito natural ver os ataques lhe serem dirigidos dos mais diferentes pontos. Observemos, todavia, que a imprensa protestante admitia discutir um assunto que, do lado católico, só havia provocado zombarias e reprovações enérgicas.

*La Semaine Religieuse de Genève*, órgão do protestantismo evangélico, consagrou-lhe, em seu número de 2 de agosto, uma crítica magistral.

“O que nos tranquiliza um pouco – escrevia o autor do artigo, Aloys Berthoud – é que o Cristianismo já passou por situações bem piores.” E ele comparava a nova heresia à Gnose,<sup>65</sup> negando ao Espiritismo a vantagem de possuir a poesia maravilhosa de seu antecessor.

Isto significava mudar a questão. E prosseguia:

“O Espiritismo, como a Gnose, caracteriza-se pela sua incapacidade de entender o problema religioso, em suas profundezas morais e místicas; sua ignorância do que é o pecado, sua repugnância pela religião de Israel, sua incapacidade em discernir os liames entre o *Antigo* e o *Novo Testamento*, seu desconhecimento da obra realizada por Jesus Cristo e por sua exegese <sup>66</sup> eminentemente fantasiosa.”

Deparamos, depois, com algumas variações, os mesmos argumentos, apresentados por um censor católico.

Inaptidão para entender o problema religioso, em toda a sua extensão, e ignorância da obra realizada por Jesus Cristo são críticas muito severas, mas os teólogos são mesmo assim...

Quanto às acusações de exegese fantasiosa, era muito imprudente tratar de tal assunto, porque o autor do livro condenado se abeberara nas fontes preferidas pelo mundo protestante. Expondo sua tese, desta vez como nas outras, Léon Denis não obedecia a nenhum cálculo. Continuava servindo à ideia que acreditava ser verdadeira.

O mau humor do crítico se fazia claro em todo o artigo, mas devemos admitir que não faltava originalidade nem clareza em suas conclusões.

“Só há, na verdade – escrevia –, duas religiões neste mundo: a do Cristo e seus apóstolos e a do homem natural. De um lado, aquela que, vindo de Deus, proclama a impotência do pecador em se salvar por si mesmo, e lhe oferece uma salvação gratuita que, por um único ato de regeneração, pode fazê-lo passar da morte à vida, do Inferno ao Paraíso, como o ladrão na cruz ou como Saulo transformado em São Paulo.

Do outro lado, as religiões do homem natural, que pretende merecer a salvação por suas obras e ganhar o céu por seus próprios esforços.”

Léon Denis havia escolhido o segundo lado – o do homem natural –, fortalecido por um vigoroso bom senso, contra o qual se vinham chocar as sutilezas teológicas, não podendo admitir



que a soberana justiça recusasse a felicidade do homem santificado pelo seu esforço constante em busca da sabedoria, abrindo suas portas ao pecador, mediante um único sacramento.

Os católicos se haviam igualmente enganado quanto às intenções do autor. Todavia, ele declara, expressamente, na introdução:

“Não foi nenhum sentimento de hostilidade ou de má vontade que ditou estas páginas. Não temos má vontade por nenhuma ideia, por nenhuma pessoa. Quaisquer que sejam os erros ou as faltas dos que se valem do nome de Jesus e de sua doutrina, eles não podem diminuir o profundo respeito e a sincera admiração que temos pelo pensamento do Cristo.”

Sem dúvida, ele dirigia palavras severas ao clero e não escondia seus sentimentos em matéria de dogmas.

A Igreja Católica, Apostólica e Romana, para assegurar seu poder espiritual e temporal, construiu, ao longo dos séculos, uma couraça que ela carrega de agora em diante presa aos seus flancos.

O futuro dirá se este é o instrumento de sua grandeza ou de sua queda.

A doutrina de Jesus, tal como se encontra expressa nos *Evangélicos* e nas *Epístolas*, é uma doutrina de liberdade.

A Igreja achou que era seu dever manter-se intransigente contra o racionalismo moderno.

O direito de pensar, disse Léon Denis, é o que há de mais nobre no homem. A razão, sem dúvida, para muitas pessoas é pouco segura e demanda regras tutelares.

“Embora falível e relativa por si mesma, a razão humana se aperfeiçoa e se completa, buscando sua fonte divina, em comunhão com essa Razão Absoluta que se conhece, se reflete, se possui e que é Deus.”

É preciso confiar na humanidade.

A Igreja achou por bem condenar em bloco o Espiritismo, quando teria sido melhor lhe evitar os abusos.

Aliás, as manifestações ocultas a têm invadido constantemente, sem que ela jamais entendesse que tais manifestações deviam dela fazer parte.

A Inquisição, apesar das mais terríveis torturas, não pôde estancar as fontes das manifestações, e hoje a onda a cerca por todos os lados. De quem é a culpa?

“Os dignitários da Igreja que, do alto do púlpito, fulminaram as práticas espíritas ficaram perdidos. Não souberam compreender que as manifestações das almas são uma das bases do Cristianismo, que o movimento espírita, a vinte séculos de distância, é a reprodução do movimento cristão em sua origem. Eles não souberam se lembrar a tempo, de que negar a comunicação com os mortos ou então atribuí-la à intervenção dos demônios é colocar-se em contradição com os pais da Igreja e com os próprios Apóstolos.”<sup>67</sup>

Isso significa que Léon Denis não reconheceu os excepcionais méritos da Igreja Católica, mestra do ocidente?

“Apesar de suas manchas e seus erros, é grande e bela a história da Igreja, com sua longa sequência de santos, doutores e mártires. Ela foi, nos tempos bárbaros, o asilo do pensamento e das artes e, durante séculos a educadora do mundo.

Ainda hoje, suas instituições de beneficência se espalham pela Terra.”

Não, essas não são as palavras de um adversário obstinado!

Mais tarde ele escreverá, e estas serão suas últimas linhas:

“O Cristianismo traz consigo elementos de progresso, germes da vida social e de moralidade que, se desenvolvendo, podem produzir grandes coisas. Sejamos, pois, cristãos, mas elevando-nos acima das diversas seitas, até à fonte pura, onde nasceu o Evangelho.

O Cristo não pode ser nem jesuíta, nem jansenista, nem huguenote; e seus braços estão amplamente abertos para a humanidade inteira.”

Se tais palavras não conseguem satisfazer, em seu conjunto, ao clero católico ou protestante, cremos que elas são capazes de congregar um grande número de cristãos.

“Esta obra – podia-se ler em *La Fronde*, que a analisava – é uma das que dá ao espírito o alimento reconfortante e sadio e que conduz à verdadeira fé, a que não é inimiga da razão, mas seu guia.

É o rastro luminoso que deixa atrás de si, sob a forma de doutrina, todos os grandes espíritos filosóficos.”

Por sua vez, *La Revue de la France Moderne* declarava:

“Todos os problemas filosóficos e sociais de nossa época são passados em revista nesse livro, escrito num estilo límpido e florido, por um pensador animado de um vivo desejo de conciliação, ávido de uma síntese que satisfaça todas as consciências fortes, todos os corações repletos de ideal, todas as almas verdadeiramente religiosas.

Esta síntese é encontrada pelo autor nesse ensinamento superior e universal, até aqui patrimônio exclusivo de alguns sábios e que, proclamado hoje em todos os pontos da Terra, pelas vozes do além-túmulo, vai se tornar a herança intelectual e moral da humanidade.”

Finalmente, *Le Réformateur* não se mostrava menos favorável:

“Não poderíamos dar ao leitor uma ideia, mesmo pálida, dessa extraordinária obra, do vigor e da eloquência dessas páginas onde o autor soube desdobrar toda a lucidez de sua alma de filósofo, de pensador e de artista.

Encontramos nela, ao mesmo tempo, um método de análise que sabe utilizar todos os recursos de uma razão esclarecida e uma sólida base de ciência persuasiva, que dá a tudo quanto a doutrina espiritualista encerra de belo e de

consolador um relevo claro e nítido que domina e eleva o espírito.”

Esta segunda obra precisou de numerosas pesquisas, de uma documentação abundante e de um trabalho intenso, porém, ainda uma vez, o sucesso vinha recompensar o escritor por seus sacrifícios e animá-lo a perseverar nessa rota, muito mais proveitosa ainda que a propaganda oral.

## **O Congresso de 1900**

O Duplo sucesso de seus primeiros livros consagrou Léon Denis ante a atenção do mundo espírita.

Quando se instalou o Congresso Internacional de 1900, a 16 de setembro, em Paris, foi com aplausos unânimes da assembleia, por proposta de Laurent de Faget, que Léon Denis foi nomeado Presidente Efetivo. Ele estava assessorado por Hector Durville, da seção de Magnetismo, e por Gillard, da Teosofia.

O Dr. Encausse (Papus) tinha sido mantido nas funções de secretário-geral, onde ele havia particularmente brilhado, em 1889. Victorien Sardou, Russel Wallace e Aksakof tinham participado desse segundo Congresso Espiritualista, cada um com o título de Presidente de Honra.

Papus, agradecendo à assembleia, destacou a feliz escolha que ela acabara de fazer na pessoa de seu presidente, cujas qualidades de escritor combinavam com seu magnífico talento de orador.

Realmente, Léon Denis iria conduzir os debates, às vezes ardorosos, do congresso com uma segurança e uma autoridade não menor que aquelas de que já dera prova anteriormente.

Desde a sessão inaugural, expressou, sem vacilações, sua confiança nos destinos do moderno Espiritualismo, em cujo seio se defrontavam teses não opostas, porém de diferentes tendências.

“Deixai-me dizer-vos que estou bem à vontade para falar em nome de nossas escolas reunidas, porque sempre considereirei essas escolas como se formassem um conjunto, um todo...

O objetivo que temos em vista, para o qual devemos coordenar nossas vontades, nossos esforços e para onde devemos marchar, apoiando-nos uns nos outros, é a conquista de melhores destinos para a alma humana, e a conquista de um melhor futuro espiritual para a humanidade.”<sup>68</sup>

No mesmo dia, na segunda sessão, falando em nome da Escola Espírita, deu as explicações sobre o papel que o Espiritismo deveria representar na luta de ideias que já estava iniciada.

Qual era a característica particular do Espiritismo?

“Ei-la! A todos os argumentos, a todos os meios de ataque de que nos servimos contra nosso adversário comum, o Espiritismo vem acrescentar o poder dos fatos.

A todos os argumentos da dialética, o Espiritismo vem ajuntar uma porção de provas, que vão crescendo, sem cessar, fortificando-se, e que adquirem uma força irresistível, um poder diante do qual as próprias fortalezas da Ciência se racham e se esboroam. E, por essas rachaduras, a ideia da sobrevivência se infiltra, pouco a pouco, nos mais refratários meios.

Foi o que vimos, recentemente, no Congresso Oficial de Psicologia. Apesar da hostilidade dos organizadores, foi tal a abundância dos testemunhos, que um dos membros da mesa não se conteve e confessou: “O Espiritismo invadiu tudo!”

É que hoje, irmãos e irmãs, não é mais apenas das fileiras dos humildes, dos obscuros pesquisadores que se elevam as afirmações, os testemunhos; é do seio dos sábios e dos meios universitários.

São os doutos membros das faculdades, são os homens que ocupam altos postos no mundo científico, político e administrativo que vêm atestar a realidade das comunicações com o além.”

Denis destacava em seguida os pontos essenciais da questão com sua lógica e sua clareza costumeiras:

“Qual será a ação do Espiritismo no domínio do pensamento?

1º) O Espiritismo deve contribuir, poderosamente, para transformar a Ciência, porque, apesar de suas conquistas, a Ciência se encontra estacionada como num impasse; a Ciência não pode mais avançar, sem abordar o estudo do mundo invisível; a Ciência nada pode explicar sem fazer apelo às forças ocultas, sem deixar de lado e acima do mundo fugaz da matéria o mundo imperecível do espírito.

2º) Assim como o Espiritismo ajudará a transformar a Ciência, ele provocará, forçosamente, uma transformação das religiões. Ele as forçará a sair de sua imobilidade, de sua letargia, insuflando-lhes sangue novo. O Espiritualismo Moderno forçará as religiões a evoluir, a caminhar com o espírito humano, a se elevar para uma compreensão mais alta do Ser infinito, eterno, e de sua obra.

O mesmo sucederá com o ensino.

3º) Assim como o Espiritualismo Moderno transformará o ensino, poderá influir poderosamente sobre a economia social e a vida pública, porque sua concepção da existência e do destino facilitará o desenvolvimento de todas as obras de coletividade e de solidariedade.”

Esses resumos, que ampliamos o possível, servem para explicar admiravelmente a questão; as ideias que eles contêm não envelheceram.

No dia 21, na sessão da noite, o padre Nicole, antigo aluno dos jesuítas, pediu a palavra para explicar a questão dos dogmas católicos. Esse sacerdote, com uma louvável franqueza, fez uma corajosa e inesperada declaração:

“Acreditai, senhores, que entre os 40.000 padres que há na França, muitos pensam como nós.”

É importante destacar tal confissão.

Apoiando-se na tese tomista do mérito e do demérito, o padre Nicole defendia os dogmas, estacas necessárias no caminho da salvação para as almas e as inteligências frágeis, para os jovens ainda sem experiência de vida.

Ele afirmava que o dogma nunca impedirá a marcha da verdade, pois que ele mesmo é uma verdade “que crê em si”.

Apresentava, sobre esse assunto, interessantes opiniões. Dizia ele:

“Temos criações, elementais, que são boas ou más. É absolutamente impossível, nessas condições, que o homem possuidor dessas criações más possa reerguer-se por seus próprios atos, por seus meios pessoais, se não tiver fé e não tiver o socorro de Deus.”

Léon Denis lhe deu a seguinte resposta, onde demonstra toda a sua boa-fé, na qual prova seu desejo de conciliação, aliás constantemente repellido pelo clero católico.

“Desejo falar alguma coisa para desfazer qualquer equívoco. Eu disse que o Espiritismo não é inimigo das religiões, se bem que tenha sido perseguido por elas. Para os espíritos esclarecidos, como o padre Nicole, o Espiritismo deve ser um socorro que vem para as religiões, dizendo-lhes: “A imortalidade da alma se comprova não mais com discursos, mas com fatos.”

O Espiritismo vem estender a mão às religiões, na luta contra o Materialismo; disso resulta que devemos seguir caminhos paralelos. Não vou examinar qual foi, no passado, a atitude da Igreja para com esses fenômenos, que foram proscritos em todos os tempos.

Por que essa hostilidade? Por que foram abafadas todas as manifestações?

Não tenho nada que explicar.

Qual foi o resultado da ação da Igreja através dos séculos? Foi o de ajudar a alma humana a progredir rumo a Deus. Mas qual foi o resultado do dogmatismo? O cepti-

cismo invadiu o mundo. Atualmente é preciso um outro ideal e este ideal quem o traz é o Espiritismo.

Os mortos nos afirmam que a alma é imortal e vós, do vosso lado, e nós, do nosso, devemos expandir a Boa Nova, e todos juntos extirparemos o Materialismo do mundo.”

Léon Denis iria empregar, durante o congresso, os variados recursos de sua eloquência, suas extensas aptidões e seu vasto saber, em matéria de Espiritismo experimental.

Tendo Firmin Nègre feito, no decorrer das sessões, interessantes declarações sobre as faculdades medianímicas comuns a todos os homens, o mestre de Tours trouxe sobre o assunto uma contribuição das mais valiosas.

Tudo quanto se referisse à mediunidade não podia deixá-lo indiferente, e esse assunto não tinha segredos para ele. A própria reencarnação exigia todo o seu cuidado, pois ainda era um assunto bem controvertido.

Ora, o Dr. Moutin, presidente da Sociedade Francesa de Estudo dos Fenômenos Psíquicos, trouxe para esses debates uma série de objeções relativas à tese reencarnacionista.

Léon Denis, baseando-se nos ensinamentos das velhas religiões do oriente e nas tradições da sabedoria antiga, confirmadas pelas instruções do kardecismo, utilizava todos os recursos de sua convicção em favor de uma tese que ele considerava capital, tese que não se cansou de expor, de repetir e de aprofundar em todas as suas obras.

“Seiscentos milhões de asiáticos, ainda hoje creem nela. Todavia, se aceitamos o princípio das vidas sucessivas da alma, não ireis acreditar que isso aconteça somente porque os espíritos o afirmam em nossas reuniões experimentais. Não! Se a aceitamos é, sobretudo, porque ela vem dissipar a dúvida que pesava no pensamento; é porque vem trazer a ordem, a luz, a harmonia, onde outrora só havia confusão, obscuridade e o caos!”

Em seguida, Denis examinava as teorias contrárias, não deixando nenhuma objeção sem resposta. Dizia ele ao Dr. Moutin:



“Estudastes as leis da vida, examinastes a sucessão das idades e a lenta evolução dos seres em nosso planeta? Vistes uma coisa: é que, por toda parte e em tudo, a natureza age com sabedoria, com método e lentamente. Foram precisos numerosos séculos para modelar a forma humana, que só apareceu após a longa série de formas animais.

Pois bem: a evolução física e mental, o progresso material e o progresso moral são regidos por leis idênticas e comuns. Não nos é possível cumprir tais leis numa só vida. E eu vos pergunto por que iríamos buscar bem longe, noutros mundos, os elementos de novos trabalhos, de novos progressos, quando os encontramos por toda parte, em nosso redor, quando esses contrastes, essas oposições, de que falamos há pouco, são por si mesmos os termos de comparação, os meios de educação e de emulação, no sentido em que formam nosso julgamento pelas lições que eles nos oferecem, pelos exemplos que nos apresentam!”

E concluía com força:

“De todas as nossas observações, de nossas pesquisas e de nossos estudos, resulta uma coisa: é a lei dos renascimentos que preside nosso destino.

A lei dos renascimentos vem explicar e completar a noção da imortalidade. O ser progride; isso tudo o prova, tudo o afirma. A lei do progresso rege todo o universo.

Entretanto, toda evolução comporta um plano, um objetivo. O progresso é uma escada e não há escada sem degraus. Os renascimentos, as reencarnações são os degraus pelos quais o ser se eleva e progride.”

Como no congresso anterior, a Doutrina Espírita tinha sido posta em debate. Havia o grupo dos fenomenistas, que invocavam, antes de tudo, a Ciência e contestavam a utilidade das explicações filosóficas e só queriam basear-se nos fatos.

A Doutrina codificada pelo Iniciador não ficava, por vezes, sem sofrer ataques bastante brutais, porém o discípulo fazia questão de deixar seu pensamento bem claro perante todos.

“O que caracteriza hoje o Espiritismo é a manutenção dos princípios codificados por Allan Kardec e seu constante desenvolvimento pelos métodos experimentais.

Entretanto, para nós o Espiritismo não está todo em Kardec; o Espiritismo é uma doutrina universal e eterna, que foi proclamada por todas as grandes vozes do passado, em todos os pontos da Terra e que o será por todas as grandes vozes do porvir.”

Os maiores problemas foram tratados nesse Congresso de 1900 e abordados com notável amplitude.

Uma das questões postas em estudo foi esta: “Há condições para se afirmar a existência de Deus, nas conclusões do Congresso?”

Recordemos que o presidente do Congresso de 1889 havia julgado oportuno eliminar, dos debates, a palavra “Deus”.

Excelentes trabalhos, belos discursos tinham sido lidos ou pronunciados pelos oradores inscritos, cada um apresentando, sobre esse importante assunto, seus pontos de vista, seus próprios sentimentos.

Léon Denis não podia ficar fora de um tal debate, e nele se lançou com toda a fé e o ardor de sua alma de apóstolo.

Seria preciso citar todo esse discurso ardente, insistente, convincente e verdadeiramente inspirado.

“Não podeis separar o efeito da causa. – explicava ele – Não podeis separar o homem de Deus!

E direi mais ainda: fora de Deus, da afirmação de Deus, não há humanidade, porque a noção de humanidade consiste em estarmos vinculados uns aos outros por um laço poderoso, por uma identidade de natureza, de origem e de fim!

E tudo isso é Deus, tudo isso vem de Deus.

Deus é o pai da humanidade e todos nós somos seus filhos; é por isso que estamos, para sempre, unidos uns aos outros.”

Mais adiante Denis acrescentava:

“O homem não pode se estudar, nem se conhecer, sem estudar Deus, não em si, mas nas relações que mantemos com ele. Não somente compreendê-lo, mas servi-lo.

Será que não percebemos que o simples fato de afirmar que Deus é nosso pai faz surgirem em nós novas potencialidades?

A afirmação da existência de Deus não é como uma luz, uma ampliação, uma alegria da alma, uma alegria de viver, como a certeza do bem e da justiça, como uma segurança do futuro, que se abre imenso diante de nós?

A afirmação da existência de Deus não é como uma explicação súbita e completa da harmonia das coisas e da harmonia de nossos destinos?”

Denis continuava nesse tom para concluir com uma elevada exaltação “para Aquele de quem vem toda a força, todo o sustento” e para conclamar o Espiritismo a não falhar em sua missão, que é elevar as almas rumo ao Criador, sob pena de se ver “despojado de sua coroa de ideal divino pelas próprias mãos de seus representantes”.

Não podemos deixar de admirar em Léon Denis a firmeza, o bom senso e a prudência, aliados a uma fé vibrante e firme, ao lado de tanta simplicidade.

Desse Congresso de 1900, onde tantas ideias haviam sido discutidas por homens do maior talento, Léon Denis sairia ainda mais engrandecido, com uma coroa de mestre.

### *No Invisível*

Nessa época de atividade intensa, a tarefa do conferencista se desdobrava na de escritor.

A conferência apenas toca no tema, não se aprofunda nele. Ora, uma questão requeria, então, toda a atenção do apóstolo: a

mediunidade. Sobre ela Denis reuniu documentação ao mesmo tempo ampla e original.

Os guias do Grupo de Tours o haviam esclarecido sobre muitos pontos. Era necessário torná-los conhecidos pelos seguidores espíritas.

Foi para atender a esse compromisso e a essa necessidade que ele publicou, no ano de 1903, *No Invisível*, importante obra, bem estudada, com 500 páginas de texto.

A obra aparecia num momento adequado. A rapidez do desenvolvimento do Espiritismo constituía um sério perigo. Os que tinham fé demonstravam, frequentemente, uma impaciência e uma intransigência nocivas à propagação da Doutrina nos meios refratários.

Os outros, indecisos, envolvidos pela dúvida, mostravam-se reservados e renovavam, periodicamente, suas críticas sobre a mediunidade.

Havia, enfim, o grupo dos cépticos, mais ou menos cultos, que obrigavam os militantes a se aprofundarem em suas investigações e a estudarem mais de perto os fenômenos.

Já a crítica científica, renunciando ao seu detestável processo de aniquilamento pelo silêncio premeditado ou pelo ridículo, mostrava-se menos sistemática e adentrava, pouco a pouco, no caminho inexplorado do psiquismo transcendental.

Desde a publicação das obras de Allan Kardec, especialmente de *O Livro dos Médiuns*, um vasto e permanente movimento de experimentação mediúnica se desenvolvera, principalmente nos países anglo-saxões.

Na França ainda não existia uma obra onde estivesse condensado o resultado de semelhantes pesquisas.

O novo livro de Léon Denis vinha preencher essa lacuna. Era uma apresentação da questão espírita no começo do novo século e também uma obra de divulgação e de defesa.

Tal obra não deixaria de apresentar extremas dificuldades de redação.

Os fenômenos complexos provenientes da mediunidade haviam recebido soluções mais ou menos fantasiosas; as hipóteses sobre o subliminal, a subconsciência e a dupla personalidade haviam complicado a questão mais do que o necessário.

Era preciso esclarecer o problema, reencontrar o fio da meada, dar a esses estranhos fatos uma explicação justa, apresentando as leis fundamentais da comunicação espírita.

Ninguém melhor que Léon Denis para um trabalho onde era preciso não apenas argumentar, mas persuadir; não apenas aclarar a razão, mas sensibilizar o coração e a alma do homem.

“Todo adepto – escrevia ele na sua introdução – deve saber que a regra por excelência das relações com o invisível é a lei das afinidades e das atrações. Nesse domínio, aquele que procura as coisas inferiores as encontra e se confunde com elas; aquele que prefere os altos cumes, os atingirá, cedo ou tarde, fazendo deles novo meio de progresso.

Se quiserdes manifestações de ordem elevada, esforçai-vos por vos elevardes.

A experimentação, no que ela possui de belo e de grandioso, a comunhão com o mundo superior, não é conseguida pelo mais sábio, mas sim pelo mais digno, ou melhor, por aquele que tenha mais paciência, consciência e mais moralidade.”

Com efeito, ali está todo o Espiritismo. Ele será o que dele fizerem os homens: um meio de aperfeiçoamento moral, se for bem compreendido; uma causa de rebaixamento moral, se dele fizerem apenas um objeto de frívolas pesquisas.

Léon Denis se lançava, com veemência, contra os abusos da experimentação psíquica dos que, em nome da Ciência, pretendiam tutelar o fenômeno, e contra os pesquisadores orgulhosos e imprudentes que abordam, sem uma prévia experiência, um domínio novo e perigoso, por causa de sua ignorância.

Na primeira parte da obra, que trata das leis do Espiritismo Experimental, encontram-se novas considerações sobre a psicologia feminina.

Léon Denis, pressentindo o papel que a mulher representaria na sociedade de amanhã, acusava o Catolicismo – que tanto deve à mulher – de não ter compreendido esse papel segundo a angustiação do Cristo.

A mulher, a quem cabe o papel de mediadora na família e no domínio das crenças, deve ainda servir de intermediária entre a nova fé que evolui e a fé antiga que declinou e se empobreceu.

Relegada a um segundo plano em nossa civilização, ainda bárbara, a mulher deseja exercer no lar, no templo e na comunidade o lugar que lhe cabe, junto do homem, seu igual.

“Tal é a mulher, tal é o filho e tal será o homem. É a mulher que, desde o berço, modela a alma das gerações.”

Essas afirmações que hoje são naturalmente bem aceitas pelo mundo pareciam ser, nesse começo de século, singularmente ousadas. Léon Denis devia retomá-las muitas vezes, pois as considerava de alta importância.

No capítulo seguinte tratava do Espiritismo Experimental, esforçando-se por estabelecer uma classificação dos fenômenos, preparando o terreno para a Metapsíquica, que ainda estava em seus primórdios.

Sua experiência pessoal lhe prestara um grande socorro nessa exposição tão complexa e tão difícil de resolver diante do leitor complacente.

Ele mesmo tinha sido médium escrevente, antes de se tornar orador. Seus dons de intuição e de inspiração apenas haviam se modificado. Sentia-se em relação permanente com seus amigos invisíveis. Enfim, pela incorporação, havia obtido mensagens de importância capital.

Uma constante experimentação, em tais condições, conferia a Léon Denis autoridade para tratar, com real competência, dos admiráveis fenômenos de mediunidade intelectual. Destarte, os capítulos referentes a essa questão eram tratados na obra com segurança.

A última parte do livro era consagrada à mediunidade em geral, à sua prática, aos seus perigos, às hipóteses e às objeções que ele levanta.

Abordando uma tal questão, o autor não se importava com as censuras que poderiam sobrevir da parte de certos espíritas, nem com as críticas interessadas de seus adversários. Prosseguia em sua caminhada, sabendo muito bem que o Espiritismo só poderia sair engrandecido de um semelhante debate.

No último parágrafo, “A Mediunidade Gloriosa”, escrito de uma forma admirável, ele era como que arrebatado por um sopro de alta e ardorosa inspiração.

*Le Mercure de France*, logo que o livro apareceu, dedicou-lhe um artigo, que era como uma consagração:

“*No Invisível* é um tratado de Espiritualismo Experimental, porém esse livro, se é instrutivo como um tratado, é sobretudo atraente como um romance. E que romance mais emocionante, de misteriosa angústia e de triunfante alegria o da história da alma humana!

Seria trair o escritor, se apenas mencionássemos, numa fria enumeração, os materiais do seu trabalho. Não é a estrutura da obra que se deveria mostrar, é a própria obra, com sua substância, sua tessitura, sua medula e também com suas qualidades de encanto vigoroso e delicado colorido; são os encontros felizes de ideias e de palavras; são as breves observações desenvolvidas em fórmulas lapidares.

É preciso poder registrar esses voos eloquentes, essas páginas inteiras, que se pegam para reler, para melhor saboreá-las; páginas consagradas à mulher, à força do pensamento, à crença universal, à sobrevivência, etc.

E esse delicioso capítulo sobre a mediunidade gloriosa, todo ele irradiando o clarão de cem gênios?”

Finalmente, Laurent de Faget, numa bela conferência sobre “Os Pioneiros do Espiritismo”, feita a 1º de novembro de 1903, na Sociedade Francesa de Estudos dos Fenômenos Psíquicos, dava sua opinião sobre a obra:

“O belíssimo livro que Léon Denis agora nos apresenta é o fruto maduro de sua grande experiência, o resultado brilhante e sólido de suas investigações e de seu saber.

Com ele o Espiritismo sai das práticas comuns, dos campos rivais, das capelas fechadas; eleva-se a uma concepção superior da vida espiritual e da vida moral. Passa do fato à ideia, da experimentação científica ao nobre impulso da alma em busca da virtude.”

Melhor não se poderia ter dito.

O livro inteiro de Léon Denis é uma elevação comovente do pensamento rumo às Divinas Essências.

## **O Congresso de Liège**

No mês de junho de 1905, os espiritualistas belgas recebiam em Liège, para participar de seus trabalhos, com o título de Presidente de Honra, aquele a quem já chamavam de “O Apóstolo”. A data do último Congresso realizado em Liège remontava a 30 anos.

No substancioso discurso que Léon Denis pronunciou naquela ocasião, destacou a importância da realização daqueles certames mundiais com maior frequência:

“Os Congressos são úteis no sentido de que representam uma afirmação de vitalidade de nossos princípios e de nossas crenças.

Os Congressos são úteis porque contribuem para orientar a marcha do Espiritismo.

Neles medimos os progressos realizados. Neles acertam-se as formas de melhor organizar o trabalho de experimentação e de propaganda para torná-lo mais metódico.

Neles se estreitam os laços de solidariedade que unem os espíritas de diversas regiões, de diversas federações.



E cada vez que aqueles que participaram desses Congressos retornam à vida ativa, à luta pelas ideias, eles o fazem com um novo ardor, com uma confiança bem maior.”

Depois, entrando no cerne da questão, expunha o que, segundo ele, devia ser o objetivo essencial do Espiritismo. Inicialmente, provocar, pesquisar, coordenar as provas experimentais da sobrevivência, por meio de um controle rigoroso, apoiando-se nos recursos do método e da crítica, desconfiando das afirmações prematuras. Em seguida, preparar, renovar a educação científica, racional e moral do homem em todos os seus ambientes.

“Creio poder dizer que o Espiritismo foi chamado para se tornar o grande libertador do pensamento, há tantos séculos escravizado.

A magnífica obra do Espiritismo será aproximar os homens, as nações, as raças, formar corações e desenvolver as consciências. Mas, para isso é preciso trabalho, perseverança, espírito de devotamento e de sacrifício.”

Tranquilizando os neófitos, decepcionados com a aparente lentidão dos progressos da Doutrina, Denis escrevia:

“Somos impacientes porque nossa vida é curta.

Todavia, já podemos dizer que o Espiritismo tem feito muito mais em 50 anos do que qualquer outro movimento do pensamento, não importa em qual época da História.

Para mim é uma grande alegria poder dizer essas coisas aqui, na capital da Valônia, nesta terra de independência e de coragem, cujos filhos sempre compreenderam e demonstraram que nada se obtém senão ao preço do trabalho e da paciência.”

A seguir, fazendo o histórico do Espiritismo, mostrava, num interessante resumo, como a Ciência, de início a contragosto, fora constrangida, pouco a pouco, a orientar-se no mesmo sentido.

“Faz 50 anos que os espíritas sabem o que a Ciência pretende hoje descobrir.”

E Denis registrava a confissão de impotência e de confusão da Ciência, profetizando que ela seria obrigada a uma completa revisão de seus conceitos, segundo a hipótese espírita.

Passando ao problema religioso, ele ainda fazia importantes declarações que estava em condições de comprovar:

“A ideia espírita penetrou nos meios religiosos mais refratários, mais ortodoxos.”

E citava o pastor Bénézech, entre os protestantes, e o padre Didon, entre os católicos.

“Há em tudo isso um fermento que fará levedar as massas, em todas as instituições e em todos os meios sociais.”

Terminava com um epílogo admirável no qual celebrava, além dos fatos experimentais:

“O esplêndido esforço do Além para tirar da alma humana suas dúvidas, suas vergonhas, suas lepras, suas doenças morais, a fim de obrigá-la a tomar consciência de si mesma, de suas energias ocultas, para forçá-la a realizar seu destino glorioso pela comunhão das almas que se chamam e se respondem através da imensidão.”

### *O Problema do Ser e do Destino*

A data do Congresso de Liège marca uma fase nova de um labor que vai sempre se acelerando.

Uma outra obra estava em preparação, demandando numerosas leituras e, principalmente, um enorme trabalho de consultas e de pesquisas aprofundadas. Sua vista deficiente o prejudicava muito e ele não tinha secretária.

Sua mãe já não vivia para velar por ele e obrigá-lo a se cuidar, coisa que ele esquecia por vezes de fazer. Envolto em seu roupão, inclinado sobre os escritos, anotando e escrevendo de manhã à noite, em seu pequeno escritório da Rua de l'Alma,

também ele, como outrora Balzac, lembrava um “beneditino das letras”.

Após ter escrito seu belo tratado de mediunidade, *No Invisível*, analisava agora o formidável problema do destino humano.

“São os mortos que despertam o interesse pelo problema de nosso destino”, diz a doutrina xintoísta. Entretanto, no começo deste século, esta não era a opinião de todo o mundo.

O livro de Léon Denis aparecia na mesma data em que *Os Enigmas do Universo*, de Haeckel, penetravam nos meios universitários franceses. Léon Denis contra Haeckel! O duelo recomeçava entre dois adversários irreconciliáveis: o Espiritualismo e o Materialismo.

O filósofo alemão nada acrescia aos sistemas de Anaxágoras, de Epicuro ou de Lucrecio, mas agravava suas conclusões desenvolvendo seu sistema niilista.

Os filósofos da antiguidade eram doutores, não negadores obstinados. Eles afirmavam: “A verdade é desconhecida”, mas não impunham, como os positivistas modernos, querendo ultrapassar seus mestres, o dogma do que não pode ser conhecido.

Afinal de contas, o que se pretendia com semelhante sistema?

Léon Denis, com sua habitual clarividência, dele demonstrou os desastrosos efeitos. Encontrando-se o homem na mais completa ignorância do que ele é, das responsabilidades que lhe cabem como um ser consciente, tem, cada vez mais, tendência para desencadear seus apetites, humilhar e escravizar seus semelhantes para conseguir o gozo integral dos sentidos.

Daí o arrivismo desenfreado entre os cidadãos, as convulsões sociais cada vez mais frequentes, os crimes terríveis, as revoluções sanguinolentas, as guerras devastadoras que ameaçam precipitar, finalmente, a civilização contemporânea numa ruína definitiva.

Felizmente, o homem não pode, por muito tempo, satisfazer-se com semelhantes doutrinas.

Um instinto seguro o conduz para rotas menos estreitas. Mesmo quando duvida e parece contentar-se com soluções

hesitantes da Ciência, um sentimento inexplicável, o medo de errar, e também um velho princípio de esperança invencível, o reconduzem aos limites do dever, limites bastante mal definidos, é verdade, porém suficientes para impedi-lo de abdicar do controle de seus pensamentos e de seus atos.

A essas negações ou a essas afirmações gratuitas, a essa metafísica do nada, o autor de *O Problema do Ser e do Destino* vinha contrapor sua filosofia viril e consoladora, que nada mais era do que a concepção rejuvenescida e adaptada à mentalidade moderna dos maiores sábios da antiguidade.

“O Espiritismo nos fornece o meio de afastar a dúvida de vosso coração, de vosso pensamento; ele vos desperta e vos persuade, arrastando-vos, irresistivelmente, rumo a um horizonte onde brilham inesperadas claridades.

Fé do passado, ciências, filosofias, iluminai-vos com uma chama nova! Sacudi as velhas mortalhas e as cinzas que as recobrem. Escutai as vozes reveladoras dos túmulos; elas nos trazem uma renovação do pensamento com os segredos do Além, que o homem tem necessidade de conhecer para viver melhor, agir melhor e morrer melhor.”

O interesse dessa revelação vinha justamente da perfeita analogia das mensagens dos espíritos com os ensinamentos das filosofias e crenças mais antigas, das quais ela nos trazia uma fórmula mais precisa e mais conforme com os nossos gostos atuais.

Em seu livro, o autor mostrava exatamente a evolução lenta, porém contínua, do pensamento intuitivo, preparando o terreno para a Ciência; a sucessão dos aspectos diferentes da sabedoria modelando as elites, a lenta ascensão da humanidade tomando consciência de seu papel, no objetivo, ainda distante, de chegar à fusão necessária, desejada e esperada de todos os sistemas filosóficos e religiosos no seio da verdadeira Ciência, porque o meio de se alcançar o conhecimento só pode ser obtido por intermédio dela.

O homem moderno é sequioso por provas. Exige que o sentimento e o intelecto sejam atendidos ao mesmo tempo. Fatos,

eis o que ele quer, e daí a oportunidade do Espiritualismo Experimental.

A Ciência estuda o átomo, a radioatividade dos corpos, a misteriosa eletricidade e as ondas hertzianas. Por que não perscrutaria os estranhos e comoventes fenômenos do Parapsiquismo?

É nesse terreno que ele precisa adentrar para ter a solução do problema mal conhecido do destino humano.

O autor só se aventurava nesse assunto alicerçado por farta documentação. Ele se impusera um estudo aprofundado das obras dos padres Didon e Marchal, e dos belos ensinamentos mediúnicos do pastor Stainton Moses. Leu os trabalhos de Frederic Myers e de William James, de Russel Wallace, de Crookes e de Hyslop. Compulsou os documentos mais específicos dos *Proceedings* e meditou sobre as conclusões dos mestres da Biologia e da Psicologia contemporâneas: Claude Bernard, Théodule-Armand Ribot, Guillaume Wundt, Pierre Janet, etc.

Bem a par dos interessantes trabalhos de Albert de Rochas sobre a exteriorização da sensibilidade, ele mesmo havia feito experiências em Tours, le Mans, Lyon, Marseille, Nancy e Paris, em numerosos grupos espíritas.<sup>69</sup>

Ninguém, portanto, naquela época, estava mais qualificado para realizar semelhante tarefa. Léon Denis, todavia, não alimentava nenhuma ilusão quando escreveu esse livro. Sabia que seria preciso retornar muitas vezes sobre esse assunto e acumular fatos e mais fatos.

É nessas condições que a crítica cederá, finalmente.

Pelo menos, o franco sucesso que esse ensaio de Filosofia Espiritualista obteve gratificou-o amplamente pelo seu esforço.

Os jornais e revistas fizeram as mais elogiosas referências à nova obra. Ed. Grimard, na *Revue Spirite*, e o Dr. Bécour, na *Vie Nouvelle*, fizeram-lhe um relatório dos mais elogiosos.

*Le Journal* elogiava o estilo eloquente, arrebatador e luminoso do autor.

“Ninguém escreve numa linguagem tão clara, tão simples e com uma eloquência tão persuasiva e brilhante. To-

dos os seus escritos são impregnados de uma grande beleza moral.”

“Eles elevam e purificam”, dizia *Le Mercure de France*, citando alguns pensamentos dos quais destacava a exatidão e a profundidade.

O *Echo de Paris* faz a mesma acolhida:

“Todos desejarão ler essas páginas de uma ciência e de uma filosofia profundas, embora acessíveis às mais simples inteligências. Acrescentamos que a nitidez das ideias, o colorido do estilo, a beleza da forma e a lógica das deduções tornam esse livro um regalo para o espírito, um reconforto para a razão e uma alegria deliciosa para o coração.”

Finalmente, Emmanuel Glazer, no *Figaro*, prestava ao autor uma comedida homenagem, por isso mesmo bem significativa:

“Dos fatos e mesmo das teorias nada posso dizer, a não ser que são expostos com muita ciência, convicção e também com bastante clareza. O que desejo enaltecer, com toda a sinceridade, é o espírito que anima as conclusões, esse desejo de encontrar um ideal novo, que “devolva ao homem a confiança e o ardor pelo bem”, na certeza profunda de que “a alma humana não pode morrer”, enfim, essa vontade de traçar “o caminho para a futura humanidade, da qual ainda faremos parte integrante” e de ofertar aos homens os meios de uma vida melhor, para agir e morrer melhor.”

Assim, esse importante volume de cerca de 500 páginas recebia da crítica em geral, como os precedentes, as mais elogiosas demonstrações de consideração. Seu sucesso não terminou, porque ele encerra, sobretudo na sua parte filosófica, páginas que permanecerão no rol das mais brilhantes e mais profundas que o mestre já escrevera.

## O caso Miller

Foi no ano seguinte que começou a crescer o mal estar causado pelo “caso Miller”. Um grande escândalo estava para estourar entre os espíritas parisienses, espalhando a discórdia e a divisão em suas fileiras.

Desde o ano de 1906, um médium chamado Miller, francês de origem, porém residente em San Francisco, na Califórnia, onde se dizia comerciante de antiguidades, vinha anualmente a Paris, para seus negócios comerciais e realizava sessões de materialização.

Naquela época os meios espiritualistas se mostravam particularmente interessados nesse gênero de fenômenos.

Como a fama do americano era grande, disputava-se o privilégio de recebê-lo.

Miller aceitava convites, uns após os outros, nos salões em evidência, e também realizava sessões pagas.

Sua mediunidade não apresentava dúvida para ninguém e, apesar de suas atitudes pessoais, sua presença era disputada cada vez mais.

Coisa estranha e que denota, nos meios espíritas da época, uma confiança e uma ingenuidade desconcertantes: deixava-se Miller fazer o que quisesse e, como o controle não lhe agradasse, só se exercia diante dele uma fiscalização de forma tímida e insuficiente.

Destaquemos também que homens como Léon Denis, Gabriel Delanne, Papus, César de Vesme, Camille Chaigneau, Paul Leymarie e inúmeros outros diretores de grupos ou de revistas espiritualistas, visto serem apenas convidados para essas famosas sessões, não podiam cercar-se de precauções, que certamente tomariam, caso fossem os responsáveis pelas reuniões.

Que se passava, exatamente, naquelas reuniões?

Do inquérito, que resultou no escândalo – porque houve escândalo –, pode-se concluir que Miller possuía um inegável dom mediúnico, suscetível de, por vezes, provocar extraordinários

fenômenos. Além disso, tinha um talento completo de ilusionista, do qual se utilizava, nas oportunidades.

As pessoas acostumadas a essa espécie de pesquisas não demoraram em descobrir as fraudes do espertalhão, mas, por educação, calaram-se, não querendo divulgar uma tal revelação diante de seus anfitriões.

Entretanto, semelhante estado de coisas não poderia perdurar. Até mesmo para as pessoas menos entendidas ficou patente que ele representava, diante deles, uma farsa indigna e que isso devia terminar.

De todas as partes o rumor se alastrava, causando penosas discussões e desarmonia entre os espíritas.

Havia dois grupos: um torcia por Miller, o outro não escondia o repúdio que lhe inspirava uma tão vergonhosa mistificação. Uma polêmica tomou conta das revistas espiritualistas parisienses.

Léon Denis, cuja boa-fé, inicialmente, fora surpreendida e que falara favoravelmente de Miller no decorrer de suas conferências, depois de certo tempo passou a se resguardar. Mas qual partido convinha tomar na questão?

Anteriormente, observamos um certo número de fenômenos produzidos por Miller, em condições satisfatórias de controle, e que tinham apresentado resultados de incontestável autenticidade.

O autor de *O Problema do Ser e do Destino* havia participado de uma dúzia de sessões realmente interessantes.

O mesmo sucedera com Gabriel Delanne, Chevreuil e grande número de amigos, que puderam, por sua vez, observar os fenômenos em todos os pontos notáveis.

“Na maioria das sessões a que assistimos era evidente a sinceridade dos anfitriões, e a qualidade dos visitantes era inatacável. Nelas se podiam encontrar: O Sr. Branly, do Instituto de França; o Barão de Shickler; o Sr. Maxwell, substituto do Procurador-geral do Sena; os generais Amade e Fix; os doutores Baraduc, Encausse, Péchin, Chazarain, e



numerosos representantes da imprensa parisiense, dos padres, dos pastores, dos advogados da Corte de Apelação, etc.”<sup>70</sup>

Sem dúvida alguma, convinha agir, porém com uma grande cautela. Se ainda se tratasse apenas de fenômenos duvidosos! As provas, porém, eram esmagadoras. Era evidente que Miller estava zombando dos espíritas. Não se tratava mais de trapanças e de fraudes, em estado de transe, mas de verdadeiras mistificações. Qual era o objetivo desse médium? Era o que se precisava descobrir.

Em seu artigo de outubro de 1908, Léon Denis fazia a pergunta com uma prudência que não excluía a firmeza.

Miller, porém, não deu a menor importância. O mestre teve o escrúpulo de preveni-lo sobre o que pretendia fazer, pedindo-lhe, insistentemente, que renunciasse às suas detestáveis mistificações.

Miller respondeu de Nova Iorque, em 23 de dezembro, “negando tudo, nada prometendo”.

Depois disso, Léon Denis não vacilou mais. Publicou, em *La Vie d'Outre Tombe*, em Liège, a 15 de janeiro, e na *Revue Spirite*, a 1º de fevereiro, seu famoso artigo escrito em Marseille: “Últimas Apreciações...”<sup>71</sup>

Esse artigo ele o havia escrito tanto para obedecer às imposições de seus guias quanto sob a pressão dos acontecimentos.

“Que toda a verdade seja revelada, qualquer que seja – diziam, de Paris, os Espíritos Jerônimo e padre Henry. – Os que se lançaram, tantas vezes, na vanguarda para aclarar o caminho e mostrar o objetivo a seus irmãos hoje devem lhes chamar a atenção para as armadilhas e os perigos que se encontram em sua estrada.”<sup>72</sup>

“O silêncio é uma falta. – diziam os guias do mestre. – Nenhuma hesitação é permitida. É preciso publicar a verdade.”

Em Bordeaux, na casa da Sra. Agullana; em Marseille, na casa da Sra. Thivollier; em Paris, na casa do Sr. R., e no Havre, no Grupo Grellé, a resposta obtida foi a mesma.

O artigo era firme e comedido; todos os termos haviam sido bem ponderados. Léon Denis apresentava suas provas e fundamentava suas acusações de tal forma que elas não poderiam dar margem a nenhum equívoco.

As trapaças de Miller estavam postas à luz do dia, simplesmente, sem qualquer violência de linguagem.

Denis concluía assim:

“Se 40 anos de trabalho, de devotamento, de sacrifício pela causa do Espiritismo deram à minha palavra um pouco de autoridade e de crédito junto aos meus irmãos, eu lhes digo: Tomem cuidado! Há um grande perigo para nossa crença e para todos nós.

Quanto a mim, repudio doravante qualquer solidariedade para com esse homem hábil, astucioso, dissimulado, que zomba, sem ter vergonha, dos sentimentos mais respeitáveis e dos interesses mais sagrados.”<sup>73</sup>

O caso, porém, não estava encerrado.

Segundo informações sobre Miller, soube-se então que ele, desde sua juventude, trabalhava como parceiro de um refinado impostor, não era possuidor de qualquer diploma e não gozava de nenhum prestígio na América.

Em San Francisco era conhecido como inveterado mistificador e hábil ilusionista, dotado de ventriloquia.

Desacreditado em seu país, conseguiu iludir os parisienses. Que pretendia com a sua astúcia?

Entretanto, Léon Denis não deixou de ser criticado pela atitude corajosa que acabara de tomar junto com seus confrades César de Vesme e Léopold Dauvil, também desejosos de servir à verdade.

Aprovado por uns, foi criticado publicamente por outros. Posteriormente teve que se defender de certas acusações injustas,

retornar ao assunto que parecia encerrado, dando explicações complementares no artigo “Pró e contra Miller”. Escreveu Denis:

“Advertido sobre os perigos que ele nos fez passar, sinto-me feliz por ter me desembaraçado a tempo e não me arrependo nada do que fiz e nem do que disse!

Entretanto, é algo muito doloroso, no momento em que eu me exponho e tomo atitudes pessoais para nos livrar do mal onde muitos se extraviaram, ver voltarem-se contra mim aqueles mesmos que me deveriam sustentar.”<sup>74</sup>

Se fossem apenas os invejosos, os adversários habituais que todo homem de valor encontra! Havia, entretanto, certos companheiros de luta, até mesmo alguns familiares que não lhe escondiam sua desaprovação. E por isso ele sofria em silêncio, mas nada o fez mudar em sua decisão. Preferia sacrificar tudo a capitular sobre um ponto que considerava fundamental para o futuro da causa.

“Por mais de trinta anos eu e alguns companheiros consagramos nossos esforços, nosso tempo, nosso sossego, para divulgar e defender o Espiritismo. Para tanto, comprometemos nossas energias, nossa saúde e nossa vida. E agora iríamos comprometer toda a nossa obra com imperdoáveis desculpas?

Deixaríamos profanar, sem nada dizer, o que há de mais sagrado neste mundo: o respeito aos mortos e a fé na imortalidade?”<sup>75</sup>

Felizmente, as aprovações não lhe faltaram e provinham das mais eminentes e respeitáveis personalidades: Claire Galichon, Paul Leymarie, C. de Watterville, C. de Amelungen, Pablo, Marie Noeggerath, que lhe levaram, publicamente, na *Revue Spirite*, seus concordantes testemunhos e suas felicitações.

Um redator de um grande jornal parisiense lhe escreveu, afetuosamente:

“Compreendo quanto lhe deve ter custado liquidar assim Miller, porém, se essa liquidação penosa, mas leal, lhe atrair algumas inimizades, por outro lado ela lhe garantirá nu-

meras demonstrações de simpatia e de profunda amizade.”

Afirmava-lhe um general, amigo seu:

“Sua perfeita lealdade trará um grande bem à nossa causa e fará com que reflitam esses ingênuos que tanto mal lhe fazem.

Admirei sua coragem, no caso Miller, porque calculei quanto deve ter sofrido ao ser obrigado a protestar. O senhor agiu bem e comprovou, mais uma vez, ser um homem honesto e sincero. Sei que certos grupos o contrariaram, mas seu dever foi cumprido, enxotando os mercadores do Templo.

O que espalha a desconfiança, no movimento do qual o senhor é um dos mais respeitáveis chefes, é exatamente a cegueira de certos grupos que favorecem, por sua indiferença quanto à sinceridade dos fenômenos, os mistificadores e os que se regozijam com essas fraudes.”<sup>76</sup>

Essa carta, que partia de um homem de alto saber, ocupando um dos mais elevados postos do Estado, deve ter sido bem gratificante àquele que, continuamente, colocava acima de todas as preocupações o interesse da causa a que se devotara, irreversivelmente.

## **A verdade sobre Joana d’Arc**

Foi no meio dos debates sobre o caso Miller que apareceu *A Verdade sobre Joana d’Arc*.

Léon Denis, apoiado em revelações de caráter pessoal que o haviam esclarecido fortemente, não deixara, desde sua juventude, de meditar sobre o mistério da vida e da morte da heroína nacional francesa.

Desde 1877, nas “Grandes Cenas da História da França”, abordava esse apaixonante assunto.

Retornou ao tema, alguns anos depois, em “O Patriotismo na Idade Média”, “O Gênio da Gália” e “Nossas Verdadeiras Tradições Nacionais”.

Em 1896, em Agen, e depois no Havre, desenvolveu sua tese sobre a missão da donzela, em três grandes conferências: “Joana d’Arc, sua vida, seu processo e sua morte”, “Joana d’Arc, suas vozes” e “Joana d’Arc e o Espiritualismo Moderno”.

Novamente voltou ao assunto em sua palestra sobre “Joana d’Arc em Touraine” e “O Papel da Mediunidade na História”. Era o momento de condensar tudo em capítulos definitivos, fazendo um livro que trouxesse uma contribuição nova ao estudo desse grande tema.

No começo do novo século (século XX), muito se falava de Joana d’Arc e, como de costume na França, haviam subordinado a preocupação pela verdade histórica às preferências de ordem política ou religiosa.

Obras e ensaios contraditórios nasceram desse apaixonado movimento de ideias e de sentimentos, dos quais a memória da “boa lorena” mais sofria do que ganhava.

Depois de Thalamas e Anatole France, que só fizeram confundir a questão, Léon Denis abordou essa página da História com um novo método.

Nossos grandes historiadores tinham compreendido perfeitamente que, com Joana d’Arc, se achavam diante de um fato excepcional, dificilmente explicável pelos meios habituais. “Jamais a História se aproximou tão perto do milagre”, disse um deles, que não era místico.

“Quer a Ciência queira ou não, será preciso admitir suas visões”, afirmava o sábio e probo Quicherat.<sup>77</sup> A Ciência nada tem a perder, reconhecendo a verdade.

A mediunidade é um fato patente.

Ao afirmar que toda a epopeia de Joana se baseia nessa faculdade ainda mal definida, Léon Denis tentou uma obra certamente audaciosa, mas de forma alguma anticientífica. A novidade desse método era de ordem psicológica. Somente os conhecimentos psíquicos aprofundados possibilitam encontrar o “fio condutor”

que nos ajudará a nos orientarmos no meio dos episódios daquela incomparável existência.

Eis por que os escritores, que se basearam exclusivamente nos documentos dos arquivos, nada compreenderam dos prodígios de uma tal vida.

Os historiadores ou hagiógrafos católicos modernos fazem de Joana uma visionária, uma santa. A Igreja a canonizou; os escritores materialistas anticlericais, baseados numa tese médica perigosa, fazem dela uma histérica.

Em quem acreditar? Como preencher essa lacuna?

“A maior parte dos fenômenos do passado afirmados em nome da fé, negados em nome da razão, podem, de agora em diante, receber uma explicação lógica, científica.

Os fatos extraordinários que marcam a existência da Virgem de Orléans são dessa ordem. Seu estudo, tornado mais fácil pelo conhecimento de fenômenos idênticos, observados, classificados e registrados em nossos dias, pode nos explicar a natureza e a intervenção de forças que atuavam nela, em seu derredor e que orientaram sua vida para um nobre fim.”

Tal é a tese que o escritor espírita vai sustentar.

De que natureza são essas forças? Eis o primeiro ponto a estabelecer. Disse Denis:

“O Espiritismo demonstrou que laços poderosos unem a humanidade terrena ao mundo invisível, que uma ação recíproca se exerce nos dois sentidos e constitui, por seus efeitos, uma estreita solidariedade.

É por uma ação incessante dos espíritos sobre a humanidade, combinada com os efeitos da lei superior de justiça, que se explicam os fatos da História.

O aparecimento, no meio das tempestades sociais, de seres especialmente dotados, de missionários encarnados para um objetivo previamente traçado, dá, igualmente, a solução de fatos prodigiosos, incríveis, se, para julgá-los, nos limitamos em ver neles o lado puramente terrestre.”<sup>78</sup>

E isso é tão verdadeiro para certos povos como para certos seres predestinados.

Essa versão, examinada sem partidarismo, não deixa de aclarar, singularmente, o “caso Joana d’Arc”. Todavia, quando da publicação da obra, não mais que hoje, ela não poderia agradar nem a católicos, nem a ateus.

Léon Denis afirmava, comprovadamente, que Joana não admitia intermediários entre “suas vozes” e Deus; que, mesmo observando os ritos e práticas religiosas de seu tempo, ela se colocava acima de todas as autoridades estabelecidas neste mundo, repetindo, inúmeras vezes, que só se dirigia ao Criador.<sup>79</sup>

O autor foi violentamente marginalizado pelos escritores “bem pensantes”. Foi unicamente por essa razão que ele encontrou defensores do lado oposto. *Le Journal*, *L’Eclair* e *Le Matin* o sustentaram vigorosamente.

“Espiritualistas e científicos – dizia este último – se entenderão as mãos, por causa dessa interpretação? Pelo menos é uma oportunidade que se lhes oferece, apresentando-lhes essa nova tese.”

Notou-se que *A Verdade sobre Joana d’Arc* havia tido alguma repercussão, porém foi em 1912, quando o livro reapareceu com novo título – *Joana d’Arc, Médium* –, que obteve inesperados elogios de um alto professor universitário, Desdevizes du Désert, então decano da Faculdade de Letras de Clermont-Ferrand.

Em um magistral artigo de alta crítica, publicado no *Le Lien*, órgão dos “crentes livres”, ele apreciava a obra com uma serena imparcialidade:

“Os orleanenses de 1429 viram em Joana uma santa enviada por Deus, um anjo salvador; os ingleses quiseram que ela fosse uma bruxa. Apesar de toda a nossa vaidade moderna, ficamos limitados a essas duas opiniões primitivas, um pouco modificadas.

Fazer da boa lorena, robusta e valente, de juízo perfeitamente sadio, uma histérica é fora do mais elementar bom

senso. O esclarecimento do escritor espírita é ainda o que melhor pode explicar “suas vozes”.”

Quanto ao processo, o eminente crítico afirmava que:

“O julgamento iníquo do tribunal eclesiástico pesa igualmente sobre a Igreja, sobre a coroa da Inglaterra e sobre a coroa da França. Este foi – acrescentava ele – um belo processo da Inquisição, igual a tantos outros.

O mais odioso do execrável processo não foi a fogueira, foi a abjuração arrancada de Joana pelo terror e que mais tarde foi falsificada.

O mais sublime da história da donzela foi a retratação, foi a retomada da consciência após um instante de fraqueza, foi a coragem com que ela exclamou diante da fogueira:

“A voz me disse que era uma traição abjurar. A verdade foi que Deus me enviou. O que eu fiz está bem-feito.”

O professor assim terminava:

“Aí está porque Joana nos deve ser tão cara: é que ela não admitia nenhum intermediário entre ela e Deus; certa de tê-lo consigo, enfrentou o mundo inteiro unido para a sua condenação.”<sup>80</sup>

Não é a brilhante confirmação do que Léon Denis escrevera?

Quanto à segunda parte da obra, referente às “mensagens”, o crítico respeitava, sem querer discutir esses fatos que não interessavam mais à História, porém assinalava as páginas de “Jerônimo” sobre o futuro da Igreja, “que são, certamente, as mais elevadas e mais nobres do livro”.

Terminava sua conclusão com uma firmeza perfeita, onde ele opunha a obra do escritor espírita à de Anatole France sobre o mesmo tema:

“A obra de Anatole France está aí para demonstrar a impotência radical do criticismo<sup>81</sup> irônico para compreender o heroísmo e o ideal; e quaisquer que sejam os exageros dos místicos, é a eles que cabe louvar aqueles que foram grandes pela alma, pelo desinteresse e pela virtude.



Por mais estranho que possa parecer, por certos aspectos o livro do Sr. Denis é um belo e bom livro, como o livro do Sr. Anatole France é um livro mau e torpe.”

Eis aí o que é falar claro.

Todavia, houve uma coisa que os críticos não destacaram suficientemente: foi o cuidado carinhoso do autor ao nos apresentar um retrato físico e moral da heroína, tão real quanto possível, só lhe faltando falar. Para tanto, de nada se esqueceu. Não somente consultou os textos, como um bom historiador, porém quis impregnar-se, na medida do possível, do ambiente no qual se escoou a curta vida da donzela.

E foi a Domremy que ele se dirigiu, inicialmente.

“Filho de Lorraine e, como Joana, nascido no vale do Meuse, minha infância foi embalada pelas lembranças que ela deixou naquela região.

Já homem, quis seguir, através da França, as pegadas de seus passos. Repeti a dolorosa caminhada, quase que etapa por etapa. Não ficou lugar algum, por onde ela houvesse passado, que eu não tivesse visitado para meditar, orar, chorar em silêncio.

Como os cristãos, que percorrem, passo a passo, o caminho que conduz ao Calvário, eu segui a via dolorosa que conduzia a grande mártir ao suplício.”

Deduz-se o que semelhante método, e um tal amor pelo tema, puderam dar em capacidade de penetração a uma alma dessa envergadura!

Eis Léon Denis entre esses lugares sagrados, tão caros a toda alma francesa!

“Revi a humilde cabana onde ela nasceu, o quarto com estreito respiradouro, onde seu corpo virginal, destinado à fogueira, roçou as paredes; o armário rústico onde ela guardava suas roupas e o lugar onde, empolgada, em êxtase, ouvia suas vozes; depois a igreja onde tantas vezes orou.”

A capela de Bermont, por onde Joana vinha, seguindo pela vereda de Greux; Vouthon, a aldeia natal de sua mãe; Burey, onde se vê a casa de seu tio Durand Laxart, e o bosque Chenu mais próximo. Por todos os cantos ele passou, com o coração cheio de lembranças e o espírito aberto às vozes misteriosas do alto.

Não foi assim, com essa efusão da alma, que deveria surgir, num passeio vespertino, a primeira comunicação de Joana com seu amigo?

“O ar tremia; tudo parecia iluminado em meu derredor; asas invisíveis adejavam no crepúsculo, uma melodia desconhecida descia dos espaços, embalando meus sentidos e fazendo correr minhas lágrimas.”

Lembramos desse prelúdio na bela página que abre esse livro.

\* \* \*

Os historiadores, os poetas e os artistas tentaram, em oportunidades diferentes, traçar um retrato fiel da donzela. Tarefa difícil, já que não possuímos qualquer desenho, nem a menor pintura autêntica.

Reunindo alguns fragmentos de documentos escritos que chegaram até nós, Léon Denis conseguiu nos apresentar, aos poucos, uma imagem verossímil, bem viva, da heroína.

Quanto ao físico, temos a seu respeito dados bem precisos:

“Ela era bonita e bem feita de corpo”, “robusta e incansável”, tendo “boa aparência sob as armas”, e um “ar risonho e olhos fáceis para as lágrimas”.

Os lances do processo nos dizem que seus cabelos eram negros, curtos “em forma de tigela, de modo a formar sobre sua cabeça uma espécie de calota, semelhante a um tecido de seda escura”.

“Vestida toda de branco, menos a cabeça, trazia na mão uma machadinha e montava um corcel negro”, é como nos aparece Joana, segundo as descrições da época.

Ao demais, possuía uma elegância de maneiras e uma distinção natural de fazer admiração aos senhores e damas da Corte.

De todos os pintores e escultores que tentaram reconstituir sua imagem, apenas Barrias<sup>82</sup> e Antonin Mercié<sup>83</sup> agradaram a Léon Denis. Os outros, por ignorância ou falta de compreensão, fracassaram totalmente.

O retrato moral que Denis traça de Joana d'Arc é uma obra-prima de penetração.

“O que mais nos surpreende nela não é sua tarefa heroica, embora única na História, é o caráter admirável, onde se unem e se fundem as qualidades aparentemente mais contraditórias; a força e a doçura, a energia e a ternura; a previdência, a sagacidade, o espírito vivo, engenhoso, penetrante, que sabe, em poucas palavras, nítidas e exatas, resolver as mais difíceis questões e as mais ambíguas das situações.”

“Era muito confortador conversar com ela”, diziam as pessoas de Orléans, chamadas como testemunhas no processo de reabilitação.

Toda sua existência foi um ensinamento, porque “Joana é tão admirável em seus propósitos como em seus atos. Aqueles lábios de 18 anos proferiram afirmativas que merecem figurar ao lado dos mais belos preceitos da antiguidade”.

Ingenuidade e sabedoria, humildade e altivez, ardor varonil, pureza angelical e, acima de tudo, uma infinita bondade. Ela possuía todas as virtudes.

Entretanto, foi na prisão, no decorrer do seu processo e até sobre a fogueira que essas virtudes brilharam com um fulgor sobre-humano.

O historiador espírita, tendo seguido Joana, ao longo de sua maravilhosa epopeia, agora a acompanha na prisão, depois perante o tribunal.

Sabe-se que Joana ficou, durante meses, “a mercê de soldados brutais, estúpidos e lascivos”, que tentaram violentá-la e a es-

pancaram; que Stafford<sup>84</sup> e o miserável Loyseleur<sup>85</sup> buscaram comprometê-la.

“Pensemos nos horrores de semelhante situação, em seus pensamentos de mulher, nos receios dessa virgem, exposta a todas as surpresas, a todos os ultrajes, a uma contínua privação do repouso e do sono, que lhe quebrantavam as forças, no meio de ansiedades e incessantes agonias.”

Como suportar semelhantes provações, sem a assistência fiel de seus amigos invisíveis, que ela denomina como seus “irmãos do paraíso”?

São eles que lhe dão as forças necessárias e a sustentam nessa hora extrema.

Depois, Denis nos mostra Joana diante do Tribunal do Santo Ofício:

“De um lado, tudo quanto o espírito do mal pode destilar de negra hipocrisia, astúcia, perfídia e ambição servil. Setenta e um padres e doutores, fariseus de coração insensível, todos homens de Igreja, para eles, porém, a religião é apenas uma máscara para encobrir ardentes paixões; a cupidéz, o espírito de intriga e o fanatismo radical.

Do outro lado, sozinha, sem apoio, sem conselheiro e sem defensor, uma menina de 19 anos, inocente, a pureza encarnada, uma alma heroica num corpo de virgem, um coração sublime e terno, pronto a todos os sacrifícios, para salvar seu país, cumprir com fidelidade sua missão e dar o exemplo da virtude, dentro do dever.”

As páginas que Léon Denis consagra à prisão, ao processo e ao suplício são nítidas, incisivas, vingadoras e pungentes, como imagens gravadas em água-forte. Uma bela luz ardente e serena ali se projeta, emanando um profundo tom de nobreza e de verdade.

Se a memória da lorena ficou por muito tempo mergulhada em pérfidas sombras, agora ela se eleva ao seu verdadeiro lugar, que é o da glória imaculada.

“A justiça foi demorada para Joana, mas finalmente surgiu, brilhante, absoluta e universal.”

Será preciso relembrar aqui as singulares apreciações e os ultrajes recebidos de jornalistas e de universitários franceses, cegos pela paixão política e religiosa?

Não devem, hoje, envergonhar-se das ímpias palavras saídas outrora de sua pena imprudente?

Léon Denis lhes disse o que pensava deles. Não apenas alteraram, conscientemente, a verdade histórica, porém cometeram, como franceses, uma ação muito vil. Que eles leiam, para perceber a causa disso, os autores estrangeiros, em particular os ingleses: Richard Green, Carlyle, John Stirling, Andrew Lang, Bernard Shaw.

Quanto ao seu próprio livro, pode-se afirmar que ele completa admiravelmente os de Michelet, Henri Martin e de Lavissee, não quanto a aspectos da História, que não eram de sua obrigação, mas sobre a interpretação de fatos relativos ao milagre.

Esta interpretação tem algo semelhante com a tese católica, mas é, certamente, menos radical. De qualquer forma, é a mais completa que se possa dar e a mais verossímil.

“Somente vós – escrevia-lhe Albin Valabrègue, depois da leitura de seu livro – apresentastes Joana d’Arc em sua verdade total.”

Não há sequer um admirador da boa lorena que não subscreva tal julgamento.

Não é um fato significativo ver-se hoje os ingleses homenagearem aquela que no passado queria “enxotá-los para fora da França”?

Os descendentes dos bretões, em particular, reconheceriam uma irmã espiritual do Rei Arthur em Joana d’Arc, a Velléda<sup>86</sup> lorena?

Será isso um novo milagre, um salto imprevisto da alma céltica?

Apesar dos desentendimentos passageiros, mais aparentes que reais, não só a fulgurante glória de Joana d'Arc trabalha pela reaproximação de dois grandes povos, destinados a se entenderem e a se unirem numa tarefa civilizadora comum, como também o radioso arcanjo, mais do que nunca vivo e atuante nos planos superiores da existência, se dedica, assegura-nos o mestre, a desarmar os tolos ressentimentos e a acalmar os corações furiosos dos homens.

“Por que eu odiaria os ingleses? – disse ela, em uma de suas mensagens – Eu lhes devo uma bela coroa de luz.”

Assim, Jeanne de Domremy continua sua missão de mediadora acima de nossas paixões e de nossas disputas, geralmente tolas ou imprudentes.

Escrevendo esse livro irradiante de fé espírita, Léon Denis só vislumbrava um objetivo: basear-se nos testemunhos históricos para refazer a verdadeira e sublime imagem da santa da pátria.

Devemos à sua filosofia tão humana, tão compreensiva e tão prudente, uma obra de uma profundidade e de uma beleza que não serão jamais ultrapassadas.

## **O Congresso de Bruxelas**

No Congresso Espírita Universal, que se realizou em Bruxelas, de 14 a 18 de maio de 1910, Léon Denis foi convidado simplesmente como delegado da França e do Brasil. Todavia, o presidente, o cavalheiro Le Clément de Saint-Marc, fez questão de saudá-lo, na sessão de abertura:

“Dirijo nossas saudações de boas-vindas à delegação da França, tão numerosa e, ao mesmo tempo tão bem selecionada. Estou particularmente orgulhoso por citar em primeiro lugar, entre aqueles que temos a alegria de ver no dia de hoje, o Sr. Léon Denis, ilustre escritor espírita, que tanto tem feito com suas obras para a divulgação de nossa Doutrina.

Aproveito a ocasião para lhe manifestar aqui o testemunho de nossa admiração por seus trabalhos, para lhe dizer quanto ele nos tem ajudado em nossos estudos e, por conseguinte, todo o bem que eu mesmo experimentei, e pela propaganda espírita de que, em nosso próprio país, estamos tão necessitados.”

Léon Denis agradeceu num improviso encantador, saído de seu coração de apóstolo, expondo, informalmente, novas considerações, profundas e originais, sobre as questões postas em estudo.

Nesse Congresso tratou-se especialmente do magnetismo, da ciência psíquica e psicósica.<sup>87</sup> O kardecismo foi deixado um pouco na penumbra.

Discorreu-se, é verdade, sobre o sentimento no Espiritismo, porém de forma tímida. Entretanto, a questão do ensino, o papel educador da mulher, ali foram tratados com uma certa profundidade.

A organização do Espiritismo, tão deficiente ainda, o problema da mediunidade, principalmente o da experimentação, atraíram a atenção geral. A maior parte das proposições apresentadas nas sessões se referiam a essas importantes questões.

Léon Denis, por sua vez, fez aprovar a seguinte proposição:

“O Congresso Espírita Internacional de Bruxelas, preocupado com as numerosas fraudes que têm ocorrido no decorrer das sessões realizadas na obscuridade, dadas por médiuns profissionais, e preocupado com o prejuízo moral que elas causam à nossa Doutrina:

Convida os grupos de estudo e os experimentadores que pesquisam os fatos físicos, os transportes e os fenômenos de materialização, a só realizarem as sessões na obscuridade ou semi-obscuridade sob condições de rigoroso controle. Estas condições serão posteriormente fixadas pela Comissão Nacional.

O Congresso dirige, além disso, um caloroso e urgente apelo aos médiuns honestos e desinteressados, pedindo-

lhes que redobrem o zelo pelo serviço de uma verdade sagrada, verdade comprometida por simuladores desavergonhados, que não receiam em assumir as mais pesadas responsabilidades e se candidatam a amargas decepções no Além. O Congresso Espírita lembra-lhes também que, se a patifaria merece uma justa e severa reprovação, em compensação, o devotamento e a sinceridade lhes proporcionarão a estima e o reconhecimento de todos os espíritas, além da assistência das altas inteligências invisíveis, que velam pelo progresso de nossa crença no mundo.”

Em 17 de maio, na sessão da noite, Léon Denis proferiu um de seus mais notáveis discursos: “A missão do século XX”.

Dessa bela demonstração de eloquência, achamos uma apreciação entusiasta na *Revue Spirite*, de 19 de junho, após o autor ter tratado do mesmo assunto na Sala dos Agricultores, situada na Rua d’Athènes, diante de um numeroso público.

“Apesar da grande concorrência de um sol brilhante, anunciador da primavera, já de há muito esperado, a conferência de 19 de junho foi um sucesso inesquecível.

Os que tiveram o privilégio de ouvir o prestigioso orador se recordarão sempre daquela admirável festa da alma, na qual o apóstolo do Espiritismo, numa linguagem soberba, elevou, nas asas de sua inspirada eloquência, seu auditório aos mais altos cumes do pensamento humano...

A multidão que acorreu para ouvi-lo, comprimida com grande sacrifício na sala da Rua d’Athènes – multidão onde se acotovelavam, numa mistura verdadeiramente democrática, todas as classes da sociedade, magistrados, advogados, médicos, artistas, etc. –, vibrava com a palavra do mestre, melodioso eco das harmonias do Além, como o “Stradivarius”<sup>88</sup> sob o arco de um Paganini...

As grandes Entidades que, de todas as partes, acorrem para dar aos homens provas de sua existência e de sua amizade tomaram a direção do formidável movimento que se prepara; as manifestações do mundo invisível se multipli-



cam por toda parte e assistimos às primeiras oscilações do pêndulo que deve marcar o ritmo dos novos tempos.

Durante uma hora e meia Léon Denis desenvolveu esse tema, e com que arrebatamento, que magnificência de linguagem, que abundância de imagens impressionantes!

A assistência inteira, presa aos lábios do orador, como que galvanizada pela beleza e elevação de seu verbo inspirado, vibrava de entusiasmo e interrompia com “bravos” frenéticos a profunda impressão experimentada.”<sup>89</sup>

A carreira do propagandista acabara com esse brilhante sucesso. Léon Denis tinha 64 anos, e lembremos que seu primeiro discurso data de 1873.

## Polêmica Paul Nord

Após o Congresso de Bruxelas, o autor de *A Verdade sobre Joana d’Arc*, recém-publicada, ficou doente por alguns meses, bastante deprimido.

Todavia, não lhe faltava trabalho. Provocado pela crítica, ele ia ser envolvido, contra sua vontade, numa polêmica ruidosa. Ele era invejado, há muito tempo, por causa de sua popularidade que se alastrava rapidamente, popularidade que não havia procurado, contentando-se em ser um servidor modesto da causa espírita.

Já em 1907, um debate começado em *La Tribune*, órgão da Sociedade Francesa de Estudo dos Fenômenos Psíquicos, dirigida, então, por Chartier, havia se desvirtuado para fins políticos. Léon Denis, interpelado, a contragosto, pôs um paradeiro à discussão.

“Não mais responderei a novos ataques. De início, tenho coisa melhor para fazer. Depois, esses debates que se confinam muito de perto com a política me parecem totalmente estéreis, saindo do objetivo do *La Tribune*.

Em princípio, o Espiritismo, que se dirige a todos, deve permanecer fora dos partidos, não se entregar a nenhum.

Se eu abordei a questão social, foi unicamente do ponto de vista filosófico, mas logo a discussão escorregou para um terreno perigoso. Creio que seria prudente encerrar.”

Era o próprio bom senso.

Eis que, com três anos de intervalo, os mesmos aborrecimentos se repetiam, não mais de caráter político, mas, mesmo assim, desagradáveis para o apóstolo espírita.

Quem os provocava, e assinava com o pseudônimo de Paul Nord, era um jovem escritor espiritualista, filho de um amigo de Léon Denis e recém-saído da Universidade. Tinha talento, ardor e ambição.

O mestre havia sido dos primeiros a esclarecer seu caminho e guiá-lo na rota que pretendia seguir.

Com esse objetivo, uma correspondência bastante ativa tinha sido trocada entre eles, tendo o neófito acolhido com respeito os conselhos do mais velho.

Rapidamente, porém, revelou seu gosto pelas inovações. Acabava de sustentar, brilhantemente, em *L'Essor Moderne*, uma tese bastante engenhosa, da qual ele era o protagonista e intitulava “O Universalismo”, quando seu ardor, um pouco precipitado, o pôs em conflito com o filósofo espírita.

Já em seus comentários sobre a precedente conferência de Léon Denis,<sup>90</sup> ele o havia tratado um pouco rudemente quando escreveu:

“A base do conhecimento, como disse Pitágoras, há muito tempo, é a lei dos números, que o Sr. Léon Denis desconhece inteiramente. É o plano limitado entre o relativo e o absoluto, entre o finito e o infinito. Tudo é número e fórmula de números, até mesmo e principalmente nossos mais sutis pensamentos e tudo quanto nos ultrapassa.

O futuro o comprovará. É a verdadeira língua universal. É o último substrato atrás do qual a matéria oculta o espírito.

O valor do Espiritismo, das ciências psíquicas, reside precisamente em sua *nuance* positiva.”

Léon Denis estava, portanto, formalmente acusado de apresentar o Positivismo de uma forma errônea.

Que era o Universalismo ou Panmonismo? Vamos dar a palavra ao autor:

“Há verdades comuns a diversas doutrinas, como há sínteses parciais. Todavia, só há uma verdade central universalista, como só há uma síntese integral.

Uma síntese, mesmo espiritualista, não é a síntese universalista que reconcilia os materialismos e os espiritualismos na unidade da verdade.”

A empresa, como se vê, era bastante audaciosa. Digamos que ela era prematura. É desejável que se concretize uma tal síntese, mas é preciso tempo para tudo.

Léon Denis pensava, com alguma razão, que ainda estamos longe da época da ciência integral. A juventude, contudo, dificilmente se acomoda a essa espera forçada, ela quer ultrapassar as etapas, acreditando chegar mais cedo ao alvo.

Desde 1906, num artigo intitulado “Da Juventude para Léon Denis”, Paul Nord conclamava o mestre para resgatar, ele mesmo, essa verdade fundamental, que se entrevia agrupando todas as verdades parciais, procurando “um campo de entendimento entre materialistas e espiritualistas”.

Léon Denis havia respondido, manifestando suas formais reservas. Unidade de substância? Pode ser, mas “quanto a concluir desses fatos que a força se torna inteligente, em um determinado momento de sua evolução, é ainda uma simples hipótese. Para nós, entre o ser e o não-ser há uma diferença de essência”.

Contudo, Paul Nord, aproveitando-se de certas passagens do último livro, *O Problema do Ser e do Destino*, pretendia, de qualquer forma, envolver o mestre em suas fileiras do Panmonismo.

Na falta de argumentos, tentava convencer o escritor espírita de que ele, Léon Denis, evoluía, sem perceber, cada vez mais, para o Universalismo e que, realmente, ninguém era mais universalista do que ele.

“Que importa, pois – escrevia ele –, que Léon Denis não se confesse universalista, se suas ideias o comprovam.”

Vemos que Paul Nord o atacava fortemente.

Numa carta datada de 5 de abril de 1911, publicada no mês seguinte, Léon Denis protestava, formalmente, contra esse pretense envolvimento.

“Universalista é, no meu entender, um termo bastante vago, nebuloso, que não chega a nenhuma conclusão a não ser à tolerância e à benevolência. Se eu sou universalista – dizia Denis, bem-humorado –, é da mesma maneira que Jourdain<sup>91</sup> fazia prosa, sem o saber.”

Em junho, no número seguinte, sempre na *Revue Spirite*, Denis completava suas observações.

“Quando, em 1906, animei Paul Nord em seus primeiros ensaios, jamais pensei que, cinco anos depois, ele me classificaria no rol de seus “discípulos”.

O jovem escritor não encontrará, em parte alguma as palavras: universo, universal e outras similares, sem logo pensar que achou seu próprio retrato.”

Enfim, no número de julho, apareceu o ponto final:

“As ideias, que Paul Nord reivindica, tão levemente, como de sua paternidade, já eram expostas na 1ª edição de meu livro *Depois da Morte*, em 1891. Ora, que idade tinha o feroso escritor naquela época? Quatro ou cinco anos, mais ou menos! Daí, que pensar de suas alegações? Cabe ao leitor a apreciação.

No capítulo XVI dessa edição, “Matéria e Força, princípio único das coisas”, página 185, pode-se ler: A Ciência do futuro explorará essas profundidades e aí encontrará a solução dos formidáveis problemas da unidade de substância e das forças diretrizes do Universo.

E mais adiante continua: Pode-se afirmar que tudo na matéria converge para a unidade... O estudo dos fenômenos materiais, como uma corrente infinita, de elo em elo nos

conduz à concepção de uma única substância etérea, universal, etc. O capítulo inteiro é o desenvolvimento dessa ideia.”

E assim, Denis continuava citando páginas e trechos numerosos da mesma obra e de seu novo livro, que estava em vias de publicação, onde a mesma concepção era apresentada, sem qualquer equívoco possível.

Um pouco aborrecido por uma polêmica que havia durado tanto tempo, encerrava, dessa vez, a questão em termos categóricos:

“Doravante, não mais responderei às divagações de Paul Nord, pois tenho melhor emprego para meu tempo.”

Ao demais, a direção da *Revue Spirite* informava que estava decidida a terminar, em suas páginas, com as intenções bem claras de tal correspondente, desejoso de pôr em destaque suas ideias e preferências pessoais, sem levar em consideração as de seus leitores.

Decisão sábia que Léon Denis, sem qualquer dúvida, foi o primeiro a aprovar, pensando que, na falta do Universalismo, o Espiritismo é bastante grande para se bastar a si mesmo.

## *O Grande Enigma*

Pouco tempo depois aparecia seu último livro, *O Grande Enigma*, abordando: “Deus e o Universo”, em seguida a lei circular, as idades da vida e a missão do século XX.

“Desde o tempo de Lucrécio, que muitos ambiciosos pretenderam liberar nossas almas da tirania dos preconceitos e da angústia atávica do Ténare!<sup>92</sup> Uns aconselharam as fantasias metafísicas e outros a sonoridade das fórmulas milagrosas.

Léon Denis tem sua receita. Ela é eficiente e antiga. É a bondade e o amor.

Poder-se-ia desdenhar dessa metafísica apaixonada, se a vida de Léon Denis não oferecesse por si mesma a comprovação mais brilhante dessa calorosa e estoica doutrina.

Entre os Pascal insatisfeitos, que buscam a indecifrável solução do “grande enigma”, Léon Denis tem todo o fervor altivo de um Bossuet e a persuasão docemente obstinada de um Fénelon.”

É com esses termos que J. J. Brousson apresentava o livro no *Le Matin* de 14 de julho de 1911.

Receita antiga, certamente, e feita de maneira para provocar o sorriso dos incrédulos, porém isso pouco importava ao nosso bom filósofo:

“Deus e o Universo... Onde e como sonhei escrever este livro?

Era numa tarde de inverno, uma tarde de passeio pela costa azulada da Provence. O Sol se deitava sobre o mar tranquilo; seus raios dourados, estendendo-se sobre as ondas mansas, iluminavam o alto das rochas e dos promontórios com suas cores vivas, enquanto a Lua subia na imensidão sem nuvens. Havia um grande silêncio envolvendo todas as coisas...

E uma voz me disse: “Publica um livro, que nós te inspiraremos, um pequeno livro que resuma tudo o que a alma humana deva conhecer para se orientar no seu caminho; publica um livro que demonstre a todos que a vida não é uma coisa vã, de que se possa usar com leviandade, mas uma luta para a conquista do céu, uma obra elevada e grave de edificação, de aperfeiçoamento, uma obra que leis augustas e equitativas regem, acima das quais plana a eterna Justiça, temperada pelo Amor.”<sup>93</sup>

Nessa base se encadeiam os capítulos desse livro, que é um hino de adoração ao Eterno.

Deus e o Universo – O Livro da Natureza.

Existe um objetivo, existe uma lei no Universo?

Se a inteligência existe no homem, ela deve se encontrar nesse Universo do qual ele faz parte integrante.

Quem, pois, governa os mundos, a não ser a Suprema Inteligência, Deus?

Onde encontrar, noutra parte, a fonte dos três elementos: substância, força, inteligência, cuja união constitui a vida universal?

São questões que o autor tentará resolver.

Contudo, a existência de Deus não se demonstra como um teorema de Geometria: concebe-se.

Qual é a concepção de Léon Denis?

“Deus é manifestado pelo Universo que dele é a sua representação sensível, mas com ele não se confunde.

Assim como em nós a unidade consciente, a alma, o *eu*, persiste em meio às modificações incessantes da matéria corporal, assim, no meio das transformações do Universo e da incessante renovação de suas partes, subsiste o Ser imutável que é a alma, a consciência, o *eu* que a anima, comunica-lhe o movimento e a vida.”<sup>94</sup>

Não é nos templos construídos pelos homens que devemos buscar Deus, mas na natureza, que é o seu templo eterno, e para além da natureza visível, no Universo prodigioso que o espírito nos revela, à medida que ele ganha em força e em elevação.

Esse Universo Léon Denis nos apresenta em sua unidade substancial, que as mais modernas hipóteses científicas buscam demonstrar.

Nesse Universo, cujo centro vivo é Deus, nós nos encontramos “numa relação íntima que liga a causa ao efeito”.

“Deus, Espírito universal, manifesta-se na Natureza, e o homem é, na Terra, a mais elevada expressão da Natureza. A prova é que, cada vez mais, ele a domina e a coloca a seu serviço.

Saídas de Deus, todas as almas são irmãs; (...) Da paternidade de Deus decorre a fraternidade humana.

(...) e é nesse sentido que ele dizia aos seus discípulos: “Vós sois todos deuses”.<sup>95</sup>

E o escritor desenvolve, com seu ardor costumeiro, o tema tão belo da solidariedade e da comunhão universal.

São essas harmonias do espaço que lhe fazem sentir Deus. É “pela música, linguagem divina”, que, como Pitágoras, ele ouve os celestes concertos.

Denis cita o exemplo de Beethoven, que tentava reproduzir, num estado de arrebatamento inusitado, essa música divina que o inebriava e o arrebatava.

“Tudo nos fala de Deus: o visível e o invisível. A inteligência o discerne, a razão e a consciência o proclamam.”

O homem, porém, é capaz de amar e o que o caracteriza é o sentimento, emanado do coração. “O sentimento é um privilégio da alma.” E ele está em nós como refúgio íntimo, como uma fonte profunda de onde podem jorrar ondas de vida, de amor, de virtude e de luz.

É nessa fonte que convém nos abeberarmos para conceber o Ser Supremo.

Também a experimentação psíquica, quando bem orientada, nos conduz a Deus, porém é preciso nos prevenirmos contra o orgulho.

“Desde que a ideia de Deus abandona a alma, a noção do *eu* logo se expande.” Daí a necessidade da humildade e da eficácia da prece.

Os homens modernos não querem Deus, nem mestre. Que se acautelem, adverte Denis, pois que pode acontecer muito cedo a previsão de Voltaire: “O ateísmo e o fanatismo são os dois polos de um mundo de confusão e de horror.”

Não há ideal sem Deus, porque Deus é a perfeição realizada.

O autor retoma uma de suas ideias familiares. Essa ação de Deus, negada por tantos homens, nós a vemos manifestar-se de uma forma permanente na História.



Pode-se seguir, através do tempo – grandioso quadro! – esse impulso da humanidade para o bem, para o melhor, apesar dos desfalecimentos, dos inevitáveis recuos, frutos de seus erros e de seu estado de inferioridade.

“O que demonstra, de uma forma brilhante, a intervenção de Deus na História é a aparição, nos tempos desejados, nas horas solenes, desses grandes missionários que vêm estender a mão aos homens e recolocá-los no caminho perdido, ensinando a lei moral, a fraternidade, o amor de seus semelhantes, dando-lhes o grande exemplo do sacrifício de si mesmo pela causa de todos.

Em vão elevam-se em torno deles cadafalsos, forças. Acendem-se as fogueiras. Eles vão, a frente elevada, a alma serena. Qual é, pois, o segredo de sua força? Quem, portanto, impulsiona-os para diante?”<sup>96</sup>

A segunda parte da obra é consagrada à natureza. Nos espetáculos sublimes do céu estrelado, do mar, da floresta e da montanha, o autor reconhece a presença divina, decifra a palavra do enigma, entende a suprema lição que o Criador dá à criatura: amar.

Ele descobre o segredo da verdadeira poesia da vida, feita da ressonância íntima da suprema harmonia do Cosmo em nossos pensamentos e nossos sentimentos.

Então, seu canto se torna um hino, uma hosana sublime, uma elevação serena. Seu coração transborda de alegria e de sua alma flui, espontaneamente, a prece, que não é um balbuciar mecânico, porém, verdadeiramente, uma projeção do ser rumo a Deus, sua fonte e seu fim.

A terceira parte trata da lei circular, da palingênese e da missão do século XX. Uma síntese doutrinária e prática sob a forma de questionário, de certa forma um catecismo espírita, que, precedendo notas complementares muito cativantes, concluem esse bom e belo livro, verdadeiramente inspirado, onde o pensamento do mestre, sem deixar de ser firme em sua base, alcança, sem esforço, a mais rica e mais intensa poesia.

O *Journal des Débats* apresentava a obra nos seguintes termos:

“Neste livro, de uma rara elevação de alma e de sentimentos, Léon Denis propõe uma nobre e sedutora explicação do destino humano. É um espírito pleno de altas aspirações que ele expressa com eloquência.

Sua doutrina, amplamente espiritualista, é exposta com muita poesia. Não discutiremos sua tese. Basta-nos assinalar que é um livro generoso, elevado e sincero.

Basta que nos limitemos a repetir o que temos proclamado, após cada página lida: nada mais verdadeiro! nada mais belo! nada melhor!”

Esta elogiosa apreciação do coronel Collet resume, admiravelmente, a impressão que sente todo leitor de boa-fé, meditando sobre essas páginas.

### **As brochuras de defesa**

O notável sucesso obtido com o primeiro opúsculo, *O Porquê da Vida*, tinha animado seu autor a prosseguir na propaganda sob essa forma comprovadamente prática e pouco custosa para o leitor. O título desperta a curiosidade; o preço barato anima a comprar uma semelhante publicação.

*O Grande Enigma* foi, portanto, seguido de uma pequena brochura, com capa cor-de-rosa e umas trinta páginas, trazendo a “Resposta de um velho espírita a um Doutor em Letras de Lyon”. Uma ofensiva, em grande estilo, estava lançada pelo clero católico contra “a nova heresia”.

Por meio das pregações, das conferências, dos artigos em jornais neutros, tentava-se atingir, por todas as formas, a doutrina incômoda e odiada.

Um violento ataque acabara de ser publicado, em Lyon, contra o Espiritismo, e a resposta não se fez esperar.

O velho espírita, adivinha-se, era Léon Denis.

Essas manifestações de mau humor, que surgiam em diversos pontos, simultaneamente, não pareciam ser espontâneas.

“Dir-se-ia que uma palavra de ordem fora dada e que certas pessoas receberam ou se atribuíram a missão de iludir a opinião e a consciência do público a nosso respeito.

Sua brochura, de boa apresentação e de fácil leitura, tem a infelicidade – dizia o velho espírita – de ser apenas uma compilação eclética e apressada, composta de trechos isolados, tirados, aleatoriamente, de revistas ou de opúsculos mais ou menos sérios e, além disso, enxertados de histórias provavelmente copiadas de almanaques populares ou de páginas de jornais humorísticos.”

Tentava-se, nessa época, atingir o Espiritismo pela ridicularização. A publicação era endossada pelo cardeal-arcebispo de Lyon e podia ser assim resumida: Satã é a alma do Espiritismo e todos os espíritas têm o diabo no corpo; um tema já bastante conhecido.

Léon Denis não tinha dificuldade em estabelecer a improcedência dessas afirmativas; publicava, ao lado, o Credo Espírita, que não está tão distante do Credo da Igreja, como, aliás, ela procura argumentar.

Acompanhando, passo a passo, as declarações de seu adversário, o “velho espírita” destruía as afirmações gratuitas e os pretensos erros.

O “Doutor” pretendia comprovar que os fenômenos espíritas não tinham nenhuma causa natural, nem científica. A Igreja, mais tarde, fez algumas concessões.

Os testemunhos dos sábios, naquele tempo, já eram reconhecidamente fortes contra semelhante maneira de ver. Tendo o Doutor em Letras citado um texto de São Tomás de Aquino, dele se aproveitou Denis para um sólido argumento:

“Quando os mortos aparecem – disse o doutor angélico – , trata-se de suas aparências, de seus fantasmas, postos em movimento por espíritos ou formados no pensamento do vidente.”

Mas toda a Doutrina Espírita está inserida nessas poucas palavras. E ele colocou seu contraditor em posição insustentável, apresentando-lhe uma passagem típica de Monsenhor Chollet, bispo de Verdun, que escrevia em *La Contribution du Occultisme à l'Anthropologie*:

“Pensamos que não devemos aceitar facilmente a ação dos demônios nos fatos do Ocultismo e que, se essa ação ali se exerce ela só acontece muito raramente.”

Sutilmente, o “velho espírita” ajuntava:

“A verdade é que católicos importantes, em todas as classes da sociedade, são espíritas. Numerosos padres e religiosos, que estudam essa Ciência, assistem às reuniões e declaram abertamente sua simpatia pela Doutrina.”

Denis citava ilustres prelados: o Cardeal Brossais Saint-Marc, o Cardeal Perraud, Lacordaire, o padre Didon, que se interessavam por essa Doutrina e se dedicavam ao Espiritismo Experimental. E, após ter demonstrado que os livros sagrados, os escritos dos Pais da Igreja, a vida dos santos assinalam o Espiritismo puro, Denis assim concluía:

“Os futuros teólogos ficarão bem à vontade para recorrer às nossas descobertas, a fim de amparar o frágil espiritualismo das Igrejas e poderem contestar as doutrinas materialistas; será em nosso arsenal que eles se abastecerão dos elementos para um novo “lugar” teológico no século XX.

Sem dúvida, um católico ignorante, rotineiro e tímido não aceitará isso; mas um cristão instruído, atento, predisposto por sua cultura intelectual e moral às revelações do Invisível e de suas leis, longe de ver no Espiritismo um inimigo de sua crença, nele encontrará o complemento racional e necessário de sua fé, o “obsequium rationabile” (obediência racional), de que fala São Paulo.”

Posicionando, de uma vez por todas, a doutrina kardecista, acrescentava estas corajosas declarações:

“As religiões decadentes estão inquietas; temem que o Espiritismo procure suplantá-las. Os príncipes da Igreja se perturbam, mas se enganam. Não sonhamos fundar um novo Evangelho, certos de que o de Jesus nos basta. Somos uma ciência e uma fé.

Como fé, pertencemos ao Cristianismo, é verdade, mas não a esse Cristianismo desfigurado, encolhido e amesquinhado pelo fanatismo, pelo misticismo próprio dos corações sofridos e pelas pobres almas, e sim à religião de Jesus, àquela que adora, e que ora em espírito e em verdade.”<sup>97</sup>

No ano seguinte, a campanha recomeçava disfarçada e tendenciosa. A luta começava por certos jornais de Paris e do interior. Tentava-se nada menos que fazer passar os espíritas como malfeitores públicos.

Tendo um funcionário se suicidado em Laval, acusaram os grupos kardecistas daquela cidade de terem induzido o infeliz, quando se tratava, na verdade, de uma dificuldade de carreira, que ele não soubera vencer. Sobre esse acontecimento Léon Denis comentou:

“Do fato de terem sido encontrados em sua biblioteca um ou dois volumes espíritas, concluiu-se que eram exatamente essas leituras que o haviam conduzido ao suicídio.

Eis a lógica, eis a equidade de nossos adversários.”

É bom acrescentar que o suicida jamais frequentara um Grupo Espírita.

A palavra de ordem tinha partido de Lyon, inicialmente; em seguida de Nancy. O Monsenhor Turinaz acabara de publicar sua “nota”:

“Uma grande parte das doutrinas do Espiritismo é contrária à fé; algumas são formalmente condenadas pela Igreja; todas são perigosas.”

A acusação estava clara. Não se tratava mais, como antes, de uma disputa sobre princípios.

O bispo de Nancy destacava, em sua “nota”:

“As práticas do Espiritismo perturbam a imaginação, impressionam os espíritos, exaltam a sensibilidade nervosa e produzem uma deplorável excitação, que leva, por vezes, à loucura.”

O “velho espírita”, novamente, puxa da espada, porém dessa vez o duelo devia ser mais ferrenho:

“A Igreja faria bem em pensar duas vezes, antes de lançar suas condenações contra pessoas honestas, bons e leais operários da verdade, que buscam somente levar sua modesta contribuição para o edifício intelectual do futuro.

O bispo não nos diz nenhuma novidade. Os perigos da experimentação estão assinalados nas principais obras do kardecismo.

Entretanto, poderíamos citar mais de um caso de loucura religiosa, de histeria mística que causaram retumbantes escândalos.

Quando, faz alguns anos, uma devota, acostumada à confissão e à comunhão, assassinou, em condições espantosas de lucidez e premeditação, o sábio e piedoso Abade de Broglie, uma das glórias do clero francês, nunca nos veio à mente, a nós espíritas, utilizar semelhante fato contra a Igreja!”

E Denis ajuntava, sabiamente:

“Sabemos que neste mundo o homem abusa de tudo, mesmo das coisas mais sagradas. O Espiritismo tem seus embusteiros e seus exaltados, como a Ciência tem seus charlatães e como a Religião tem seus impostores.”

O eminente prelado fazia também alusão, em sua “nota”, às trapaças de certos médiuns:

“Fomos os primeiros a desmascará-los, solenemente, respondeu o “velho espírita”, com o risco de contrariar certos admiradores cegos e descontentar meus melhores amigos: “Amicus Plato, sed magis amica veritas!”<sup>98</sup>

Na “nota” do bispo, ele dizia que grande número de manifestações espíritas, que pareciam maravilhosas, foram explicadas muito naturalmente e que muitas o seriam ainda.

“Assim o esperamos – respondia o “velho espírita” –; não temos, como a Igreja, a pretensão de manter eternamente a noção do mistério e do milagre.”

Mas os espíritas negam o inferno?

“Não, não o negamos, nós o explicamos...”

Onde, então, está o nosso erro? Na noção das reparações, no Além. Não concordamos com os dois maiores gênios católicos: Dante e São Tomás de Aquino?

Quanto à noção do inferno, tal como ensinam os catecismos, nós a repelimos como infantil, ridícula e odiosa.”

Léon Denis citava uma página sinistra, extraída do livro de Albert Denis, *Os Processos de Feitiçaria, em Toul, nos séculos XVI e XVII*:

“Poderíamos multiplicar estas citações lamentáveis. Aí está o que a Igreja produziu no mundo, com sua teologia do Diabo e seu dogma do inferno... O de Dante, com suas trágicas paixões e seus grandiosos suplícios, é uma concepção sublime; mas o inferno ridículo que a Igreja inventou foi apenas um sabá obscuro e idiota.”

A neurose satânica reinou no mundo até à Revolução Francesa. Não foi por sua causa que Joana d’Arc foi queimada? Mais tarde foi reabilitada, depois canonizada numa reparação tardia e insuficiente para um crime inominável.

Denis concluía sua defesa aconselhando a certos padres moderação e humildade, embora estes nunca lhe perdoassem a advertência:

“Tudo se resgata neste mundo e no outro; nada poderia impedir a justiça imanente de seguir seu curso.

A História é fecunda em retornos instrutivos e severos e a perseguição que a Igreja Católica hoje sofre no mundo não é mais do que a cobrança do passado. O ódio é, geral-

mente, a colheita habitual dos que não semearam o amor.”<sup>99</sup>

### ***O Além e a Sobrevivência do Ser***

Ao mesmo tempo, um outro opúsculo foi colocado à venda, não mais para defesa, porém para estudo: *O Além e a Sobrevivência do Ser*.

Era uma nova contribuição ao Espiritualismo Experimental, um complemento às duas volumosas obras já publicadas: *No Invisível* e *O Problema do Ser e do Destino*.

Uma a uma, as objeções da Ciência oficial ali estavam refutadas, por meio de novos testemunhos que acabavam de ser registrados, em diversos lugares na Europa e na América.

Enriquecido com fatos novos e, na maioria, inéditos, o pequeno volume de 64 páginas, escrito num estilo claro, rápido e atraente, apresentava ao leitor, numa sugestiva seleção, um quadro exato da questão da sobrevivência.

O tempo não esgotou seu sucesso.

### **O Congresso de Genebra**

Foi a Sociedade de Estudos Psíquicos de Genebra que se encarregou de organizar, em 1913, o 2º Congresso Espírita Universal.

Instalou-se, a 10 de maio, sob a presidência de Charles Piguet, que dividiu a tarefa com Léon Denis e Gabriel Delanne.

O árduo trabalho de secretário-geral foi confiado ao ativo e devotado Pauchard, cuja dedicação à causa espírita é conhecida de todos.

O casal Peebles, de Los Angeles, repartia os títulos de Presidente e Presidente de Honra com o Sr. Louis Gardy, de Genebra, e a venerável Sra. Rosen-Dufaure.



Charles Piguet apresentou Léon Denis nestes termos, de uma concisão elogiosa:

“Hoje, no momento da abertura deste Congresso, é uma verdadeira felicidade para mim poder saudar o Sr. Léon Denis, como presidente do Congresso para esta sessão. Não tenho necessidade de elogiá-lo ou de vos falar dele. Seus livros, seus generosos pensamentos e toda a sua vida falam por ele.”

Logo que foi feita a apresentação das delegações, o presidente da sessão tomava a palavra para definir a situação do Espiritismo.

Ele estabelecia que a Ciência e a Filosofia, de início irreduzíveis quanto à hipótese espírita, iniciavam, aos poucos, suas concessões, mas notava as grandes dificuldades resultantes das exigências de certos sábios.

“A Ciência acha que os fenômenos devem ser repetidos à vontade... Ora, estamos na presença de vontades livres, independentes, e seres que interferem, se quiserem ou se o puderem, em determinadas condições. Porém, todos os sábios que abordaram esse estudo, sem ideia preconcebida e sem preconceito, chegaram às conclusões pregadas pelo Espiritismo.”

E citava, a propósito, Oliver Lodge, cujo livro sobre a sobrevivência era muito comentado na época; registrava com prazer a tese bergsoniana<sup>100</sup> da intuição, à qual se relaciona todo um conjunto de faculdades mediúnicas.

A influência das ideias espíritas, acrescentava ele, se faz igualmente sentir nas Artes e na Literatura, mas é sobretudo no domínio moral e social que a Nova Revelação prossegue sua marcha e penetra no coração do povo.

“O grande mérito do Espiritismo é também ter dado mais apreço à vida e ter mostrado que ela é o instrumento indispensável à nossa elevação, ao nosso progresso, à nossa grandeza futura.

Ah! sim, a vida nos oferece, por vezes, horas difíceis, horas cruéis, penosas pelas tarefas que ela nos impõe, cruéis pelas aflições que nos causa e pelas provas que nos faz sofrer.

A vida, porém, é o instrumento que nos permite pôr em ação todas essas forças de que vos falei há pouco e que nos elevarão da condição mais miserável à situação mais elevada, à mais gloriosa, à mais feliz.

Eis o que o Espiritismo tem feito. Ele transformou a vida em uma coisa sagrada, mostrando seu fim nobre e generoso, seu fim sublime.

É, pois, pela via moral que o Espiritismo triunfa, tanto quanto pela experimentação científica, mas os progressos são lentos. É preciso ter paciência.

Foram necessários 400 anos para o pensamento do Cristo perfurar a dura couraça do Materialismo e do Paganismo romano.

Foram precisos 500 anos para a vida de Joana d'Arc sair da sombra acumulada sobre sua memória e mostrar, à luz do dia, todos os grandes exemplos, todos os nobres ensinamentos de que está repleta a sua vida admirável.

Será preciso também ao Espiritismo muito tempo para se expandir, desabrochar e apresentar seus frutos.

Esses tempos, porém, chegarão, com força, saudando a futura grandeza da obra de regeneração empreendida.”

A ordem do dia da sessão inaugural tinha por finalidade o estudo e a discussão do papel do Espiritismo na evolução da humanidade. Era uma questão espinhosa e, sem dúvida, prematura.

O último orador inscrito, Sr. Philippe, advogado na Corte de Apelação de Paris, acabara de demonstrar, com talento, que o Espiritismo não poderia ser uma religião, quando o Sr. Albin Valabrègue lhe objetou que seu ponto de vista pessoal não podia, por si só, enquadrar todos os espíritas.

Léon Denis, por sua vez, interferiu.

Após ter esboçado o problema da origem das religiões, depois retratado em grandes pinceladas a sua história e estudado, em particular, os fenômenos capitais do Cristianismo, concluía:

“Só o Espiritismo pode estabelecer um vínculo entre a Ciência e a Religião; somente o Espiritismo pode ser o traço de união entre as crenças e a Ciência. E por qual processo?”

Fornecendo à humanidade uma filosofia verdadeira, uma noção filosófica exata e positiva da natureza do ser, de seu futuro e da noção do Além, pelos fatos, o que nenhuma religião pode fazer atualmente, e por esse processo ele dissipa essa terrível angústia que pesa sobre o espírito humano, a angústia do futuro, a angústia da vida após a morte, que as religiões não podem curar.”

No dia seguinte, uma áspera controvérsia punha em confronto Paul Pillault, do *Le Fraternaliste*, e Gabriel Delanne, a propósito da “escola de médiuns”.

Delanne preconizava o estudo de processos metódicos e científicos para formar os médiuns, e Pillault invocava a boa psicose.

Um tal debate deveria, infalivelmente, fazer ressurgir as conhecidas discussões sobre o apaixonante assunto, entre os adeptos do determinismo e os do livre-arbítrio.

Interferindo após Gabriel Delanne, entre Pillault e Béziat, Léon Denis manifestava, brevemente, sua maneira de ver sobre esse apaixonante problema, com prudência e precisão, mas da forma segura que conhecemos.

Gabriel Delanne havia pedido que lhe explicassem o termo “psicose”, que é usado pelos espiritualistas fraternistas, e acabara de rebater, com eloquência, a tese do determinismo, segundo Paul Pillault.

“Pois bem! Minha opinião – dizia o mestre –, e eu devo também uma opinião como os demais, é que o homem é livre, na medida em que o deseja ser e na medida em que se esforça para se tornar mais livre, liberando-se das falsas

sugestões, das influências materiais, de todas as paixões, dos erros e da ignorância.

O homem é livre pelo nascimento e por natureza e nenhum sofisma destruirá jamais sua liberdade, porque a liberdade é a dignidade de sua vida, de seu valor moral e de seu futuro, porque, se não formos livres, como poderemos entender o futuro? Não teremos nem mesmo a ideia desse porvir, nem a capacidade de compreendê-lo.

Se o Espiritismo estendeu ao infinito os horizontes da vida, se ele pôs em destaque as forças ocultas do ser, se ele nos ensinou a utilizá-las, afirmo que não foi para nos reduzir a um papel passivo, não foi para nos curvar sob influências opressoras, mas foi para nos ensinar a conquistar, por nós mesmos, uma liberdade cada vez maior, uma situação sempre mais elevada, um papel e missões cada vez mais nobres e mais generosas.”

Jean Béziat tinha, em seguida, respondido, com a dialética direta e a forma humorística que lhe são particulares, definindo “psicose” como:

“... a influência do mundo oculto, em cujo seio estamos mergulhados, como um peixe na água, influência essa que pesa sobre o rebanho humano encarnado.

No atual estado de coisas, sinto, pessoalmente, que estou mais sujeito do que livre; sinto que estou ainda de tal modo perto desta miséria universal que me envolve, e ainda tão longe desse Deus de perfeição e desse absoluto, que o pequenino grão de liberdade que tenho não me permite nem morrer, nem nascer.”

Lógico que esse brilhante discurso não convenceria ninguém e os partidários de ambas as teses permaneceram em suas respectivas posições.

No banquete, que reuniu os congressistas no Salão Comunal de Plainpalais, na noite do dia 11, o mestre se elevou aos mais altos graus da eloquência. Saudando a hospitaleira Genebra, “cidade esplêndida”, e “grande centro intelectual europeu”, ele

evocou, com alegria, as duas conferências que ali fizera, em 1893, no anfiteatro da Universidade, repleta de ouvintes.

Recordando os grandes precursores e primeiros pioneiros da causa, convidava a geração do futuro para sustentá-la e defendê-la com toda a sua energia.

“Um dia virá em que desceremos para nossas sepulturas, em que compareceremos diante desse temível tribunal da consciência, libertos das sombras terrenas e diante da qual desfilarão todos os nossos atos, todas as nossas palavras, todos os nossos pensamentos.

Então, e mesmo antes disso, espero que entrareis na grande batalha humana, no conflito gigantesco das ideias, na grande rota do Espiritismo e continuareis na vossa tarefa, a de fazer os homens conhecerem seus destinos.

Oh! sabei, então, que vossa tarefa será a maior e a mais bela que possa caber a um homem neste mundo.

Servidores, defensores da verdade, sabei que não há nada maior, e para adquiri-la, para merecê-la, não haverá dores, nem amarguras, nem aflições que não devais afrontar e sofrer.

E se a zombaria, o sarcasmo, o ódio choverem sobre vós, lembrai-vos, então, de todos aqueles que, no passado, sofreram e foram mortos pelo bem, pela verdade e pela justiça.”

Quisemos citar, inteiramente, essa bela página inspirada, ardente, impregnada da mais pura fé e da mais alta coragem, porque todo o coração do apóstolo nela se encerra.

Na noite de 10 de maio, seu amigo, o comandante Darget, de Tours, havia obtido um franco sucesso, proferindo diante de uma sala repleta, sua conferência sobre os “Raios V” e as fotografias de espíritos.

Léon Denis se regozijou sinceramente por poder aplaudir, no dia 12, seu outro bom amigo, o pastor Bénezech, de Montauban, em sua bela conferência sobre os fenômenos psíquicos.

A 1º de junho de 1913, diante dos membros da Sociedade de Estudos Psíquicos, Léon Denis fazia sua magistral exposição sobre a questão espírita, já apresentada no Congresso, e recebia, antes de retornar à França, as mais calorosas e mais tocantes homenagens da parte de seus amigos de Genebra.

## **Provas e decepções**

Dissemos, anteriormente, que o discurso de 19 de junho de 1910, sobre o século XX, em Paris, na Sala dos Agricultores, marcava o fim de sua carreira de conferencista. Não é totalmente exato, porque de Genebra ele foi a Marseille, onde falou numa reunião particular, depois foi a Challes, na Savoie, onde falou, no Hotel do Château, para uma assistência mais ou menos cosmopolita, a pedido de alguns amigos espíritas. Dessa vez seria a retirada definitiva. Pelo menos era o que ele pensava.

No começo de agosto retornava a Tours, feliz em reencontrar a calma de sua vida laboriosa, após uma viagem que durara três meses. Mas ele não deveria encontrar ali a tranquilidade que esperava.

As invejas mais ou menos disfarçadas, os rancores mais ou menos incontidos se faziam presentes por instantes e, por causa disso, Denis sofria em silêncio.

Todavia, seu silêncio não era bastante para conseguir o desejado repouso. Assim, resolveu tomar a decisão que se impunha. Em 28 de novembro escreveu a Gabriel Delanne:

“As divergências que surgiram entre nós, em consequência do caso Miller, e que eu supunha superadas, acabam de despertar com uma nova intensidade.

Tenho sido, da parte de vários membros do Conselho de Administração da Sociedade Francesa de Estudo dos Fenômenos Psíquicos, objeto de ataques violentos, até injuriosos, em diversos jornais espíritas e antiespíritas.

Não tendo sido feita qualquer refutação, resulta daí que minha situação à frente da Sociedade se torna impossível.

Peço-lhe, pois, para retirar meu nome como Presidente de Honra.

Sendo esta resolução definitiva e irrevogável, rogo levá-la ao Conselho de Administração.

É com profunda tristeza que me separo de homens e de irmãos com os quais combati longo tempo por uma causa querida, porém minha dignidade e minha honra estão em jogo e, em tal matéria, a menor hesitação seria uma fraqueza.

Espero que esta decisão não altere em nada os sentimentos de amizade que nos unem, sob o império dos quais temos trabalhado e trabalharemos ainda pelo progresso do Espiritismo no mundo.

Com esse pensamento, aperto-lhe, cordialmente, as mãos.”

Gabriel Delanne, verdadeiramente penalizado, logo lhe respondeu que nada justificaria uma tal ruptura; que divergências de pontos de vista, a propósito de um médium, não poderiam separá-los e que o único ataque, de que tivera conhecimento, apareceu em o *Echo du Merveilleux* e seu autor, no número seguinte, se retratou.

“Haja o que houver – dizia ele, terminando –, não ficarei menos seu amigo e pode estar certo de que nenhuma diferença de opinião poderia alterar os afetuosos sentimentos que nos unem.”

Os dois grandes paladinos da Doutrina, por uns instantes separados, não cessariam de se estimar e de continuarem, paralelamente, sua bela e nobre tarefa.

\* \* \*

Entretanto, a vista de Léon Denis se enfraquecia dia a dia. Essa era a sua grande preocupação.

A operação da catarata, feita há dois anos, não trouxera qualquer melhora. Os médicos e os médiuns curadores consultados não lhe conseguiram nenhum alívio.

Denis suportava com calma e resignação esta prova, que ele via avançar numa implacável marcha, desde sua juventude. Mas quanto sofria por isso!

Não apenas a luz diurna o incomodava – a luz que ele tanto amava –, porém eis que deveria abandonar a ferramenta que lhe restava: sua pena.

Sem dúvida, alguns secretários ocasionais o supriam nessa tarefa, mas adivinha-se a complicação de semelhante trabalho, ao qual vinha juntar-se a dificuldade de rever e de corrigir as novas edições.

Graças à sua capacidade de trabalho, seu gosto pela ordem e sua incomparável memória, ele conseguia realizar sua tarefa, sem que seus amigos e numerosos correspondentes ficassem prejudicados.

Após a morte de sua mãe, Denis mantinha uma criada para cuidar de sua pequena casa. Ele só exigia respeito absoluto por suas numerosas notas manuscritas que ele mesmo arquivava com sua precaução costumeira, precaução meticulosa, porém necessária.

Por causa dessa mania, que era uma qualidade, a Duquesa de Pomar o havia denominado “o homem dos papeizinhos”.

Sua velha amiga, a Sra. Forget, viúva fazia alguns anos, fazendo-lhe sua visita diária, zelava para que seu regime fosse mais ou menos respeitado.

As janelas de seu apartamento da Rua de l’Alma davam para o belo jardim público de Prébendes d’Oé.

Durante o calor, a suavidade da temperatura de Touraine permanece constante, da madrugada até o entardecer, por entre as copas frondosas das árvores e sobre o espelho brilhante de seus lagos onde nadam os cisnes.

Grupos de crianças ali se divertem, o dia inteiro, juntando seus gritos aos pios dos pardais.

Uma grande paz reina naquele local, nas horas propícias à meditação.



Anos antes, podia-se ver Léon Denis passeando pelas alamedas frondosas e levando seu velho amigo e vizinho espiritualista, Valentin Tournier, que era cego. Este se havia fixado em Tours, para estar mais perto do valoroso propagandista da Doutrina que ele próprio servia, pela pena, não sem talento.

Ambos conversavam familiarmente sobre política e principalmente Filosofia, muitas vezes acompanhados por Constant Hennion, excelente tradutor, em versos franceses, do poema *Mireille*, de Mistral.<sup>101</sup>

Era sobretudo no outono, no fim das férias, quando as viagens lhe deixavam algum tempo, que o infatigável conferencista fazia esses passeios. Então, o jardim apresentava todo o seu esplendor.

“Como o tempo deve estar bom em Tours! – escrevia-lhe um fervoroso amigo da cidade. – Quantas saudades daqueles belos e calmos dias de outubro, daqueles crepúsculos melancólicos e suaves, que são a imagem de uma vida calma e piedosa, que se extingue aos poucos! É sua estação predileta, caro mestre, eu o sei, porque ela está em harmonia com seu sublime e doce evangelho de esperança e de imortalidade.”

Assim, por sua vez, como sucedera a Valentin Tournier, que já havia falecido, a sinfonia das cores já não podia emocioná-lo e encantá-lo como outrora.

Quase inteiramente fechado para o mundo das formas, seu olhar podia apenas voltar-se para o prodigioso espetáculo da vida interior, cujas luzes são menos ofuscantes e descortinam as profundezas infinitas dos horizontes.

Foi no começo do ano seguinte, após o enorme trabalho para lançar uma nova edição de *O Problema do Ser e do Destino*, que ele caiu gravemente enfermo. Tivera um resfriado e sobreveio uma pneumonia.

O enérgico tratamento de seu médico colocou-o de pé, bem depressa.

Desde uma antiga doença intestinal, era o primeiro dano sério, que o obrigava a interromper suas ocupações.

As sessões do Grupo da Rua du Rempart haviam terminado nos fins de 1909, e acreditamos que os acontecimentos referentes ao “caso Miller” também tenham contribuído para isso. Todavia, as reuniões continuaram, em caráter particular, na casa da Sra. Forget.

O Espírito Azul e Jerônimo ali se comunicaram, regularmente. O pai espiritual e o filho de cabelos brancos trocavam suas opiniões sobre as questões externas que tomavam um rumo bastante inquietante.

A tempestade surgia nos Bálcãs e se tornava cada vez mais ameaçadora. A Alemanha não escondia sua intenção de tomar a França como refém, em caso de conflito.

A guerra estava iminente. Assim o julgava Jerônimo, enquanto quase toda a França, com exceção de poucos cidadãos mais avisados, estava narcotizada e adormecia numa grande e perigosa quietude.

## V

### A velhice

#### *O Mundo Invisível e a Guerra*

Quando, em julho de 1914, os boatos alarmantes vieram abalar os corações; quando, a 3 de agosto, foi decretada a ordem de mobilização, Léon Denis foi tomado de pungente aflição. Ele, que havia visto a guerra anterior e compreendido a causa do desastre da França; ele, que sabia estar a Alemanha novamente preparada e que adivinhava as falhas militares francesas, como poderia alimentar muitas ilusões quanto ao resultado dessa terrível aventura? Entretanto, ele estava longe de imaginar que a luta seria tão longa e tão monstruosa.

Na ocasião, sua intenção era viajar para a estação de águas de Challes. Levaria consigo a Sra. Forget, também duramente atingida pela confusão geral.

Foi, pois, na Savoie que lhe chegaram as primeiras notícias da guerra, o eco das primeiras batalhas, depois, após a retirada de Charleroi, alegraram-se com a esplêndida vitória do Marne.

O perigo parecia momentaneamente afastado e retornaram a Tours. Foi então que resolveram viver juntos, para diminuir as despesas com o aluguel e os empregados. Seus recursos eram dos mais modestos, e era preciso prevenir-se, no meio de tais acontecimentos, contra um rápido aumento do custo de vida.

No ano seguinte, durante o verão, Léon Denis deixou, então, seu apartamento da Rua de l'Alma para se instalar, com sua velha amiga, num local mais amplo e mais confortável, no número 19 da Place des Arts, onde, um após outro, deviam acabar suas vidas.

Léon Denis tinha visto a maioria dos seus familiares partir para a frente de luta. Dizia-lhes:

“Coragem, cumpram seu dever. Quanto a mim, lamento que seja muito tarde para acompanhá-los.”

Doente e com 68 anos, Léon Denis não podia alistar-se, mas tomava também uma posição. Seguiu, pelo pensamento, o gigantesco esforço dos exércitos que recuam sob a avalanche alemã. Mês após mês, escreveu artigos ardentes e palpitantes saídos do fundo do seu coração de patriota e de apóstolo.<sup>102</sup>

“Não são mais milhares, são milhões de homens que se defrontam, num choque formidável, numa luta tão grande como jamais o mundo viu igual.

Estamos pagando o terrível resgate da imprevidência, da ânsia pelo bem-estar, da indisciplina e do enfraquecimento do sentimento nacional.

Não se acreditava mais em guerra e se procurava diminuir, ao máximo, os encargos e as despesas militares.

A lei dos três anos tinha sido assunto de longas e penosas discussões e, mal foram votadas, tentaram minimizar-lhe os efeitos!...

Alguns suboficiais me declararam que, no lugar de combater, jogariam fora seus sabres e seus revólveres.

Os oficiais de um regimento do sul do país se queixavam, na minha frente, da falta de patriotismo de seus soldados.”

Debalde evocavam diante deles os feitos heroicos da História Francesa e os mais nobres sentimentos, porém sua única resposta era a indiferença irônica.

“A guerra estoura e, de repente, uma mudança completa se produz nas almas. A mobilização se realiza com rapidez, seriedade e precisão.

Parte-se com a noção dos grandes deveres a cumprir, com a decisão de ir até o sacrifício, até a morte.”<sup>103</sup>

É a França que se recupera. Supunham que ela estava em plena decadência, mas era apenas aparentemente.

“A França, ao contrário, iria representar “a força moral da coalizão”, retomar e defender “a causa imprescritível da

justiça, da verdade e da liberdade dos povos, contra um adversário desonesto, criminoso e desleal”<sup>104</sup>

A frente de combate se estabilizara, desde o mês de janeiro de 1915. Não se combatia mais a descoberto: era a camuflagem, a guerra disfarçada, rasteira e subterrânea. A doença, porém, e as intempéries faziam tanta destruição quanto os canhões.

“Quanto sangue e quantas lágrimas! Quantos jovens heróis tombaram! Quantos despojos humanos jazem sob o chão.”

O velho patriota lorenense se pergunta se a França não irá perder, para sempre, a força e a vida.

No decorrer daquele ano de luta obstinada, assinalada por ataques parciais, avanços e recuos próprios da guerra de posição, Léon Denis consegue a colaboração inesperada de uma secretária muito ativa e das mais dedicadas: a Srta. Camille Chaise.

Um fervoroso espírito de seu conhecimento, o Sr. Rossignon, fugindo da invasão, viera também se refugiar em Touraine. A guerra operava essas aproximações imprevistas.

Léon Denis se ocupava, então, em rever uma nova edição de *Joana d’Arc, Médium*.

Meses mais tarde, a Srta. Claire Baumard substituíra, em suas funções, a Srta. Camille Chaise, obrigada a deixar Tours.

A nova secretária deveria preencher suas funções com uma pontualidade, com uma fidelidade e um devotamento exemplares, até a morte do mestre.

O Sr. e a Sra. G. C., amigos de longa data, começaram a frequentar, assiduamente, o apartamento da Place des Arts. O Sr. G. C. era filho de um velho companheiro de armas de Léon Denis. Ficando cego, desde jovem, dedicou-se, como passatempo, ao estudo da Música e das Letras.

Acabava de descobrir que possuía dons mediúnicos: recebia mensagens através da escrita automática. Relatando o fato ao velho amigo, este o colocou logo em contato com a Sra. Forget.

Apesar de sua idade avançada, a boa senhora ainda conservava sua mediunidade e, graças a ela, o novo médium se desenvolveu rapidamente.

Todavia, a guerra continuava suas devastações.

Jerônimo trazia, regularmente, suas mensagens no pequeno Grupo, informava “seu filho” sobre os acontecimentos, esclarecendo-o e tranquilizando-o.

Jeanne de Domremy estava trabalhando na frente de combate.

“Na agonia que a sufoca, a França ergue seus pensamentos para ela e invoca seu socorro. Pede-lhe, mais uma vez, para salvar a pátria invadida.”

Do seio dos espaços luminosos, a sublime guerreira atendeu ao apelo; ela consola os combatentes em seus sofrimentos e suaviza as dores de seus familiares.

“Ela fez mais: à frente de um exército invisível, agiu, na frente de batalha, insuflando nos soldados a chama sagrada que a abrasa, animando-os ao combate e à vitória.”

Era assim, como nos tempos de Homero, em que os deuses comandavam as batalhas onde gregos e troianos se defrontavam.

O velho mestre está pleno de confiança, pois sabe que, sobre as tropas aliadas, paira o arcanjo protetor.

Ela está, sozinha, a velar pelos combatentes?

Não. Assembleias de grandes espíritos se congregam sobre as linhas de luta; estão todos ao lado de Joana, “os heróis das lutas de outrora”, “os libertadores da pátria”.

Sim, o velho mestre está mais calmo, desde que ficou certo de que Joana protege a pátria, para a realização do bem e do cumprimento da justiça eterna.

“Os filhos da França – profetiza Jerônimo – escreverão as mais gloriosas páginas da História com seu próprio sangue.”

Embora não estivesse nas linhas de frente, como o antigo combatente de 1870 sabia exortar e animar os soldados. Entre as

costumeiras frases demagógicas usadas na ocasião, como ele utilizava expressões varonis!

“Vigiai e lutai. Combateis pelo que há de mais sagrado neste mundo, pelo princípio de liberdade que Deus colocou no homem e que ele próprio respeita: a liberdade de pensar e de agir, sem ter que dar contas ao estrangeiro...

Combateis para conservar o patrimônio que os séculos nos legaram... Defendeis o lar da família, onde gostais de repousar vosso espírito e vosso coração; o berço de vossos filhos e os túmulos de vossos pais!

Soldados, crescestes do ponto de vista terreno... Agora deveis crescer para o céu; é preciso elevar vossos pensamentos para Deus, que é a fonte de toda a força e de toda a vida.”<sup>105</sup>

Em 25 de agosto de 1917, a morte de sua velha amiga e querida médium, que ficara ao seu lado, substituindo sua mãe, deixou-o terrivelmente isolado na cidade inquieta, cheia de tropas em trânsito e de soldados feridos.

Que vazio em seu derredor, nos amplos cômodos, onde já não se ouvia mais o passo miúdo da velha senhora, em sua “marchinha de camundongo”.

\* \* \*

A guerra se arrastava, com alternâncias de confiança e de angústia. Verdun havia consolidado as energias francesas, e a Alemanha não estava mais com a iniciativa dos ataques. Infelizmente, uma onda de pessimismo pairava em vários pontos do território.

O Exército, também, por um instante, havia passado pela mesma situação, mas rapidamente se alentara sob o comando de Pétain.

Na crescente ansiedade, sentia-se aproximar o desfecho. O Kaiser pretendia, pela última vez, tentar a derrota francesa, antes da entrada na luta dos grandes contingentes americanos. Ludendorff e Foch se defrontavam.

Como todos os bons franceses, Léon Denis nunca se desesperou. Embora entristecido pelo seu recente luto, a confiança não o abandonava nessas terríveis conjunturas.

“Espíritas, elevemos nossas almas acima dos males que ameaçam a pátria e a humanidade.

É nos momentos de provações que se revelam as nobres virtudes e as coragens viris...

Mantenhamo-nos inquebrantáveis e confiantes na vitória final. Oremos e saibamos aguardar a hora da justiça divina. A grandiosidade da causa, a perspectiva do objetivo a atingir nos ajudarão a tudo suportar.

Cedo, as nações, livres do jugo alemão, entoarão o canto da liberdade. “*Sursum corda!*”<sup>106</sup>

Os julgamentos que ele fazia, naquelas circunstâncias trágicas, eram bem penetrantes. Analisava com justeza as lições da guerra.

“À luz rubra dos acontecimentos, apareceram todas as nossas misérias morais, a debilidade dos caracteres, a fraqueza das consciências, tudo quanto era vão, artificial e mentiroso em nossa sociedade.

Por ter falseado a verdade, um pouco por toda parte, quer nas transações, no ensino e na política, tivemos que sofrer, como castigo, a mentira no que ela tem de mais odioso.”<sup>107</sup>

Ele fazia alusão à falsidade alemã.

Enaltecendo o exemplo dos soldados, que se sacrificavam para assegurar a salvação comum, escreveu as seguintes linhas, que nenhum dos antigos combatentes desaprovava, atualmente:

“Sua obra contém também uma grande lição moral; sob esse ponto de vista, pretendem prosseguir-la, mesmo após a guerra. É, pelo menos, o que se deduz das numerosas e significativas cartas recebidas das frentes de batalha.

Eles desejam que um grande sopro de ar puro varra a espessa atmosfera que encobre nossa vista e nos oculta as terríveis realidades.



Sonham com um nobre ideal, com uma sociedade espiritualizada, onde a vida da alma encontrará seu pleno desenvolvimento...

Compreenderam que foi por se ter querido vida fácil, a vida bafejada pela fortuna e pelos prazeres, que tivemos que suportar as privações e a miséria. Eles sentem, enfim, que essa visão, essa compreensão das coisas superiores deve penetrar no pensamento e na consciência de todos, se quisermos deter nosso país no plano inclinado em que está.”<sup>108</sup>

Após dez anos de intervalo, essas preocupações ainda estavam todas contidas nos cadernos de reivindicações da “França Ferida”, quando da realização de um Congresso em Versailles, preocupações também existentes nos corações de todos os bons franceses.

“Os perigos, as privações e as provações suportadas em comum aproximaram os corações, apagaram as diferenças entre os partidos e as religiões e fizeram em definitivo a sagrada união, imposta pela necessidade dos maus dias.”<sup>109</sup>

Assim profetizava o mestre no meio da tormenta, sustentado por uma invencível esperança nos destinos da pátria.

No dia 12 de novembro de 1918, o velho loreno participou da alegria dos corações franceses e entoou um magnífico hino:

“Para todos vós, heróis sobreviventes e mortos gloriosos que combatestes, lutastes e sofrestes por nós; para todos vós, que assegurastes o triunfo da justiça e da liberdade neste mundo, que se tornaria inabitável, se a força brutal e a mentira tivessem prevalecido; para todos vós se erguem um hino de reconhecimento, o tributo de admiração e os impulsos de gratidão da humanidade inteira.”<sup>110</sup>

Como poderia duvidar deles? Não se recordava das palavras da Donzela? “Os homens de armas lutarão e Deus dará a vitória”.

Como não iria esperar até o final?

Seus amigos do Além lhe haviam comunicado, dia a dia, com melhor exatidão que os comunicados do Grande Quartel-General, não cessando de tranquilizá-lo sobre o desenrolar da guerra.

“Após a batalha de Charleroi, quando o exército alemão avançava como uma avalanche e quando as vanguardas de sua cavalaria penetravam nos subúrbios parisienses, nossos guias nos afirmavam que elas não entrariam em Paris.

Mais tarde, diante de Verdun, no momento em que o inimigo atingia a última linha de defesa dos fortes de Souville e de Tavannes, esses mesmos guias nos asseguravam que a cidade lorena não seria tomada. Da mesma forma, nas horas mais incertas, antes que a sorte das armas fosse decidida, suas predições sobre a vitória final se realizaram.”<sup>111</sup>

Para ele era, portanto, mais que uma esperança, era uma certeza de que o fim da guerra iria transformar-se em alegria. Terminado o pesadelo, a esperança ainda era possível.

\* \* \*

Nos fins de 1916, Jean Meyer veio procurar o mestre a fim de lhe comunicar a intenção de adquirir a *Revue Spirite* que há um ano não aparecia mais, por causa das dificuldades financeiras decorrentes da guerra. A *Revue Scientifique et Morale du Spiritisme*<sup>112</sup> também suspendera sua publicação, de forma que a propaganda das ideias, nesse campo, se achava bastante prejudicada.

Léon Denis não podia senão felicitar e encorajar Meyer por uma iniciativa tão oportuna.

Graças à energia e à firmeza do impulso de seu novo diretor, a *Revue Spirite* reapareceu em janeiro do ano seguinte.

Na mesma época foi criado um laboratório de estudos metapsíquicos que, transferido para a Avenida Niel, iria tornar-se o atual Instituto Metapsíquico Internacional.

Restava organizar a União Espírita Francesa, que ainda estava embrionária. Jean Meyer convidou, logo de início, Léon Denis

para presidente, porém, o velho mestre não podia, por sua idade, suas enfermidades e sua distância de Paris, assumir tão importante cargo. Aceitou a Presidência de Honra e deu à nova sociedade o apoio de sua longa experiência e de sua grande autoridade.

Assim, graças ao homem de ação que aparecia no momento propício, a delicada e difícil tarefa de organização do Espiritismo francês, que ninguém desejara mais ardentemente que o mestre, se achava, enfim, realizada.

A *Revue Spirite* encontrou nele um colaborador de uma fidelidade exemplar. Até nos últimos instantes, atendendo à sua volumosa correspondência, à composição de suas obras e à redação de seus artigos, dedicou à *Revue Spirite* uma ampla série de páginas fundamentais, de um estilo voluntariamente desprezioso, mas tão cativantes em sua serena simplicidade, e que seus leitores habituais aguardavam, cada mês, como um benfazejo bálsamo.

A propaganda espírita havia retomado, então, seu curso normal, o que propiciava a Denis uma viva satisfação. Mas ele se ressentia de sua solidão e de seu isolamento, pois se achava pessoalmente privado de qualquer contato com seus guias. Felizmente, uma visita inesperada deveria restabelecer esse contato.

Deixemos que ele nos conte em quais condições:

“Após anos de uma cruel privação, vi, num belo dia de verão, duas senhoras parisienses chegarem, com uma carta de recomendação de Leymarie, e que vinham passar um mês de férias em Touraine. Eu absolutamente não as conhecia.

No transcorrer de uma conversa, tendo eu lhes falado de um amigo cego que obtinha comunicações escritas, essas senhoras experimentaram o desejo de vê-lo trabalhar; organizei, então, uma pequena reunião.

Eu não sabia que uma delas era médium, porque nada me haviam dito. Assim, minha surpresa foi grande ao vê-la logo mergulhada num transe e ouvir uma voz forte anunciar a presença de meu guia, do poderoso espírito cujos sábios

conselhos e terna solicitude sempre me dirigiram e sustentaram em minha faina de pregador.

Uma conversa se estabeleceu entre nós e, durante cerca de uma hora, esse espírito me transmitiu suas opiniões sobre a situação do Espiritismo, falando de nossos trabalhos comuns no passado, com pormenores e particularidades que a médium não podia absolutamente saber. Todos os que, outrora, participaram das sessões descritas em meu livro *No Invisível* reconheceram Jerônimo de Praga, enquanto que a médium ignorava completamente tudo quanto se referisse a esse eminente espírito.

Após algum repouso, durante a mesma sessão, a Sra. Forget comunicou-se e explicou, na forma alegre que lhe era peculiar, que, tendo visto quanto seu amigo sofria por estar privado de todo o relacionamento com o Além, procurou e acabou por descobrir a médium e lhe sugeriu a ideia de vir a Tours, para visitar Denis.

Ora – acrescentava Denis – essas senhoras parisienses julgavam que tinham vindo à minha casa por sua iniciativa própria, o que comprova, mais uma vez, que os homens cedem, muito mais do que geralmente pensam, às influências dos espíritos.”<sup>113</sup>

\* \* \*

*O Mundo Invisível e a Guerra*, publicado em 1919, era o conjunto de artigos lançados no curso da guerra.

O livro não foi muito comentado, a não ser pelas revistas e jornais espiritualistas. Apenas o *L'Eclair* lhe fez uma análise das mais elogiosas.

*O Mundo Invisível e a Guerra!* Todos os milagres são possíveis, e mesmo o do Marne, para aqueles que longamente refletiram sobre essas coisas e descobrem algumas influências do mundo espiritual; porém, para a grande maioria dos homens, tais noções são vazias de sentido.

Um tal livro, pois, não poderia atrair a atenção nem dos sobreviventes das linhas de combate e que só tinham um desejo:

retornar à vida livre, à alegria, nem dos civis habituados aos mais íntimos prazeres.

Léon Denis defendia o retorno imediato à vida interior, no momento em que as paixões ilusórias retomavam toda a sua força. Ele não podia ser compreendido.

“Não pretendo tomar partido em nenhuma discussão religiosa – dizia o articulista do *L’Eclair* –; desejo apenas mostrar que, sem considerar os charlatães do maravilhoso, há um homem de notável cérebro que, apoiando-se em experiências da moderna Ciência, nos conduz aos páramos da mais pura moral, arrastando atrás dele crentes de todas as religiões, e eu gostaria que os cépticos e os zombeteiros, antes de sorrirem ou darem de ombros, lessem, com toda a sinceridade, e refletissem sobre os livros desse grande autor.”

Era um julgamento sensato que se opunha com força às críticas medíocres publicadas em outros jornais: “concepção consoladora, mas que não é sustentada por qualquer comprovação”; “a ausência de espírito crítico e, muitas vezes, até a ingenuidade desse livro são desconcertantes”.

Não são essas reflexões que são desconcertantes?

Entretanto, preferimos essa constatação simples e leal: “Não se lê Léon Denis, devoram-se suas obras; em seguida é necessário relê-las, para poder meditar e apreciar sua beleza moral e filosófica e a grandeza das ideias que ali estão expressas. Seu último livro não faz exceção à regra.”

Realmente, é preciso reler esse livro, distante dos acontecimentos, para sentir seu grande alcance. Nele encontramos páginas de um profundo sentido, de uma elevação sublime, que merecem muito bem ser colocadas entre as primeiras da obra do mestre e que, certamente, permanecerão.

## A Religião do futuro

No fim da guerra, Léon Denis tinha recebido, em Tours, a visita da Sra. Ella Wilcox, poetisa e romancista americana, de certo renome, que traduzia para o inglês *O Problema do Ser e do Destino*. Estava acompanhada de alguns amigos ianques que seguiam o Espiritismo.

Essas visitas eram um estímulo para Denis. Alguns de seus familiares haviam morrido na guerra, outros, feridos mais ou menos gravemente, estavam espalhados pelos hospitais militares.

Nessa mesma ocasião, frequentava sua casa um jovem escritor, militar em gozo de férias, e que Anatole France empregara como secretário, em Béchellerie.

Enquanto concluía *Le Petit Pierre*, o autor de *Monsieur Bergeret* teve a curiosidade de ler os livros de seu vizinho, dos quais lhe haviam falado.

Sabe-se que o ocultismo não era indiferente ao autor de *Rôtisserie de la Reine Pédauque*.

O exame superficial dos livros de Denis não logrou converter o fino epicurista. “Ele dogmatiza”, disse Anatole, com um sorriso em sua barba branca, devolvendo os livros.

Denis teve conhecimento da crítica, que também lhe proporcionou um sorriso... um pouco contrafeito:

“Eu dogmatizo e ele ‘renaniza’.”<sup>114</sup>

Nada aproximava os dois escritores. O autor de *Joana d’Arc, Médium*, no fundo, não perdoava o historiador romancista por certas páginas irreverentes, com relação à Donzela. Nessa época Denis publicava regularmente, na *Revue Spirite*, juntamente com Camille Flammarion, profundos e substanciais artigos, recomendando aos conferencistas que recomeçassem a propaganda oral, usando a palavra não para brilhar, mas porque ela é uma força, e sugerindo, em face dos interesses populares, uma série de assuntos para desenvolver.

Em 1920 apresentou uma panorâmica moral do após-guerra, numa série de páginas penetrantes.

“A juventude atual – afirmava – sente em si o despertar de forças desconhecidas; ela tem ânsia de uma ação metódica e ordenada e não de ação tumultuada e revolucionária. Antes de tudo, construir é o seu ideal.

Para essa juventude que almeja criar uma ordem nova, o Espiritismo deve surgir como um meio de ligar o homem do meio transitório da vida presente à ordem universal.

A elite a quem me dirijo é digna de ter um nome que ela saberá glorificar e imortalizar um dia; esse nome é o de juventude idealista.”

No ano seguinte, prosseguia com uma série de artigos impregnados de uma poesia profunda e serena, sobre a “voz das coisas” e pregava o “retorno à natureza”.

Naquela ocasião, o vento soprava contra o kardecismo. O fenomenismo metapsiquista procurava combater a Doutrina sob o seu aspecto filosófico puro.

Paul Heuzé dirigia ruidosa campanha no *L'Opinion*, com suas entrevistas e comentários tendenciosos.

Afirmava, prematuramente, que à medida que a Metapsíquica evoluísse, o Espiritismo perderia terreno. Sua profecia não foi ainda concretizada.

Após a vigorosa resposta de Jean Meyer, na *Revue Spirite*, Léon Denis, por sua vez, interferiu, na qualidade de Presidente de Honra da União Espírita Francesa, numa carta ao *Le Matin*, onde ele separava, com uma admirável clareza, o kardecismo e a Metapsíquica.

No mês de outubro do mesmo ano, aparecia, na *Revue Contemporaine*, sua opinião sobre a Religião do futuro.

“A religião – escrevia Denis – para ser realmente viva, para exercer o grande papel que lhe compete, na ordem social: educador e moralizador, deve ser uma alta e clara síntese de tudo quanto a humanidade pôde adquirir de conhecimento sobre o Universo e a vida, sobre o elevado objetivo da existência e dos destinos da alma.

Este conhecimento se concretiza por dois modos: A Ciência, que é toda observação e experiência: é a obra humana; depois a Revelação, que é a obra do mundo invisível.

É indispensável que as duas correntes de ensinamentos concorram nas conclusões e é na sua adoção que a Religião se torna realmente eficaz e atende às necessidades e às aspirações de uma época.”

É o Espiritismo que garantirá a síntese da Ciência e da Revelação. É por ele que as almas serão formadas, preparadas contra o mal e submetidas à lei do dever e às disciplinas sociais, porque não haverá renovação possível de outra forma.

É por ele que se imporão as linhas mestras, as forças exatas dessa Religião do futuro, que se esboça e se prepara sob tantos pontos, na hora atual; Religião de fraternidade e de amor, anunciada há 2000 anos pelo Cristo, e que os homens ainda não puderam compreender e praticar.

\* \* \*

Os ataques haviam recomeçado e a campanha contra o Espiritismo aumentava em violência. O padre Coubé, em seus roteiros de pregação e na revista *L'Idéal*; o padre Mainage, em seu púlpito, na *Libre Parole* e na *Revue des Jeunes*; os cardeais inquisidores do Santo Ofício, em Roma, todos se uniam contra a heresia espírita.

Que afirmava o padre Coubé em seus sermões e o que escrevia o padre Mainage em seus artigos? Nada de novo. Reconheciam a realidade dos fenômenos espíritas, mas concordavam em lhes dar um cheiro de enxofre.

“Os fenômenos espíritas – escrevia o eminente diretor da Universidade Católica – têm por origem “um princípio mau, bem ativo, e que emprega os meios para cegar as almas e perdê-las.”<sup>115</sup>

A esta opinião Léon Denis contrapunha Monsenhor Chollet, bispo de Verdun e antigo professor da Faculdade Católica; Monsenhor Benson, filho do arcebispo de Canterbury, convertido à religião católica, cujos escritos não são em nada opostos ao



Espiritismo; o padre Lacordaire; o Cardeal Bona, o Fénelon da Itália.

Remontava a São Tomás de Aquino, a Santo Agostinho, estabelecendo, facilmente, que os católicos, sobre esse assunto, estavam em completa contradição.

“O Espiritismo – escrevia o padre Coubé, prosseguindo numa ideia fixa – é o culto a Satanás.”

Seria preciso provar, inicialmente, que Satanás tem existência real, o que não está demonstrado.

“Esse velho símbolo, tirado do maniqueísmo, já está bem desgastado – respondia o mestre –; já serviu por tanto tempo, que não tem mais eficácia e se trata de um terreno escorregadio para a Igreja.

Atribuir aos demônios os fenômenos espíritas é esquecer as almas do purgatório, a comunhão dos santos, a reversibilidade dos méritos, etc., isto é, tudo quanto resulta dos pactos concluídos com as Entidades do Espaço.

Os verdadeiros teólogos não podem desconhecer a analogia gritante que existe entre os fenômenos espíritas e os da doutrina cristã.”

Parece que, um pouco tardiamente, isto vai sendo hoje compreendido.

O escritor espírita destacava, a seguir, com energia, quanto a atitude da Igreja contemporânea é contrária à sua própria doutrina e prejudicial aos seus interesses e aos da civilização inteira.

Para introduzir na vida individual e coletiva elementos de disciplina, a religião deve colocar-se em harmonia com as necessidades intelectuais, com os conhecimentos e as aspirações da época.

“Ora, a Igreja Católica e as Igrejas Cristãs perpetraram o erro de crer que a comunhão espiritual estabelecida pelo Cristo entre ela e o mundo invisível tinha um caráter exclusivo e temporário, quando essa comunhão é, na verdade, permanente e universal.

Conclui-se que secou para elas a fonte de onde jorram, abundantemente, as forças, os socorros e as inspirações do Alto.”

O influxo divino não veio mais fecundar o espírito do Catolicismo; a incredulidade e o ateísmo submergiram tudo. Nessa mesma brochura, as contradições da Igreja estavam assinaladas com um grande vigor de argumentação. Um importante capítulo sobre a reencarnação terminava essa incisiva, eloquente e corajosa defesa da Doutrina.

No mesmo ano, foi publicado *Espíritos e Médiuns*,<sup>116</sup> opúsculo de propaganda, com setenta páginas, que, como *O Além e a Sobrevivência do Ser*, é uma contribuição ao Espiritualismo Experimental, enriquecida de novas observações e de conselhos relativos à mediunidade.

O ano de 1922 foi dedicado ao *Espiritismo na Arte*, acompanhado de glosas sobre mensagens do Esteta e de Massenet, páginas plenas de um delicado encantamento, cuja alta significação nos é resumida no comentário final.<sup>117</sup>

A seguir, publicou belos estudos consagrados às “forças radiantes”. A ciência das vibrações não é somente reveladora de força e de beleza, explicava o mestre. Ela revela não apenas os segredos da comunhão entre as almas, em todos os planos, mas reserva ao homem uma iniciação para a vida.

A vibração universal narra à humanidade a história das raças e dos mundos, porque contém em si todas as formas do presente e do passado que são geradoras das do futuro.

Depois, eram as “conversas do Geólogo” que vinham fornecer ao mestre matéria para antecipações de um prodigioso interesse, cujo sentido não escapou a certos homens de ciência, de espírito avançado, desembaraçados dos preconceitos habituais.

Após as interessantes comunicações de Jules Ferry e de Paul Bert, referentes ao ensino popular, foi a questão social, em suas relações com o Espiritismo, que absorveu a atenção do incansável ancião.

O ano de 1924 foi inteiramente consagrado a esse estudo, cujos materiais deveriam fornecer os elementos para uma nova obra.<sup>118</sup>

Os artigos encerram apreciações singularmente penetrantes sobre um sistema econômico e político que busca uma organização racional da democracia.

O socialismo que Léon Denis apresenta se confunde com o de Jean Jaurès, pleno de idealismo e de um sentimento profundamente humano. Dizia o mestre:

“Quando o socialismo houver triunfado, os homens compreenderão melhor o Universo, porque, vendo na humanidade a vitória da consciência e do espírito, sentirão bem depressa que esse Universo, de onde saiu a humanidade, não pode ser, em sua essência, brutal e cego, que existe espírito por toda parte, alma por toda parte e o próprio Universo é uma imensa aspiração, no sentido da ordem, da beleza, da liberdade e da bondade!”

Assim, o socialismo pregado pelo grande tribuno é melhor, no conjunto, que um sistema regulador dos meios de produção e de troca; é, antes de tudo, a realização de um alto conceito do direito e da justiça;

É esta concepção que a humanidade procura, de civilização em civilização, sob a influência mais ou menos clara desse ideal.

“O Universo é uma grande sociedade de forças e de almas que, solicitadas pelo bem e pelo mal, deseja, do fundo das contradições e das misérias, a plenitude e a harmonia da vida divina.”

Quem fala assim? É o próprio Jaurès, subscrevendo, por antecipação, as conclusões do filósofo espírita.

## Léon Denis e Conan Doyle

Foi no mês de abril do mesmo ano que apareceu *The Mystery of Joan of Arc*. Era a tradução de *Joana d'Arc, Médium*, por Sir Arthur Conan Doyle.

O célebre autor de *Sherlock Holmes*, grande admirador da obra de Léon Denis, lhe escrevera, logo após o fim da guerra, pedindo autorização para traduzir sua *Joana d'Arc*, que ele saudava como um esplêndido livro, verdadeiramente inspirado.

“Joana – escrevia ele – está na moda aqui.” E falava do sucesso obtido na Inglaterra pela peça de Bernard Shaw: *Saint Joan*.

Léon Denis logo lhe respondeu que uma tal solicitação não poderia deixá-lo insensível.

Uma correspondência das mais francas e cordiais se estabeleceu entre ambos.

O velho mestre enviava a seu novo amigo calorosas mensagens às quais Sir Conan Doyle respondia, num francês um pouco hesitante, com um humor todo britânico: “Eu vos saúdo – escrevia ele – como um velho guerreiro na batalha... e também como um grande escritor francês.” Enviava-lhe fotos e documentos metapsíquicos.

Certo dia, Léon Denis recebeu um postal onde se via um instantâneo representando o propagandista inglês, de cabeça descoberta, caminhando por um terreno uniforme e ilimitado, provavelmente uma praia. No alto lia-se a menção escrita por Conan Doyle: A viagem da vida!

De outra vez, era uma curiosa fotografia, tirada pela Sra. Daine, diante do cenotáfio <sup>119</sup> de antigos combatentes, em Londres, a 11 de novembro de 1923, foto onde se destacam, dentre emanções fluídicas, em grande número e distintamente, rostos perfeitamente materializados de soldados mortos na guerra.

Em 23 de setembro de 1924, Sir Conan Doyle mandou seu secretário particular entregar a Denis uma foto psíquica do Dr. Geley, obtida no *British College of Psychic Science*, às 11 da

manhã, no Círculo Crewe – documento muito divulgado, na época, pela imprensa espírita.

Houve, entretanto, uma divergência entre o autor e o tradutor. Foi quando Conan Doyle quis tratar de retribuição e estranhou por ter recebido de Denis uma recusa formal quanto a qualquer pagamento.

“Não é justo que eu retenha todos os lucros – dizia Conan Doyle; aceitai e encontrareis boas causas para ajudar.”

Foi necessário insistir bastante, para dobrar o bom mestre, que estabelecera o princípio de não receber nenhum pagamento pelo seu trabalho de escritor.

*The Mystery of Joan of Arc* é um belo livro, de boa apresentação, com sete ilustrações, além de um frontispício, que logrou, na Inglaterra e nos países de língua inglesa, um grande sucesso.

O próprio *Sir Conan Doyle* o apresentou ao público num elogioso prefácio:

“Aprecio e admiro tanto seu livro – dizia ele de Léon Denis – que procurei seguir, fielmente, o texto, o quanto me foi possível. A apresentação de seu tema é tão completa, que nada mais me resta dizer, a não ser que estou convencido de que Joana d’Arc é, depois do Cristo, o ser espiritual mais elevado, sobre o qual temos notícias verdadeiras. Fica-se inclinado a se ajoelhar diante dela.”

*Sir Oliver Lodge* não havia sido menos elogioso.

Vindo de seus dois eminentes amigos de Além-Mancha, essas apreciações reconfortaram o autor, ainda tão contestado entre nós, quanto a este admirável livro.

## O Congresso de 1925

A época em que se deveria realizar o 3º Congresso Espírita Internacional se aproximava. Jean Meyer, que era seu promotor e organizador, pediu a Léon Denis que lhe aceitasse a presidência.

Tudo favorecia a escolha de Denis para tal posto: Presidente de Honra da União Espírita Francesa e da Federação Espírita do Brasil; Membro Honorário da Federação Espírita Internacional e das Uniões Espíritas da Catalunha; ex-presidente de Honra da Sociedade Francesa dos Estudos Psíquicos; Presidente efetivo dos recentes Congressos; autor universalmente apreciado por tantas boas obras; orador ouvido, religiosamente, por toda parte e de reputação incontestável, ninguém poderia negar-lhe a necessária autoridade para presidir tais debates.

Mas, sua idade avançada e suas enfermidades lhe causavam sérias preocupações.

Tendo uma amiga insistido para que aceitasse o convite, Denis retrucou com energia: “Pensa, minha amiga, que eu vou presidir Congressos, perpetuamente? Tenho oitenta anos... Congressos já presidi muitos. Para mim é uma questão encerrada e bem encerrada.”

Embora rindo, ele afirmava isso com segurança, pois acreditava no que dizia.

Todavia, era preciso decidir-se. Jerônimo insistia para que ele fosse a Paris. Tal solicitação era para ele uma ordem. Alan Kardec, igualmente, o aconselhou que aceitasse.<sup>120</sup>

Apesar de hesitar por muito tempo, acabou por ceder às afetuosas insistências de Jean Meyer.

Ajudado e aconselhado por seus grandes amigos, pôs-se ao trabalho, com empenho, estudando as questões, meditando e preparando seus discursos.

Desde o começo da guerra, ele deixara seu apartamento apenas para curtos e raros passeios pela cidade; só desejava repouso, tranquilidade e o exercício diário de seu trabalho. Todavia, como discípulo obediente, a pouco e pouco ia se entusiasmando por essa tarefa e se dedicava, com alegria, ao novo esforço que seus amigos invisíveis esperavam dele.

Durante todo o verão, envolveram-no com seus fluidos benéficos. Na véspera da partida, houve uma última sessão das mais emocionantes. Jerônimo veio conversar, pela derradeira

vez, com seu filho e Joana lhe confirmou a missão e lhe transmitiu forças novas.

No dia seguinte, o apóstolo apareceu a seus amigos, vindos para cumprimentá-lo na estação, cheio de disposição e de entusiasmo, bem rejuvenescido.

Deveria encontrar, em Paris, a mais acolhedora hospitalidade, na casa da Srta. Chaise, sua antiga e gratuita secretária, durante a guerra, e que se tornara proprietária de um importante hotel, a dois passos dos grandes “boulevards”.

Graças a ela, não precisou mudar seu regime de vida, nem seus hábitos de reclusão. Cercado de cuidados e de atenções de sua amável hospedeira, pôde, nos intervalos dos trabalhos do Congresso, isolar-se à vontade e usufruir da quietude e do repouso necessários.

De 6 a 13 de setembro, durante essa laboriosa semana, Léon Denis assumiu os deveres de seu encargo, em excelentes condições.

Esse Congresso, que reunia os representantes de 24 nações, revestiu-se de uma capital importância. Aproximadamente 60 jornais deram cobertura a suas sessões, quase com imparcialidade.

Viam-se, lado a lado, fraternalmente unidos numa perfeita comunhão de ideias e de fé, o grande espírito kardecista, Léon Denis; o célebre escritor inglês, *Sir* Arthur Conan Doyle; o organizador e animador do Espiritismo francês, Jean Meyer, e aquele a quem cabia a árdua tarefa de secretário-geral dos trabalhos, o ativo e sorridente Ripert,<sup>121</sup> sempre presente e à altura de sua difícil missão.

“Era um espetáculo emocionante – disse o mestre – ver-se desfilar na tribuna homens de todas as raças e de todas as cores. Todos vinham afirmar, nas mais diversas línguas, a mesma fé na sobrevivência e na evolução infinita do ser, na existência de uma causa suprema, cujo pensamento anima o Universo. Homens eminentes nas ciências e nas letras, tais como *Sir* Oliver Lodge, *Sir* Arthur Conan Doyle e

o Procurador-geral Maxwell deram suas formais aprovações aos vibrantes discursos dos oradores.

Sentia-se perpassar sobre a assistência o sopro inspirador de uma multidão invisível, e os videntes confirmavam a presença de mortos ilustres, que tomavam parte ativa na elaboração de uma grande obra.”<sup>122</sup>

São lembradas as questões postas em estudo, no decorrer dos trabalhos.

“O Congresso terá por finalidade debater o caráter científico do Espiritismo Experimental, bem como o alcance moral e social da Doutrina Espírita no desenvolvimento da fraternidade humana.”

Por seu turno, Léon Denis lhe fixava os pontos essenciais, com um tato, uma prudência e uma perfeita segurança.

Inicialmente, ele explicava, dirigindo-se à delegação britânica, na sessão inaugural, que Espiritismo e Espiritualismo são duas palavras para definir o mesmo princípio, a mesma doutrina, doutrina baseada na Ciência, na Razão, com uma fé universalista, em substituição à fé especial das religiões reveladas.

De que forma se apresenta esta nova fé?

“A primeira humanidade teve por mãe a natureza; a segunda teve por mãe a religião; a terceira humanidade terá por mãe a luz, a luz do amor”, profetizava Albin Valabrègue, com seu verbo ardente e colorido.

A fé espírita termina, com efeito, no amor, porém aconselha, inicialmente, o conhecimento da alma, do destino e de Deus. Não é somente uma fé, é um ensino, “um critério que desafia a contradição”.

O Espiritismo é, portanto, antes de tudo, baseado na experimentação científica. Parte dos efeitos para remontar às causas, segundo o movimento inverso da revelação religiosa.

É preciso, contudo, distinguir a experimentação espírita da experimentação metapsíquica.



Os sábios nem sempre foram compreensivos com os pesquisadores espíritas e, por vezes, se referiram a eles com desdém.

“Nem sempre temos tido motivos para elogiar os metapsiquistas – dizia Léon Denis –, principalmente depois do Congresso de Varsóvia; ainda hoje não há assunto algum, no campo do psiquismo, sobre o qual estejamos completamente de acordo. Todavia, damos crédito a todos esses homens de ciência, na esperança de que suas inteligências e seu saber os aproximem, pouco a pouco, do ponto de certeza a que o Espiritismo já chegou, há três quartos de século.”

Sobre o que repousa essa certeza? Isso quer dizer que os espíritas possam dispensar os novos métodos de investigação baseados na observação? De forma alguma.

“Tanto quanto os metapsiquistas, amamos a Ciência, pelos imensos serviços prestados à humanidade; reconhecemos a necessidade do controle científico, porém discordamos quanto à sua aplicação.”

Os metapsiquistas só veem a matéria; os espíritas se inspiram, acima de tudo, nas leis do espírito.

Essas leis existem?

Léon Denis responde afirmativamente, estribado numa demorada e minuciosa experimentação. Reconhecendo, embora, os fatos do animismo, incontestáveis e incontestados, destaca, energicamente, em sua exposição<sup>123</sup> a importância capital da intervenção espírita na maioria dos fenômenos transcendentais do psiquismo.

“Para todos os que, deixando de lado numerosos casos de animismo, estudam os fenômenos espíritas com imparcialidade e sabem reconhecer as leis, esses fenômenos são causados por entidades independentes, pelos espíritos dos mortos. Não se consegue nada de conclusivo sem a assistência, o concurso e a proteção dos invisíveis, que pertencem a todos os graus da escala evolutiva, e o valor dos fenômenos

que são produzidos está na relação direta com seu poder e sua elevação.”

Aí está o que os metapsiquistas não conseguem entender. Não querem seguir o fio de Ariadne, necessário para saírem desse labirinto.

É a concordância com as forças irradiantes que fluem do foco superior, é a comunhão completa com as entidades elevadas, que nos facilitam encontrar esse fio maravilhoso.

Ora, que fazem os metapsiquistas? Buscam as provas positivas da sobrevivência apegando-se, de preferência, aos fatos mais materiais. Não que tais experiências sejam destituídas de interesse; porém o perigo seria menor e as possibilidades de sucesso seriam maiores se os pesquisadores levassem em conta a experiência espírita.

O perigo vem, exatamente, da invasão fatal, no plano físico, de legiões de espíritos levianos e mistificadores, que, pouco evoluídos ou sofredores, geralmente trazem um elemento de confusão em tais pesquisas. E são os médiuns que sofrem suas deprimentes consequências.

O velho mestre dirigia a todos suas palavras de prudência e alta sabedoria.

“Sem dúvida que é bom abrir caminhos, para penetrar no mundo invisível, mas tomemos cuidado, porque esses mesmos caminhos favorecem a invasão pelos piores elementos desse mesmo mundo.

A humanidade já não traz consigo tantas causas de sofrimento, de aflições e de conflitos para lhe acrescentar ainda uma fonte de outros males?”

Uma tal incompreensão está, com efeito, sujeita a graves consequências, pois se arrisca a movimentar forças cujo controle lhe escapa.

É nesse caso que aparece, imperiosa, a necessidade de “guias” seguros, para nos conduzirem no meio do emaranhado dos fenômenos.

Que é preciso para se obter uma tal proteção?

“Possuir qualidades especiais: a sinceridade e o desprendimento; acima de tudo, a busca de uma boa moral, o desejo de instrução, de elevação e de aperfeiçoamento. Os Espíritos-guias leem nossos pensamentos e só concordam em descer ao nosso planeta inferior e a suportar os fluidos malignos que envolvem a Terra, apenas para servirem a uma causa nobre e generosa.”

Aqui está o limite entre a Ciência e a Religião. Os metapsiquistas chegarão até lá? O mestre tem esperança.

“Talvez, por intermédio deles, a Ciência empunhará o facho do ideal que simboliza a fé superior.”

É essa Ciência que o Espiritismo invoca com toda a sua força. São palavras serenas, cheias de um profundo sentido, que encontraram guarida no pensamento de todos os assistentes.

Sentia-se que, realmente, Léon Denis era a alma irradiante desse Congresso Internacional e que o Grande Iniciador, a seu lado, o aprovava, sem reservas.

Era maravilhoso de ver com que tato, com que facilidade, com que autoridade o velho apóstolo, quase cego, conduzia esses importantes debates, pondo cada um em seu lugar, afastando as digressões, velando para que a ordem do dia fosse respeitada.

Grande número de seus companheiros de luta, entre os quais o saudoso Henri Sausse, ali estavam, felizes por ouvirem, pela última vez, a voz persuasiva e ardorosa, que os havia, outrora, arrastado, sustentado e reconfortado, na batalha das ideias.

Quantos admiradores, uns de cabelos encanecidos e outros, exuberantes de juventude, exultavam por conhecerem, enfim, o autor dos belos livros que lhes haviam trazido a consolação e a esperança!

As felicitações, os elogios, as mais tocantes demonstrações de respeito e de veneração chegavam a ele.

Esses testemunhos, onde se percebia a maior sinceridade, eram, sem dúvida, agradáveis ao seu coração, porém, na sua modéstia, causavam-lhe constrangimento.

Uma palavra amável, um sorriso, um aperto de mão e, rápido, ele se esquivava; tinha pressa em reencontrar o silêncio e a tranquilidade do quarto do hotel.

Foi durante esse Congresso que se firmou, definitivamente, a amizade de Léon Denis com *Sir* Arthur Conan Doyle. Uma grande simpatia nascera entre eles, pelo devotamento à mesma causa.

O ilustre escritor britânico, já o dissemos, admirava, sem reservas, o caráter e o talento do autor de *Joana d’Arc*, *Médium*, a obra que ele mesmo quis traduzir e apresentar a seus compatriotas.

E Léon Denis apreciava o grande romancista inglês pela sua coragem de divulgar pelo mundo, através da pena e da palavra, “a Nova Revelação”.

Os dois homens mantinham entre si a maior consideração. O bom gigante inglês se curvava perante o ancião quase cego, conduzia-o, com uma solicitude encantadora, pelos meandros dos corredores e da sala da Sociedade dos Sábios, e o ajudava a se sentar à mesa.

O bom mestre sentia-se encantado por isso.

– Como é Conan Doyle? Eu o enxergo muito mal!

– Ele é muito grande. – respondíamos. – Tem uma bela cabeça redonda, olhos cinzentos e bigodes à gaulesa.

– Não é anglo-saxão. Vejam o seu nome: Conan, o chefe, é um nome bretão.

E mostrava-se encantado pelo bom acolhimento e pelo sucesso que Conan Doyle obtivera em Paris.

Léon Denis estava inteiramente maravilhado com a organização da Casa dos Espíritos e do Instituto Metapsíquico Internacional. Era a realização da ideia tão longamente desejada pelos primeiros campeões da causa, uma realização que ultrapassava as mais ousadas esperanças.

Uma grande animação dominava a Rua Copernic: acabavam de instalar uma notável exposição artística, que deveria prender a atenção de muitos visitantes. Pascal Fortuny, Hubert Forestier, o

jovem e ativo secretário particular de Jean Meyer, secundados pelas senhoras Doche e Ducel, faziam, com uma encantadora amabilidade, as honras da casa.

Em seu discurso de encerramento, evocando o anterior Congresso de 1900, Léon Denis estabeleceu um impressionante paralelo entre os dois acontecimentos.

“Hoje não é mais numa construção de tábuas que sois recebidos,<sup>124</sup> é num hotel magnífico, admiravelmente apropriado a todas as necessidades da causa, com múltiplos serviços.

É uma obra completa e harmônica. Este local que todos conheceis está complementado por um instituto que possui todos os aperfeiçoamentos necessários à experimentação.

Tudo isso é devido a Jean Meyer, a quem tenho a felicidade de expressar a gratidão do Congresso inteiro pelos enormes sacrifícios que fez para dar à nossa obra uma apresentação digna, merecedora do respeito e da consideração de todos.

Além disso, devo agradecer a perseverança e a vontade obstinada com as quais, mesmo no meio das inúmeras dificuldades, Jean Meyer soube preparar esses grandes alicerces do Espiritismo, assegurando-lhe sucesso.”

Nessa mesma sessão, Jean Meyer, vice-presidente da Federação Espírita Internacional, agradecendo aos congressistas, teve para com o velho mestre afetuosas atenções, que lhe sensibilizaram o coração:

“O venerando Membro de Honra de nossa Federação Espírita Internacional e Presidente de Honra da União Espírita Francesa, o Sr. Léon Denis, cuja obra memorável reanimou a esperança em tantos corações desesperados, cujos ensinamentos inspirados fizeram renascer entre muitos desiludidos a confiança e a certeza de uma vida melhor, o Sr. Léon Denis não recuou, apesar da idade avançada e nem diante das fadigas de uma viagem, para trazer à nossa assembleia a honra e a felicidade de sua presença.”

Rompendo com seus hábitos de recolhimento, o mestre aceitou o convite de seu amigo, que convidara os congressistas para uma recepção, na terça-feira, 8 de setembro, na Rua Copernic.

Foi uma reunião das mais encantadoras, onde se aglomeravam, numa atmosfera realmente fraternal, espíritas provenientes dos quatro cantos do mundo, onde senhoras da alta sociedade se misturaram, com a maior simplicidade, com as mais modestas delegações.

Nessa recepção, fizeram-se aplaudir reputados artistas: a Srta. Marie Charbonnel, da Ópera de Paris; a Sra. Barjac, da Comédia Francesa, e Léonce Detroyat, jovem laureado do Conservatório.

Na véspera da partida, um lanche de despedida foi servido, em homenagem a Léon Denis, sob os cuidados de sua amável hospedeira, nos salões do hotel, sendo convidados apenas os amigos íntimos de Denis.

O casal Jean Meyer tinha vindo cumprimentar e agradecer ao seu velho amigo. Antes de seu retorno, a Srta. Charbonnel, da Ópera de Paris, uma de suas mais fiéis admiradoras, cantou para ele, com sua voz privilegiada, algumas das árias escolhidas de seu repertório.

Foram levantados numerosos brindes à sua saúde e ao sucesso da Causa Espírita. Denis estava deveras feliz.

Não quis deixar Paris sem antes repartir o pão da amizade com o pastor Wautier d'Aygalliers, professor de Teologia, na Sorbonne.

No dia seguinte, o velho mestre voltava para Tours, levando de sua viagem a melhor e a mais reconfortante das impressões. Tudo tinha saído bem. Desse labor, junto com espíritas de todas as nações, nascera, verdadeiramente, uma amizade geradora de reconforto e de esperança. A Nova Revelação despertava, indubitavelmente, as atenções gerais.

A semana que terminara, em verdade, tinha proporcionado bastante alegria ao apóstolo espírita, que não manifestava o menor traço de fadiga.

“Fui poderosamente ajudado. – repetia – Meus amigos invisíveis me sustentaram. Como duvidar do valor desses socorros?”

A volta foi feita sem dificuldades. Sua boa hospedeira parisiense, a Srta. Chaise,<sup>125</sup> fez questão de levá-lo, em seu próprio carro, até à estação de Orsay.

Quatro horas depois, seus amigos de Tours, que estavam à sua espera, mostraram-se admirados e felizes por vê-lo regressar em tão boa forma e visivelmente satisfeito por essa última jornada.

### *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*

Como não tivesse oportunidade de falar tudo no Congresso, Léon Denis recomeçou imediatamente sua colaboração na *Revue Spirite*, para dar aos experimentadores os mais prudentes e judiciosos conselhos, em matéria de mediunidade.

No mês seguinte, voltou a se ocupar, com um carinho particular, de uma ideia que lhe era muito querida, desde sua iniciação na propaganda espírita. Seus artigos sobre o Celtismo, na *Revue Spirite*, de Allan Kardec, são de um interesse capital, já que o próprio Codificador sobre isso também escreveu.

Certa passagem de uma comunicação mediúnica anunciava a obra, que estava ainda em gestação no pensamento do mestre:

“Chegamos a uma nova fase da evolução humana, pois há fases na História, como na vida dos mundos e dos indivíduos. Todavia, em cada raça e em cada país dormita a centelha divina, que se revela e reaparece sob a forma de tradições.

Entre nós, a tradição remonta aos celtas e é ela quem salvará o país.

O grau de elevação, em certos indivíduos, já se encontra bem desenvolvido, porém, por outro lado, as ambições materiais muitas vezes o entravam.

Eis por que esses artigos sobre a tradição céltica, tendo um certo valor como documentos premonitórios, devem ser conservados.”<sup>126</sup>

Os leitores da *Revue Spirite* ficaram surpresos, sem dúvida, por não verem mais, no cabeçalho dos números seguintes, o habitual artigo do velho mestre. Já com 80 anos feitos, Léon Denis começava a escrever seu derradeiro livro: *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*.

Adivinham-se, facilmente, as dificuldades que deveriam surgir de um tal trabalho.

Léon Denis, quase cego, cheio de enfermidades, não podendo dispor de sua secretária a não ser algumas horas por dia, estava numa completa impossibilidade de se consagrar pessoalmente às pesquisas necessárias.

Que importa! Os meios lhe seriam dados. Traziam-lhe as obras solicitadas. Eram lidas para ele. Denis toma notas, estuda e compara os textos. A Srta. Baumard faz o melhor que pode para ajudá-lo em seu trabalho. Por via mediúnica, as mensagens lhe são transmitidas, regularmente, aplainando o caminho que ele mesmo deveria aclarar.

Pouco a pouco, os capítulos se esboçam em sua mente.

O mestre, com admirável facilidade, edificava pedra a pedra a nova obra.

O trabalho avança rapidamente. Denis está em pleno ardor de elaboração, quando chega a Tours o jovem e ardoroso escritor espiritualista, muito conhecido, Gabriel Gobron, que viera fazer uma conferência na Universidade Popular.

O mestre admirava o talento seguro, valente e vigoroso do autor de *L'Ermonec*, seu entusiasmo e seu ardor combativo.

Recebeu-o em sua casa, e conversando com ele sobre a obra em andamento, o encanto por sua simplicidade e a juventude de seu espírito, imprime no coração do “celta das Ardennes” um reconhecido sentimento de estímulo.

Na sexta-feira, 12 de novembro, num agradável artigo do *L'Est Républicain*,<sup>127</sup> Gabriel Gobron saudava “o velho druida de



Lorraine”, que, na província de Tours, às margens do Loire gaulês, reanimava a centelha do celtismo imortal que parecia extinta.

Alguns meses depois, no decorrer desse inverno tão bem aproveitado, e que deveria ser o último de sua vida terrena, André Ripert, o distinto secretário-geral da *Revue Spirite*, veio, por sua vez, fazer uma conferência sobre o Psiquismo Transcendental, na Universidade Popular de Tours.

Ele foi, igualmente, hóspede do mestre e, perto dele, sentiu-se com novas forças e mais segurança.

Léon Denis confirmava ao novo propagandista o que dissera a Gabriel Gobron:

“Tenho amigos no Além, que me protegem e me sustentam com um zelo extremado.”

Muito naturalmente, falava, aos dedicados obreiros da causa, das boas novas que recebia do Alto e isso com uma tranquila e serena segurança, que não deixava de impressionar seus simpáticos visitantes.

Passou o inverno normalmente, exceto um ligeiro ataque de gripe, que o reteve na cama apenas alguns dias. Seu trabalho não foi interrompido.

No mês de março, o manuscrito estava concluído. Era só remeter à tipografia essas folhas, terminadas com uma pressa febril, como se Denis pressentisse sua próxima partida.<sup>128</sup>

“Bendito seja o druida, primeiro sacerdote e primeiro apóstolo da França! Graças à sua inspiração, os espíritos desencarnados puderam dessedentar-se nas taças que divulgam a luz divina. Que as vibrações do espírito celta jamais cessem! Que os horizontes se aclarem sobre o nosso belo país! Que as almas mais cândidas, mais elevadas, tenham mais interesse por vós, ó meu Deus!

Que este livro, escrito com uma sinceridade e uma elevação de consciência absolutas, permita a todos os franceses dirigirem suas almas para o Infinito! Que a luz céltica se alie à fé em Deus Todo-poderoso.”

Foi em março de 1927 que apareceu, na *Revue Spirite*, seu último artigo intitulado “Renovação”.<sup>129</sup> Nessas páginas lúcidas e vigorosas, estão admiravelmente resumidas e esclarecidas as ideias centrais de seu livro, a saber: que a França, impregnada de celtismo e necessariamente cristã, deve continuar no mundo seu papel de pioneirismo, porque, sem seu concurso, nada se fará de sólido e de duradouro.

Toda a obra tendia para esta conclusão:

“É nas mais antigas tradições de nossa raça que dormitam as potências da vida e os recursos de reerguimento da nação francesa ameaçada em suas energias vitais.”

O ideal céltico! Não seria ele o clarão entrevisto, a fonte para a qual tendem nossas mais íntimas aspirações?

Recordemos a data de suas primeiras conferências sobre o “Gênio da Gália”, em 1883! Veio, em seguida: “Missão de Joana d’Arc”, em 1888; em seguida “Filosofia da Revolução”.

Os mais eloquentes capítulos de sua obra são consagrados a essa questão.

Em *A Verdade sobre Joana d’Arc, O Grande Enigma, O Mundo Invisível e a Guerra* e em inúmeros artigos publicados durante meio século, Denis estuda e reexamina, sob todos os aspectos, a ideia que considera capital: que o Espiritismo atual é, no fundo, o renascimento das práticas célticas e que ele contém um elemento de renovação que deve ser levado em grande consideração.

Esta concepção não é incompatível com a religião cristã. As duas crenças, muito longe de se entrechocarem, têm condições de se juntarem.

“A doutrina céltica se dirige principalmente às almas valentes que se esforçam por alcançar os altos cumes, a todos os que veem na vida uma constante luta contra os instintos inferiores, consideram as provações como uma purificação e evoluem rumo à luz, rumo à suprema beleza.

O próprio Cristianismo é o espírito benevolente que se debruça sobre o sofrimento humano; é a providência que

consola, sustenta, revela; é a mão protetora que guia a ovelha perdida e a reconduz ao aprisco. Essas duas doutrinas se completam, reciprocamente, e se harmonizam, para constituir um elemento de perfeição.”<sup>130</sup>

Se Léon Denis, aos 80 anos, se impusera a tarefa de escrever esse livro, foi por sentir que seu *Depois da Morte* precisava de um complemento que determinasse, com força e clareza, o objetivo de seu pensamento.

Esse pensamento era o seguinte: o Espiritismo kardecista não é outra coisa que uma adaptação das crenças de nossos ancestrais à nossa mentalidade moderna, porque coincide exatamente com o druidismo “e constitui um retorno às nossas verdadeiras tradições étnicas ampliadas pelos progressos da Ciência e confirmadas pelas vozes do espaço.”

Os que estivessem inclinados a contestar essa vinculação poderiam certificar-se, lendo esse livro, de que ela está solidamente defendida.

No que toca à Revelação Espírita, libera cada um para fazer sua apreciação, na medida das buscas que todo pesquisador de boa-fé pode recolher em semelhante matéria.

Um bom número de pessoas já mantém essa opinião. É a essas pessoas que o mestre se dirige, quando declara, em sua habitual modéstia, que ele se julga pouco qualificado para ousar acrescentar alguma coisa aos trabalhos dos eminentes historiadores que o precederam nesse domínio.

“Com tantas páginas célebres escritas sobre esse tema, eu não teria sonhado em acrescentar qualquer coisa que fosse, se não tivesse um elemento novo para oferecer aos leitores, a fim de elucidar o problema de nossas origens, isto é, a colaboração do mundo invisível.

Com efeito, foi pelo incentivo do espírito de Allan Kardec que realizei esse trabalho.”<sup>131</sup>

Ora, sabe-se que o grande Iniciador se considerava um celta dos tempos passados; o nome que ele tomou e o dólmen que puseram em sua tumba atestam sua verdadeira origem.

Com atitudes por vezes contraditórias, pelo menos inseguras, certos escritores combateram violentamente o que eles chamam de preconceitos de raças, que nem por isso deixam de existir.

“Nós somos – nós, os franceses atuais – os descendentes dos gauleses; latinos pela cultura, nós somos – disse o mestre – celtas pelo sangue.”

Ele invoca ainda o magnetismo especial de um solo e de um meio, onde as gerações celtas se sucederam, através de séculos e séculos.

Sem dúvida, concorda Denis, numerosas colônias estrangeiras se instalaram entre nós, ao longo dos tempos, mas foram absorvidas pelos autóctones.

Só os francos, os visigodos e os burgúndios se fixaram na Gália, definitivamente.

Quantos eram eles? Uns e outros chegavam a alguns milhares de famílias. É preciso ajuntar, no Sul, a chegada dos forenses, romanos, sarracenos e catalães, todavia o elemento gaulês predominava por toda parte, numa grande proporção.

Sem negar a influência do solo, que deixa marca indelével no homem, como no animal e nas plantas, não é certo pretender-se que a mistura das raças está hoje totalmente realizada.

Elas tendem a amalgamar-se, cada vez mais, porém os “tipos” ainda permanecem, apesar das condições do meio.

Transplantados para a América, que é o berço da raça vermelha, os brancos, os negros e depois os amarelos conservaram sua cor original.

Em nossa época, é relativamente fácil distinguir um celta de um germano, de um latino, ou de um eslavo.

Pode-se dizer que a presença céltica predomina em toda a extensão do Extremo Ocidente.

Apoiando-se em trabalhos de eminentes celtistas, como d’Arbois de Jubainville e Camille Jullian, Léon Denis reconstitui, numa panorâmica, os principais episódios da invasão céltica que, mais ou menos na época de Homero, dominou, em seu duplo fluxo gaélico e kínrico, as terras do oeste europeu.

Todo o primeiro capítulo é consagrado à Irlanda, “a ilha verdejante, tão cara aos corações célticos”, antigo santuário dos druidas. Mais do que qualquer outra região, Érin conservou a intuição do oculto:

“Desse oceano de forças e de vida, povoado de multidões incalculáveis, cuja influência se estende sobre nós, e segundo nossas disposições psíquicas, nos protege ou nos perturba, nos entristece ou nos alegra.”

A ilha dos magos do Ocidente e, mais tarde, dos santos fundadores de mosteiros, ficou até hoje sendo a “Ilha dos Bardos”, pois seus grandes escritores conservaram a mentalidade de outrora: um Yeats, um George Russel mergulham, graças às suas raízes íntimas, no velho fundo místico que sempre alimentou a alma gaélica impressionável, nostálgica, atormentada e apaixonada pelos mistérios do Além.

E Léon Denis destaca, com vigor, quanto é significativa, na hora atual, a ação paralela, no campo científico, de um Crawford, em Belfast, e de um Barrett, em Dublin.”<sup>132</sup>

Da poética Irlanda, o autor nos conduz ao austero e grave País de Gales e, em seguida, à Escócia nevoenta, onde a ação das forças subterrâneas e do mar está marcante, de maneira indelével, na estrutura das costas e dos montes de basalto e de granito.

Como a indomável Irlanda, o País de Gales e a Escócia souberam resguardar, apesar das perseguições seculares dos conquistadores saxões, sua língua e sua autonomia.

Sobretudo na antiga Câmbrica, pátria do Rei Arthur e dos Cavaleiros da Távola Redonda, o antigo bardismo pôde perpetuar-se, ao longo da História, conservar suas tradições secretas e renascer no moderno bardismo que não é mais do que um bardismo moderado pelo desgaste dos séculos.

Entretanto, o movimento renascentista, desabrochado há uns 60 anos, pôde estender-se e florescer além dos mares, por toda parte onde se encontre um foco de celtismo, por menor que ele seja, prova que não houve esquecimento definitivo e que a fagulha estava dormitando sob as cinzas.

“Cardiff e o condado de Glamorgan tornaram-se os mais íntimos centros da propaganda céltica, onde se imprimem e se publicam (em língua gaélica) todas as obras dos bardos antigos e modernos.”<sup>133</sup>

Entre os bretões das ilhas e os da Armorique – o autor o observou de forma excelente – a diferença de mentalidade não é muito grande. Suas línguas apresentam analogias marcantes. A maior parte da população da Bretagne francesa descende dos emigrantes da Câmbrica e da Cornualha, que ali se fixaram, na época da invasão saxônica, pelos fins do século V.

O bardismo, na Armorique, é, sem dúvida, mais discreto, mais apagado que no País de Gales. Entretanto, as populações mantiveram o amor pela língua materna. Muitos intelectuais sonham, para sua província, não um separatismo ineficaz, porém uma autonomia maior, semelhante à autonomia gaulesa, principalmente pela restauração de suas tradições antigas.

A característica do bardismo bretão, disse Léon Denis, é ser, como o irlandês, profundamente impregnado de Cristianismo, ou melhor, de Catolicismo, o que, aliás, altera seu verdadeiro caráter.

O fundo mesmo da alma da raça não mudou. Irmã da alma irlandesa e cambriana, é encontrada na obra de um Chateaubriand, de um Renan, de um Brizeux ou de um Le Braz, igualmente plena de música e de poesia, melancólica e sonhadora, sequiosa do infinito.

Das margens da Armorique, erichada de menires, Léon Denis nos guia para os altos lugares da Auvergne, onde, outrora, se erigiam os templos gauleses, entre os “cheires”,<sup>134</sup> os vales e as profundas florestas.

Da mesma forma como percorreu, bastão em punho, os santuários dos druidas, no país dos dolmens e das indulgências, assim como quis conhecer a fundo a Auvergne, o antigo reinado de Bituit e os trágicos locais de encontro entre os exércitos gauleses e as legiões romanas: Gergovie e Alésia!

“Lugares sagrados, onde a alma céltica gosta de se recolher para meditar e orar.”

É preciso ler as admiráveis e penetrantes páginas, dignas de nossos maiores historiadores, consagradas a César e a seu jovem e heroico adversário.

E a viagem acaba em Lorraine, em Donon e em Sainte-Odile, “baluarte de defesa do mundo céltico contra os germanos”. Vercingétorix leva naturalmente à Joana d’Arc.

O capítulo que Léon Denis consagra à sua terra natal é impregnado da mais pura emoção.

Ele reúne suas recordações e se apossa dessa terra santa; re-encontra, como espírita, em torno do bosque Chenu, os divinos poderes esparsos no vale do Meuse, ao mesmo tempo céltico, latino e católico, como ali vira o agnóstico Maurice Barrés.

Denis evoca, junto à fonte das Groseilliers, a ronda das druidesas.

Vidente e inspirado, Joana lhe aparece como uma irmã de Velléda, como a mais encantadora e a mais tocante personificação da alma céltica em que domina a intuição desse mundo celeste para o qual tendem as mais nobres aspirações dos homens. E Jeanne de Domremy, o “Espírito Azul”, mais uma vez veio abençoar essas grandiosas páginas em sua memória, num piedoso e nobre pensamento.

A segunda parte do livro trata mais especificamente do druidismo, das *Tríades Bárnicas*, da Palingenesia, da experimentação espírita que se relaciona intimamente com essas questões.

O autor completa, bem oportunamente, os dados imperfeitos que temos sobre esses sacerdotes-filósofos do Ocidente, que foram, se acreditarmos nos mestres alexandrinos, os verdadeiros inspiradores da sabedoria antiga.

Ele lembra a frase de Valério Máximo, declarando, sem vacilações, que os gauleses, com seus calções, pensavam da mesma forma que Pitágoras com seu manto.

Que nos legaram os druidas com seus profundos ensinamentos?

Deles só sabemos, observa o autor de *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*, o que os historiadores latinos nos disseram. O

único documento escrito que nos resta está, de forma indireta, nas *Tríades Bárdicas*, da qual, aliás, só temos uma reprodução imperfeita. Mas, mesmo assim, com sua forma alterada pelas sucessivas redações, ainda constituem o único documento verdadeiramente filosófico.

Sua autenticidade tem sido contestada e até mesmo sua originalidade, que é impressionante.

É preciso ver, nesses velhos cânticos gaélicos, uma exposição verídica dos ensinamentos secretos dos antigos bardos.

O que se destaca, antes de tudo, nessa “síntese dos druidas”, é a curiosa analogia que ela apresenta com a Doutrina kardecista. Léon Denis dá uma explicação, acompanhada de muito bom senso.

No lugar de tentar explicar a semelhança de pensamentos entre os brâmanes, os pitagóricos e os druidas por trocas mútuas, é muito mais simples, mais lógico atribuir essas semelhanças, diz Léon, a revelações idênticas, provenientes do mundo invisível.

Léon Denis se entrega a um estudo aprofundado desses documentos admiráveis, onde o “neo-espiritualismo” se acha exposto – por antecipação – com uma segurança e uma penetração sem par.

Um capítulo do mais alto interesse é consagrado, mais adiante, à religião dos celtas, expressamente baseada na correspondência entre o mundo material e o mundo invisível, nas influências dos astros e no poder misterioso dos seres e das coisas.

As considerações políticas e sociais, expostas no final do livro, acabam por lhe conferir um caráter de real oportunidade.

As lições que contém são, com efeito, de uma extraordinária oportunidade, seja porque se trate do papel da mulher nas sociedades modernas ou das aspirações espirituais das novas gerações.

Para a França, em particular, elas possibilitam condições de um possível reavivamento, nestes mesmos momentos em que os franceses se inquietam, ao descobrir em derredor de nós os sintomas preocupantes de um relaxamento, que poderia, rapidamente, tornar-se irremediável.



Para que nossa pátria reassuma seu verdadeiro lugar no mundo, é indispensável que ela saiba o que realmente é: céltica ou latina?

Ela sempre hesitou, no curso de sua história, entre essas concepções opostas; daí, afirma Denis, provém o caráter intermitente da sua ação.

Ora ela se diz céltica e, então, apela para esse espírito de liberdade, de retidão e de justiça, que caracteriza a alma da Gália (donde o movimento de emancipação comunal, após a Revolução); ora se diz latina e, desde então, vão reaparecer todas as formas da opressão monárquica e teocrática, a centralização administrativa imitada dos romanos, com as habilidades e os subterfúgios de sua política, os vícios e as corrupções dos povos envelhecidos.

Retornar à sua índole primitiva é retornar à descentralização, ao federalismo das repúblicas gaulesas. Não haverá um perigo nisso? O que, de fato, faltava na Gália eram a ordem e a disciplina, atributos do gênio romano. Em compensação, essa ordem e essa disciplina implacável colocaram, mais tarde, sobre a França um jugo que não é de sua índole suportar, quer seja militar, monárquico ou teocrático.

Nosso país, disse o mestre, só retornará à flexibilidade e à plenitude de sua própria índole através de um regime de verdadeira liberdade, de uma verdadeira democracia. Essa democracia é preciso ser criada. A França contemporânea aspira a uma nova ordem.

Nem a Igreja, nem a Universidade conseguiram, no passado, dar ao nosso país uma visão nítida de seu destino. Elas só enxergavam Roma, herdeira da Grécia na obra da civilização.

Sem desmerecer o que devemos aos países latinos, Léon Denis afirma que o princípio de nossa grandeza e a razão de nosso equilíbrio moral residem no retorno às verdadeiras tradições celtas.

“Seria uma grande causa de fraqueza e, por consequência, uma desgraça para a França, ficar desprovida das noções exatas sobre a vida e a morte, de acordo com as leis da

natureza e das intuições profundas da consciência. Durante séculos, ela havia esquecido suas tradições nacionais e perdido de vista o gênio de sua raça, assim como as revelações dadas a seus ancestrais para dirigir sua caminhada para um fim elevado.”<sup>135</sup>

Mas, eis que a revelação se repete e se renova. Como nos tempos célticos, o mundo invisível interfere. É à França que cabe hoje entrar resolutamente na via traçada pelos antepassados e ela não deve mais falhar em sua missão.

Tal é esse grande livro, ainda palpitante da fé do apóstolo, livro onde as admiráveis mensagens de Allan Kardec e de Jeanne de Domremy apresentam um caráter de sinceridade singularmente emocionante.

Qual será a sorte desse último livro? É preciso aguardar as circunstâncias propícias, a oportunidade de lhe garantir a difusão. Desejamos que ele leve aos celtistas sinceros da França e da Inglaterra uma confiança maior no valor da antiga raça, que é a única capaz de reanimar a luz do espírito por sobre o mundo ocidental, mergulhado na confusão trágica de um baixo materialismo que só pode conduzir às decepções e às piores catástrofes.

## **Os derradeiros momentos**

A correção das provas de *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível* estava no final. Léon Denis acabava de ditar as últimas linhas do prefácio que Jean Meyer lhe encomendara, para uma nova edição da biografia de Allan Kardec, quando foi obrigado a se recolher ao leito.

Havia trabalhado, em todos esses últimos tempos, com uma pressa febril. Teria ele o pressentimento de seu próximo fim? Seus amigos foram os últimos a perceber.

A devotada empregada, que estava a seu serviço desde o fim da guerra, a excelente Georgette, já bem notava que seu patrão se tornava cada vez mais pesado, que seu apetite diminuía e que se levantava cada vez mais tarde; isso, porém, acontecia ao final de

um inverno longo e frio, que o havia mantido completamente enclausurado, não era motivo para alarme, mas para se ter cuidado.

Na terça-feira de 5 de abril, à tarde, a Srta. Baumard, notando seu estado febril, voltou na manhã do dia seguinte para saber notícias de Denis.

Assim que chegou, ela perguntou ao doente:

– Como passou nesta manhã, Sr. Denis?

– Veremos isso depois. – respondeu-lhe ele – Já que está aqui, corrija-me estas provas, para levá-las hoje à tarde para a tipografia.

Enquanto trabalhavam, a secretária e Georgette notaram que ele havia deixado a metade de seu almoço.

Doía-lhe a garganta e sentia dificuldade para engolir, mas ficou de pé, a andar pelo apartamento.

Cambaleava, por vezes, como se estivesse deprimido por uma grande fraqueza.

À noite Georgette lhe disse:

– O senhor está resfriado. É bom chamar o médico.

O mestre balançou a cabeça; foi à janela, abriu-a toda e respirou longamente o ar fresco que entrava em profusão.

Durante a noite passou mal.

Na quinta-feira ficou de cama e recebeu a visita do médico, que se mostrou muito pessimista, entretanto, no dia seguinte, logo cedo, Denis se levantou.

Por todo o dia, permaneceu em sua poltrona. Parecia recuperado. Conversou com o médico, que viera vê-lo, e causou boa impressão aos seus amigos.

No dia 9, porém, declarou-se uma pneumonia. Logo a doença o dominou e rapidamente o enfraqueceu.

Sua respiração se tornava cada vez mais ofegante. Conservava toda a lucidez, mas articulava as palavras com dificuldade.

Seus esforços, entrecortados por sufocações, seus prolongados silêncios, seus empenhos trabalhosos para se comunicar

bem, provocavam uma situação comovente, que constrangia o coração de seus amigos e marejavam de lágrimas seus olhos.

Admiravam a fortaleza daquele pensamento, que não concordava em se render, face à desagregação iminente, que colocava as palavras em seu devido lugar, com precisão admirável, retomava-as quando se pensava que estivessem perdidas e as reenaminhava, até completar a frase, apesar da opressão, da tosse terrível, com uma lógica inflexível e a elegância que caracterizavam tanto sua conversação, como seus discursos.

Até nos momentos supremos da agonia, quando o coração não conseguia mais alimentar o cérebro e reaquecer o pobre corpo enfermo, a “psique” permanecia nele como um derradeiro raio que não quer concordar em se extinguir.

Essa lucidez extraordinária, para os que o velavam, era motivo de espanto e de admiração.

Em seus momentos de descanso, Denis tentava contar fatos curiosos e pedia para que lhes lessem o jornal, a fim de saber como estavam os acontecimentos na China. Preocupava-se em saber se a enfermeira estava confortavelmente instalada em sua casa.

Seu livro *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível* o ocupou até o fim. Todavia, já terminada a tarefa, o bom obreiro merecia descansar; entretanto gostaria de lhe ter acrescentado uma reflexão final.

Na terça-feira, 12 de abril, pelas 13 horas, o grande ancião só respirava com extrema dificuldade.

A vida parecia abandoná-lo, mas seu infatigável pensamento se recusava a ceder suas prerrogativas à morte que se apressava. Ele articulou, com uma calma impressionante, essas últimas palavras, dirigindo-se à sua criada, debruçada à sua cabeceira, para sustentá-lo:

– Georgette, você foi capaz de compreender... se quiser. Você sabe... o que você vai ver... chegar. Você sabe... o que foi escrito... é a expressão da verdade... da verdade... toda nua.

E acrescentou em seguida:

– Você terá que ouvir sarcasmos... mas isso lhe deve ser... indiferente.

Alguns instantes depois, Léon Denis, retomando a palavra, pela última vez, pronunciou estas palavras, legando à posteridade o exemplo de um labor ininterrupto, até mesmo à beira da tumba:

– É preciso terminar, resumir e... conclusão (ele fazia alusão ao prefácio da biografia).

– Fique calmo – respondeu-lhe sua fiel e devota secretária –, tudo irá bem.

Denis prosseguiu:

– Envie a Meyer... no dia 15.

Foram suas derradeiras palavras. Nada mais podia, além de apertar, fracamente, as mãos de seus amigos.

Sua vida não era nada mais que um sopro e o sopro já não era mais que um estertor.

De seus lábios escapavam, por vezes, palavras ininteligíveis.

Seus olhos, constantemente abertos, pareciam fixar o mesmo ponto do espaço. Que via ele? Que ouvia? Seu rosto refletia uma serenidade perfeita.

Às nove horas, repentinamente, o estertor cessou. A enfermeira fez sinal para os familiares se aproximarem. Ela mantinha entre suas mãos a mão inerte do velho mestre. Denis parecia em êxtase.

Fato notável: a expressão de seu olhar não havia mudado. Um silêncio pleno do mistério do Além impregnava o quarto.

A missão terrena de Léon Denis acabara.

\* \* \*

Os funerais se realizaram no dia 16 de abril. Ele pedira um enterro modesto, sem ofício religioso de nenhuma igreja.

Foi o pastor Wautier d’Aygalliers que veio, em nome da amizade que os unia, fazer a transladação do corpo.

Uma assistência comovida conduziu ao Cemitério de La Salle os despojos mortais do mestre.

Na Place des Arts, ao sair o corpo da casa mortuária, uma multidão respeitosa estava aglomerada para saudar o respeitável ancião, que Tours ignorava ter sido uma de suas mais puras glórias.

Coroas de sempre-vivas amarelas cobriam o carro fúnebre. Não havia outras flores.

Lia-se, nas coroas:

“A União Espírita Francesa ao seu Presidente de Honra”.

“Ao amigo, ao eminente colaborador, a *Revue Spirite*, seu diretor e seus leitores agradecidos”.

“A Léon Denis, seus amigos pessoais, lembrança sincera e afetuosa”.

Uma quarta coroa era oferecida pela cidade de Tours.

O cortejo mortuário era conduzido por Gaëtan Chauvigné e Gaston Luce, ambos amigos pessoais de Léon Denis; Jean Meyer, infelizmente retido em Paris pela gripe, estava representado por seu secretário particular, Hubert Forestier.

À beira do túmulo, Wautier d’Aygalliers prestou uma última homenagem ao venerando mestre. Recordou, com emoção, aquela vida tão bela e tão nobremente vivida.

Enalteceu a sua obra, tão alta e de tão generosa inspiração, depois leu algumas passagens de *Depois da Morte*, especialmente a prece de Jerônimo de Praga, recebida em mensagem mediúnica.

O sol, rompendo as nuvens que pela manhã lhe impediam a luz, envolvia agora os acompanhantes, em torno da sepultura, com uma serena luminosidade.

Após os discursos, cada um atirou sobre o caixão um ramo de sempre-vivas, retirando-se ao som dos sinos da Páscoa, que falam da ressurreição.

## VI

### O homem

Léon Denis era de estatura mediana e tinha ombros um pouco largos. Andava balançando os ombros, como um velho lobo do mar. Nele tudo dava impressão de força e solidez.

Quando jovem, esse loireno, filho de artesãos, devia possuir um real vigor físico, mas logo cedo o trabalho intelectual intenso a que ele se entregou dominou a maior parte de suas energias.

Sua saúde ficou delicada, mas isso não o impediu de ser um intrépido andarilho. Em seus últimos anos ele ainda espantava seus amigos pela maneira como subia ao segundo andar.

Quem se aproximasse dele sentia que a força de vontade o dominava, soberanamente. O queixo proeminente, sobancelha cerrada, a palavra lenta, clara, fácil, demonstravam uma auto-segurança.

No retrato que tem sido reproduzido em várias de suas obras e em revistas, foto que data dos seus 50 anos, esses dados se notam claramente.<sup>136</sup>

Sob a fronte moldada em relevo, à Victor Hugo, o rosto, que mostra o bigode típico gaulês, irradia inteligência.

Em sua velhice, as faces e o queixo estavam envoltos numa barba longa emaranhada.

O olhar tinha perdido o brilho, sem deixar de continuar claro, apesar da cegueira quase total. Os olhos, de um cinzento azulado, pareciam ocultar a chama que se retirava para o fundo, afastada e distante.

Dessa forma é que ele aparecia aos visitantes com um aspecto um pouco monacal, envolto num roupão amarrado na cintura, a cabeça coberta por uma touca ou um boné cinzento, um velho calmo, longe de nossas lutas apaixonadas, druida perdido em nosso frenético século XX.

Já dissemos, antes, que Léon era autodidata e sua cultura foi às custas de um labor insano. O trabalho era sua lei; admitia,

além disso, também orar por todos. Nenhum minuto de seu tempo era malbaratado nessas diversões banais a que a maioria dos homens recorre, para quebrar a monotonia de sua luta diária.

Quando ia a Paris, seus instantes de folga eram consagrados para ouvir, na Sorbonne, algum eminente celta: d'Arbois de Jubainville ou Camille Jullian.

Denis adorava música. Em suas viagens, após suas ocupações, quando havia oportunidade, nunca deixava de assistir a alguma ópera ou concerto.

A música dos grandes órgãos, os cânticos sacros produziam nele as mais altas inspirações, que ele buscava, quando ia fazer alguma conferência.

Gostava de tocar em seu piano algumas músicas populares e tirar alguns acordes para se distrair. Por isso, Denis escreveu:

“Para que a alma se arrebate e se expanda no enlevo das alegrias superiores, é bom que a harmonia venha juntar-se à palavra e ao estilo; é preciso que a música venha abrir para a inteligência os caminhos que conduzem à compreensão das leis divinas, à posse da eterna beleza.”

Sua aptidão para o trabalho estava servida, como já notamos, por uma incomparável memória, que lhe permitia conservar, indefinidamente, as noções registradas para todos os fins úteis. Avalia-se de quanto lhe foi útil tão preciosa faculdade, em sua velhice marcada pela cegueira.

A idade não lhe diminuía a memória e foi por esse privilégio que ele pôde levar a bom termo sua laboriosa tarefa.

Possuía, igualmente, uma memória visual em alto grau, o que fazia a admiração de seus interlocutores, quando, a propósito de uma viagem, recebiam do mestre pormenores que somente os naturais dos lugares pareciam conhecer.

É indubitável que foi a regularidade de sua vida que lhe permitiu conservar intactas, em sua velhice, faculdades tão brilhantes. Sua sobriedade era exemplar. Nenhum excesso em seu regime, quase exclusivamente vegetariano, nada de fumo, nenhuma bebida alcoólica.



“A água – alegrava-se em repetir – é a bebida ideal.”

Entretanto, ele isentava de seu cardápio de anacoreta os seus amigos, que ele tratava, fartamente.

“Não basta crer e saber. – escreveu Denis – É preciso viver sua crença, isto é, colocar na prática cotidiana da vida os princípios superiores que adotamos.”<sup>137</sup>

Na regra diária, o primeiro desses princípios superiores não é a temperança? Léon Denis era coerente com seus princípios.

Como se equivocaram os que supunham que o apóstolo do Espiritismo era um iluminado! Pelo contrário, ele era a própria razão. Nunca o pensamento humano iluminara um cérebro mais firme e mais sereno.

Não foi por simples fantasia que ele fez sua profissão de fé, no século XX, sob a orientação de Descartes: “*Cogito, ergo sum*”.<sup>138</sup> Complementando, porém, a afirmação do significado do ser, ele acrescentava:

“Eu sou e quero ser sempre mais e melhor.”

Alguns cépticos afirmam que o trato com os espíritos se processa com um certo delírio. Que estas pessoas consultem as obras de Denis e verão que não há nelas qualquer vestígio febril.

Cinquenta anos de controle permanente sobre si mesmo e sobre os fenômenos psíquicos parecem suficientes para tranquilizar os incrédulos.

Lembremos que sua prudência e sua vigilância nunca diminuíram, durante sua longa existência, e que ele teve a suficiente coragem para denunciar a fraude, onde quer que aparecesse.

Nem o temor de perder preciosas amizades, nem o risco de desagradar aos exaltados puderam contê-lo na sua obra de triagem. Léon Denis era a própria lealdade.

Seus menores atos eram dirigidos pela mais escrupulosa consciência, entretanto há notáveis homens de talento, cujo caráter nem sempre corresponde aos dons da inteligência. Para avaliarmos suas vidas precisamos examiná-las sob dois aspectos.

Em Léon Denis tudo era semelhante e sua perfeição moral é, talvez, o sinal marcante de sua grandeza.

Isto não é um elogio, mas simplesmente uma homenagem à verdade de alguém que teve o privilégio de ver, viver e morrer como um homem de mérito incomparável.

Por que iríamos silenciar? Em sua própria cidade, vimos a conspiração do silêncio que se tramava em sua volta. Em nossa desconcertante época, já constitui grande mérito ensinar a virtude, e Léon Denis ensinava e praticava a virtude.

Léon Denis mantinha uma intensa correspondência. Entre as numerosas cartas que recebia diariamente, havia coisas admiráveis; umas, tocantes, que chegavam, às vezes, ao sublime, pela expressão sincera de estados d'alma desesperados. Também havia relatos fastidiosos e até mesmo alguns de ingenuidade incrível.

– E o senhor vai responder? – perguntávamos, depois de ler a carta.

– Por que não? – dizia o mestre, com sua costumeira benevolência – Não se recusa um pedaço de pão ao mendigo que nos vem bater à porta. Como recusar uma palavra, que pode, de alguma forma, tornar-se benfazeja, desde que toque uma alma atingida por uma verdadeira dor? Sim, certamente que responderei. Convém sempre responder.

Fora de seu horário de trabalho, recebia, com satisfação, os visitantes. Atendia, o mais amavelmente possível, e muito frequentemente mantinha a palestra, pois gostava de conversar.

Ninguém reclamava, porque sua palavra era plena de encanto e de bom humor, e tudo que falava era com simplicidade, suas ideias eram um alimento agradavelmente substancioso. Todos saíam encantados com sua erudição, avivada pelo fulgor de seu ardente coração e de seu infatigável pensamento.

A quinta-feira era reservada para as compras e raras visitas.

Diversos velhos amigos vinham, nos domingos, à tarde, falar de política. Os boatos de fora, os mexericos da cidade e o noticiário banal morriam na porta de sua casa, todavia interessava-se

vivamente pelos acontecimentos mundiais e pelos grandes debates parlamentares.<sup>139</sup>

Um antigo prefeito, que tinha convivido com os principais homens de Estado da República e que adorava anedotas picantes, gostava de discutir com Léon Denis. Era um velho octogenário, bem conservado, cujo espírito guardava uma admirável mordacidade.

De gostos e maneiras finas, materialista convicto, contrapunha ao seu parceiro uma incredulidade irreduzível e sorridente.

Após uma série de ataques brilhantes e sempre corteses, separavam-se, animados de uma recíproca estima.

Algumas vezes, eram amigos de Paris, que vinham vê-lo, solicitando reconforto espiritual.

Não era ele o consolador das almas inquietas?

Como convivera longamente com a dor, sabia como dominá-la, vencê-la e dela fazer um meio de progresso e de aperfeiçoamento.

A serenidade proveniente de sua conversação era contagiante. Tivemos disso prova, num belo trecho de uma carta que recentemente lhe escreveu um alto professor universitário.

“Se, entre irmãos e irmãs, qualquer agradecimento é desnecessário, todavia devo apresentar meu reconhecimento, quando não ao inspirado mestre, cujas palavras recolhi, piedosamente, e que tanto me instruíram, cumprindo um dos deveres de sua missão, pelo menos agradeço ao homem, que nos deu, a minha irmã e a mim, um afetuoso acolhimento.

Vossa mão estendida, vossas acolhedoras saudações, o tom confidencial de vossos comentários, vossa insistência em nos reter nessa casa, onde tendes vivido na meditação e em contato com os espíritos que vos traziam as luzes do Alto, tudo me garantia que eu estava diante de um amigo antigo, por muito tempo negligenciado.

Lembrava-me da parábola do “filho pródigo”, a quem se perdoa, sem mesmo reprová-lo por ter demorado tanto em retornar.

Deixando-vos, minha irmã e eu, ficamos emudecidos, por muito tempo, porque nossa emoção era indizível e somente o silêncio nos poderia dar a compreensão de quais sentimentos nossas almas estavam enriquecidas.

Havia lágrimas em nossos olhos, como se estivéssemos partindo para um exílio.

Entretanto, nossa fé estava fortalecida, nossa convicção aumentada e nossa esperança mais firme.

Sim, pois tínhamos ouvido palavras de verdade, tendo, para nos orientar, um alto exemplo de um homem que, no meio da tolice, da ambição, da ganância e do ultraje, jamais deixou cair a flama confiada à sua mão. Atualmente, não há mais fogueiras, como a de Jerônimo, porém a prevenção, a calúnia e a traição ferem tão cruelmente como as labaredas e elas não abalaram vossa indefectível boa vontade.

Bendito seja Deus, pela clara e decisiva lição que recebi de vós!”

Afora suas visitas e suas horas de trabalho, Léon Denis tornava ao seu retiro.

Dando nova prova de paciência e de boa vontade, ele aprendera a escrita Braille, durante a guerra, o que lhe permitia manter-se ao corrente dos acontecimentos e fixar no papel, por meio da “grade” especial, os dados de capítulos ou de artigos que lhe vinham à mente.

Em suas longas noites de inverno, cercado de seus gatos favoritos, meditava nos trechos de sua colaboração mensal ou no livro em andamento. Seu pensamento se elevava, sem esforço.

No alto de seu apartamento, que o vento oeste varria, rodeava-se do grupo fiel de seus amigos do Além, que por toda a vida lhe haviam servido de família. Por vezes, no silêncio de seu quarto, ouvia-se Denis declamar algumas estrofes dos *Versos*

*Dourados* ou de alguma *Tríade Bárdica*, de onde cada palavra reflete uma antiga sabedoria.

Uma vida assim, longe de entristecer o espírito do mestre, colocava-o, ao contrário, num permanente estado de serenidade.

Léon Denis era adversário da tristeza. Não se aborrecia e nunca aborrecia os outros.

Gostava da juventude, da alegria da alma, índice de uma boa saúde moral.

O humor desse loreno, que se tornara cidadão de Tours, era de uma originalidade encantadora. Havia em suas brincadeiras menos trivialidade e um pouco da malícia de Rabelais.

A essa alegria de espírito juntava-se a atração pelas almas, que Platão atribuía ao mais fino dos atenienses.

E pela força de sua inteligência e o equilíbrio soberano da razão, não saberíamos, em verdade, a quem compará-lo melhor, senão a Sócrates, o maior e o mais sábio dos homens.

## VII

### A obra, o orador, o escritor

#### A obra

Toda a vida de Léon Denis está em seus escritos; ela faz corpo com eles; é impossível separá-los.

Seria imprudente fazer-se, atualmente, um julgamento sobre a obra do mestre, todavia não deixa de ser interessante buscarmos suas diretrizes.

Todas as ideias que ela encerra gravitam em torno de um foco central, que é o conhecimento de Deus – de onde decorre a lei moral.

É para esse conhecimento – disse ele – que devemos dirigir nossos pensamentos, a fim de a ele submeter nossos atos.

A ciência de Deus, porém, é uma ciência difícil. A inteligência se perde no inextricável emaranhado dos efeitos e causas, entretanto, embora invisível, Deus está em nós, como em nosso derredor, presente, por toda parte, no Universo.

“Tudo quanto, na natureza e na humanidade, canta e exalta o amor, a beleza e a perfeição; tudo quanto vive e respira é uma mensagem de Deus.

As forças grandiosas que animam o Universo proclamam a realidade da Inteligência Divina; ao lado delas, a majestade de Deus se manifesta na História pela ação das grandes almas que, semelhantes a imensas vagas, levam para as margens terrenas todas as potencialidades da obra de sabedoria e de amor.

E Deus está também em nós, no templo vivo da consciência.”

É nesse santuário que resplandecem as santas imagens do bem, da verdade e da justiça. Ainda obscura, a consciência se purifica e se esclarece.

“... honrando essas imagens divinas, rendendo-lhes um culto de cada dia.”

Pelo conhecimento de Deus, chegamos, portanto, à posse e à compreensão da lei moral, que nos é indubitavelmente necessária para bem nos conduzirmos nesta vida. Sem ela, não podemos avaliar nossos recursos interiores, regular seu exercício, nem dela dispor sabiamente. Nossas paixões serão sempre mais fortes.

“Ora, dominá-las é ser grande; deixar-se dominar por elas é ser pequeno e miserável.”

Não há outro caminho para levar o homem à vida moral e à prática do dever. O dever, porém, é uma obrigação essencial?

“Nobre e santa figura, ele sobrepairá acima da humanidade, inspira os grandes sacrifícios, os puros devotamentos e os belos entusiasmos.

Sorridente para uns e doloroso para outros, é sempre inflexível, surge para nós e nos mostra essa escada do progresso, cujos degraus se perdem em alturas incomensuráveis.”<sup>140</sup>

Quem, pois, imaginou que o dever tem um aspecto negativo e desencorajador?

“Por mais obscura que seja a condição do homem e mais humilde sua sorte, o dever domina e enobrece sua vida... Seu culto é sempre agradável ao sábio e a submissão às suas leis é fértil em alegrias íntimas, que a nada se pode igualar.”<sup>141</sup>

Infelizmente, o dever não descarta as provações, as preocupações e a dor. Se o homem, espontaneamente, abandona os caminhos fáceis do prazer, quem lhe assegura que a vida lhe dará compensações?

Entretanto, parece que a finalidade da vida não é a satisfação dos instintos e dos apetites. Os gozos sensuais não bastam para preenchê-la. No homem, o objetivo supremo é seu aperfeiçoamento.

“O caminho que a ele conduz é o do progresso. Ele é longo e o percorremos, passo a passo. O objetivo longínquo parece recuar, à medida que se avança, porém a cada etapa vencida o ser recolhe o fruto de seus esforços.”<sup>142</sup>

Nessa escalada para o progresso, não há privilegiados, nem proscritos. Todos percorrem, mais ou menos depressa, a mesma rota.

Nossa vida atual é a consequência direta de nossas vidas passadas, como nossa vida futura será a resultante de nossas ações precedentes. Neste mundo, onde a luz se alterna com as sombras, construímos, com nossas próprias mãos, nosso ser moral, porém o edificamos na dor.

Deus criou os seres, por um ato de amor, entretanto tudo que vive sofre, neste mundo: a natureza, o animal e o homem. Aparentemente, é uma formidável contradição.

Por que a dor? – indaga o mestre. Mas, logo ele constata: no fundo, a dor é simplesmente uma lei de equilíbrio e de educação. Prazer e dor são duas formas extremas da sensação, porém, no sensorio íntimo, sensação e sentimento se confundem.

“O prazer e a dor residem bem menos nas coisas exteriores do que em nós mesmos. É por isso que nos compete, regulando as sensações e disciplinando os sentimentos, comandar ambos, limitando-lhes os efeitos. Epicteto dizia: “As coisas são apenas o que julgamos que sejam”. Assim, pela vontade podemos domar e vencer a dor ou, pelo menos, colocá-la em nosso proveito, tornando-a um instrumento de progresso.”<sup>143</sup>

Assim, o filósofo espírita exalta a virtude do “bom sofrer” e repete, com o poeta:<sup>144</sup>

“O homem é um aprendiz, a dor é seu mestre e nada nos eleva tanto quanto o sofrimento.”

Vê-se, por aí, que o gênio não é apenas “uma longa paciência”, porém ele é frequentemente o coroamento e a apoteose do sofrimento. É diante da dor que o herói, o mártir e o santo se transfiguram.



Eliminai-a e suprimireis, ao mesmo tempo, o que há de mais digno de admiração neste mundo: a coragem moral. No lugar de nos rebelarmos contra ela, bendigamos a dor que Deus nos envia:

“E, do mármore frio, sem forma e sem beleza; da estátua feia e grosseira, que nossas mãos mal haviam esboçado, ela fará surgir, com o tempo, a estátua viva, a obra-prima incomparável, as formas harmoniosas e suaves da divina Psique.”

Aprende a sofrer, porque a dor é santa. Ela é o mais nobre agente da perfeição, ela é a maior iniciadora, diz o mestre.

Haveria uma volúpia pela dor? Longe dele esse pensamento:

“Não te direi: procura a dor, porém, quando ela te procurar, inevitável, em teu caminho, acolhe-a como amiga. Aprende a conhecê-la, a apreciar-lhe a beleza austera, a descobrir seus secretos ensinamentos; aprende a sofrer.”

É preciso convir em que uma semelhante moral desperta as mais altas faculdades do ser.

Varonil, antes de tudo, ela é severa, sem ser deprimente. Longe de ser só resignação, ela nos convida a uma luta incessante, à conquista do céu. Sua primeira palavra é coragem e a última é esperança!

É nela que é preciso procurar o viático necessário no meio do constante rebaixamento da consciência individual entre nossos contemporâneos.

A grande guerra só fez consagrar a falência moral do último século.

O egotismo <sup>145</sup> de Beyle, o criticismo <sup>146</sup> de Taine e o agnosticismo <sup>147</sup> de Renan chegaram a um impasse. Que sejam analisadas hoje suas imperfeições flagrantes e suas cruéis deficiências. Nossas gerações dizimadas e desorientadas pedem mais outra coisa, além desse pão amargo.

A Ciência matou a fé, mas o homem não pode viver sem crença, porque seu coração exige tanto ou muito mais que sua inteligência.

É ao Espiritismo que cabe o mérito de realizar a síntese entre a Ciência e a Religião. O verdadeiro fundamento da moral reside nele. Eis o ponto que o mestre, luminosamente, destacou em sua obra. O homem é perfectível, porque ele mesmo é um espírito.

Realizar-se dentro das possibilidades que lhe são fornecidas, compreender o significado da lei que o aproxima da perfeição, para onde tende, através de uma série de esforços renovados de vida em vida, eis seu objetivo.

Progredindo, livra-se das forças obscuras que procuram fazê-lo regressar aos descabros dos instintos primitivos. Escapa ao determinismo e se libera, elevando-se para o bem.

A ordem única é, pois, agir, agir corretamente.

Doutrina viril, que aclara a inteligência, fortalece a vontade, aquece o coração e favorece o desenvolvimento do espírito; doutrina que pede uma fé raciocinada, isto é, um perseverante esforço, uma longa paciência.

O homem contemporâneo, segundo Léon Denis, é, de um modo geral, um ser pouco evoluído, apesar das sucessivas aquisições; nele ainda perduram os instintos inferiores. Da mesma forma, tem em si os germens das mais nobres virtudes.

Eis-nos, inesperadamente, longe do pessimismo de um Taine. Se quereis que o homem realize uma parte das promessas que estão nele, colocai-as, desde a infância, nas condições mais favoráveis ao seu desenvolvimento integral. O sucesso depende de uma educação bem encaminhada.

Se o melhorardes, desde o começo, melhorareis também a sociedade inteira e preparareis os caminhos para a verdadeira civilização, que buscaria assegurar o pleno desenvolvimento dos indivíduos.

Os esportes e a cultura física, úteis por si mesmos, não devem ser tratados como meios únicos.

A própria natureza do homem é o fator preponderante das mudanças sociais e a questão social é, definitivamente, uma questão moral.

Ora, a família e a escola são as duas instituições que prepararam o homem social. Infelizmente, constata nosso filósofo, a família, insuficientemente protegida na sociedade moderna, tende a se desagregar. A intimidade do lar se relaxa e a autoridade do pai enfraquece.

Quanto à escola, ela se mostra, em todos os graus, deficiente em matéria de educação. Coisa grave: a instrução, desenvolvendo exclusivamente o sentimento pessoal, fortifica, no adolescente, o egoísmo e o orgulho, que são as taras mais comuns na sociedade atual.

Se ao menos houvesse uma compensação! Sem autoridade, porém, em matéria de educação, a escola, particularmente a escola primária, que atende a um público maior, só pode garantir apenas um rudimento de instrução.

Ora, a semi-instrução altera, muito frequentemente, o bom senso e o natural e, quando contribui, além disso, a expandir as numerosas falsas ideias, termina, de fato, num resultado nefasto.

É preciso entender que a verdadeira arte e a verdadeira ciência são acessíveis apenas ao homem de alta cultura e isso é uma exceção.

Não importa o que se pretenda conseguir; a boa razão diz que há uma desigualdade intelectual entre os indivíduos, enquanto que a prática da virtude é possível a todos.

Conclui-se que uma base sólida de crença raciocinada seria importante para a imensa multidão dos homens que não podem chegar aos altos estudos.

Os fundadores da Escola do Povo, os J. Ferry e os Paul Bert, já haviam sentido essa necessidade.

Eles acreditaram que os princípios usuais da moral universal bastariam para preencher essa tarefa. Seus sucessores não pareciam ter semelhantes preocupações.

Eliminaram a religião, mas nada puseram em seu lugar. Grave erro! O povo tem necessidade de crença O malicioso sorriso de Renan não poderia preencher tal lacuna.

Como organizar a sociedade segundo a justiça e assentá-la em bases estáveis, com elementos tão mal preparados?

Como fundar a Democracia, com cidadãos unicamente preocupados em atender às suas necessidades materiais, destituídos de um ideal?

Fala-se muito em Socialismo, sem se chegar a defini-lo bem. É um termo que agrada ao ouvido do povo e, com ele, os demagogos fazem suas plataformas.

“Cada um tem direito a uma situação, de acordo com suas aptidões ao trabalho e com suas qualidades morais – disse Denis.”

Nada mais verdadeiro; sejamos, pois, socialistas.

Entretanto, antes de ir mais além, convém entender-se esse termo bastante vago.

As sociedades, ditas civilizadas, tendem, por vias mais ou menos diretas – porque em todos os domínios nada fazemos que tatear – a melhorar a sorte dos indivíduos que as compõem, e todo Estado, qualquer que seja sua forma política, se modifica nesse sentido.

O que importa, porém, notar é que o homem só tem o poder de modificar as coisas naturais se ele se submeter à ordem dessas mesmas coisas.

Certos socialistas, notadamente os comunistas, se recusam a aceitar tal realidade e pretendem submeter a ordem das coisas às suas concepções particulares, o que é um absurdo.

“O comunismo – disse Denis – só é realizável no seio de grupos restritos e cuidadosamente recrutados, cujos membros estejam animados de uma fé intensa e de um espírito de sacrifício. Não se poderia estendê-lo a todas as nações.”

Um tal sistema, que nos mostre o Estado absorvendo todo o esforço coletivo, é contrário ao progresso do indivíduo.

Seria melhor, sem dúvida alguma, que a função do Estado fosse limitada, na proporção em que o indivíduo se desenvolvesse.

Em suma, o socialismo seria apenas um sistema mais racional da comunidade, sistema baseado não somente nas necessidades imediatas dos indivíduos, mas, ainda, na lei de justiça e de amor.

Ensinar aos homens de onde eles vêm, para onde irão e qual é a finalidade da vida, segundo o ensinamento do mestre, é orientar suas vontades no sentido do bem, é fazer nascer neles o desejo de cooperar com o progresso universal, servindo à humanidade; é elevar seus espíritos rumo à ordem divina.

Tarefa árdua, tarefa imensa, porém a única que é fecunda!

Tal é a palavra de vida que Léon Denis nos legou, ao nos deixar. Pensamos que não há razão para não o aprovarmos, quer por motivos científicos, quer por motivos religiosos. A Ciência já deu um passo decisivo nesse sentido e, quanto à Religião, ela não é tão rebelde como se imagina.

Um falecido teólogo nos deixou seu testemunho, por seus escritos e seus atos:

“Lendo suas obras, caro senhor, comunguei convosco a respeito de que não se morre.

Aprecio em suas obras esse sentido direto do infinito e do eterno, que reconhece o permanente através da trama das coisas que passam. E sabendo a que ponto a vida lhe tem sido dolorosa, sinto-me em companhia de um irmão, cuja esperança e a fé não são, simplesmente, elementos de uma bela teoria ou de retórica, porém são vivas e libertadoras potencialidades.

Não sou espírita, mas sempre o considerei um companheiro de viagem através desta existência crepuscular, tendo confraternizado, de preferência, com os que se orientam para o lado da noite que parece transparente.

Creio, de toda a minha alma, na presença de nossos entes queridos invisíveis. Fazem-me companhia habitual e caminho cercado por seu tranquilo e sorridente cortejo.

Em homenagem a eles, gosto de cultivar o que eles amaram, e agora que tantos jovens heróis <sup>148</sup> transpuseram os limites que sevem de separação para o outro mundo, considero toda obra justa e boa como um depósito que eles nos deixaram e que se tornou sagrado pelo sacrifício deles.

A santa solidariedade entre os vivos e os mortos; a presença, entre nós, dos que nos anteciparam; a crença no progresso dos seres através dos sofrimentos, dos erros e das faltas, rumo a uma claridade superior, um complemento naquilo que ainda nos falta, tudo isso é minha fé viva, que peço a Deus me seja aumentada, todos os dias.

Pelo *Evangelho*, amplamente compreendido e praticado, e por todas as aspirações que lhe assinalei, sinto-me, portanto, à vontade perto do senhor, *que a ninguém exclui, que tudo espera, proporcionando um ambiente e um horizonte luminoso, ao cenário da vida.*”

Destacamos estas últimas frases sobre as quais qualquer comentário poderia alterar seu alto sentido e diminuir sua pura beleza.

## O orador

Já vimos, nos primeiros capítulos, pelos relatos dos jornais, como era grande o poder do conferencista sobre os que o ouviam. Amigos e adversários, todos rendiam homenagem à sua eloquência brilhante, cheia de imagens, persuasiva, interessada em despertar inteligências e em comover pelos meios mais simples.

Por causa de sua vista deficiente, não mantinha o auditório sob seu olhar, à maneira dos tribunos, que contam com os efeitos diretos da sugestão. Ele, porém, punha tal calor humano em sua oratória, um tal acento de sinceridade, que os mais arredios deixavam cair suas prevenções e se entregavam, pouco a pouco, a um invencível sentimento de confiança.

Se Léon Denis não enxergava o auditório, nada lhe escapava quanto às diversas reações que sua palavra provocava. Ele as sentia.

O orador de altos voos não desdenhava, todavia, as sutilezas da ironia, nem os inesperados parênteses, que constituem a astúcia maliciosa de um bom discurso francês.

Ele não proibia as discordâncias do auditório e até mesmo as incentivava. A controvérsia animava nele seu ardor de proselitismo e aumentava seus recursos habituais. Além disso, ele tinha para todas as questões um arsenal de argumentos preparados, de que se servia com uma rapidez e uma oportunidade impressionantes.

Suas respostas, embora fulminantes, eram sempre corteses, pois não perdia seu domínio em nenhuma situação.

Certa ocasião, quando desenvolvia o problema de Deus, numa reunião de debates, numa cidade do Sul, um católico o interrompeu, supondo fazê-lo tropeçar num embaraçoso obstáculo.

– O senhor afirmou – disse o aparteante – que o inferno é só um produto da imaginação. Eu fui a Nápoles e vi o Vesúvio em erupção; é uma das bocas do inferno, que é, portanto, uma realidade!

– Então – retruca Léon Denis – o senhor acredita que o inferno se encontra no centro da Terra! Mas a Terra foi, durante muito tempo, uma massa ígnea, um globo de fogo, antes de se tornar sólida e ser habitada, antes de ser criado o homem. Assim, poder-se-ia comparar Deus a um grande senhor da Idade Média que, desejando fundar uma cidade, começaria por mandar construir, no Centro, a geena, a casa dos suplícios, o lugar de tortura, e diria em seguida: “Venham, meus amigos, instalar-se neste local, preparado com carinho!”

Com essas palavras, o salão foi sacudido por uma estrondosa hilaridade, que embaraçou o aparteante.<sup>149</sup>

Léon Denis preparava suas conferências com um cuidado todo especial, que as tornava como trechos seletos, pela boa apresentação literária e equilíbrio de suas partes. Ele as escrevia,

depois as estudava, a fundo; a seguir, as repetia, cuidando atentamente da dicção.

Isto feito, nada tendo deixado por conta do acaso, ele se abandonava à inspiração do momento e aos conselhos de seus guias.

É o fulgor espontâneo das ideias, a improvisação, que faz os grandes oradores.

“Na eloquência – escreveu ele – a movimentação do pensamento está representada não somente pela palavra, mas também pelos gestos que lhe acentuam os efeitos.

Nisso, mais do que em qualquer outra matéria, impõe-se uma justa medida, porque o excesso, como a ausência da mímica, devem ser igualmente evitados com cautela.

A maior parte dos grandes oradores sente o influxo do invisível. A inspiração desce sobre eles em vagas sucessivas e faz surgirem as expressões, as formas e as imagens, que provocam o entusiasmo das multidões.

Em certos momentos, eles se sentem como arrebatados da Terra e envolvidos por uma irresistível corrente.

No curso de minha carreira de propagandista da Doutrina Espírita, experimentei, muitas vezes, a sensação de um poderoso socorro oculto, cuja causa bem conhecia.

O Espírito Jerônimo de Praga, meu protetor e guia, sempre me assistiu, em minha tarefa de conferencista. Por vezes, no momento da aparecer diante de um numeroso público, indiferente ou mesmo hostil, e tomar a palavra, eu me sentia invadido por um mal-estar ou violenta enxaqueca que paralisava meu pensamento e minha ação.

Aí, então, atendendo ao meu ardente apelo e à minha prece, o meu espírito protetor intervinha.

Por uma enérgica magnetização, ele restabelecia o equilíbrio orgânico e devolvia minha lucidez, meus meios de agir.

De outras vezes, após debates contraditórios que duravam várias horas, após lutas oratórias com contraditores



encarniçados, materialistas ou religiosos, apesar de meu esgotamento, eu ainda encontrava modulações e entonações vibrantes que surpreendiam e abalavam o auditório.”<sup>150</sup>

Por quais meios Denis chegava a captar esse precioso influxo da inspiração? Às vezes, a música é que o auxiliava.

“Sucedeu-me, por mais de uma vez, quando tinha que fazer uma conferência numa grande cidade, chegar de véspera e assistir a uma ópera, no Teatro Lírico. Lá, escondido no fundo de um camarote, completamente isolado, eu me desligava de tudo o que se passava no salão ou no palco, para me deixar enlevar pela obra musical.

Sob a ação combinada dos instrumentos e das vozes, uma onda de ideias afluía a meu cérebro e uma beleza de pensamentos e de imagens surgia das profundezas do meu ser.

Nesses momentos, eu compunha meu tema com uma riqueza de elementos, uma profusão de argumentos, uma abundância de formas e de expressões, que não teria encontrado no silêncio e que não reapareciam sempre em minha memória, na hora oportuna.”<sup>151</sup>

Poderíamos mencionar os numerosos testemunhos de seus amigos de luta, ainda vivos. Eis aqui alguns deles, provenientes de simples ouvintes, que não poderão ser taxados de parcialidade.

Inicialmente o de uma ouvinte:

“Além de seu grande talento incontestável e incontestado, o senhor Léon Denis é um encanto, o que nada o prejudica, e se sua conferência de ontem não foi para mim o Caminho de Damasco, a culpa não é dele. Sem dúvida, não chegara minha hora, se é que chegará um dia.

Eu estava bem colocada, na segunda fila, bem diante do orador.

Não lhe falarei dele, fisicamente; seus retratos falam melhor do que tudo que eu lhe pudesse dizer.

As pessoas que estavam ao meu lado o conhecem e o acharam emagrecido e cansado. Seus olhos, com efeito, devem fazê-lo sofrer e ele usa óculos com lentes grossas, para protegê-lo da luz intensa, penso eu.

É de aspecto muito simpático, de gestos simples, oportunos e sóbrios; a sequência de suas palavras é, inicialmente, um pouco monótona; a voz, um pouco velada, lembrava nosso irmão Henri, quando fala com prazer de alguma coisa, que conhece a fundo.

Pouco a pouco, ela se eleva para vibrar em rasgos de entusiasmo, nos trechos patéticos e pungentes.

Tem elocução fácil, a dicção perfeita, o estilo rico de imagens e maravilhosamente apropriado às partes complexas do tema.

Um sentimento de sinceridade e de profunda convicção se depreende do conjunto e essa palestra foi um triunfo para o orador, somado, sem qualquer dúvida, a outros já obtidos.

Nem é preciso acrescentar que ele já possui em mim uma admiradora a mais.”

O trecho seguinte provém da esposa de um general. Foi tirado de uma carta endereçada a Léon Denis.

“Não pude impedir que minha amiga expressasse, em alta voz, sua admiração pelas belas coisas que nos foram ditas.

Todos estão de tal modo admirados, que alguns declararam que o senhor se transfigurou, mudou a voz, os gestos mais amplos e alguns sustentam que o senhor parecia bem maior.

O senhor não imagina a vitória que obteve, ao emocionar meu marido, de tal modo que ele nem podia mais falar. Ele, tão frio e reservado, tão cheio de si, me confessou que, mesmo o espetáculo de um campo de batalha juncado de mortos não o emocionara tanto.”

Léon Denis, nota-se, tinha reunidos todos os dotes de um orador nato e esses dotes ele os conservou até em sua extrema velhice, pois que, ainda no Congresso de 1925, conseguiu a admiração de quantos o ouviram, por sua facilidade e sua mestria em manejar a palavra e captar a atenção de seus ouvintes.

## O escritor

Léon Denis era um autodidata. Alguns o censuraram quando deviam felicitá-lo. Sim, Léon Denis formou-se sozinho; é mais um título para nossa admiração.

Mesmo não tendo estudado retórica, seu estilo era muito valioso: de uma facilidade e de uma simplicidade clássicas. É a vestimenta natural de um pensamento sempre em estado de equilíbrio.

Se seus primeiros livros apresentam uma forma oratória, é que, nessa época, Léon Denis era principalmente um conferencista que se entregou à tarefa de propagar a Doutrina pela escrita.

Ele se interessa, de forma imediata, pela participação de seus leitores em sua convicção.

Eis por que a eloquência lhe é tão natural. Ele escreve como fala. O tom, de ordinário familiar, fica impregnado de bom humor, cheio de naturalidade, se eleva, insensivelmente, aos píncaros da linguagem e certos finais de capítulo passariam muito bem como páginas de Bourdaloue.

Esse estilo, de uma admirável elasticidade, presta-se a resumir; é preciso e rápido, como se exige para um estudo ou discussão de um ponto doutrinário.

Suas brochuras de propaganda ou de defesa são testemunhas disso.

Em suas últimas obras, particularmente em *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*, sua linguagem reveste uma forma absolutamente pura, despojada de qualquer ornato e que está na medida exata de um pensamento vigoroso, que já alcançou a serenidade.

A natureza foi sua inspiradora e foi pelo seu contato que desceu sobre ele o influxo misterioso da intuição e da inspiração.

Suas páginas de exposição da Doutrina são de um excelente escritor; as que nos legou sobre o Universo, o céu, o mar, a montanha e a floresta são dignas de um grande poeta.

O dom poético é, com efeito, marca indelével de seu talento, poeta em prosa, ele não se apega aos manejos sutis e exagerados da linguagem artística.

Denis tem horror ao convencional. A procura do termo raro e o burilamento da frase lhe são indiferentes. Tudo que se refira à alquimia verbal lhe parece preocupação pueril. Dá ao polimento literário uma importância limitada.

Certos artigos eram entregues, sem retoques, na forma em que foram ditados. *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*, por exemplo, só teve revisões tipográficas.

Para ele, escrever não era um brinquito de esteta, uma distração sutil para uso das pessoas cultas, mas bem uma outra forma de ação, um outro meio de divulgar ideias.

O escritor pode se enganar, mas deve ser sincero e seus leitores têm direitos sobre ele. Léon Denis é o tipo perfeito do escritor sincero. Há nele adequação perfeita do estilo ao pensamento; encontramos o homem inteiro no literato.

Sua prosa, abundante como era seu verbo, flui qual o Rio Loire, cujo curso é sempre igual, largo e ritmado.

Nada de traumas, de gritos desesperados, nada de arrebatamentos desordenados, nem delírios românticos.

As nobres ideias, com Denis, procuram apoiar-se na razão, antes de alçar voo tranquilo, sem desfalecimento, que as transporte para além das brumas perigosas onde cantam as sereias.

A musa de Léon Denis, irmã da casta Urânia, só encontra sua alegria nas regiões da luz e da serenidade.

Para acompanhá-la, o poeta de *O Grande Enigma* não usa nenhum artifício, nenhum encantamento; não tem necessidade de nenhum excitante cerebral.

Coloca-se, por uma graça especial, em estado de ressonância com a beleza que o cerca, eis todo o seu segredo.

Abramos o seu *Livro da Natureza*.

Os grandes espetáculos do firmamento e da Terra são os eternos temas, onde se inspiram a inteligência e o coração do homem, desde que foi dotado de linguagem.

Léon Denis não buscou fora disso a fonte de sua inspiração. O amor – no sentido carnal que comumente lhe dão – não absorveu as fontes vivas de seu ser, como acontece entre numerosos escritores. É em Deus que esse sentimento encontra sua fonte e seu fim. Ele não exclui o amor humano, santifica-o.

É no cenário das belas noites consteladas que o poeta espírita encontrará a palavra de *O Grande Enigma*, “a suprema lição que desce dos Espaços sobre as fronteiras inquietas”.

Cada um dos incontáveis mundos, perdidos nos abismos siderais, tem sua própria voz no concerto universal; cada um fala uma linguagem diferente à nossa alma.

“Todas as estrelas – disse Denis – nos entoam seu poema de vida e de amor e todas nos fazem ouvir uma poderosa evocação do passado e do futuro.

Elas são as moradas de nosso Pai, as etapas, as soberbas demarcações dos caminhos do infinito e por ali passaremos e viveremos todos, até entrarmos, um dia, na luz divina.”<sup>152</sup>

À impressão de esmagamento e inacessibilidade, que um tal espetáculo faz nascer, sucede um sentimento de inefável doçura.

Esses astros que realizam sua trajetória fulgurante pelos espaços insondáveis parecem nos dirigir misteriosos apelos e deles nossa alma logo acolhe um secreto motivo de esperança.

Não são eles os eternos sinais da ordem divina e as misteriosas notas da sinfonia universal, de onde somente a música nos vem comunicar uma impressão satisfatória, embora bem imperfeita?

“A música, linguagem divina que exprime o ritmo dos números, das linhas, das formas e dos movimentos, eco en-

fraquecido da harmonia soberana que dirige a marcha dos mundos.”

Entretanto, nessa prodigiosa sinfonia, os astrônomos descobrem dissonâncias. Mundos nascem, outros morrem e alguns se entrecrocaram, em cataclismos gigantescos.

Esses acidentes – disse o mestre – não poderiam destruir a soberana ordem; qualquer dissonância se dilui no conjunto, nessa música das esferas que, segundo dizem, Pitágoras ouvia e que é o cântico da Criação.

É justamente essa impressão de equilíbrio, de concordância total e de serena beleza que o sábio, o poeta e o artista devem buscar, envolvendo-se de calma e de silêncio, distanciando-se o mais possível dos ruídos furiosos, dos rumores inúteis e do turbilhão das paixões que agitam o mundo moderno. É no ritmo soberano do Cosmo que eles devem afinar seu ritmo interior.

Viremos “as páginas do grande livro aberto a todos os olhos”. Da contemplação dos esplendores siderais, retornemos à Terra, nossa mãe.

Eis a floresta, que nos oferece seu palpitante asilo, a antiga floresta, ornamento e verdadeira conservadora do globo, primeiro refúgio e primeiro templo do homem.

“De seu ritmo majestoso ela embalou a infância das religiões; serviu de modelo para as mais nobres manifestações da ideia religiosa em seu desabrochar estético.”

É à sua misteriosa sombra, debaixo de suas copas seculares, que os druidas, nos tempos célticos, recebiam as inspirações e os ensinamentos do alto.

Para Léon Denis, a floresta guarda sempre seu augusto e sagrado prestígio.

Ela ainda é, hoje, o asilo do pensamento íntimo e sonhador e, sob suas ogivas palpitantes, sente-se, como outrora, o misterioso frêmito da religião eterna.

A árvore capta as irradiações vindas do espaço; entre o visível e o invisível se estabelece, graças a ela, um secreto diálogo. O deus fala na folhagem.

“Simpática às alegrias e compassiva às dores humanas, conselheira de aceitação paciente, de esforço viril e de esperança, vivaz, em renovações sempre fecundas, a floresta é, ainda, um deslumbramento para os olhos.”

É nessas páginas, impregnadas pela atmosfera silvestre, que Léon Denis mostra seus mais belos dotes de paisagista.

Seu olhar que, de ordinário, busca as amplas perspectivas, aqui se apega, com um cuidado tocante, aos menores aspectos da árvore e da planta, indo da flor aos humildes animaizinhos que participam da vida intensa do mundo vegetal.

Nesse novo contato, a paleta do escritor se enriquece; ele se torna um magnífico pintor da selva:

“Através das frondosas copas, a luz se dispersa, em raios dourados, sobre os troncos das árvores e sobre os musgos; as lufadas do vento brincam nas ramarias. O outono acrescenta a esses fulgores a sinfonia das cores, do verde amarelado até o ruivo fulvo e o ouro puro; ela matiza a folhagem, pinta de ocre os castanheiros, de púrpura as faias e debulha as urzes róseas das clareiras.”<sup>153</sup>

Diante dessa maravilhosa apoteose, seu pensamento irrequieto se eleva para a “Causa de tantas maravilhas para glorificá-la”. Entretanto, a marca manifesta da beleza divina não se inscreve somente na fronte ondulante da floresta. O oceano e a montanha merecem, igualmente, nossa admiração.

Nas páginas que Léon Denis dedicou ao mar, não encontraremos as magias suntuosas de um Chateaubriand ou de Pierre Loti. Porém, pela pena calma do poeta filósofo, quanta pureza, quanta fidelidade, na pintura e na evocação!

Eis, por exemplo, o Mediterrâneo provençal:

“Até os confins do firmamento, o mar estende sua toalha ondulante, brilhando às luzes do dia.

Nem uma nuvem, nem uma brisa. O Sol do sul ilumina com fugidios clarões a crista das vagas. Sobre esse imenso espelho, a luz brinca, em aspectos delicados e em cambiantes movimentações. Ela envolve as ilhas, os cabos e as

praias com uma claridade leve; ela suaviza o horizonte e idealiza as longínquas perspectivas.”<sup>154</sup>

A visão do oceano, tonitruante, sob um céu agitado, não é menos vigorosamente fixada em seus traços essenciais.

“É sobretudo do alto dos promontórios armoricanos que o oceano é majestoso ao olhar nas suas horas de cólera, quando a onda se quebra bramindo sobre os recifes, ruge nas angras profundas e secretas ou rola em trovoadas na sombra das cavernas.

Os gritos das curicacas, de gaivotas e dos albatrozes que voam, rodopiantes, no meio da tempestade, somam-se à desolação da cena. Toda a costa está branca de espuma.”

O mar, para Léon Denis, é a imagem do poder, da extensão e da duração. Ele o sente respirar, percebe suas pulsações. Os espasmos e os remoinhos do abismo líquido só agitam sua superfície, mas é em suas profundezas misteriosas que a vida continua a se elaborar.

A verdadeira personalidade do mar nos escapa.

Ao lado da incessante agitação oceânica está a calma plena de majestade das grandes montanhas. De todos os aspectos da natureza, a montanha tinha a preferência de Denis, e ele amava repetir:

“A montanha é meu templo.”

Filho adotivo de uma região de planície, que ele apreciava pela sua amável ambiência, ainda guardava, em sua velhice, a nostalgia dos altos planos.

Os horizontes da Touraine são de uma extensão considerável, mas o relevo dessa província é suave e sua atmosfera permanece, principalmente entre as margens do grande rio, impregnada de uma moleza voluptuosa.

É uma terra mais propícia ao descanso do que à ação.

Na plenitude da idade, Léon Denis preferia a montanha, fonte inesgotável de fortes impressões, de emoções nobres e de ensi-



namentos fecundos; a montanha era a liberadora das nobres faculdades da alma.

Ouçamos Denis nos confiar os motivos de sua predileção:

“Como nos faz bem, na fresca madrugada, impregnada dos perfumes penetrantes da noite, galgar as encostas, apoiado num grande bastão pontiagudo, a sacola de provisões nas costas!

Em torno de nós, tudo é calma; a terra exala essa paz serena que retempera os corações, penetrando-os de uma alegria interior.

A vereda é tão graciosa em seus contornos, a floresta tão cheia de sombra e de misteriosa doçura!

À medida que subimos, a perspectiva se alarga e soberbos panoramas se abrem, ao longe, sobre as planícies.

As aldeias mostram suas manchas brancas pela verdura, entre as plantações, os descampados e os bosques.

A água das lagoas e dos regatos brilha como aço polido.”

Tudo, na montanha, o comove e o maravilha.

Seus dias ensolarados, plenos de eflúvios e de claridades, suas noites serenas cheias de estrelas, o concerto de seus pássaros e de seus insetos, os rumores de suas florestas, a grande voz das torrentes e das cascatas, “até suas tempestades repentinas e os clarões dos relâmpagos sobre os cumes”.

Há, nessas páginas, uma suavidade de impressão, um colorido e uma poesia espontânea que nos encantam e nos arrebatam.

Magicamente, toda a montanha se anima com sua verdadeira vida, freme com suas mil vozes familiares e eleva ao céu seu cântico sublime.

“Para todos os que sabem compreendê-la, amá-la, a montanha é uma longa e profunda iniciação.”<sup>155</sup>

As harmonias luminosas e a magia de seus cumes são privilégio exclusivo dos que não receiam escalar os altos montes, porque a subida acorda o sentimento interior, as faculdades psíquicas se estimulam na atmosfera dos picos e, entre os de

alma nobre, a comunhão com os mundos superiores se estabelece.

Os altos montes não foram os altares escolhidos pelos patriarcas e pelos profetas?

Eis por que as recordações surgem, em grande número, aos apelos do pensamento do viajante; sonhos noturnos, à beira das torrentes caudalosas que descem dos Pireneus, meditações solitárias, junto aos lagos da Auvergne, perigosas escaladas nos Alpes coroados com suas neves, impressões relembradas no silêncio das altas solidões, onde se sente o estremecer do infinito.

Com esse hino de adoração termina o livro, onde o mestre colocou o melhor de si mesmo, a inalterável juventude de seu coração, o impulso mais arrojado de seu pensamento, o mais belo fulgor de sua fé.

A seus olhos, a natureza não é madrasta; não lhe faz medo, porque toda a obra de Deus lhe merece confiança.

Sabendo que o nosso mundo é um mundo de provas, não de beatitude, aceita sua sorte, mantendo intacta sua força de esperança.

As ameaças de catástrofe e de aniquilamento não o abalam, porque ele está em segurança, no meio dos perigos que o cercam:

“Compreendeu as grandes leis que, ao preço de alguns acidentes, garantem o equilíbrio e a salvação das raças humanas.”

\* \* \*

Tudo isso comprova uma concepção bem alta do papel do escritor, que deve ser, antes de tudo, um educador. Assim, uma tal obra é grande e extremamente emocionante, porque nela não se pode descobrir o menor traço de pose ou de orgulho, de amargura ou de desencanto.

“Muitas pessoas acham que o Espiritismo é muito triste. Pobres criaturas, se elas soubessem!...

Triste, um livro de Léon Denis? Por que fala sobre a morte? Mas, nele se aprende que a morte é a vida.

Seus livros são transbordantes de alegria. São luminosas taças encantadas, onde os lábios humanos, sedentos do infinito, vão dessedentar sua sede superior, numa verdadeira exaltação do Além.

Os livros de Léon Denis *Cristianismo e Espiritismo*, *Depois da Morte* e *No Invisível* não são mais tristes que a Via Sacra dos romanos, rodeada de túmulos; que os cemitérios floridos e perfumados do oriente, onde os ociosos vão passear; que o campo santo de Aliscamps, em Arles, todo tremulante de asas e de brisas, através das copas das romãzeiras, dos terebintos e dos lóvão; que os Campos Elíseos, onde casais de namorados se sentam nos antigos sarcófagos de pedra e vão permutar juras, nas claras noites de estio.

Quando se lê Léon Denis, tem-se a sensação de percorrer algum desses sítios pitorescos, enfeitados por um suntuoso outono.

Há tonalidades fortes e matizes agonizantes, jogos de luz e de sombra, canções de alegria e vozes melancólicas. E, acima de todo esse panorama de onde sobem os ruídos da terra, se estende o grande céu tecido de azul e de luz.”

Essas linhas de um sentimento tão justo nos ajudam a entender a concepção do mestre, em matéria literária, que se pode resumir nestes termos: ser verdadeiro com decência. Fora disso, toda arte está manchada pela frivolidade ou, melhor dizendo, pelo supérfluo.

A verdadeira poesia, escreveu Denis, é feita da ressonância íntima da sinfonia eterna em nós, do acordo dos nossos pensamentos, dos nossos sentimentos e dos nossos atos com a regra de nosso destino.

É por esse motivo, porque toda a sua obra apresenta essa concordância e esse notável equilíbrio, que Denis é um verdadeiro poeta e um grande escritor.

# Apêndices

## 1

### Testamento moral

No final de minha vida, nesta hora crepuscular em que uma nova etapa termina, em que as sombras crescem sem cessar e cobrem todas as coisas com seu manto melancólico, recordo o caminho percorrido desde minha infância; depois, dirijo meu olhar para adiante, para essa porta que brevemente se abrirá para mim, para o Além e suas eternas claridades.

Nessa hora, minha alma se recolhe e se desprende, antecipadamente, dos liames terrenos; ela vê e compreende o objetivo da vida.

Consciente de seu papel neste mundo, reconhecida pelos benefícios divinos, sabendo por que veio e por que atuou, bendiz a vida por todas as alegrias, todas as dores, todas as provas salutares que experimentou e agradece os instrumentos de sua educação e de seu progresso.

Bendiz a vida terrena, convencida, quando a deixar, de que retornará mais tarde, numa nova existência, para ainda trabalhar, sofrer, aperfeiçoar-se e contribuir, por seus esforços, para o progresso deste mundo e da humanidade.

Consagrei esta existência ao serviço de uma grande causa: O Espiritismo ou Espiritualismo Moderno, que será, certamente, a crença universal, a religião do futuro.

Consagrei à sua divulgação todas as minhas forças, toda a minha capacidade e todos os recursos de meu espírito e meu coração.

Tenho sido sempre, e poderosamente, sustentado por meus amigos invisíveis, por aqueles a quem irei juntar-me, brevemente.

Pela causa do Espiritismo, renunciei a todas as satisfações materiais, mesmo as da vida familiar e da vida pública, aos títulos, às honrarias e funções, vagando pelo mundo, muitas

vezes só e triste, porém, no fundo, feliz de assim pagar minha dívida do passado e de me aproximar dos que me aguardam, no Além, na Luz Divina.

Abandonando a Terra, quero que os recursos por mim deixados sejam consagrados ao serviço dessa mesma causa. É com este pensamento e com esta firme vontade que organizei a lista de meus herdeiros.

Inicialmente, com o objetivo de propaganda doutrinária, deixo ao Sr. Jean Meyer, residente na Vila Montmorency, Avenida des Tilleuls, 11, Paris, 16º, a propriedade de minhas obras que figuram na Biblioteca de Filosofia Espiritualista Moderna e das Ciências Psíquicas, que ele fundou.

Além disso, deixo ao dito Jean Meyer, todos os volumes e brochuras em depósito na tipografia Arrault, em Tours, assim como os clichês, impressões e anexos referentes a essas obras.

Se, por morte do Sr. Jean Meyer, o funcionamento de sua biblioteca, acima designada, se achar comprometido, minhas obras cairão no domínio público e todos os interessados poderão reproduzi-las, com a condição de seguirem escrupulosamente o texto de cada última edição, sob o controle e vigilância de meus executores testamentários.<sup>156</sup>

*Léon Denis*

## Com um druida de Lorraine <sup>157</sup>

Convidado por meus bons amigos de Touraine para fazer uma conferência na sede da prefeitura da cidade de Tours, não deixei de comparecer a esse agradável encontro, no esplendor de um dos mais célebres jardins de França, às margens de “meu Loire gaulês”. E lá vivi horas muito rápidas na “suavidade de Anjou”...

Ao meio-dia, dirigi-me à casa de Léon Denis. O mestre me acolheu com estas palavras: “Ora, viva! Parece ter uma bela cabeça de loreno!”

Octogenário, com opulenta barba, o druida de Lorraine já não enxergava mais o suficiente para ler e escrever, mas ainda percebia em seu derredor o mundo das formas e das cores. Ele vive nas sombras, com as sombras.

O Loire, que passa debaixo de sua janela, as colinas que exibem o esplendor outonal de seus bosques, não creio que ele possa ainda apreciar esses espetáculos...

Um fogo de lenha crepita vivamente no salão, onde, silenciosamente, vão e vêm os gatos, esses eternos companheiros dos místicos e dos pensadores.

Lá estão meus bons amigos de Touraine: Gaston Luce, mutilado de guerra, Cavaleiro da Legião de Honra, premiado pela Academia Francesa por seu livro de poesias *Ma Touraine* e “ronsardisant” <sup>158</sup> distinto do “Divan”, importante falange literária parisiense.

Depois, Gaston Delavière, menestrel da Idade Média, com perfil e vestimenta de artista, cuja silhueta sempre espanta os anglo-saxões e os escandinavos atraídos ao vale do Loire, pelos castelos, pelos manes <sup>159</sup> de Rabelais e de Ronsard, pelo Instituto de Tours para os estrangeiros... Delavière, também poeta, é o facho que abraça todas as almas agrupadas nessa fraternal associação da Universidade Popular.

Enfim, e principalmente, há também aquele que, há meio século, se pôs ao serviço da causa mais achincalhada, mais ridicularizada e mais sistematicamente ignorada: a do Espiritismo.

Atualmente, os livros de Léon Denis se espalharam pelo mundo inteiro e o mestre me anuncia que a Alemanha se pôs a traduzi-los e a propagá-los.

A tradução de seu consolador livro *Depois da Morte* acaba de ser lançada em Leipzig. De todos os lados, o mestre recebe cartas de discípulos, de visitantes estrangeiros de passagem que desejam conhecer, em Tours, esse estranho loreno.

Deliberadamente, Denis desprezou a literatura e a política, para assumir a tarefa ingrata de defender e de propagar a mais extravagante das teses, do ponto de vista dos professores, dos sacerdotes, dos jornalistas e de cem outras categorias de cépticos.

Sua consagração no Congresso Espírita internacional de 1925 foi magnífica, e jornalistas incrédulos, como Géo London, do *Journal*, reconheceram e confessaram a sublimidade da Doutrina Espírita.

Léon Denis me fala de seu nascimento em Foug, de sua modesta origem, de seus começos bem duros, bem trabalhosos, porém, com a proteção dos invisíveis.

“Possuo amigos, no Além, que me protegem e me sustentam com um devotado zelo” – afirmava ele.

Suas palavras parecem com um frêmito, que demonstra o poder de sugestão que esse maravilhoso orador obtém sobre as mais diversas multidões.

Por vezes, em suas evocações poéticas, levanta para o alto uma das mãos, inclina a cabeça para trás, destacando as duas pontas da barba e, se ele estivesse com um roupão branco, me parecia ter diante de mim, ao lado do herói de 1914-1918, do menestrel da Idade Média, o druida da Brocéliande...<sup>160</sup> Porque Léon Denis é um celta militante.

E muitas vezes esquece-se o caráter literário e histórico de nosso Espiritismo atual: ele é um dos mais interessantes aspectos da renovação céltica que presenciamos.

Allan Kardec se acreditava a reencarnação de um druida da Bretagne, tudo como Léon Denis admira, em Joana d'Arc, a

maravilhosa celta, como em Edouard Schuré, o grande celta da Alsace...

Sim, há uma renovação do movimento celta, na França: a reedição do *Vercingétorix*, de Camille Jullian; a publicação, por André Lebey, de seu *Iniciação Religiosa de Vercingétorix*; o florescimento do Espiritismo e a difusão das literaturas célticas são outros elementos de espiritualidade contra os quais as negativas universitárias vêm se esfacelar.

Foi ainda de celtismo que conversamos com Léon Denis. Naturalmente!

... Um drama à Vatel não conseguiu nos entristecer, em nenhum instante.

O hoteleiro, dono de estalagem, de casa de pasto, se esqueceu de tomar umas providências e a cozinheira ficou desorientada.

Era preciso fazer, bem depressa, um prato novo. E tivemos de consolar a cozinheira naquela aflição.

Que responsabilidade! Entretanto, todos nós dávamos tão pouca atenção ao que comíamos! Quando foi trazido o frango assado, não se achou ninguém que pudesse trinchá-lo.

Ei-los, os companheiros de Merlin, o Encantador!

Apenas descobri que em casa de Léon Denis, bebedor de água diante do Eterno, o vinho, de cor clara e gosto suave, era um néctar...

Observo atentamente o maravilhoso ancião encanecido, de longas barbas brancas, e ele me recorda admiráveis estrofes poéticas que parecem, em seus livros, essas harpas que os alemães expõem nos vitrais de seus castelos, para que o vento nelas module estranhas sonoridades...

Que bela figura a desse lutador que, durante 50 anos de combate, procurou, por toda a Europa, desvendar o segredo da vida e da morte!

Sua última viagem a Foug o decepcionou. Ele definiu com estas palavras sua imensa desilusão: “O regato que murmurava em frente à minha janela já não corre mais!” Além disso, os velhos tipos – tais como Moussou, que me declarava ser um



segundo Némorin Cocolinjo, de o *Ermonec* – desapareceram. Muitos outros, mais jovens, tomaram desagradáveis hábitos de intemperança.

Denis me conta uma curiosa história de um bávaro, morto em 1870-1871, depois jogado em uma carroça e recoberto de adubo, passeando durante todo um dia no meio dos inimigos, pelo autor do golpe, como num desafio da mais bela astúcia...

Depois, Joana d’Arc entra em cena, porque Léon Denis lhe consagrou um livro e páginas magníficas.

Ele recorda a visita do coronel Collet, no vale do Loire, nos passos da camponesa lorena. E Denis se lembra de ter visto o bravo coronel chorar, copiosamente, ouvindo as explicações que lhe eram dadas sobre a “donzela”.

“Ver aquele velho soldado chorar por Joana comoveu-me tanto, que também fui inteiramente tomado pela tristeza”, acrescentou Denis.

Nós nos despedimos. A hora se aproxima. Para nós dois, público turanguense. Para nós dois, turanguense, a quem o ditado declara tão apático:

- Turanguense, queres beber?
- Sim!
- Turanguense, queres buscar o cântaro?
- Não!

... E o público de Tours bebeu no cântaro que lhe dei, embora meu vinho jamais fosse doce e licoroso como o de Touraine, mas, por vezes, duro e mesmo ácido.

Meu bravo Delavière, os de Tours fizeram sua comemoração. Vamos! Até logo, minha bela Touraine, até breve, meus bons amigos de Tours! E a ti, velho druida de Lorraine, minha respeitosa amizade e minha cordial veneração.”

- Eu sou de Toul-Nord, e vós? – Denis perguntou.
- De Thiaucourt! – respondi-lhe.

E ficastes ainda mais contente do que eu...

- Poderíamos estar mais perto? – dissestes-me também.

Não, porque sou como vós, o loreno preocupado com o Além... Nossas regiões são bem as mesmas, ó venerável mestre!

*Gabriel Gobron*

### O fim de um sábio

Artigo do *Le Matin*, de 6 de junho de 1927.

Fez-se pouca publicidade em torno da morte de Léon Denis. Não o bastante.

Podia-se jurar que a humanidade, incrédula na aparência, mas sempre crente, no fundo – tão poderosos são o enigma, o atrativo e a angústia do mistério –, hesita em homenagear os derradeiros sábios que procuraram conciliar a ciência e a fé. Como se a paz e o progresso pudessem florescer, sem o maravilhoso apoio do ideal.

É preciso reparar essa injustiça.

A vida inteira de Léon Denis foi devotada à sobrevivência. Mais que ninguém, ele negou o amesquinamento total do ser pensante.

Poeta, sem dúvida, mas principalmente grande artista meditativo, sempre se esforçou em provar que não perdemos os seres que nos são caros quando vão para a Eternidade, e que sua invisível presença se manifesta, ao mesmo tempo, ao nosso espírito, ao nosso coração, e mesmo aos nossos sentidos, como prova de que de forma alguma os deixaremos no esquecimento.

Nele a inspiração não excluía o espírito científico. Assemelhava-se a *Sir William Barrett*, que proclamava estar o Espiritismo no caminho que conduz a todo progresso dos conhecimentos humanos.

Com uma doce obstinação, quando o psiquismo paranormal disputava as escolas divorciadas do Espiritismo, que acredita na sobrevivência da personalidade humana, e do metapsiquismo, que só admite as interações das forças ainda tão mal definidas dos vivos. Denis desenvolveu suas convicções nas obras que se impõem como incontestáveis e em que o filósofo o disputa com o sábio: *O Além e a Sobrevivência do Ser*, *O Problema do Ser e do Destino*, *O Grande Enigma*, *Depois da Morte*, *O Porquê da Vida*.

Até a idade de 81 anos, em que desencarnou persuadido de continuar sua obra no além, de colaborar para a evolução da humanidade, com uma assiduidade ao mesmo tempo enérgica e mais serena ainda que a desenvolvida no curso de sua longa existência de santo leigo, Léon Denis foi um comovente exemplo de fidelidade aos seus princípios de inesgotável bondade.

Devemos nos inclinar diante da memória desse sábio tão digno, que dizia dos espíritas “tão ridicularizados e tão escarnecidos”, dos quais foi o chefe, depois de Allan Kardec, ao lado de Gabriel Delanne, de Camille Flammarion, de William Crookes e de tantos outros sábios renomados:

“Eles tiveram esse mérito imenso de atrair a atenção da humanidade pensante, não apenas para um conjunto de fatos que revelam a existência de todo um mundo invisível vivo, agitando-se em torno de nós, mas também para as consequências filosóficas e morais decorrentes desses fatos. Elas são um encaminhamento para o conhecimento das leis eternas que regem a vida, a evolução, e garantem o funcionamento da justiça no Universo.”

## Balanço da atividade oral

### **Títulos das principais conferências feitas por Léon Denis:**

O Patriotismo (10 de fevereiro de 1873);  
O Materialismo;  
O Espiritualismo;  
Quadro do Universo;  
O Evolucionismo e o Espiritualismo;  
Apologia do Espiritualismo;  
O Ultramontanismo e a Franco-Maçonaria, em 1875;  
Os Russos e os Ingleses na Ásia;  
Deus, a Alma e a Vida;  
O Centenário da Independência Americana;  
A República Americana;  
Grandes Cenas da História da França;  
A Religião Natural e Laica;  
Trabalho e Capital;  
A Família;  
A Instrução Popular;  
Problemas Morais e Religiosos;  
Ciência e Moral Espírita;  
O Progresso;  
As Terras do Espaço;  
Os Universos Longínquos;  
Os Mundos;  
Homenagem a Allan Kardec;  
A Tunísia e a África Francesa;  
Os Mundos e a Vida;  
A República dos Estados Unidos;  
A Pluralidade dos Mundos;  
A União Espírita; O Espiritismo;

O Gênio da Gália;  
O Patriotismo na Idade Média (Joana d'Arc);  
A Filosofia da Revolução;  
Os Mundos e a Vida Universal;  
As Existências Progressivas do Ser;  
A Propaganda Espírita;  
O Espiritismo e a Questão Social;  
O Gênio da Gália e a Missão de Joana d'Arc;  
Nossas Verdadeiras Tradições nacionais;  
Os Mundos e a Vida Universal; As Existências Progressivas do Ser; os Fenômenos Psíquicos;  
O Espiritualismo Experimental: Ciência, Filosofia, Moral;  
O Materialismo e o Espiritualismo Experimental perante a Ciência e perante a Razão;  
A Vida Universal e o Destino dos Seres;  
A Instrução dos Adultos e as Bibliotecas Populares;  
O Espiritualismo e o Materialismo perante a História e perante a Revolução;  
O Espiritismo perante a Ciência;  
O Espiritismo perante a Razão;  
Cristianismo e Espiritismo;  
As Crenças e as Negações de nossa Época;  
A Ideia de Deus e a Prática do Espiritismo;  
Socialismo e Espiritismo;  
Joana d'Arc, sua Vida, seu Processo, sua Morte;  
Joana d'Arc e o Espiritualismo Moderno;  
O Problema da Vida Futura;  
O Espiritismo do Ponto de Vista Científico;  
O Cinquentenário do Espiritismo;  
O Espiritismo e a Ideia de Deus;  
As Origens do Espiritismo;  
O Espiritismo e seu Papel no Mundo;  
As Vidas Sucessivas;

A Lorraine;  
Joana d'Arc em Touraine;  
Palestra sobre a Situação do Espiritismo;  
Consequências Morais e Sociais do Espiritismo;  
O Espiritismo e o Ideal Democrático;  
O Espiritismo; suas Dificuldades, suas Vantagens;  
O Culto dos Mortos;  
As Sessões de Miller; O Espiritismo na Antiguidade;  
O Espiritismo através dos Tempos;  
O Espiritismo e a Missão do Século XX (19 de junho de 1910).

# Apêndices a esta edição

## 1

### Roteiro doutrinário de Léon Denis

<b>Países</b>	<b>Localidades</b>
França	Angers, Agen, Arles, Aix, Avignon; Blois, Borinage, Bordeaux, Béziers, Bretagne; Carcassonne, Châtelleraut, Cognac, Challes; Flandre; Grenoble; Huy, Holyrood, Havre; Le Mans, Lyon, Lorient, Lorraine; Marseille, Montélimar, Montpellier, Montauban; Nancy, Normandie, Nantes; Paris, Pau, Périgueux, Pont-Saint-Esprit, Pierrelatte; Rochefort; Spa; Tours, Toulouse, Toulon; Uriage; Valence, Vendôme.
Bélgica	Antuérpia; Bruxelas; Charleroi; Jumet-Gohissart; Liége.
Suíça	Genebra – 1893, 1913.
Holanda	Haia – 1898.



**Léon Denis nos Congressos Espíritas**

<b>Anos</b>	<b>Cargos ocupados</b>
1889 (setembro) – Paris	Dirigiu a Comissão de Propaganda
1900 (setembro) – Paris	Presidente Efetivo
1905 (junho) – Bélgica	Presidente de Honra
1910 (maio) – Bélgica	Delegado da França e do Brasil Presidente: Le Clément de Saint-Marc
1913 (maio) – Suíça	Denis e Delanne: Assistentes de Charles Piguet (Presidente)
1925 (setembro) – Paris	Presidente Efetivo

## Expressões latinas nas obras de Léon Denis

### Depois da Morte:

*Semper ascendens*

Tradução: Sempre para o alto.

### O Problema do Ser e do Destino:

*Crescit eundo*

Tradução: Cresce, andando.

(tirado da *Eneida*, de Virgílio, Livro VI, v. 175).

### Cristianismo e Espiritismo:

*Vitam impendere vero*

Tradução: Consagrar sua vida à verdade.

(de Juvenal, *Sátiras*, IV, 91).

### No Invisível:

*Absentes adsunt*

Tradução: Os ausentes estão presentes.

*Experto crede*

Tradução: Acreditar só por experiência própria.

Frases ditas por Léon Denis e citadas por Gaston Luce em *Vida e Obra de Léon Denis*:

*Amicus Plato, sed magis amica veritas*

Tradução: Amigo de Platão, porém mais amigo da verdade.

*Sursum corda*

Tradução: Corações para o alto.

## Renovação

Último artigo escrito por Léon Denis, publicado na *Revue Spirite* de março de 1927.

O que mais falta aos nossos contemporâneos não é, certamente, a inteligência; é, mais frequentemente, esta força espiritual, este motor oculto, que dá ao pensamento, sua irradiação e sua luz, esta cordialidade, espécie de magnetismo que aproxima as almas e as faz cooperar, mais eficazmente que todas as forças materiais, com o progresso social, com a evolução dos seres e do mundo.

Quando era embaixador em Nápoles, Chateaubriand, numa carta que ficou célebre, já escrevia a Mme. Récamier que os franceses, muito bem dotados em geral, com respeito ao espírito e à imaginação, o eram muito pouco no tocante ao julgamento e à vontade. Os estrangeiros nos acusam de nos sustentarmos na contradição, na oposição, e sermos hábeis na arte da crítica. Ora, a crítica não é suficiente para melhorar a mentalidade de um povo. O que nos falta é uma síntese, isto é, um resumo educativo, um procedimento que revele a todos, grandes e pequenos, o que as religiões e as filosofias não conseguiram lhes demonstrar, isto é, o objetivo real da vida e a grande lei de evolução.

E este resumo, esta síntese, é o que o Espiritismo nos traz com o ensinamento dos espíritos dado em inúmeras mensagens que, multiplicando-se e renovando-se todos os dias e em vários países, comunicam-lhe uma autoridade e um poder que vão crescendo sem cessar. E eis que nós aí encontramos as duas grandes correntes da ideia céltica, que se desenrolavam através dos séculos, frequentemente ignoradas, invisíveis, mas que nem por isso deixavam de prosseguir, no mistério, sua marcha silenciosa para se reunirem em uma ciência, em uma crença que é a própria expressão do gênio de nossa raça.

A primeira dessas correntes era a ideia política, o princípio de liberdade e o direito eleitoral proclamados pelas revoluções,

corrente que nos reconduziu à forma democrática e social das instituições gaulesas.

A segunda corrente, filosófica e religiosa, desenha-se lentamente, seguramente. Por ela, a alma francesa se afirma em sua potência moral, em sua comunhão íntima com a natureza terrestre e a vida universal. Ela retoma com o mundo invisível o contato que perdera, a fim de assimilar suas forças e suas leis.

Os druidas, diz-nos Allan Kardec em suas mensagens, recebiam, pelas radiações do espaço, o pensamento revelador que os iniciava nos segredos do Além. Eles se impunham, por tarefa, fixar, condensar em fórmulas lapidares e em caracteres “ogham”<sup>161</sup> os princípios dessa revelação superior com vistas ao futuro. Seriam, pois, necessários séculos, para que o ser humano, por seu trabalho pessoal e sua progressão, pudesse assimilar todo o alcance desse ensinamento, a fim de que, em nossa época, a doutrina céltica e a doutrina espiritualista e científica fossem unidas por um elo imperecível.

Vê-se por aí que o plano da evolução humana ultrapassa em grandeza e confunde todas as nossas pequenas medidas terrestres.

Assim, realizam-se as previsões dos autores gregos e latinos que consideravam os gauleses como sendo depositários dos segredos da vida e da morte. Já nessa época longínqua, eles pareciam crer que nossa raça estava destinada a representar, no futuro, um papel revelador. E é o que ocorre, pois são celtas e druidas, reencarnados ou desencarnados, que vêm oferecer, a uma sociedade céptica e desencantada, o pão da vida, a bebida da imortalidade.

O Espírito Allan Kardec, cujos ensinamentos proponho-me a publicar, não é o único na obra; perto dele estão as almas dos grandes estudiosos, dos celtas do espaço. Juntos, eles trabalham para reanimar em nossas consciências a fé que se apaga e a confiança que desfalece.

O Sr. Le Braz, professor na Faculdade de Letras de Rennes, um estudioso dos celtas, e muito conhecido, escrevia:

“Os celtas são, talvez, de todas as raças, a mais tocada pelas preocupações com o Além.”

Por seu lado, o padre Fournier, superior do Colégio de Saint-Dizier, em seu *Manual da História das Religiões Não-Cristãs*, conclui:

“Um traço se desenha com tamanha intensidade nos descendentes mais autênticos dos antigos celtas, que é impossível não atribuí-lo igualmente a estes: é a profunda religiosidade, o senso agudo do mistério angustiante da natureza e do destino, a comoção repercutida ao mais profundo das almas, diante do enigma do Além.”

Esses testemunhos, emanados de um professor universitário e de um teólogo, não poderiam ser suspeitos de parcialidade.

Vimos como estas tradições, entre as vicissitudes da História, curvaram-se pouco a pouco para chegar a um período de incerteza e de cepticismo. Seria uma grande causa de fraqueza e, por consequência, uma infelicidade para a França, encontrar-se desprovida de concepções precisas sobre a vida e a morte. Sabe-se como, graças à ocupação romana, doutrinas estrangeiras vieram cobrir e apagar o foco de luz aceso pelos druidas. Estas doutrinas traziam, é certo, elementos de verdade e de beleza moral de que nossos pais se beneficiaram nas horas difíceis. Mas a doutrina do Cristo, ela própria, alterou-se com o passar do tempo e, no final das contas, a França achou-se diante de um ensinamento teológico que restringira todas as coisas, reduzindo as proporções da vida a uma só existência muito desigual, seguindo os indivíduos para fixá-los em seguida numa imobilidade eterna. As perspectivas do inferno tornaram a morte mais temível. Elas fizeram de Deus um juiz cruel que, tendo criado o homem imperfeito, punia-o por sua imperfeição, mesmo sem reparação possível. E daí os progressos do ateísmo, do materialismo que fizeram da França uma nação na maior parte céptica, desprovida dessa fé robusta e esclarecida que torna fácil o dever, suportável a prova e consigna à vida um objetivo prático de educação e aperfeiçoamento.

A revelação druídica, ao contrário, ensina que o princípio de vida no homem, as forças, as energias que se agitam nele, não podem estar condenadas à inércia, que a personalidade humana é chamada a desenvolver-se através do tempo e dos espaços e a adquirir as qualidades, as potências novas que lhe permitirão representar um papel sempre mais importante no Universo.

“Viver – diz Jean Reynaud em *O Espírito da Gália* – não é apenas estar fora do nada, é agir, é instruir-se, é usar suas faculdades e suas virtudes, é sentir-se livre; é conservar, desenvolver, multiplicar suas afeições; é elevar-se com a ajuda de Deus, na escala dos seres, mas nada perder, nem de si mesmo, nem de suas amizades.”

Ora, esta tradição, que dormitava no fundo das consciências célticas, desperta, sai da sombra dos séculos e se manifesta no mundo sob o nome de Espiritismo. A voz dos céus profundos faz-se ouvir novamente na Terra para chamar os homens ao sentimento do dever e à compreensão do elevado objetivo da vida.

E assim, uma tarefa nova se desenha para a França; desde a guerra, seu papel já parecia crescer no mundo, do ponto de vista material, e nada de sólido e de durável se edifica sem o seu concurso. Ela não é nem latina, como a Itália e a Espanha, nem germânica, como a Alemanha, nem anglo-saxônica, como a Inglaterra e os Estados Unidos; ela é céltica e, por sua situação e suas origens, pode servir de intermediária, de traço de união entre seus vizinhos. A influência de seu pensamento, de sua ação e suas radiações penetram neles sem que eles o saibam.

Nesse sentido, depois de sua obra de pacificação política e material, cabe-lhe trabalhar em uma restauração intelectual e moral, pois não pode haver restauração intelectual e moral completa sem uma educação nova, inspirada por um ideal elevado, por uma fé racional e científica que eleve as almas acima dos horizontes estreitos da vida e lhes revele o objetivo a atingir.

A França deve trabalhar nessa renovação, necessária, primeiro para ela mesma, para os seus próprios interesses. Pois que o tempo urge, assinalam-me, de toda parte, sinais não equívocos de

decadência moral e de desagregação social. Parece que as forças vivas da nação estão ameaçadas. Mas, por outro lado, constatam-se atos de iniciativa privada, esforços generosos que, multiplicando-se, permitem tudo aguardar, tudo esperar. Com efeito, em muitos de nossos compatriotas a alma cristã, guardiã das virtudes do Evangelho, coincide, sem o saber, com a alma céltica menos passiva, mais viril, mais ardente.

A revelação dos espíritos, as informações vindas do Além, ensinando-lhes a conhecer-se, a discernir o alvo supremo, darão a estes dois suportes psíquicos o meio de fundir-se, ficando apenas uma alma, a alma francesa imperecível, imortal, evoluindo em direção a seus altos destinos. A grande voz dos espaços traz-nos o reconforto, a força moral, a confiança em nós mesmos e no futuro.

Já que outras doutrinas reconheceram-se impotentes para reagir contra os males que nos assediam e para fornecer-nos o pão saboroso da alma, remontemos, então, com o Espiritismo, às nossas origens, às puras tradições de nossa raça, ao que constitui nosso verdadeiro patrimônio. Enquanto essas doutrinas se deterioraram em sua luta secular contra a matéria, nós reencontraremos nosso patrimônio intelectual e moral no mais profundo das consciências célticas, intacto e quase virgem.

O principal argumento de nossos detratores é que *As Tríades*, esta magistral síntese dos druidas, é apócrifa e remonta, quando muito, à Idade Média. É verdade que nós possuímos a sua tradução francesa há apenas cem anos, mas quase todos os autores antigos, gregos e latinos, conhecem-na e, entre outros, Diógenes Laércio cita várias *Tríades* no século II de nossa era.

*As Tríades* representam uma epopeia da alma, elevando-se do inconsciente até à consciência mais alta por séries de etapas ou de vidas sucessivas das quais cada uma traz em si mesma seus antecedentes.

O Universo, escala dos mundos, é apenas um degrau para subir gradualmente na direção de grupamentos espirituais mais puros, mais sutis, mais radiosos, e gozar de uma vida intensa e radiante.

Segundo *As Tríades*, o Universo é regido por leis, leis de evolução, de progresso e de justiça que emanam de uma fonte eterna de inteligência, de sabedoria, de luz; essas leis trazem em si mesmas sua sanção, fazendo recair sobre o ser todas as consequências de suas obras. Por uma espécie de mecanismo moral, o ser, por suas aspirações, por seus atos, se eleva para sociedades melhores, em cujo seio ele experimenta sensações mais delicadas, enquanto, por seus vícios e suas paixões, ele se acorrenta aos mundos materiais.

Essa revelação da pluralidade das vidas pelas *Tríades* lança uma viva luz sobre o destino do ser. Por ela, a personalidade do homem se engrandece; tudo se repara, tudo se resgata. O homem se torna o autor consciente, o instrumento responsável de seu próprio porvir, ele se liberta, pouco a pouco, das baixas contingências planetárias e das brutais impulsões do interesse, desenvolvendo-se por seus próprios esforços, por todas as aquisições de sua inteligência, de sua razão e de seu coração.

Cada vida traz-lhe um conhecimento, uma força e um poder novos, e a solidariedade mais estreita o liga a todos os seres. Ele se eleva, assim, através de degraus, em direção ao lar supremo do qual ele se torna uma radiação consciente e fecunda.

O ser é, então, chegado ao círculo da vida celeste: “Gwynfyd”, que a “Tríade 45” descreve nestes termos: Três plenitudes da felicidade de “Gwynfyd”: participar de toda qualidade com uma perfeição principal; possuir toda espécie de aptidão com um talento preeminente, enlaçar todos os seres em um mesmo amor, com um amor de primeira linha, ou seja, o amor de Deus; e é nisso que consiste a plenitude do céu ou “Gwynfyd”.

*Léon Denis*



**Trecho de uma comunicação  
de Léon Denis, obtida em Tours,  
em 8 de julho de 1927, por incorporação**

“Minha prezada senhora Renée, a impressão que tivestes, pessoalmente, entre 8 horas e 9:15, na noite de 12 de abril é, naturalmente, em decorrência do êxtase, do desdobramento, da alegria, do deslumbramento e da luminosa vertigem que eu mesmo senti, trocando de mundo.

Da vida terrestre, com seu movimento orgânico, à vida do espaço, com sua sensação radiosa, há forçosamente, na mudança das situações, um ponto morto que fica em suspensão, em maior ou menor tempo, conforme a evolução, estado da alma e a observação do indivíduo.

Após o momento em que pararam os órgãos que animavam meu pensamento humano, no minuto em que despertei para a luz do Além, tive uma espécie de sonolência, de sono hipnótico.

Sentia-me como que entorpecido por condensações de vapor, que formavam em torno de mim algo como um casulo fluídico.

Meus queridos e bons guias trabalhavam; depois, minha respiração deixou meu envoltório carnal e, como um débil fio, desligou-se sem choque.

Senti, então, todo o meu ser dilatado, vaporoso, atraído como por mãos invisíveis, que não eram senão os pensamentos de meus guias.

Esses pensamentos se concretizavam e tocavam meu espírito sob a forma de emanções luminosas, refletidas pelo perispírito de meus entes queridos desencarnados.

Eu flutuava em derredor deles como o pássaro que sai do ovo, mas que é frágil e dá seus primeiros passos em vossa Terra.

Havia deixado minha casa carnal e ensaiava as primeiras evoluções no Mundo da Luz, domínio maravilhoso criado por Deus.

Mais do que nunca, meus amigos, sei agora que todo ser humano rompe sua carcaça física com maior ou menor dificuldade,

de acordo com a sua evolução e conforme o grau de fé e de confiança que tenha na bondade e na justiça de Deus.”

*Léon Denis*  
(*Revue Spirite*, outubro de 1927.)

## Glossário dos principais nomes próprios

### – A –

AGULLANA (SRA.)

Convida Léon Denis para conferências, em Bordeaux.

AGUZOLY (DR.)

Membro do Grupo Espírita da Rua du Cygne, em Tours, do qual Léon Denis era o secretário.

AKSAKOF

Presidente honorário do Congresso Internacional Espírita de 1900, em Paris.

ANNE-LUCIE

Mãe de Léon Denis; casou-se em 3 de abril de 1845.

AYGALLIERS (WAUTIER D')

Pastor protestante e amigo de Léon Denis. Em seu sepultamento, prestou-lhe sentida homenagem.

### – B –

BAUMARD (CLAIRE)

Substituiu, em 1915, a secretária de Denis, a senhorita Camille Chaise, que deixava Tours. Escreveu interessante livro: *Léon Denis na Intimidade*.

BELKASSEN (MUSTAPHA)

Acompanhante de Léon Denis.

BELLE (DR.)

Deputado por Indre-et-Loire e diretor do Círculo Regional da Liga do Ensino.

BERNARD (CLAUDE)

Grande fisiologista francês (1813-1878).

BÉZIAT (JEAN)

Interpelado por Gabriel Delanne, tenta, em vão, explicar o que era “psicose” para o Grupo dos Fraternistas.

BRUN (HENRI)

Um dos dirigentes da Federação Espírita Lionesa.

– C –

CAILLÉ (RENÉ)

Secretário-geral da revista *L'Étoile*.

CHAIGNEAU

Secretário da reunião de 31 de março de 1881, no Cemitério Père-Lachaise, em homenagem a Allan Kardec, sendo orador Léon Denis.

CHAISE (CAMILLE)

A primeira secretária de Léon Denis.

CHAUVET (DR.)

Presidente de um Grupo Espírita em Tours.

CHAUVIGNÉ (GAËTAN)

Encabeça o cortejo mortuário de Denis, junto com Gaston Luce.

CROOKES (WILLIAM)

(1832-1919) – célebre físico inglês e profundo investigador dos fenômenos espíritas, através da médium Florence Cook, e do Espírito Kate King (1872). Publicou *Fatos Espíritas* (1874).

– D –

DELANNE (ALEXANDRE)

Secretário, juntamente com Chaigneau, da reunião de 31 de março de 1881, no Cemitério Père-Lachaise, em homenagem a Allan Kardec. Pai de Gabriel Delanne. Visitava o Grupo Espírita da Rua du Rempart, em Tours.

DELANNE (GABRIEL)

(1857-1926) – filho de Alexandre Delanne, ambos grandes colaboradores de Allan Kardec.

DENIS (JOSEPH)

Pai de Léon Denis.

DENIS (LOUIS)

Tio de Léon Denis.

DÉSERT (DESDEVIZES DU)

Professor da Faculdade de Clermont-Ferrand, elogia, em *Le Lien*, o livro *Joana d'Arc, Médium*, de Léon Denis.

DOYLE (CONAN)

Ilustre espírita inglês.

DURAND

Um dos espíritos guias do Grupo Espírita de Tours.

DURVILLE (HECTOR)

Assessor de Laurent de Faget, na seção de magnetismo, no Congresso Internacional Espírita de 1900, em Paris.

– E –

EMILE DE GIRARDIN

Inicia a família de Victor Hugo nos fenômenos do Espiritismo, em Guernesey.

ENCAUSSE (DR.)

Destacado ocultista, pseudônimo Papus. Relator do Congresso Espiritualista Internacional de Paris, em 1889.

ESPÉRANCE

Um dos espíritos familiares de Léon Denis.

ESPÍRITO AZUL

Um dos espíritos familiares de Léon Denis.

– F –

FAGET (LAURENT DE)

Dirigia a seção de magnetismo, com Durville, no Congresso Internacional Espírita em 1900, em Paris.

FAUVETY (CHARLES)

Assistente do presidente Lermina no Congresso Espiritualista Internacional (Paris, 1889).

FLAMMARION (CAMILLE)

Grande astrônomo e líder espírita francês (1842-1925).

FORGET (SRA.)

Médium e velha amiga de Denis, desencarnou, em idade avançada, a 25 de agosto de 1917.

FORESTIER (HUBERT)

Secretário de Jean Meyer, representou-o nos funerais de Denis e foi seu substituto na *Revue Spirite*.

FRANCE (ANATOLE FRANÇOIS THIBAUT)

Leu livros de Denis, mas sem qualquer interesse. Célebre escritor francês, da Academia Francesa (1844-1924).

- G -

GARDY (LOUIS)

Nomeado presidente honorário do Congresso Espírita Universal de Genebra.

GAUTIER (THÉOPHILE)

Notável romancista, poeta e crítico francês. Autor de *Spirite*, elogiado por Kardec na *Revue Spirite* em 1866.

GEORGETTE

Prestativa empregada de Denis, assistiu-o em seus últimos momentos.

GILLARD

Dirigia a seção de Teosofia, no Congresso Internacional Espírita (1900, Paris).

GOBRON (GABRIEL)

Visitou Denis, quando foi fazer uma conferência na Universidade Popular de Tours, e discursou em seus funerais.

GRUJON

Professor de Denis, em Tours.

GUÉRIN (J.)

Apela para Léon Denis, pela divulgação do Espiritismo.

- H -

HAILLY (GASTON D')

Elogia a obra de Denis *Depois da Morte*, na *Revue des Temps Nouveaux*.

HARMANT (CAPITÃO)

Membro de um Grupo Espírita de Tours.

HAAS (PROF.)

Foi na sua escola, em Strasbourg, que Denis aprendeu as primeiras letras.

HENRY

Um dos espíritos familiares de Léon Denis.

HEPP (ALEXANDRE)

Em *Le Journal*, elogia *Depois da Morte*, de Denis.

HEUZÉ (PAUL)

Escreve em *L'Opinion* artigos tendenciosos contra o Espiritismo religioso, destacando a Metapsíquica.

HUAULT (IRMÃOS)

Membros de um Grupo Espírita de Tours.

HUGO (VICTOR)

(1802-1885) – conheceu o Espiritismo por intermédio de Emile de Girardin, em Guernesey. Grande poeta romântico francês.

– I –

ISTRATI (PANAÏT, DR.)

Inspetor-geral do Ensino Superior da Romênia, elogia *Depois da Morte*, de Denis.

– J –

JAMES (WILLIAM)

Professor da Universidade Harvard. Estudioso dos fenômenos espíritas com a médium Leonora Piper.

JANET (PIERRE)

Médico e filósofo francês (1859-1947), estudioso da psicologia experimental.



JAURÈS (JEAN)

Professor de Filosofia e vice-prefeito de Toulouse, cedeu o salão da prefeitura para Denis fazer suas conferências.

JERÔNIMO DE PRAGA

Guia espiritual de Léon Denis, revelando-se em 2 de novembro de 1882, numa sessão espírita, em Le Mans.

JOSSET (DR.)

Presidiu a reunião de 31 de março de 1881, no Cemitério Père-Lachaise, em homenagem a Allan Kardec.

JUBAINVILLE (D'ARBOIS)

Célebre celtista francês.

JULLIAN (CAMILLE)

Célebre celtista francês.

– L –

LAMENNAIS (SACERDOTE)

Escritor (1782-1854). A seu pedido, foi sepultado entre os pobres.

LEBEY (ANDRÉ)

Grande celtista francês e autor de *iniciação Religiosa de Vercingétorix*.

LEJEUNE

Membro do Grupo Espírita da Rua du Rempart, em Tours.

LERMINA (JULES)

Presidente da sessão inaugural do Congresso Espiritualista Internacional de 1889, em Paris.

LESSARD

Da cidade de Le Mans, apela para Léon Denis, na divulgação do Espiritismo.

LEYMARIE (PIERRE-GAËTAN)

Recomenda a Denis duas médiuns que lhe foram muito úteis. Escreve-lhe, a 31 de maio de 1883, sobre a importância de seu trabalho na divulgação do Espiritismo. Diretor da *Revue Spirite* (1827-1901).

LIUVILLE (FRANÇOIS)

Avô materno de Léon Denis.

LUCE (GASTON)

Autor laureado pela Academia Francesa. Amigo íntimo e admirador de Denis, com quem conviveu até seus últimos momentos, encabeçou, com Chauvigné, o seu cortejo mortuário.

– M –

MACÉ (JEAN)

Ardoroso propagandista da Liga do Ensino. Denis o acompanha, em intensa divulgação, sendo muito aplaudido.

MARTIN (B.)

Em *Moniteur*, elogia *Depois da Morte*, de Léon Denis.

MARTIN (LOUIS HENRI)

(1810-1883) – Historiador e político francês.

MÉRY (GASTON)

Critica, desfavoravelmente, o livro de Denis, *Depois da Morte*.

MEYER (JEAN)

(1855-1931) – Em fins de 1916, propõe a Denis adquirir a *Revue Spirite*, que não aparecia há mais de um ano.

MICHELET (JULES)

Célebre escritor e historiador francês (1798-1874).

MILLER

Francês, residente na Califórnia, USA; dava sessões fraudulentas de materialização.

MOSES (STANTON)

Reverendo protestante e médium, nasceu em 1839, interessou-se pelo Espiritismo em 1872. Pseudônimo de M. A. Oxon.

MOUTIN (DR.)

Presidente da Sociedade Francesa de Estudos dos Fenômenos Psíquicos.

MYERS (FREDERIC)

(1843-1901) – Pesquisador da Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres.

– N –

NOIRMANT

Procurador.

NORD (PAUL)

Pseudônimo de um jovem escritor francês, com ideias inovadoras e pessoais; deu aborrecimentos a Léon Denis. Criador do Panmonismo.

NORMAND

Advogado.

NUS (JEAN-BAPTISTE-EUGÈNE)

Filósofo e escritor francês, pioneiro espírita, assistente do Presidente Lermina no Congresso Espiritualista Internacional de Paris. Desencarnou, aos 78 anos, em janeiro de 1894.

– P –

PAGE

Membro de um Grupo Espírita de Tours.

PAUCHARD

Secretário-geral do Congresso Espírita Universal de Genebra (Suíça), instalado em 10 de maio de 1913.

PEEBLES

O casal Peebles, de Los Angeles, USA, nomeado presidente honorário do Congresso Espírita Universal de Genebra.

PÉRINNE

Membro de Grupo Espírita da Rua du Rempart, em Tours.

PÉRINNE (EDOUARD)

Um dos espíritos que se comunicava no Grupo da Rua du Rempart.

PHILIPPINE

Anjo da guarda.

PILLAULT (PAUL)

Trava áspera polêmica com Gabriel Delanne a respeito da “Escola de Médiuns”.

PILLET (CASA)

Importante empresa de couros onde Denis trabalhava.

POMAR (DUQUESA DE)

(Lady Caithness) – O Congresso Espiritualista Internacional de 1889, em Paris, presidido por J. Lermine, a indica como sua assistente. Convidou Denis para conferências espíritas em seu palacete, em Paris.

–R–

REBONDIN

Membro de um Grupo Espírita de Tours.

RENAN (ERNEST)

Filólogo e historiador francês, nasceu em Tréguier (1823-1892).

RIBOT (THÉODULE-ARMAND)

Filósofo francês (1839-1916), suas obras renovaram as pesquisas psicológicas.

RIPERT (ANDRÉ)

Secretário-geral da *Revue Spirite*. Fala na Universidade Popular de Tours, hospedando-se na casa de Denis.

ROCCA (PADRE)

Sacerdote.

ROCHAS (EUGÈNE-AUGUSTE-ALBERT DE ROCHAS D'AIGLUN)

Engenheiro e pesquisador espírita francês.

ROSEN-DUFAURE (SRA.)

Nomeada presidente honorária do Congresso Espírita Universal de Genebra.

ROUSSEAU (JEAN-JACQUES)

Escritor e filósofo francês (1712-1778).

– S –

SAINT-MARC (LE CLÉMENT DE)

Presidente do Congresso Espírita Universal de Bruxelas, de 14 a 18 de maio de 1910, em que Denis compareceu como delegado da França e do Brasil.

SARDOU (VICTORIEN)

(1831-1908) – presidente honorário do Congresso Internacional Espírita de 1900, em Paris. Autor dramático francês.

SAUSSE (HENRI)

Dirigente da Federação Espírita Lionesa.

SCHURÉ (EDOUARD)

Considerado por Léon Denis “O Celta da Alsace”.

SOPHIE

Espírito comunicante do Grupo da Rua du Rempart.

SORELLA

Espírito amigo que se comunicava no Grupo Espírita de Tours. Identificou-se, mais tarde, como Joana d’Arc.

– T –

TOURNIER (VALENTIN)

Amigo de Léon Denis, era cego.

TAINÉ (HIPPOLYTE-ADOLPHE)

Filósofo, crítico e historiador francês (1828-1893).

– V –

VALABRÈGUE (ALBIN)

No Congresso Espírita Universal de Genebra (1913), discorda do discurso do Dr. Philippe, que não aceitava o as-

pecto religioso do Espiritismo, no que foi acompanhado por Léon Denis.

VESME (CÉSAR DE)

Assistiu às sessões fraudulentas de materialização dadas por Miller.

VEZE (MARCUS DE)

Assistente do Presidente Lermina, no Congresso Espiritualista Internacional de Paris, em 1889.

– W –

WALLACE (RUSSEL)

Presidente Honorário do Congresso Internacional Espírita de 1900, em Paris.

WILCOX (ELLA)

Poetisa e romancista americana. Visita Denis. Traduziu *O Problema do Ser e do Destino* para o inglês.

– 0 –

## Notas:

---

<sup>1</sup> *A Desencarnação de Léon Denis*, 1ª ed., pág. 87; Editora CELD. (Nota do Tradutor; suas próximas notas terão apenas as iniciais N.T.)

<sup>2</sup> *Nilismo* – redução a nada; aniquilamento; descrença absoluta; doutrina segundo a qual nada existe de absoluto. (Nota da Revisora, conforme o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*; suas próximas notas terão apenas as iniciais N.R.)

---

<sup>3</sup> *Welche* – palavra depreciativa com que os alemães designavam os estrangeiros. *Swaab* é como os franceses da fronteira chamavam os alemães. (N.T.)

<sup>4</sup> *Bréguet* – telégrafo de mostrador, outrora usado nas estradas de ferro, inventado por Louis Bréguet, relojoeiro e físico francês (1803-1883). (N.R.)

<sup>5</sup> *Faiëncerie* – fábrica de faianças, isto é, de louças de barro esmaltado ou vidrado. (N.R., conforme o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*.)

<sup>6</sup> *Revue Spirite*, fevereiro de 1924.

<sup>7</sup> Ibidem.

<sup>8</sup> *Revue Spirite*, janeiro de 1923.

<sup>9</sup> Essas gravuras podem ser consideradas como precursoras das “histórias em quadrinhos”. (N.T.)

<sup>10</sup> *Revue Spirite*, janeiro de 1923.

<sup>11</sup> Ibidem.

<sup>12</sup> *Depois da Morte*, cap. XX. (N.R.)

<sup>13</sup> *Revue Spirite*, janeiro de 1923.

<sup>14</sup> *Anais do Congresso*, 1925, pág. 255.

<sup>15</sup> *Furriel* – militar; antigamente suboficial encarregado do acantonamento das tropas e suas acomodações. (Nota do Editor; suas próximas notas terão apenas as iniciais N.E.)

<sup>16</sup> *No Invisível*, cap. XVI. (N.R.)

<sup>17</sup> Extraído dos *Cadernos Íntimos*.

<sup>18</sup> Ibidem.

<sup>19</sup> Ver *História do Desenvolvimento do Espiritismo em Tours* (Relatório do Congresso de 1925). Ver, igualmente, *Cristianismo e Espiritismo*.

<sup>20</sup> Seu pai demonstrava um desprezo completo pela crença espírita.(\*)

(\*) Henri Regnault afirma que, por ocasião de sua desencarnação, o pai de Léon Denis era espírita. Ver *Léon Denis e a*



---

*Experiência Espírita*, pág. 66 e seguintes, Editora CELD. (N.E.)

<sup>21</sup> Na sessão de 5 de setembro, Denis recebeu um ramalhete de lírios, num fenômeno de *apport*. (\*)

(\*) *Apport* (do francês *apporter*, trazer) – é uma modalidade do fenômeno de transporte: um tipo de fenômeno espírita de efeito físico no qual há transporte de objetos ou mesmo de corpos de seres vivos de um lugar para outro. No *apport* algo é trazido de fora para o recinto onde estão os observadores. *Deporte* (ou *asport*) é quando objetos ou corpos são transportados do recinto da pesquisa ou sessão para fora dele. (N.R., conforme o *Dicionário de Filosofia Espírita*, de L. Palhano Jr, Editora CELD.)

<sup>22</sup> *País cabila*, ou Cabília, Argélia, divide-se em Grande Cabília e Pequena Cabília. (N.R.)

<sup>23</sup> *Djurdjura* – cadeia de montanhas da Argélia que rodeia a Grande Cabília. (N.R.)

<sup>24</sup> *Roumi* – infiel. (N.T.)

<sup>25</sup> *Souks* – bazares. (N.T.)

<sup>26</sup> *Túnis e a Ilha de Sardenha, recordações de viagem*, parte V. Editora CELD. (N.E.)

<sup>27</sup> *Highlander* – termo escocês, significa montanhês, aquele que habita as montanhas. (N.R., conforme o *Dictionnaire Nouveau Petit Larousse Illustré*.)

<sup>28</sup> *Charybde* e *Scylla* – redemoinho e rochedo célebres do Estreito de Messina, que eram, na antiga navegação, o terror dos navegadores. Quando conseguiam evitar um, muitas vezes se despedaçavam de encontro ao outro, o que deu origem ao provérbio tão conhecido “*Tomber de Charygde en Scylla*” (“cair de um mal em outro pior”). (N.R., conforme o *Dictionnaire Nouveau Petit Larousse Illustré*.)

<sup>29</sup> *Gaudissart* – nome de um personagem criado por Honoré de Balzac, de uma alegria barulhenta, trivial e incômoda, em seu romance o *Illustre Gaudissart* (*Cenas da vida de provín-*

---

cia). Balzac também escreveu *Gaudissart II (Cenas da vida parisiense)*. (N.R., conforme o *Dictionnaire Nouveau Petit Larousse Illustré*.)

<sup>30</sup> *Dauphiné* – antiga província da França, anexada à coroa em 1349, durante o reinado de Philippe VI; capital Grenoble. Formou os departamentos de Isère, dos Hautes-Alpes e de Drôme. (N.R., segundo o *Dictionnaire Nouveau Petit Larousse Illustré*.)

<sup>31</sup> *Funicular* – estrada de ferro destinada a subir grandes rampas cujo trem é movido por cabos acionados por motor estacionário. (N.R., conforme o *Dictionnaire Nouveau Petit Larousse Illustré*.)

<sup>32</sup> *L’Avenir du Loire*, 27 e 28 de dezembro de 1880.

<sup>33</sup> *L’Union Libérale*, 1 e 2 de março de 1880.

<sup>34</sup> Ver publicação CELD com o mesmo título. (N.R.)

<sup>35</sup> *Vir probus* – homem probo, honrado, íntegro, reto, leal. (N.R.)

<sup>36</sup> *O Mundo Invisível e a Guerra*, cap. XXIV, Editora CELD (N.R.)

<sup>37</sup> Quer nos parecer que o autor descreve uma sessão de Sematologia (ver *O Livro dos Médiuns*, cap. XI). Somente dois operários, médiuns mecânicos, e uma mulher serviam de médiuns. Os demais cooperavam com a sessão. Denis era convidado. (N.T.)

<sup>38</sup> Ver o fac-símile dessa carta no final deste capítulo. (N.R.)

<sup>39</sup> *Barbaresco* – referente à Barbária, nome dado outrora às regiões da África do Norte situadas ao oeste do Egito: Marrocos, Argélia, Tunísia, Trípoli. (N.R., conforme o *Dictionnaire Nouveau Petit Larousse Illustré*.)

<sup>40</sup> *Túnis e a Ilha da Sardenha*, “A Ilha da Sardenha”, II; Ed. CELD (N.R.)

<sup>41</sup> *Muxarabiê* – em francês *moucharaby*, grade feita em madeira, colocada diante de uma janela, em toda a sua altura, de

---

onde se pode ver sem ser visto. (N.R., conforme o *Dictionnaire Nouveau Petit Larousse Illustré*.)

<sup>42</sup> Novela inédita, encontrada nos papéis do mestre.

<sup>43</sup> *Levantino* – natural ou habitante dos países do Levante, ou seja, do Mediterrâneo oriental; pertencente ou relativo a esses países. (N.R., conforme o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*.)

<sup>44</sup> Ver *Revue Spirite*, agosto a outubro de 1904 e *La Paix Universelle*, março de 1895 e números seguintes.

<sup>45</sup> *O Porquê da Vida*, “Prefácio”, Editora CELD. (N.R.)

<sup>46</sup> *Ibidem*, cap. I, “Dever e Liberdade”. (N.R.)

<sup>47</sup> *Areópago* – tribunal ateniense, assembleia de magistrados, sábios, literatos, etc. (N.R., conforme o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*.)

<sup>48</sup> *Papus* – pseudônimo usado no Ocultismo pelo médico Gérard Anacleto Vincent Encausse (La Corogne, Espanha, 1865 – Paris (?), 1916). (N.R.)

<sup>49</sup> Ver os discursos de Léon Denis no *Relatório do Congresso*; Livraria e Editora Jean Meyer.

<sup>50</sup> *L’Initiation*, Papus.

<sup>51</sup> Extraído dos registros das mensagens obtidas por incorporação, no Grupo de Tours, 1890.

<sup>52</sup> *Eucolégio* – livro de orações, entre elas o ofício dos domingos e das festas principais. (N.R., conforme o *Dicionário Enciclopédico Lello Universal*, vol. II.)

<sup>53</sup> Ver “Jaurès, Spiritualiste”, *Revue Spirite*, novembro de 1924. (\*)

(\*) Ver também, no livro *Socialismo e Espiritismo*, Editora CELD, a transcrição desses artigos. (N.R.)

<sup>54</sup> Extraído dos *Registros das mensagens*.

<sup>55</sup> Ver *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*, cap. III, Editora CELD. (N.R.)

---

<sup>56</sup> Trata-se de *O Espiritismo e as Contradições do Clero Católico*. (N.T.)

<sup>57</sup> *Valões* – natural ou habitante da Valônia, metade sul-oriental da Bélgica. (N.R., conforme o *Dictionnaire Nouveau Petit Larousse Illustré*.)

<sup>58</sup> Joseph Denis havia morrido em 1886.

<sup>59</sup> A Sra. Denis havia falecido com mais de 83 anos.

<sup>60</sup> Ver o *Relatório do Congresso de 1925*, p. 257.

<sup>61</sup> Ver *Relatório do Congresso de 1925*, p. 257. Ver igualmente *No Invisível*, “Transe e Incorporações”.

<sup>62</sup> *Relatório do Congresso*, p. 256.

<sup>63</sup> Ver *No Invisível*, cap. XIX, “Transe e Incorporações”, Editora FEB. (N.R.)

<sup>64</sup> *Apologética* – parte da Teologia que tem por objetivo restabelecer, por argumentos históricos e racionais, o fato da revelação cristã. (N.R., conforme o *Le Robert, Dictionnaire de la Langue Française*.)

<sup>65</sup> *Gnose* – sistema filosófico-religioso cujos partidários diziam ter conhecimento completo e transcendente da natureza e dos atributos de Deus. (N.R., conforme o *Dicionário Enciclopédico Lello Universal*, vol. II.)

<sup>66</sup> *Exegese* – comentário ou dissertação para esclarecimento ou minuciosa interpretação de um texto ou de uma palavra. Aplica-se de modo especial em relação à *Bíblia*, à gramática, às leis. (N.R., conforme o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*.)

<sup>67</sup> Ver *Cristianismo e Espiritismo*, cap. V., “Relações com os Espíritos dos Mortos. Editora FEB. (N.R.)

<sup>68</sup> A presente citação e as seguintes são tiradas do *Relatório do Congresso Espiritualista Internacional de 1900*.

<sup>69</sup> Ver *No Invisível*, cap. XIX, “Transe e Incorporações”. Editora FEB. (N.R.)

---

<sup>70</sup> *Revue Spirite*, outubro de 1908: “A propósito do médium Miller”.

<sup>71</sup> O comportamento de Miller já fora denunciado nos *Annales des Sciences Psychiques*, número de dezembro.

<sup>72</sup> Resumo dos *Relatórios das Sessões* (Registro das Mensagens).

<sup>73</sup> “Últimas apreciações sobre Miller”, *Revue Spirite*, 1909, p. 52.

<sup>74</sup> “Pró e contra Miller”, *Revue Spirite*, 1909, pp. 220 e 221.

<sup>75</sup> *Ibidem*.

<sup>76</sup> *No Invisível*, cap. XXIV, “Abusos da Mediunidade”, Editora FEB. (N.R.)

<sup>77</sup> *Quicherat, Jules* – arqueólogo (1814-1882), nasceu em Paris. Publicou o *Processo de Reabilitação de Joana d’Arc*. (N.R., conforme o *Dictionnaire Nouveau Petit Larousse Illustré*.)

<sup>78</sup> “Joana d’Arc, a solução dos grandes problemas históricos”, *Revue Spirite*, janeiro de 1912, p. 22.

<sup>79</sup> “As mensagens” de Jeanne de Domremy desagradavam particularmente ao clero, porque continham declarações bastante duras para a Igreja Romana.

<sup>80</sup> *Le Lien*, fevereiro de 1912.

<sup>81</sup> *Criticismo* – sistema filosófico que procura determinar os limites em que se pode legitimamente exercer o entendimento humano. (N.R., conforme o *Dictionnaire Nouveau Petit Larousse Illustré*.)

<sup>82</sup> *Barrias, Félix-Joseph* – pintor francês nascido em Paris (1822-1907). (N.R., conforme o *Dictionnaire Nouveau Petit Larousse Illustré*.)

<sup>83</sup> *Mercié, Antonin* – escultor francês nascido em Toulouse (1845-1916). (N.R., conforme o *Dictionnaire Nouveau Petit Larousse Illustré*.)

---

<sup>84</sup> *Stafford, Conde de* – lorde inglês que, em companhia de outros nobres, foi visitar Joana na prisão para zombar dela, tendo, nessa ocasião, chegado a empunhar sua adaga para feri-la. Posteriormente, movido pela superstição (os ingleses achavam que havia um “encantamento” na virgindade de Joana), e pela sórdida paixão que passou a sentir por ela, Stafford foi à cela da donzela para tentar violentá-la. (N.R., conforme *Joana d’Arc, Médiun*, cap. X, “Rouen, a prisão”.)

<sup>85</sup> *Loyseleur* – padre, traidor e espião. A mando dos juízes, foi encarregado de conquistar a confiança de Joana, tornando-se seu confidente. Para consegui-lo, entrou em sua cela com roupas comuns, não as de padre, dizendo-se loreno e prisioneiro dos ingleses. Enquanto Joana lhe fazia confidências, escrivães, escondidos, ouviam tudo, registrando suas palavras para depois acusá-la. (N.R., conforme *Joana d’Arc, Médiun*, cap. X, “Rouen, a prisão”.)

<sup>86</sup> *Velléda* – druidisa e profetisa da Germânia, atual Alemanha, no tempo do imperador Vespasiano. Ela fez com que uma parte da Gália do Norte se revoltasse e morreu cativa em Roma. Ela é a heroína de um belo episódio dos *Mártires*, de Chateaubriand. (N.R., conforme o *Dictionnaire Nouveau Petit Larousse Illustré*.)

<sup>87</sup> *Psicósica* – neologismo empregado pelos espiritualistas do *Le Fraternaliste*.

<sup>88</sup> *Stradivarius* – assim ficaram conhecidos os violinos feitos por Antoine Stradivarius (Cremona, Itália, 1644-1737), considerado o mais famoso dos fabricantes pela perfeição dos seus instrumentos. (N.R.)

<sup>89</sup> *Revue Spirite*, julho de 1910.

<sup>90</sup> “A missão do século XX”.

<sup>91</sup> Personagem de “O burguês gentil-homem”, uma comédia de Molière.

<sup>92</sup> *Ténare* – cabo situado no arquipélago do Peloponeso, ao sul da Grécia, onde se acreditava existir a porta do inferno. Atualmente Cabo Matapan. (N.R.)

---

<sup>93</sup> *O Grande Enigma*, “Ao leitor”. (N.R.)

<sup>94</sup> *O Grande Enigma*, Primeira Parte, I. (N.R.)

<sup>95</sup> *O Grande Enigma*, Primeira Parte, III. Ver João, X: 34. (N.R.)

<sup>96</sup> *O Grande Enigma*, Primeira Parte, VIII. (N.R.)

<sup>97</sup> *O Espiritismo e seus Detradores Católicos*. Ver *O Espiritismo e o Clero Católico*, Segunda Parte, cap. III, Editora CELD. (N.R.)

<sup>98</sup> “Platão me é caro, mas a verdade o é ainda mais.” Sentença tirada de *A Vida de Aristóteles*, de Amônio Sacas (filósofo de Alexandria, séc. III d.C.), onde ela se aplica a Sócrates, e que significa que não basta que uma opinião seja recomendada pela autoridade de um nome respeitável, é necessário ainda que esteja de acordo com a verdade. (N.R., de acordo com o *Dictionnaire Nouveau Petit Larousse Illustré*.)

<sup>99</sup> Ver, para essas citações, a brochura *O Espiritismo e seus Detradores Católicos*, 1912.

(\*) Ver também *O Espiritismo e o Clero Católico*, edição CELD (N.R.)

<sup>100</sup> *Bergsoniana* – pertencente ao *bergsonismo*, doutrina de Henri Louis Bergson, filósofo francês (1859-1941), a qual sustenta que o mundo é constituído por um processo de continuada evolução criadora, e não por forças outras de ordem mecânica, sendo o real produto de uma força vital, e objeto de intuição e não de análise conceitual. Tem caráter antiintelectualístico e afirma que a pura razão não é suficiente para abarcar toda a realidade. (N.R., conforme o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*.)

<sup>101</sup> Trata-se de Frédéric Mistral, poeta francês (Maillane, Bouches-du-Rhône (1830-1914), autor do poema *Mireille* em castelhano. (N.R.)

<sup>102</sup> Esses artigos apareceram na *Revue Spirite*, na *Revue Suisse des Sciences Psychiques* e no *Echo Fidèle d'un Demi-Siècle*.

- 
- <sup>103</sup> *O Mundo Invisível e a Guerra*, cap. VIII, Editora CELD. (N.R.)
- <sup>104</sup> Ibidem. (N.R.)
- <sup>105</sup> *O Mundo Invisível e a Guerra*, cap. V, Editora CELD. (N.R.)
- <sup>106</sup> *O Mundo Invisível e a Guerra*, cap. XIV, Editora CELD.  
\* *Sursum corda* – “elevai os corações”. (N.R.)
- <sup>107</sup> *O Mundo Invisível e a Guerra*, cap. X, Editora CELD. (N.R.)
- <sup>108</sup> Ibidem.
- <sup>109</sup> Ibidem.
- <sup>110</sup> Idem, cap. XXII. (N.R.)
- <sup>111</sup> Ibidem.
- <sup>112</sup> Ver sobre a fundação da *Revue Spirite* no livro *Gabriel Delanne, sua Vida, seu Apostolado e sua Obra*, cap. I, Editora CELD. (N.T.)
- <sup>113</sup> *Espíritos e Médiuns*, cap. V, Editora CELD. (N.R.)
- <sup>114</sup> Referência ao escritor e místico francês Ernest Renan (Tréguier, 1823 - Paris, 1892). (N.T.)
- <sup>115</sup> Ver a brochura *Le Spiritisme et le Clergé Catholique*, Edições da B.P.S., Rua Copernic nº 8, Paris (16º). (\*)  
(\*) Ver a edição CELD desta obra, editada em português sob o título *O Espiritismo e o Clero Católico*. (N.R.)
- <sup>116</sup> Ver a edição CELD desta obra. (N.R.)
- <sup>117</sup> Ver a *Revue Spirite*, p. 454.
- <sup>118</sup> Ver a *Revue Spirite* do mesmo ano.
- <sup>119</sup> *Cenotáfio* – monumento fúnebre erigido à memória de alguém, mas que não lhe encerra o corpo. (N.R., conforme o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*.)
- <sup>120</sup> Ver em *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*, o cap. VIII, Editora CELD. (N.R.)



- 
- <sup>121</sup> *André Ripert* – secretário-geral da Federação Espírita Internacional. Ver seu discurso no necrológio de Léon Denis em *A Desencarnação de Léon Denis*, Editora CELD. (N.R.)
- <sup>122</sup> *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*, cap. XI, Ed. CELD. (N.R.)
- <sup>123</sup> Ver o *Relatório dos Trabalhos do Congresso*.
- <sup>124</sup> Alusão ao Congresso de 1900.
- <sup>125</sup> Ver em *Léon Denis na Intimidade*, de Claire Baumard, a “Introdução”, Editora O Clarim. (N.T.)
- <sup>126</sup> Mensagem com data de 6 de março, *Revue Spirite*, p. 150, ano de 1926.
- <sup>127</sup> O artigo está reproduzido mais adiante, no apêndice nº 2. (N.E.)
- <sup>128</sup> *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*, cap. XIII, Ed. CELD. (N.R.)
- <sup>129</sup> Ver a reprodução desse artigo adiante, no apêndice nº 4. (N.E.)
- <sup>130</sup> *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*, cap. VII; Ed. CELD. (N.R.)
- <sup>131</sup> *Ibidem*, “Introdução”. (N.R.)
- <sup>132</sup> A morte desses dois sábios é recente.
- <sup>133</sup> *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*, cap. III; Ed. CELD. (N.R.)
- <sup>134</sup> *Cheires* – lava petrificada. (N.T.)
- <sup>135</sup> *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*, cap. I. (N.R.)
- <sup>136</sup> Esse retrato é reproduzido no “Prefácio da primeira edição” deste volume. (N.E.)
- <sup>137</sup> *O Problema do Ser e do Destino*, 3ª parte, XXIV, Editora FEB. (N.R.)
- <sup>138</sup> *Cogito, ergo sum* – Penso, logo existo. (N.R.)
- <sup>139</sup> Mesmo no dia de sua morte, pediu que lessem o jornal para ele.

- 
- <sup>140</sup> *Depois da Morte*, cap. XLIII. (N.R.)
- <sup>141</sup> *Ibidem*. (N.R.)
- <sup>142</sup> *Depois da Morte*, cap. XII. (N.R.)
- <sup>143</sup> *O Problema do Ser e do Destino*, XXVI, “A dor”; Editora FEB. (N.R.)
- <sup>144</sup> *Les Nuits*, de Alfred de Musset. (N.T.)
- <sup>145</sup> *Egotismo* – o mesmo que egolatria; tendência a monopolizar a atenção, mostrando desconsideração pelas opiniões alheias. (N.E., conforme o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*.)
- <sup>146</sup> *Criticismo* – tendência a considerar a teoria do conhecimento como a base de toda pesquisa filosófica. (N.E., conforme o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*.)
- <sup>147</sup> *Agnosticismo* – posição pela qual só se aceita como verdadeiro aquilo que tenha evidência lógica satisfatória. (N.E., conforme o *Novo Dicionário Aurélio da língua Portuguesa*.)
- <sup>148</sup> Esta carta é de julho de 1918.
- <sup>149</sup> *O Espiritismo e o Clero Romano*, p. 12. (\*)  
(\*) Ver *O Espiritismo e o Clero Católico*, cap. I, item I, Ed. CELD. (N.R.)
- <sup>150</sup> *Revue Spirite*, p. 125.
- <sup>151</sup> *Revue Spirite*, p. 126.
- <sup>152</sup> *O Grande Enigma*, cap. X. (N.R.)
- <sup>153</sup> *O Grande Enigma*, cap. XI. (N.R.)
- <sup>154</sup> *Ibidem*, cap. XII. (N.R.)
- <sup>155</sup> *O Grande Enigma*, cap. XIII. (N.R.)
- <sup>156</sup> Fiel ao espírito de caridade que o animava e se manifestava em numerosos dons, pleno de zelo fraternal para com seus semelhantes, zelo que se exerceu largamente durante a guerra e crescia com o tempo, Léon Denis legou uma parcela notável de seus bens ao Departamento de Assistência Social da cidade de Tours e ao Instituto de França.

---

<sup>157</sup> Artigo publicado no *Est Républicain*, a 12 de novembro de 1926.

<sup>158</sup> “*Ronsardisant*” – adepto do estilo de Pierre de Ronsard, poeta francês. Vendômois (1524-1585). (N.R., conforme o *Dictionnaire Nouveau Petit Larousse Illustré*.)

<sup>159</sup> *Manes* – almas dos mortos, os espíritos. (N.R.)

<sup>160</sup> *Druida da Brocéliande* – sacerdote da floresta de Brocéliande. (N.R.)

<sup>161</sup> *Ogham* – a mais antiga escrita céltica conhecida. (N.T.)